

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**A CONSTITUIÇÃO DE SI E A SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO: UMA ANÁLISE
SOCIOLOGICA SOBRE JOVENS TRABALHADORES**

RÉGIA CRISTINA OLIVEIRA

SÃO PAULO/SP, 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**A CONSTITUIÇÃO DE SI E A SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO: UMA ANÁLISE
SOCIOLÓGICA SOBRE JOVENS TRABALHADORES**

**Tese de Doutorado
apresentada ao Programa
de Sociologia no Deptº de
Sociologia da FFLCH – USP,
como requisito parcial para
obtenção do título de doutora**

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto

Régia Cristina Oliveira

SÃO PAULO/SP, 2006

Para Francisco,
meu pequeno príncipe

AGRADECIMENTOS

Emitir os agradecimentos à instituição e às pessoas que colaboraram com o trabalho de tese, tornando possível sua realização, não é tarefa fácil, tendo em vista a dificuldade de registrar com palavras toda a gratidão e reconhecimento por todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte deste trabalho, doando força, paciência, afeto, auxílio material, apresentando sugestões, abrindo caminhos e possibilidades para a pesquisa. Ainda assim, fica a tentativa de deixar registrado um pouco do muito que é preciso agradecer.

À Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto, pela paciência, dedicação, atenção e pelo cuidado primoroso em todos os momentos da pesquisa. Agradeço também à pessoa Maria Helena que, além de excelente orientadora, sempre demonstrou seu afeto, carinho, amizade e preocupação, especialmente nas situações que envolveram a chegada de meu filho.

À Profa. Dra. Heloísa Martins, que, generosamente, acolheu-me e me inseriu no universo da pesquisa quando aceitou ser minha orientadora na iniciação científica, em 1995. Desde então, vem me acompanhando, sempre contribuindo para meu crescimento intelectual, com sugestões e apontamentos preciosos, especialmente neste trabalho, na feitura do projeto e nas observações e sugestões apontadas no exame de qualificação. Agradeço por seu carinho e atenção de sempre.

À Profa. Dra. Cynthia Sarti, feliz reencontro. Agradeço pela presença neste trabalho, por sua leitura cuidadosa, pelos importantes apontamentos feitos no exame de qualificação e pela atenção de sempre. Aproveito para agradecer-lá pela orientação em um outro trabalho, quando aceitou o desafio de me encaminhar junto a um grupo de alunos em um trabalho interdisciplinar. Agradeço por sua paciência naquele momento, que não se fez desconectado desse, seja pela continuação e valorização do trabalho de pesquisa, seja pelo prosseguimento do tema que insere as famílias das camadas populares.

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -, pelo inestimável apoio, feito através da concessão de uma bolsa de estudos, importante para a viabilização deste trabalho.

À minha querida mãe, Ivone, à minha irmãzinha Aline, e ao meu querido irmão Júnior, presenças mais do que preciosas em minha vida. Agradeço por terem estado comigo sempre, incentivando-me, acolhendo-me nas ocasiões difíceis e compartilhando comigo cada conquista deste trabalho: as entrevistas realizadas, os relatórios entregues, a tese escrita. Agradeço especialmente pelo amor de uma vida inteira; pela linda existência, de cada um em minha vida, em todos os momentos, pela compreensão da necessidade do tempo de dedicação ao doutorado e, junto a isso, pelo auxílio de toda a espécie, sem o qual não teria conseguido realizar este trabalho.

Ao meu companheiro Johan, pelo constante apoio, por possibilitar minha dedicação exclusiva à pesquisa, dando-me o suporte necessário para a realização de meu trabalho; por seu amor, seu carinho, tão especiais e importantes para mim.

Ao meu pai, aos meus cunhados, Darci e Luiz, à minha tia Edna e à minha avozinha Maria, que sempre me apoiaram, acompanharam minha jornada acadêmica, torceram por mim. Agradeço principalmente pelo afeto, carinho e atenção.

Às minhas queridas amigas Melissa, Cris e Érica, que compartilharam comigo as alegrias e angústias do trabalho de pesquisa. Agradeço pelas discussões que tivemos a respeito de nossos trabalhos, desde a época do mestrado até este momento; pela generosidade de cada uma delas, na sugestão de bibliografia, no oferecimento de textos, no acompanhamento de todo o meu trabalho. Agradeço, em especial, pela alegria de tê-las como amigas; pelo companheirismo e carinho, não apenas neste trabalho, mas em muitos momentos importantes de minha vida.

À Diretoria da Empresa de Correios e Telégrafos de São Paulo que tornou possível a realização da pesquisa de campo na instituição, imprescindível para a efetivação deste trabalho.

Aos funcionários dos Correios, que me concederam as entrevistas, pela paciência e amabilidade; pelo auxílio na busca de depoentes dentro da empresa; pela compreensão do trabalho de pesquisa.

Aos jovens e seus familiares, com quem esta pesquisa foi feita, pela disponibilidade para a pesquisa, reservando-me um pouco de seu já reduzido tempo para a conversa, abrindo-me suas casas e parte de suas histórias. Agradeço pela confiança e por terem compartilhado comigo suas expectativas e suas percepções sobre os assuntos propostos nesta investigação.

Resumo:

A presente tese busca apreender, a partir de um caso particular - o Programa *Adolescente Assistido*, desenvolvido pela Empresa de Correios e Telégrafos - o processo de constituição social do jovem adolescente, enquanto trabalhador (a) e enquanto indivíduo, a partir de suas relações no local de trabalho, segundo um conjunto de valores compartilhados ou reapropriados, que também o orientam no sentido da significação do mundo a sua volta. Trata-se da investigação de adolescentes pobres que estão inseridos em um programa da empresa, destinado a fornecer-lhes a experiência de uma inclusão regular e temporária no trabalho. Além do trabalho, outras esferas de sociabilidade - em especial, a família e a escola - fizeram parte da investigação, tendo em vista que a compreensão da relação do (a) jovem com o trabalho passa pela necessidade de discussão das relações estabelecidas nas e com as outras esferas das quais participam, uma vez que não estão desvinculadas do ato de trabalhar, ao contrário, fornecem-lhe sentido.

Abstract:

The present dissertation aims to understand the process of social constitution of the young adolescent, both as workers and individuals, based on their relations in the work place, and according to a set of shared or reappropriated values, which also orientate them in the sense of the signification of their surrounding world. Based on a particular case, the program *Adolescente Assistido*, developed by the Empresa de Correios e Telégrafos, this work investigated poor teenagers who took part in the program, which aimed to provide them the experience of a temporary, regular insertion in work. Taking into account that the understanding of the relationship between young people and work implies the discussion of the relations within as well as with other spheres in which they participate, this investigation also included other sociability spheres, especially the family and the school, since they are not disentailed from the act of working, but rather give it meaning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: TRAJETÓRIA DO CAMPO:	
ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	27
1.1 Os primeiros passos, as novas informações.....	27
1.2 Trabalhadores em cena: o espetáculo na empresa.....	29
1.3 Conhecendo a empresa e o Programa.....	31
1.4 Conversando com os adolescentes: as reuniões de grupo focal.....	34
1.5 A pesquisa de campo e o recorte teórico: iniciando nova etapa e definindo conceitos à luz do “objeto” de investigação - o adolescente de baixa renda.....	38
1.6 A impossibilidade de uma etapa prevista.....	47
1.7 A saída da empresa: o início das entrevistas individualizadas e a busca por novas informações	49
1.8 A continuação das entrevistas individualizadas, a finalização do campo e a referência à reflexão metodológica.....	54
CAPÍTULO 2. CIDADANIA EM AÇÃO – PROGRAMA ADOLESCENTE ASSISTIDO.....	58
2.1 Apresentando o Programa: do nascimento à sua reestruturação.....	60
2.2 Concepções sobre a adolescência de baixa renda: a relação com o Programa e a referência às políticas públicas para a juventude.....	63
2.3 <i>Correios Educar para o Futuro</i> : o Programa Adolescente Assistido e os olhares da empresa.....	75
CAPÍTULO 3. TRABALHO, FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA.....	93
3.1 Trabalhadores assistidos: as primeiras considerações.....	94
3.2 A saída da empresa: novos olhares, outras considerações.....	105
3.3 Percursos profissionais: entre o trabalho, o desemprego e a opção pelo adiamento.....	109
3.4 Relações familiares: percepções e expectativas.....	117
3.5 Ficar ou sair da casa dos pais: assumi do escolhas e caminhos.....	136
3.6 Os sons da autonomia e as relações pessoais: a música e os amigos.....	143
3.7. Voltar a estudar: um projeto para o futuro.....	148

CAPITULO 4. TRABALHO E ESTUDO: PROJETOS, PERSPECTIVAS E AVALIAÇÕES.....	165
4.1 A experiência de trabalho nos Correios: novas apreensões.....	165
4.2 A escola e o trabalho: a continuação dos estudos e a definição das carreiras.....	191
CAPITULO 5. A CONSTITUIÇÃO DE SI E A SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO: PERCEPÇÕES E APONTAMENTOS DEFININDO REFERENCIAIS IDENTITÁRIOS SEGUNDO O GÊNERO.....	209
5.1 Considerações sobre a categoria juventude: revendo conceitos.....	210
5.2 Adolescentes ou jovens adultos? A questão de gênero na elaboração das identidades.....	218
5.3 Construções identitárias: elementos apontados pelos jovens na elaboração de sua auto imagem	236
CONCLUSÃO.....	245
BIBLIOGRAFIA.....	261
ANEXOS.....	272

INTRODUÇÃO:

A tese ora apresentada constitui um esforço de compreensão da relação com o trabalho, na vida de adolescentes de camadas populares, a partir de uma experiência específica de inserção, regular e monitorada. Trata-se da apreensão do processo de constituição social do jovem adolescente, enquanto trabalhador e enquanto indivíduo, a partir de suas relações no local de trabalho e nas esferas das quais participa, em especial, a família e a escola.

A idéia foi investigar essas questões tomando por “objeto” de análise os adolescentes de baixos recursos que estavam inseridos em um programa específico - Adolescente Assistido¹ -, desenvolvido pela Empresa de Correios e Telégrafos de São Paulo. Esse programa foi destinado a fornecer-lhes a experiência de uma inclusão regular e temporária no trabalho. Adolescentes, de dezesseis a dezessete anos e onze meses, eram contratados para trabalharem nos setores administrativo e operacional da empresa, por determinado tempo, realizando atividades que deveriam ser monitoradas.

Segundo os objetivos do programa proposto, a idéia era fornecer aos adolescentes uma orientação para e no trabalho, por meio de palestras e do constante monitoramento e orientação dos funcionários que, em cada seção, ficariam responsáveis por eles. Essa orientação também deveria ser feita mediante conselhos que deveriam dizer respeito à vida desses jovens, ultrapassando os assuntos relacionados ao trabalho.

Expectativas, projetos futuros, as relações estabelecidas no espaço do trabalho, as percepções dos indivíduos sobre sua atividade, sobre si mesmo e sobre os que os cercam, as práticas desenvolvidas no e do trabalho fizeram parte do foco das atenções da investigação levada a efeito em que pesaram, como elementos da relação, a empresa, a escola - enquanto

¹ Ao longo deste trabalho serão levantados dados a respeito dos adolescentes assistidos, bem como de seus pais, entendendo que a compreensão das questões propostas passam pela necessidade de conhecimento das relações familiares, dos indivíduos considerados.

No item Metodologia poderão ser encontradas informações iniciais sobre o perfil dos adolescentes e, nos demais itens, novos dados referentes a cada um dos entrevistados. Neste caso, não se trata apenas de esclarecimentos referentes aos nomes -fictícios -, às idades, à escolaridade, à ocupação na empresa - e fora dela - e ao estado civil, mas, acima de tudo, de informações a respeito do que pensam esses jovens sobre a participação deles no programa, além de apreensões referentes, especialmente, à esfera da família e da escola, no que diz respeito às questões que possam responder à problemática desta investigação.

espaço de troca de experiências entre colegas, além da importância dada em si mesma pelo que ela representa de possibilidades de construção de caminhos e projetos futuros -, o jovem e sua família, esta pensada como o universo em que práticas e valores, também incluindo aqueles sobre o trabalho, são construídos ao longo do tempo.

Assim, além da empresa onde o programa foi desenvolvido, outras esferas foram incluídas na investigação, tendo em vista que, para pensar a relação do jovem com o trabalho, é necessário também discutir as relações estabelecidas nas outras esferas de sociabilidade que dão sentido ao próprio ato de trabalhar.

Nas camadas populares, com frequência, essa atividade começa cedo, fruto não apenas da necessidade, mas das representações existentes em torno da importância do trabalho dos filhos, segundo um código moral de obrigações recíprocas. Trabalho, família e escola foram esferas essenciais para a compreensão das questões que nortearam a composição desta investigação em torno dos jovens de baixos recursos.

O interesse pelo tema juventude e trabalho teve início na graduação, a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa por ocasião da iniciação científica feita sob orientação da Profa. Dra. Heloísa. H.T.S. Martins. Nesse período, algumas questões foram levantadas dando margem a posteriores questionamentos que me levaram a desenvolver um novo trabalho, agora no mestrado², sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto.

As questões derivadas do tema eram, entre outras: como estariam vivendo e representando o trabalho os jovens pertencentes às famílias das camadas populares, moradores da periferia. Quais significados esses indivíduos, grande parte das vezes inseridos em trabalhos precários, atribuem ao que fazem. Em um momento em que a discussão sobre a centralidade do trabalho é feita por vários autores (cf. Gorz: 1982; Habermas :1987; e Offe :1989, no exterior, e, no Brasil, Antunes :1995), preocupados com as transformações que vêm ocorrendo, em especial nessa esfera, era importante saber que lugar essa atividade estaria ocupando na vida dos jovens em questão.

Para buscar responder a essas questões, conversei com 41 jovens moradores da periferia de Carapicuíba. Com o desenvolvimento da pesquisa, a partir de leituras e do

² Intitulado “Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade” (cf. Oliveira, 2001).

próprio material de campo, percebi que seria interessante dar continuidade ao tema, agora focalizando os jovens, em especial os adolescentes, não a partir de seu local de moradia, mas em seu trabalho.

Diversos pontos das conclusões provenientes da pesquisa de mestrado configuraram-se como elementos importantes para a elaboração do projeto de doutorado. Várias questões revelaram aspectos da relação dos jovens com o trabalho e suscitaram novas investigações a respeito. Assim, podem ser citados: o não questionamento quanto à necessidade do ser humano trabalhar, tendo em vista a percepção de que o trabalho é o único meio legítimo de acesso a uma vida decente, longe da marginalidade; a importância do aprendizado no local de trabalho, em especial para os jovens do sexo masculino, incluindo entre eles os adolescentes; a valorizada iniciação do jovem como trabalhador³, tendo em vista a autonomia e a independência parciais em relação aos pais, bem como o desenvolvimento da responsabilidade na utilização do dinheiro; a preocupação com a situação de desemprego, em especial entre os jovens que precisavam auxiliar a família com o dinheiro que recebiam; a valorização da carteira de trabalho, independentemente da atividade exercida, significando a possibilidade de maior segurança e, ainda, a elaboração de projetos futuros relacionados ao trabalho, pensado enquanto dimensão expressiva, de realização pessoal, mesmo consideradas as dificuldades e incertezas do tempo vindouro.

Nesse trabalho também foram apontados outros elementos, configurando a percepção dos jovens entrevistados com relação ao conteúdo da própria juventude, o que sinalizou a necessidade de novas discussões sobre a questão juvenil que aprofundassem o tema dos valores. Nesse sentido, destacou-se: a descrença em relação à juventude, ao que ela representa de positividade e de promessa futura, em virtude de, segundo percepções declaradas, os jovens estarem pouco interessados pelos estudos e pelo trabalho, voltados ao exercício de atividades ilícitas, incluindo as drogas, devido à falta de orientação e de respeito pelos pais. Essa consideração da juventude de forma homogênea, pensada enquanto falta, no que se refere aos atributos de responsabilidade, respeito e humanidade, insere-se na problemática do esvaziamento de valores e da possibilidade ou não de elaboração de projetos futuros.

³ Os jovens do sexo masculino começaram a trabalhar, em média, aos 15 anos de idade, enquanto as jovens iniciaram-se como trabalhadoras aos 17 anos, em média.

A importância da família, enquanto referencial de apoio, proteção e encaminhamento dos jovens, também destacada na pesquisa de mestrado, é um dos elementos constitutivos deste trabalho, tendo em vista, dentre outros fatores, legitimar a participação dos jovens nas Empresas de Correios e Telégrafos.

Vários dos jovens entrevistados na pesquisa para o mestrado trabalharam nas Empresas de Correios e Telégrafos de Alphaville, Osasco e Vila Leopoldina. Essas agências contratavam grande quantidade de jovens, em torno de seiscentos, conformando-os para o trabalho. Um dos principais critérios de seleção era a exigência de que fossem oriundos de famílias de baixa renda⁴.

Os adolescentes eram selecionados pela Adefivi - Associação dos deficientes físicos e visuais -, entidade filantrópica, que os encaminhava ao setor administrativo das empresas de Correios, o Emoa - Equipe de mão-de-obra alternativa -, localizado na vila Leopoldina⁵, para que realizassem alguns testes, sendo, posteriormente contratados⁶ e enviados às agências de Correio, para realizarem atividades administrativas (serviços auxiliares) e do setor operacional (malote e postagem, dentre outras atividades).

Dos dezoito mil trabalhadores (dentre os quais, alguns antigos adolescentes dos programas anteriores) que estão distribuídos nas agências de São Paulo, Grande São Paulo e Baixada Santista, oito mil estão na agência localizada na Vila Leopoldina. Todas elas são estatais. As empresas franqueadas não trabalham com o sistema de adolescentes assistidos, embora, posteriormente, muitas delas os contratem, visto que os jovens já passaram pelo processo de treinamento e aprendizagem das várias atividades internas, estando mais habituados a esse universo.

Na pesquisa de mestrado, obtive informações de que os adolescentes assistidos participavam das reuniões sindicais⁷, o que me motivou ainda mais a elaborar o projeto de investigação para o doutorado. O estudo proposto versava sobre a participação dos adolescentes no referido programa, conforme a hipótese de que, dentro desse universo de trabalho, esses jovens também estariam entrando em contato com o outro lado da relação

⁴ Consideradas assim as famílias que recebiam até três salários mínimos.

⁵ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos – Diretoria Regional de São Paulo.

⁶ Os adolescentes contratados recebiam um salário mínimo para trabalharem quatro horas diárias. Também tinham direito à cesta básica, ao vale transporte e ao vale refeição.

⁷ A informação era a de que os adolescentes contratados eram filiados ao Senalba (sindicato dos empregados em entidades culturais, recreativas, de assistência social, de orientação e formação profissional do Estado de São Paulo).

contratual, qual seja, o da mobilização, do asseguramento e do re-conhecimento de seus interesses. Todavia, essa informação não se revelou verdadeira, fazendo com que fossem formuladas outras hipóteses para o trabalho investigativo.

O trabalho para além do trabalho, ou seja, o trabalho não circunscrito aos assuntos a ele relacionados, mas ultrapassando “suas fronteiras” e atingindo outras instâncias da vida dos jovens. Era o que parecia representar a influência da empresa, da sua relação com o adolescente. Os valores, as normas, a postura do empregador diante de seu funcionário, a “preocupação” com sua formação, inculcando-lhe valores relacionados não apenas com um modo de ser trabalhador, mas com questões éticas que dizem respeito à vida de uma forma geral, estariam sendo apreendidos, em diferentes graus, pelos indivíduos, em especial pelos jovens “assistidos”.

Assim, interessava avaliar em que medida a empresa⁸ penetrava na vida dos jovens, para além do trabalho, ou seja, não apenas fornecendo elementos para o desenvolvimento de um modo de ser trabalhador, a partir das palestras⁹ destinadas a orientá-los, segundo questões relacionadas às atividades desenvolvidas, como também trazendo outros assuntos, ligados à própria vida deles, entre os quais a preocupação com a saúde, de um modo geral, a contratação de adolescentes, e a “preocupação” com questões sociais, como a pobreza, por meio do incentivo ao trabalho de jovens de famílias de baixa renda. Todas essas questões, partindo da empresa, recebem reconhecimento das pessoas; ela tem credibilidade para agir, tem legitimidade.

O conteúdo das palestras, pautado em valores referentes ao trabalho, visaria à formação do indivíduo, não estando restrito ao “ser trabalhador”. Essas palestras pareciam funcionar também como um sistema de comunicação, mais ou menos eficiente¹⁰, uma vez que, para além da situação de trabalho, os valores transmitidos serviriam de paradigmas, de reconhecimento, pelos jovens adolescentes, de uma orientação diante de seu presente e de seu futuro, também possibilitando, nesse processo, o desenvolvimento de sua identidade.

⁸ O trabalho foi feito na agência localizada na Vila Leopoldina, em virtude de ser a que agregava o maior número de funcionários, incluindo também a maior concentração de jovens adolescentes, que realizavam não só trabalhos administrativos como operacionais. Outro fator referiu-se à existência de trabalhadores que já tinham passado por programas semelhantes ao que buscava investigar.

⁹ Trata-se de uma atividade, identificada pelos organizadores do Programa como atividade de treinamento. A finalidade era abordar alguns temas considerados importantes para esses indivíduos.

¹⁰ “Um bom sistema de comunicação é aquele em que a informação pertinente está menos separada do conjunto da personalidade, nomeadamente de um projeto de comportamento” (Touraine: 1994: 328).

Ao abordar questões relativas à ética no trabalho, vinculadas ao Programa que desenvolvia, a empresa estaria penetrando na vida das pessoas não apenas no domínio da atividade laboral, das relações contratuais entre empregador e empregado, ou do conteúdo das atividades executadas pelo trabalhador, mas envolvendo também a questão dos valores e sua re-apropriação em outros planos da vida. Isso é mais específico para os jovens, que estão se formando como trabalhadores e também como indivíduos. No contexto de violência em que vivem, eles também buscam distanciar-se da marginalidade; com o salário que recebem podem assumir responsabilidades com sua família e, ao mesmo tempo, deparam-se com conteúdos éticos que se refletem nas diversas dimensões de sua vida.

Nesse sentido esta investigação teve como objetivo verificar a relação dos adolescentes assistidos que nela trabalhavam, com a empresa de Correios e Telégrafos da Vila Leopoldina, no que se referiu ao movimento de aproximação e/ou afastamento dela, enquanto referencial paradigmático capaz de orientá-los em relação ao seu presente e à construção de seus projetos futuros. Partindo da discussão a respeito do esvaziamento de valores na sociedade atual, e a conseqüente desorientação dos indivíduos, desejava-se perceber até que ponto os jovens adolescentes se apoiavam nos princípios éticos desenvolvidos nas palestras e no local de trabalho, no sentido de sedimentarem a construção de si enquanto trabalhadores, aprendendo a sê-lo a partir dos valores da empresa, também atribuindo significados à realidade ao seu redor.

Num momento em que ocorrem transformações significativas de várias ordens e em esferas diversas, o objetivo era verificar a possibilidade de construção de projetos futuros, apoiados em determinados valores e princípios, bem como a chance deles estarem sendo provenientes, em parte, da esfera do trabalho, ainda que os jovens vivenciassem precariedades no seu conteúdo, aliadas à insegurança diante de um contexto marcado pelo desemprego crescente. Em que medida, portanto, o espaço do trabalho seria significativo, no que se refere ao conjunto de valores, compartilhados ou não, que poderiam estar sendo re-apropriados para a construção de si próprios como trabalhadores, como indivíduos, e para a significação de sua realidade.

Dessa forma, foram levantadas algumas hipóteses. A primeira delas era a de que os princípios e valores presentes no conteúdo das palestras, desenvolvidas pela empresa com o objetivo de formar os jovens adolescentes para o trabalho, fariam sentido para eles e seriam

reconhecidos como princípios universais, seja de justiça ou de humanidade, não circunscritos àquela esfera, mas referentes à vida, de um modo geral. Nesse sentido, o conteúdo das palestras, com questões referentes à ética no e do trabalho, estaria ultrapassando esse espaço e seria reforçado pelo ambiente familiar, por ser compatível com ela. A família de trabalhadores de baixa renda valoriza positivamente o trabalho (Telles: 1994; Colbari: 1995, Sarti: 1996) e também legitima a empresa que a “auxilia” contratando o jovem.

Assim, pelo conteúdo das palestras e de outras atividades que respondem aos anseios dos jovens e de suas famílias, como pela própria contratação deles no âmbito do programa mencionado e o incentivo à sua formação como possíveis trabalhadores registrados¹¹, a empresa estaria penetrando em sua vida, para além do trabalho. Ao fazer isso, poderia estar sendo valorizada positivamente, abrindo espaço para uma determinada identificação deles com um modo de ser trabalhador, ainda que não em virtude dos conteúdos das atividades desenvolvidas. Ao mesmo tempo, por meio dos princípios aos quais aderissem, em certa medida, haveria a possibilidade de darem sentido à sua realidade e de relacionarem-se com eles mesmos. A identidade do eu, em seu processo de constituição, deve “plasmear uma imagem do mundo exterior no qual ele se insere e que não seja incompatível com sua própria estrutura”, sendo apreensível para o indivíduo. (Paiva: 1998).

A segunda hipótese esteve relacionada à adesão-reflexão aos princípios e valores desenvolvidos na empresa. A oferta de ideais poupa o indivíduo da necessidade da escolha, excluindo o conflito e a angústia da dúvida. Esses ideais são oferecidos pelas instituições, nas esferas em que os jovens se relacionam. A hipótese era a de que a participação dos adolescentes assistidos nas reuniões sindicais e o encontro com outros trabalhadores dificultaria a adesão irrefletida aos princípios anunciados. Ao participarem dessas reuniões, os jovens teriam mais visibilidade, conseguindo então um espaço para que suas vozes e suas questões pudessem ser ouvidas, ao mesmo tempo que ouviriam outras vozes, num processo que possibilitaria o distanciamento da adesão maciça e da auto-administração. Como diz Touraine (1994: 310), “hoje em dia o envolvimento nas relações de produção é

¹¹ Na pesquisa de mestrado, foi verificado o fato de que, com relação ao trabalho, um dos fatores mais significativos para os jovens é a questão do registro em carteira, em virtude da maior segurança que propicia no emprego.

complementado pela relação consigo próprio, pela afirmação de um sujeito que se define pela sua reivindicação de ser agente e, portanto, de resistir à dominação das coisas, da técnica e da linguagem difundidas maciçamente.”

A terceira hipótese era a de que seriam poucas as expectativas desses jovens adolescentes em relação ao seu futuro dentro da empresa, em virtude da necessidade de aprovação nos concursos públicos ali existentes. Nesse sentido, a maior parte deles teria uma relação instrumental com o trabalho, estando sempre à procura de novas oportunidades em outros empregos. Portanto, sua permanência na empresa estaria sendo vista como transitória, e, por essa razão, haveria possibilidades de tensões e conflitos.

Essas hipóteses orientaram a investigação tendo em vista as informações obtidas sobre a existência das palestras e da participação dos jovens nas reuniões sindicais. Todavia, o desenvolvimento da pesquisa de campo, dele fazendo parte as observações diretas, as conversas com as funcionárias da Empresa de Correios e Telégrafos que forneceram informações sobre a instituição e sobre o Programa, e, especialmente, as conversas com os adolescentes, evidenciaram outra realidade. Não apenas os jovens não participavam das reuniões sindicais como também assistiram a poucas palestras, uma vez que elas eram oferecidas semestralmente.

De qualquer maneira, ainda que não fossem freqüentes as palestras, que versavam sobre assuntos relacionados ao trabalho e à vida dos jovens - como a questão das drogas, da gravidez precoce e da empregabilidade -, a maneira como os adolescentes eram vistos dentro da empresa, a questão da formação do jovem para o trabalho e para a vida, relacionada às concepções sobre adolescência e pobreza, bem como sua condição de assistido, trouxeram elementos importantes para a investigação acerca da problemática desse tipo de trabalho, suscitando novos questionamentos e novas abordagens metodológicas.

Tratou-se, primeiramente, da confirmação da importância do exercício do trabalho de campo, pois somente a observação e as conversas, com os funcionários e com os jovens, fizeram com que pudesse aproximar-me da realidade, afastando suposições iniciais, e, ao mesmo tempo, levantasse novas questões em direção à compreensão do que havia proposto de início. Certamente, os caminhos da pesquisa teórica e empírica resultaram em

descobertas e novos questionamentos sobre os adolescentes das camadas populares, ocupados regular e temporariamente em uma empresa.

Esses novos questionamentos e descobertas tinham começado a tomar forma já no final da pesquisa de mestrado, em virtude de perguntas que não puderam ser respondidas nesse momento. A importância do tema juventude e trabalho e, com ele, das questões propostas, não está limitada ao interesse da pesquisadora, podendo ser justificada em dois níveis: um primeiro diz respeito ao ator social escolhido e ao universo do trabalho, atualmente alvo de constantes debates sobre sua centralidade¹² na vida dos indivíduos, em virtude dos processos de transformação que vêm conformando um novo cenário não totalmente conhecido nas suas várias dimensões e conseqüências. O segundo nível diz respeito à discussão dos valores e de sua re-apropriação pelos indivíduos, no momento atual.

Começamos pela questão da juventude. Nos últimos 25 anos, no Brasil, a produção acadêmica discente sobre juventude¹³ tem sido esparsa¹⁴, também marcada pela variação temática¹⁵, não tendo havido, após a morte de Marialice Foracchi, que foi a responsável pela iniciação de um campo investigativo sobre o tema, o desenvolvimento de uma sólida linha de estudos a respeito (Sposito: 1997).

No início da preocupação com o tema, na década de 1970, o interesse era pelo jovem estudante de classe média (Foracchi: 1972). A partir daí surgiram as primeiras pesquisas com os jovens e adolescentes e sua relação com o trabalho. O interesse por esses atores sociais esteve relacionado ao aumento do número de jovens trabalhadores, em virtude da necessidade de sobrevivência e da ampliação do padrão de consumo entre as famílias nessa época (Abramo: 1997), resultando na necessidade de apreender as razões que levaram o jovem a trabalhar, bem como de perceber a situação do mercado de trabalho para

¹² Para maiores esclarecimentos a respeito ver Gorz (1982), Habermas (1987), Offe (1989), Bernardes (1994) e Antunes (1995).

¹³ Cardoso e Sampaio (1995) realizaram um balanço bibliográfico, onde apresentam um breve resumo dos estudos citados sobre a produção dentro do tema juventude, reunindo alguns importantes trabalhos.

¹⁴ No período de 1980 à 1995, o tema juventude correspondeu a 4% da produção nacional, do total de teses e dissertações na área da educação (Sposito: 1997: 41). Nos últimos anos, houve um crescimento de estudos sobre o tema, com metade da produção concentrada nos anos 90; entretanto, “é preciso considerar que nesse mesmo período se observa, também, um crescimento expressivo no número total de teses e dissertações defendidas.”

¹⁵ Não se trata de diversidade, característica positiva, mas de fragmentação dos temas dentro de uma multiplicidade de subtemas; descontinuidade no tratamento dos assuntos e “pulverização dos campos temáticos” (Warde: 1993 apud Sposito: 1997: 47).

esses indivíduos. De qualquer forma, as maiores inquietações estavam relacionadas à questão do emprego e desemprego e não aos significados que essa situação e o próprio trabalho tinha para os jovens (Corrochano: 2001).

Zaluar (1985), na década de 1980, apontou uma nova questão relacionada ao jovem e ao trabalho. Em pesquisas realizadas em cidade do Estado do Rio de Janeiro, constatou que alguns jovens, devido ao fracasso na tentativa de inserção no mercado de trabalho, tinham uma concepção negativa do trabalhador, visto como otário, e do trabalho, visto como escravidão. Assim, esses jovens optavam pelo roubo e pelo tráfico de drogas para conseguir dinheiro.

A partir desse momento, vários autores brasileiros começaram a analisar o trabalho dos jovens, não apenas no relativo à necessidade de sobrevivência da família, percebendo então que o dinheiro adquirido com o trabalho também era importante para o seu consumo particular, com roupas, calçados e lazer. (Abramo: 1994; Sposito: 1994; Sarti: 1996).

Ainda no mesmo período, tiveram início pesquisas que relacionaram o trabalho e a escola, com o reconhecimento da figura do aluno trabalhador (Sposito: 1997; Corrochano: 2001). Todavia, poucas são as pesquisas que partem da esfera do trabalho para realizar suas análises. Ao fazê-lo, muitas vezes, há a omissão da idade, sexo e/ou etnia, também pouco contemplando as várias facetas desse universo da vida do jovem, na sociedade brasileira (idem).

A partir da década de 1990, nas pesquisas educacionais, surgiram novas preocupações com o contexto vivido no universo do trabalho, relacionadas aos efeitos das mudanças tecnológicas e à busca de qualificação, bem como ao sentido do trabalho para a construção de sua identidade social dos jovens. (Corrochano: 2001). Nesse período houve um maior destaque do tema que relaciona trabalho e educação, correspondendo, entre 1990-1995, a 19% da produção de conhecimentos sobre juventude (Sposito :1997).

Também na década de 90, outros temas foram abordados, revelando a atualidade da discussão a respeito da juventude, definida pela abrangência e variedade de subtemas, bem como pela passagem, de acordo com Gouveia (2000), de uma avaliação da sua importância como questão “social” para uma abordagem “científica”. Assim, passaram a ter mais destaque: as questões da violência (1,7%), dos grupos juvenis (3,3%), dos meios de

comunicação (1,7%), e da participação política (5,7%), dentre outros. Todavia, representam ainda baixa frequência.

O que podemos perceber é que, dentro da própria USP, não apenas na Sociologia, mas também na Ciência Política, Antropologia e na área da Educação,¹⁶ a produção acadêmica sobre juventude é esparsa. Dessa produção, poucos são os trabalhos que se referem à juventude pela ótica do jovem (Sposito: 1997).

No que se refere ao jovem adolescente¹⁷, além da ausência de pesquisas acadêmicas (Sposito: 1997) a respeito desse segmento da juventude, sua fraca visibilidade na esfera pública brasileira tem sido ampliada nos últimos anos em virtude do aumento da violência que lhe é associada, justificando, portanto, a necessidade de realização de investigações nesse campo, bem como de um adensamento teórico, principalmente nos estudos que focalizem esses atores sociais¹⁸.

Dessa forma, quando se trata dos estudos sobre adolescentes, os dados indicam pouca permeabilidade acadêmica às questões que os envolvam como sujeitos das investigações. O tema da adolescência, intensamente debatido na segunda metade dos anos 80 e consagrado em 90 com o Estatuto da Criança e do Adolescente, não sofreu tratamento

¹⁶ Ao fazer um levantamento da produção discente sobre juventude, na USP, no período de 1990 à 2001, pude constatar a existência de uma grande variedade de temas: escola noturna, violência e grupos juvenis, a transição para a vida adulta, a relação do jovem com o trabalho, este item dizendo respeito aos significados do trabalho na vida dos jovens e não à relação que se estabelece entre os jovens trabalhadores e o local de trabalho, no sentido do desenvolvimento da socialização para o trabalho. Teses e dissertações sobre juventude, defendidas em 2001, concentraram suas preocupações nos temas: escola, trabalho e um terceiro item que relaciona ambos.

¹⁷ Estamos considerando como adolescentes os indivíduos que estão compreendidos na faixa etária que se estende dos 15 aos 19 anos, segundo a OIT, e jovens “pós adolescentes” os indivíduos na faixa etária dos 20 aos 24 anos (Madeira: 1993). Esse limite superior de idade é alvo de constantes debates no meio acadêmico. Como questiona Souza Martins (1997): “Afim, até onde se estende a juventude?”

¹⁸ Realizei um segundo levantamento sobre a produção acadêmica da USP, no período de 1990-2001, agora focalizando os adolescentes. Das 64 teses e dissertações encontradas, aproximadamente 46% foram desenvolvidas na área da Psicologia. Há um grande número de pesquisas realizadas pela área da saúde (Medicina, Enfermagem, Nutrição, Saúde Pública), 38%, aproximadamente, que versam sobre os temas da gravidez na adolescência e o uso de drogas. A área da Educação contou com aproximadamente 10% do total de investigações sobre esse segmento juvenil. Antropologia e História dividiram igualmente os 6% restantes. Algumas observações podem ser feitas a esse respeito: em primeiro lugar, é interessante notar a preocupação das diversas áreas com relação à violência e à falta de perspectiva dos adolescentes diante da situação atual do país. Os trabalhos produzidos em 2001 (teses e dissertações) focalizaram essa temática com mais frequência. Uma segunda observação é a que diz respeito à praticamente inexistência, na área das Ciências Sociais, de trabalhos sobre esse ator social. Finalmente, é necessário considerar que, dentre os poucos trabalhos dessa área que se dedicaram à pesquisa sobre os jovens, alguns também incluem os adolescentes. Assim, consideram em suas problematizações jovens dos 16 aos 24 anos. Todavia, nas Ciências Sociais, até o presente momento, praticamente não há estudos específicos sobre os adolescentes.

acadêmico suficiente capaz de oferecer uma contribuição crítica para a formulação de políticas públicas (Sposito: 1997: 47).

Nesse sentido, a escolha do ator social – o jovem adolescente – nesta investigação, por si só já evidencia um esforço de recuperação e de inclusão de um sujeito social que tem recebido pouca atenção nas pesquisas acadêmicas nacionais (Sposito: 1997) até o presente momento¹⁹.

Dados mencionados anteriormente configuram a situação atual do conhecimento e a importância de uma dedicação investigativa que problematize questões relacionadas aos adolescentes, visto que quase não têm sido “objeto” de reflexão nas Ciências Humanas, em especial, nas Ciências Sociais.

Neste texto, serão abordadas questões que envolvem jovens “assistidos”; adolescentes que têm sua formação profissional na empresa onde trabalham e, com isso, passam pelo desenvolvimento de um modo de ser trabalhador (Rosa: 1994), socializado para e no trabalho, e também para a vida. Essa problemática constitui um ponto importante e muito pouco investigado pelas pesquisas acadêmicas. Quando há o tratamento desse ator social nas investigações nacionais, embora não menos importantes, são outras as questões levantadas: o lazer (Velho: 1986), as culturas juvenis (Abramo: 1994; Guimarães: 1997), a violência (Adorno: 1993), os significados da experiência de desemprego para os jovens (Jardim: 2004); a relação entre trabalho e escola (Gouveia: 1983; Madeira: 1993; Gomes: 1997; Sarti: 1999; Corrochano: 2001) entre outras. No último dos temas mencionados, é privilegiada a problemática sobre as dificuldades encontradas na conjugação das duas atividades, em virtude de alguns fatores, dentre os quais, a não adequação da escola noturna à realidade e às expectativas do jovem trabalhador (Marques: 1997) ou, ainda, a difícil inserção no mercado de trabalho, cada vez mais exigente quanto à necessidade de escolarização (Madeira: 1998; Letelier: 1999; Souza Martins: 2000), e o aumento da situação de desemprego²⁰ para esses indivíduos (Arias :1998).

¹⁹ Como desenvolve Gouveia (2000: 61), “a ‘pessoa adulta’ é hegemônica na sociedade moderna, tanto em relação a processos políticos e socioeconômicos, quanto na qualidade de fenômeno e objeto de investigação científica”.

²⁰ Segundo dados do Dieese de 2005, o desemprego juvenil chegou a ser quase o dobro do verificado para a população total de 16 anos e mais. Naquele ano, em São Paulo, entre os jovens que estavam inseridos na força de trabalho, aproximadamente 32,6% estavam desempregados. Desse percentual, 50,1% eram homens e 55,6% eram mulheres, na faixa etária dos 16 aos 24 anos. Segundo a mesma fonte, o desemprego, que já é

Abordando a situação de ocupação do jovem adolescente, esta investigação traz, enquanto contribuição à produção de conhecimento sobre juventude, a compreensão de como, enquanto atores sociais, esses indivíduos vivenciam concretamente o seu espaço de trabalho, não apenas no que se refere aos aspectos positivos e negativos dessa vivência, representando uma das facetas desse espaço, mas, principalmente, à forma como as mensagens e os valores aí desenvolvidos penetram na vida deles, além da situação de trabalho: na sua maneira de ser, de pensar, de ver, de perceber-se e de compreender a vida, enquanto trabalhador e enquanto indivíduo jovem, homem ou mulher, estudante ou não.

Para tanto, e para qualquer análise que se faça em relação à juventude, é necessário compreendê-la tendo como característica básica a diversidade. Assim, apóio-me também em autores estrangeiros, Pais: (1990)²¹ e Clot: (s/d), além dos já citados autores nacionais que não tomam a juventude de forma homogênea.

A maneira de vivenciar a transição para a vida adulta e de viver a juventude é diversa, mesmo entre os jovens trabalhadores das camadas populares. Isso resulta em maneiras singulares de atribuírem significados às suas experiências, interpretando-as enquanto sujeitos sociais, atuando em seu meio, nas diversas esferas, incluindo a familiar²² e a do trabalho. O jovem vive o novo, ajudando a construí-lo (Peralva: 1997), diferenciando-se a partir da forma como, singularmente, o faz.

Nesse sentido, não é bastante compreender a juventude como o processo de transição para a vida adulta (Abramo: 1994; Sposito: 1994), mas é necessário apreender o seu universo de referências, pautado em valores que se vêm transformando, assim como a própria sociedade (Peralva: 1997; Abramo: 1997).

bastante preocupante no relativo à população jovem, recai particularmente sobre o grupo etário de 16 a 17 anos.

²¹ Ao desenvolver seus estudos sobre “as juventudes”, Pais (1990) mostra-nos a existência de duas correntes sociológicas: a geracional, que enfatiza as oposições entre a geração jovem e a geração adulta, e a classista, que limita o conceito de juventude às relações de classe. Na primeira, a idade é central para a noção de juventude, que é entendida como sendo parte de uma geração. Na segunda, as distinções simbólicas são analisadas como distinções interclassistas e não intraclassistas. Ambas as correntes contribuem para o entendimento da juventude a partir da idéia de homogeneidade.

²² Montali (2000)

Um desses espaços de transformação é o do trabalho²³. No início dos anos 1970, o capitalismo sofreu uma crise mundial. No Brasil, a percepção maior da crise deu-se a partir dos anos 1980 (Leite: 1995). Surgiu um novo padrão tecnológico, com crescimento de produtividade, refletindo-se também no processo de trabalho. Ao nível da empresa, operaram-se mudanças organizacionais e técnicas, como a introdução de novos equipamentos, de novos programas e novos arranjos organizacionais, programas destinados à capacitação de funcionários e mudanças na própria gestão de trabalho, visando à modernização para atender à concorrência. Verificou-se a introdução do novo e a permanência do antigo (Martins: 1993), ou seja, os processos de reestruturação produtiva acompanharam formas taylorizadas de produção e de relações de trabalho, baseadas no autoritarismo do chefe (Leite: 1995; Sobrinho: 1995).

O mercado de trabalho também se fragmentou. Ao lado de uma camada de trabalhadores com alta qualificação, realizando tarefas em período integral, com direitos e benefícios garantidos, passou a haver uma grande massa de trabalhadores ocupados em situações precárias de trabalho, mal remunerados e sem direitos trabalhistas, além do aumento do desemprego (Harvey: 1992).

Hoje, os trabalhadores jovens estão, em grande parte, inseridos em formas precárias de emprego, sendo atingidos pelas transformações que vêm ocorrendo no universo do trabalho, tanto na organização do processo quanto no seu conteúdo, nas exigências de qualificação profissional, configurando um novo tipo de trabalho e de trabalhador. Essas exigências, difíceis de serem atendidas pelos trabalhadores adultos, ganham certa dramaticidade no caso dos jovens (Souza Martins: 1997).

As dificuldades de inserção dos jovens no mercado de trabalho, que, segundo Pais (1991), fortalecem sua inquietação quanto ao próprio futuro profissional, podem ser resumidas pelos seguintes fatores: redução do número de empregos para esses indivíduos, em decorrência da introdução de novas tecnologias, com exigência de maior qualificação e experiência; mobilidade ocupacional dos jovens por diversas situações de trabalho, incluindo a aprendizagem e a ocorrência de desemprego; e precarização do trabalho juvenil

²³ Sobre os efeitos das transformações no universo do trabalho a partir da reestruturação produtiva, ver Harvey (1992), Mattoso (1994), Sobrinho (1995) e Leite (1995).

acompanhada de sua periferização em torno do mercado de trabalho secundário, em virtude de sua baixa qualificação ou em decorrência de sua preferência pela intermitência antes de buscarem a estabilidade.

Apesar desse contexto pouco favorável para os jovens, em especial para os indivíduos com menor escolaridade, o trabalho continua sendo central para eles²⁴, como meio legítimo de ter acesso à vida (Souza Martins: 1997; Evelyn: 1998), de conseguir os seus objetos de consumo, aqui incluindo o lazer (Abramo: 1994, Sposito: 1994, Sarti: 1996), de proteger-se contra os perigos da rua, evitando o espaço da marginalidade (Gouveia: 1983; Zaluar: 1985; Gouveia, P: 2000), além de outros sentidos a ele atribuídos (Bajoit & Franssen: 1997), justificando o enfrentamento da rigidez de horários e as diversas situações vividas nesse universo.

Nesta investigação, ao focalizar a empresa e as relações que se estabelecem entre ela e os jovens adolescentes, “assistidos”, *privilegio a vivência no trabalho, sua importância, posta não por sua ausência - o desemprego -, mas justamente pelo inverso, a ocupação e, com ela, o processo de socialização por meio da formação para o trabalho, e o desenvolvimento dos adolescentes enquanto trabalhadores e indivíduos.*

O trabalho amplia as relações sociais, distinguindo-as daquelas mantidas no interior do grupo familiar. A entrada na empresa marca um processo socializador diferenciado. A compreensão do próprio espaço e de sua lógica de funcionamento é lentamente conduzida pelos colegas (Corrochano: 2001), assim como a maneira de ser, baseada em valores relacionados ao trabalho e à postura do trabalhador diante dessa atividade.

Finalmente, ainda em relação ao item trabalho, é necessário destacar o setor privilegiado para a pesquisa: o setor de serviços²⁵. A maior parte dos estudos sobre jovem e trabalho focaliza o jovem operário (Corrochano: 2001; Souza Martins: 2001; Silva: 2003), havendo uma lacuna em relação ao setor de serviços, que vem crescendo e empregando um número cada vez maior de jovens e de adolescentes.

²⁴ Antes, o trabalho era importante em si, “pela participação que assegurava ao projeto coletivo da sociedade industrial.” Agora, ele torna-se importante “para o próprio indivíduo, na medida em que pode contribuir para seu projeto singular” (Bajoit & Franssen: 1997). Assim, houve mudanças nas relações que os indivíduos estabelecem com as situações de trabalho.

²⁵ Segundo dados do Dieese, a Região Metropolitana de São Paulo concentra cerca de 70% de toda a riqueza gerada pelo setor de serviços no Estado. Dentro desse setor, está o comércio. Ramo bastante heterogêneo do setor de serviços, ele foi destacado pelos jovens, na pesquisa de mestrado (Oliveira : 2001, op, cit), quando se referiram à procura de emprego. O setor de serviços também é o que tem absorvido a maior parte das mulheres, concentradas na RMSP (cf. Montali: 2000).

Dados do Dieese, de 2001, mostram que, no período de 1985 a 2000, o setor de serviços, que ocupava 44%, passou a ocupar 55,6% da mão-de-obra no município de São Paulo. Um crescimento bastante expressivo quando comparado ao setor de comércio que, no mesmo período, passou de 14,7% a 15,5%. Quanto ao setor industrial, as taxas percentuais comprovam o seu decréscimo: de 29,8% a 17,8%, no período considerado.

A mesma fonte de dados revela que dos 3,4% de jovens adolescentes ocupados em 1999, 1,6 estavam no setor de serviços, contra 0,9 no setor comercial e 0,6 na indústria de transformação. Apesar de, naquele ano, grande parte de adolescentes estar desempregada ou inativa²⁶, dos que estavam ocupados, praticamente a metade estava no setor de serviços, o que sinaliza a necessidade de mais investigações a respeito do trabalho exercido pelos jovens nesse setor e os demais aspectos sociais e psicossociais que esse tipo de ocupação envolve.

A esfera dos valores é o terceiro ponto a ser destacado para justificar a importância deste estudo que, em linhas gerais, parte da associação entre jovens, enquanto atores sociais, trabalho, dimensão em que atuam, e valores professados no trabalho e re-apropriados por eles para além dessa esfera, ou seja, não apenas enquanto trabalhadores, mas também como indivíduos capazes de reflexividade (Giddens: 1991a).

Vários autores percebem a modernidade como um momento marcado pelo esvaziamento de valores e pelo individualismo (Habermas: 1987; Castoriadis: 1987; Touraine: 1994; Melucci: 1997). Ao mesmo tempo, possibilidades existem em abundância e há muitas expectativas em relação ao que virá, referente à biografia e ao tempo individual. A construção do futuro é possibilitada pela adesão a princípios e valores que são fornecidos pelas esferas em que os indivíduos circulam. O momento presente é pensado enquanto transição para o futuro, cuja construção exige investimentos que são necessários para torná-lo pleno de possibilidades (Augusto: 2002). Mas, como orientar os indivíduos jovens para o tempo vindouro? Que projetos podem ser elaborados diante das transformações que vêm ocorrendo, em especial na esfera do trabalho? (Souza Martins: 1997). Quais são as perspectivas possíveis colocadas aos jovens nesse processo de construção de seu futuro profissional e pessoal? Trata-se da ausência de valores, da adesão

²⁶ Para maiores esclarecimentos a respeito das situações de trabalho no mercado : empregado, desempregado, inativo, trabalho em tempo parcial, trabalho em tempo integral, trabalho precário, ver relatório da Anped, op. cit.

pura e simples a princípios vindos das várias esferas, desde que os jovens estejam abertos a serem orientados (Manheim:1968) ou ainda há espaço e possibilidade de reflexão?

Aprender essas questões colocadas para os jovens, enquanto interlocutores de um mundo novo que ajudam a construir é, ao mesmo tempo, buscar compreender alguns dos dilemas da própria sociedade (Abramo: 1997), segundo os aspectos acima expostos.

A presença dos jovens na empresa, sua vivência nesse espaço, com todas as regras e princípios que visavam formá-lo segundo um modo de ser trabalhador, a tensão relacionada ao seu envolvimento e/ou afastamento desses princípios, o conteúdo de seu trabalho, os reflexos das transformações no processo de trabalho, a possibilidade e as expectativas de construção de projetos futuros, são algumas das questões que possibilitaram a indicação de caminhos na compreensão das questões colocadas acima, num momento marcado por transformações e crises em vários aspectos (Hobsbawn:1995): político, moral, social e econômico. Dentro desse contexto, a crença é de que “o envolvimento do sujeito na empresa é um tema que se impõe com força crescente.” (Touraine: 1994: 336).

Para a compreensão das questões propostas, faz-se necessário destacar os principais termos que irão fundamentar a análise da realidade encontrada e que, ao longo deste trabalho, receberão o devido tratamento teórico. São eles: o processo de socialização, a questão da construção identitária e a idéia desenvolvida sobre juventude, adolescência e idade adulta.

Entender o processo de socialização desenvolvido na empresa é pensá-lo, por um lado, fazendo parte de uma dinâmica maior, que não se restringe ao espaço da empresa, tendo como objetivo a formação dos jovens não apenas como trabalhadores, mas também como indivíduos, dadas as orientações que são passadas e que não se referem apenas ao trabalho.

Aprender esse processo, por outro lado, é recuperar os envolvidos nessa relação, suas práticas - também no nível simbólico -, os olhares de uns e de outros, pensando menos em uma polaridade de opostos - universo da empresa versus universo das camadas populares - em que pesariam a independência e a autonomia de cada um, dadas as especificidades e particularidades de cada universo, mas considerando, ao contrário, as relações que são estabelecidas entre ambos, bem como as relações que os adolescentes das camadas populares estabelecem não apenas com o trabalho, mas também com outras

esferas da vida - família e escola. As relações estabelecidas nessas esferas marcam a maneira como os jovens se colocam no mundo, os significados e valores que desenvolvem sobre e nessas pertencas, os quais vem definindo um modo de ser e estruturando suas identidades ao longo do tempo.

Identities que se estruturam em torno das noções de adolescência, juventude e idade adulta, atreladas às representações, socialmente construídas, e às experiências vividas, de diferentes maneiras, tanto pelos rapazes quanto pelas moças, com destaque para o trabalho nas Empresas de Correios e Telégrafos do Estado de São Paulo e o término do período de participação no Programa *Adolescente Assistido*.

A tese desta pesquisa é a de que essa experiência é valorizada pelos jovens mais como um ritual de passagem - tanto do ponto de vista da entrada no mercado de trabalho, quanto na vida adulta -, do que como um “trabalho assistido”, este dizendo respeito ao seu conteúdo e ao aspecto do monitoramento e da orientação para a vida. Assim, o que é valorizado pelos jovens é a possibilidade do exercício do primeiro emprego com carteira assinada. A orientação e o monitoramento são quase sempre vistos como elementos importantes para os outros adolescentes que chegam na empresa, mas não para eles mesmos. Isso se deve às representações desenvolvidas sobre a adolescência, que relacionam essa fase da vida com atributos da falta de responsabilidade, caracterizada pela utilização de drogas e pela violência.

CAPÍTULO 1: TRAJETÓRIA DO CAMPO: ABORDAGEM METODOLÓGICA

1.1 Os primeiros passos, as novas informações

Este capítulo tem como propósito recuperar o percurso do trabalho de campo, desde os primeiros contatos com a empresa de Correios e Telégrafos, no intuito de obter informações sobre o programa para a elaboração do projeto até o final do trabalho, que coincidiu com o término da pesquisa. O objetivo é rever todos os passos dados em direção ao conhecimento da realidade e dos sujeitos que seriam investigados. Assim, serão abordadas as técnicas de pesquisa e as formas como o campo foi sendo construído, dele fazendo parte os desafios e a constante revisão de abordagens e técnicas.

O trabalho de pesquisa teve o desafio metodológico como um de seus pressupostos. A pesquisa de campo esteve presente em todo o trabalho de investigação, juntamente com a busca teórica, esta no sentido da fundamentação da análise acerca do que se extraía da realidade investigada.

Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa, foi dado início à pesquisa. Para tanto, no primeiro semestre de 2002, foram realizados os primeiros contatos com a Empresa de Correios e Telégrafos do Município de São Paulo, mediante entrevista com um dos coordenadores do programa destinado aos adolescentes de famílias de baixa renda. Na época, falava-se em adolescente aprendiz. A partir das informações obtidas na ocasião, foram previstas determinadas etapas necessárias e, então, organizado um cronograma de atividades que teriam início no segundo semestre de 2002. Para esse período estariam reservadas as coletas iniciais de informações sobre a empresa, com a obtenção de documentação e entrevistas com funcionários, do Departamento de Pessoal e aqueles ligados ao Programa.

Na previsão inicial, o primeiro passo seria o mapeamento da empresa, buscando verificar suas principais características e as mudanças no nível técnico e organizacional, segundo o processo de reestruturação produtiva caracterizado pela introdução de novos

equipamentos e arranjos organizacionais, a capacitação de funcionários e a preocupação com a qualidade total, além da percepção das principais dificuldades enfrentadas atualmente pelos correios, em relação ao mercado e às questões internas.

Para tanto, a idéia era realizar entrevistas, inicialmente com funcionários do quadro administrativo e, posteriormente, com os adolescentes, buscando fazer o confronto das expectativas existentes e, antes de tudo, deixando claro para os entrevistados minha independência em relação à empresa. Ao mesmo tempo, era compromisso garantir o sigilo sobre as informações obtidas. Essas iniciativas seriam importantes especialmente no caso dos jovens, visto que, pela carta de formalização²⁷, a administração já estava ciente da proposta e dos objetivos da pesquisa, o que não necessariamente ocorreria com eles.

Para começar o trabalho de campo, foram restabelecidos os contatos com o funcionário que havia fornecido as primeiras informações sobre o programa voltado para os adolescentes de baixa renda, e reafirmado o interesse pela empresa, enquanto objeto de pesquisa, bem como o procedimento que seria adotado para iniciar esse compromisso. O primeiro passo, então, seria a concessão de autorização oficial para a minha entrada na empresa, a fim de realizar o trabalho de campo. Assim foi feito. Todavia, a permissão não foi automática, como pensávamos. Fomos orientadas a reformular o pedido, para que a permissão fosse concedida. Tratava-se de substituir o termo *adolescente aprendiz* por *adolescente assistido*, em virtude das mudanças ocorridas no programa destinado a esses jovens.

Finalmente a autorização tendo sido concedida, foi iniciada a pesquisa de campo. A primeira idéia foi entrevistar algumas pessoas-chaves do departamento de pessoal que pudessem oferecer informações sobre os Correios e sobre o programa destinado aos jovens pertencentes às famílias de baixa renda, tendo a atenção voltada para os processos de transformação desse programa.

As entrevistas com funcionários do quadro administrativo²⁸, que ocorreram após a definição de alguns acordos com a Empresa de Correios e Telégrafos e o estabelecimento de

²⁷ Trata-se de uma carta assinada pelo orientador e pelo pesquisador, redigida com a finalidade de explicar os objetivos e as etapas da pesquisa de campo, bem como requisitar a permissão formal para a sua realização. (Anexa).

²⁸ As entrevistas foram feitas com a gerente de Relações de Trabalho e com a assistente social que era uma das coordenadoras do programa, além do coordenador da área de Recursos Humanos.

conversas informais, foram realizadas no início de 2003, resultando na obtenção de dados primários, documentação e de dados secundários sobre a empresa.

1.2. Trabalhadores em cena: o espetáculo na empresa

Após alguns telefonemas, consegui marcar uma entrevista com o coordenador da área de Recursos Humanos, que sugeriu conversar no dia em que ele estaria dirigindo uma peça de teatro²⁹ - "Quanto mais contente melhor"³⁰. Achei que seria muito interessante estar na empresa nesse dia, tendo em vista a possibilidade de acompanhar uma atividade realizada com o envolvimento de vários trabalhadores, familiarizando-me com a firma e aproximando-me do clima particular desse dia. Tratava-se de apreender o grau de envolvimento e participação dos demais funcionários que lá estariam, descobrindo os espaços destinados a esses eventos e também estando atenta às mensagens da peça, além de prestigiar o trabalho do diretor, que me havia feito o convite. Como pondera Sarti (1996), na pesquisa de campo, a escolha do local e dos horários para as entrevistas é, muitas vezes, uma forma de prestar atenção às pessoas pesquisadas, o que faz com que sejam mais receptivas. É necessário ter em mente, como alerta essa autora, que essa é uma relação em que os dois lados contam, e de forma decisiva. Estabelece-se uma relação de troca entre pesquisador e pesquisado, expressa pelo dar e receber contínuos.

Assim como a entrevista era muito importante para mim, para o entrevistado, a peça tinha, pelo menos, um duplo significado, que relacionava pesquisadora e pesquisado: era o momento em que mostraria o resultado de um trabalho que lhe dava orgulho, executado paralelamente às suas funções de coordenador de um setor da empresa. O envolvimento com a arte explicitaria sua sensibilidade e criatividade, bem como seu vínculo com o local de trabalho e com os trabalhadores, para além das atividades habituais. Outro significado importante para ele era a apresentação, para a pesquisadora, de uma determinada imagem dos Correios e das relações de trabalho ali efetivadas. O dia da peça é um dia de festa, de descontração entre os funcionários. Essa atividade mostra o comprometimento da empresa

²⁹ A peça de teatro faz parte do programa Atividades Socioculturais e Esportivas da empresa, que conta também com os Corais, os Grupos Folclóricos, o Festival Nacional de Música, o Cinema Gratuito, o Circuito Nacional de Corrida dos Carteiros e o Campeonato Nacional de Natação dos Correios.

³⁰ Ver anexo o folheto referente à peça.

com a criação de espaços lúdicos para os trabalhadores, expressando um pouco de suas concepções e valores em relação ao "papel" que desempenha junto aos funcionários e ao que considera importante nas relações de trabalho.

A peça apresentada trazia a busca da felicidade como mensagem, os funcionários sendo chamados a ser felizes no trabalho. Esse intento seria conseguido, principalmente, pelo comprometimento com o trabalho em equipe. Trabalhar contente era a mensagem passada para vários trabalhadores que se encontravam acomodados em seus lugares, num grande anfiteatro.

A maior parte desses trabalhadores, homens e mulheres, tinha acabado de assistir a uma explanação sobre qualidade. Também pude assistir grande parte dessa explanação. O palestrante, muito desenvolto, mostrava os tópicos do tema, utilizando *Data Show* e solicitando, em várias ocasiões, a participação dos ouvintes, que eram chamados a responder a algumas questões, em meio a brincadeiras e risadas. Desse modo, foi sendo criado um clima de descontração, antecipando os melhores ânimos para a hora da apresentação do espetáculo.

Uma lista de presença foi passada durante a palestra. Os presentes assinavam o nome e o departamento em que trabalhavam. Segundo informação obtida com um dos funcionários que lá estava, cada setor havia recebido alguns convites para a palestra, cabendo ao chefe do departamento distribuí-los entre os funcionários. Os que recebem o convite, devem comparecer. A cada nova palestra, novos convites são entregues e outros funcionários são chamados. Espera-se que os escolhidos não faltem.

Ao final da palestra, foi oferecido um lanche. Depois, houve um intervalo de, mais ou menos, quinze minutos. Em seguida, todos foram convidados a prestigiar seus colegas atores, assistindo à peça.

Havíamos combinado conversar antes e após o espetáculo. Tentamos conversar um pouco antes da peça, mas percebi que tentava se desdobrar entre as últimas orientações para o início do espetáculo, e as respostas às informações que eu solicitava. De comum acordo, deixamos para conversar no final da apresentação.

Assim, fui em busca de um lugar confortável para apreciar a peça e tudo ao seu redor. Enquanto pesquisadora, precisava estar atenta ao movimento: gestos, comentários,

posturas, e ao mesmo tempo, observar a apresentação, e tudo que a envolvia (texto, encenações, infra estrutura, etc).

Muito bem montada e dirigida, a peça também contou com a boa atuação dos atores e com a animada participação da platéia. Estava sentada ao lado dos mais exaltados: um grupo de carteiros, identificados pelo uniforme, que gritavam e faziam piadas entre as falas. Com suas atitudes, eles mostravam que estavam desfrutando momentos de (des)compromisso com as formalidades e com a disciplina de trabalhadores de uma empresa. Ainda que no espaço do trabalho, estavam em um momento de lazer. Nesses instantes, a empresa passava a ser re-significada. As brincadeiras dirigidas aos atores, colegas de trabalho, denotavam a proximidade existente entre eles, sinalizando, também, identificação, auto-reconhecimento, percepção de pertença ao grupo e, ao mesmo tempo, um provável deslumbramento desses indivíduos diante da experiência não comum de lazer entre eles, em seu cotidiano³¹.

Ao final do espetáculo, esses indivíduos chegaram a ser mencionados pelo diretor, em tom de brincadeira, mas com leve repreensão.

Após o espetáculo, dirigi-me ao diretor para cumprimentá-lo. Ele estava eufórico, recebendo os atores e vários cumprimentos. Conversamos um pouco e, como já imaginava, a entrevista ficou para um outro dia, com outra pessoa, como ele próprio me sugeriu, tendo em vista o momento de transição por que passava (estava sendo transferido para outra unidade); do mesmo modo, as informações solicitadas, sobre a empresa, seriam avaliadas e fornecidas por outra funcionária do Departamento de Pessoal.

1.3. Conhecendo a empresa e o Programa

Dando prosseguimento ao cronograma elaborado e posteriormente revisto, foi marcada uma entrevista com a gerente de Relações de trabalho. Esse contato foi estabelecido, inicialmente, no dia da apresentação da peça - *Quanto mais contente melhor*. Alguns dias depois, a entrevista foi agendada. O objetivo era conseguir informações sobre

³¹ Como verificou Magnani (1998), para a população mais pobre, as formas mais comuns de lazer estão circunscritas às atividades na vizinhança: o jogo de futebol, a conversa no bar, a casa dos amigos. Ao mesmo tempo, existe uma imagem idealizada do lazer, referida a espaços socialmente reconhecidos, como é o caso do teatro.

a empresa e sobre o programa. No primeiro caso, tratava-se de recuperar alguns aspectos referentes às relações de trabalho, aos processos de qualificação do trabalhador, à realização de cursos e treinamentos, à questão da escolaridade, aos processos de avaliação dos funcionários, aos momentos de crise e às relações com o sindicato. A idéia era penetrar, um pouco, no clima e na filosofia da empresa, a partir do olhar, das experiências e concepções de uma funcionária que falaria em nome da instituição, representando-a, justificando, portanto, a importância de seu depoimento para a pesquisa.

No segundo, estava claro que, para apreender a problemática levantada neste trabalho, destacando a figura do adolescente de baixa renda e sua experiência de trabalho regular, seria necessário o conhecimento preliminar de sua história, seu espaço, e a relação estabelecida por ele com os outros funcionários, em especial com os antigos, bem como as regras estabelecidas na instituição.

Assim, tratava-se, inicialmente, de resgatar as primeiras concepções sobre os Correios, por intermédio de uma fala oficial³², que representasse seus olhares e interesses. Tratava-se de ouvir alguém, legitimamente reconhecido para falar em nome da instituição, reproduzindo normatizações baseadas na Legislação trabalhista e no Ministério do Trabalho, que são esferas do Estado. Ao mesmo tempo, tratava-se de apreender a filosofia da empresa, seus valores, seu olhar sobre o trabalhador e sobre as relações de trabalho, suas normas e a forma como as administra.

Essas respostas foram buscadas no local de trabalho. Foram duas horas de entrevista³³ semi-estruturada, versando sobre os seguintes tópicos de referência: caracterização histórica da empresa; sua filosofia; suas normas e regulamentos para os trabalhadores em geral; a existência de panfletos ou jornais que circulam para os funcionários; as festividades existentes; os cargos, o crescimento de setores, o número de trabalhadores; as transformações no processo de trabalho (inovações tecnológicas, qualificação, cursos oferecidos, etc); o perfil dos funcionários (em cada setor): escolaridade, gênero, idade, outros atributos, bem como possíveis alterações nesse perfil; a relação com os funcionários; a variação salarial; os momentos de crise e de greves; a

³² Fleury (1985) fala em discurso competente, referindo-se ao discurso instituído. O discurso competente é aquele que se confunde com a linguagem e interesses institucionais.

³³ A entrevista foi gravada e depois transcrita, o que permitiu o acesso repetido e mais detalhado às informações conseguidas.

situação dos Correios hoje e as dificuldades enfrentadas; a existência de áreas terceirizadas e o tipo de terceirização (levando em conta as seguintes situações: quando a firma de terceiros executa atividade internamente à empresa, quando a firma de terceiros executa atividade externa à instituição e quando a firma executa trabalho temporário ou por empreitada), o número de funcionários afetados (por setor e total), a eliminação de postos e/ou realocação; o processo de admissão, promoção e demissão; a relação da empresa com o mercado, com o bairro onde está localizada e com o sindicato e a existência de um órgão interno de representação.

Com relação aos jovens, foram levantadas as seguintes questões: a relação dos Correios, da chefia e dos funcionários mais velhos com eles; as dificuldades encontradas; os setores que empregam mais jovens e a existência de projetos específicos para as diferentes faixas etárias e de sexo.

Algumas outras questões foram inseridas na conversa, uma vez que os tópicos levantados acima serviram mais como orientação.

Solicitei o acesso a alguns documentos³⁴ da instituição, na intenção de começar a apreender, a partir da política administrativa, as concepções e valores que ela desenvolve sobre o trabalho e suas relações. Como ressalta Fleury (1985), a política administrativa, explícita em manuais de procedimentos, contratos de trabalho e regulamentos padronizados da empresa, os quais formam o conjunto das diretrizes de ação e intervenção, auxilia-nos a verificar como o trabalho, bem como suas relações, é percebido.

Um dos documentos obtidos foi a Pesquisa de Clima organizacional, citada pela entrevistada, um instrumento utilizado para avaliar a percepção dos funcionários sobre a firma. Outro importante documento conseguido foi o Roteiro de Ambientação para Novos Empregados, que agrega informações sobre as Políticas de Recursos Humanos dos Correios e sobre sua história³⁵.

As informações obtidas auxiliaram-me a compreender melhor as relações de trabalho dentro da empresa, aproximando-me da realidade dessa instituição. A segunda

³⁴ Documentos referentes ao Programa *Adolescente Assistido* serão mencionados em uma outra sessão deste trabalho.

³⁵ Para a compreensão da "instância macropolítica-econômica é preciso que o pesquisador se debruce sobre a história da empresa, recuperando seus traços principais, observando, na interação com o Estado, com o mercado, com os movimentos sindicais e políticos, como foram definindo-se as categorias presentes nas relações de trabalho e se moldando os padrões de interação entre elas." (Fleury: 1996: 115).

etapa foi voltar as atenções para o Programa destinado aos adolescentes de baixa renda, por meio de dados primários e secundários, fornecidos por uma de suas coordenadoras. Tratava-se de apreender, a partir de sua fala, as concepções e propostas do programa, bem como a forma como o adolescente de baixa renda era visto, sinalizando representações desenvolvidas sobre sua condição social, que orientavam a atuação da empresa³⁶.

A apreensão das questões apresentadas facilitou-me a percepção do contexto e do espaço nos quais os jovens estavam inseridos, importante para a próxima etapa investigativa que esteve centrada na figura do adolescente, dentro e fora da empresa.

1.4. Conversando com os adolescentes: as reuniões de grupo focal

No início da pesquisa de campo, a partir dos primeiros contatos com a instituição, buscando a realização da etapa inicial - conhecimento da empresa, levantamento de dados sobre ela, por meio de fontes secundárias (documentação) e de entrevistas com algumas pessoas do quadro administrativo - pareceu-me conveniente atrelar outras abordagens e técnicas de pesquisa à programação inicial, tendo em vista a realidade encontrada bem como as preocupações teóricas que orientavam a investigação.

Outro fator que concorreu para essas escolhas foram as novas leituras, sobre organizações públicas e relações de trabalho. Com sua incorporação, acredito ter caminhado no sentido do enriquecimento desta pesquisa, facilitando a compreensão de algumas questões referentes ao jovem, sua relação com a empresa e o processo de socialização aí desenvolvido.

A técnica do grupo focal³⁷ foi introduzida na pesquisa empírica. Essa técnica consiste em reunir um grupo de pessoas, em local determinado, escolhido e combinado previamente, visando levantar algumas questões de interesse do pesquisador, para que sejam livremente discutidas pelos integrantes do grupo. O pesquisador vai orientando a conversa, de acordo com as menções feitas no transcorrer da reunião, tendo em vista as informações que pretende obter.

³⁶ Essas e outras questões sobre o programa serão retomadas em um outro capítulo deste trabalho.

³⁷ A respeito, ver Westphal (1996), op.cit.

No caso desta pesquisa, a técnica do grupo focal fundamentou-se, essencialmente, em três questões. A primeira delas referiu-se ao estabelecimento dos primeiros contatos com os adolescentes, buscando, ao mesmo tempo, perceber como se relacionavam uns com os outros, tendo em vista que muitos deles trabalhavam em setores onde não havia outro adolescente. Pareceu interessante percebê-los juntos para avaliar a possibilidade de existência de uma identificação, um auto-reconhecimento no grupo, expresso nas falas e nos comportamentos.

A segunda questão esteve ligada à percepção, em pesquisa de mestrado³⁸, da existência de uma certa timidez que caracteriza os indivíduos nessa faixa etária, dezesseis, dezessete anos, principalmente dos garotos, no momento da entrevista. A conversa em grupo deixa-os mais soltos, menos reservados. A fala de um adolescente estimulava os comentários de outro. Logicamente, nem todos tiveram a mesma participação, sendo, por vezes, estimulados a entrar na discussão. De qualquer forma, tratou-se também, da possibilidade de dar voz a esses jovens que, normalmente, tendo em vista o seu “desaparecimento” na rotina da empresa, podem não ter oportunidades de expressar o que pensam no grupo de profissionais com os quais trabalham.

A terceira questão referiu-se à possibilidade de entrar em contato com o maior número possível de jovens e, a partir daí, estabelecer futuros contatos, anotando endereço e telefones, visto que muitos deles já estavam saindo do programa, não sendo mais possível encontrá-los na empresa. O intuito era, em um outro momento, entrevistar alguns desses adolescentes, apreendendo suas experiências dentro do programa, bem como sua situação profissional atual, sua trajetória profissional e suas expectativas futuras.

É importante destacar que as reuniões de grupo focal receberam a permissão e o apoio da empresa, o que me possibilitou também o transporte para outras unidades (região de Santo André, Móoca, e Vila Maria). Na primeira reunião, a empresa ofereceu um lanche para os adolescentes. Foi possível conversar com praticamente todos aqueles que ainda estavam no Programa. Apenas dois não compareceram. No total foram quinze jovens: cinco garotas e dez rapazes.

Todos completariam dezoito anos naquele ano e seriam afastados do Programa. Eram solteiros e moravam com os pais. Apenas uma das jovens tinha um filho. Com

³⁸ Oliveira (2001), op. cit.

relação à escolaridade, a maioria estava terminando o ensino médio. No que se refere ao trabalho na empresa, a maior parte deles integrava o setor administrativo³⁹.

Com respeito à raça, apenas três jovens - dois rapazes e uma moça -, que participaram das reuniões de grupo focal, eram negros. Como não foi feita nenhuma pergunta relacionada a essa questão, para saber como o (a) jovem se considerava a respeito, a identificação é resultado da observação. Assim, a quantidade de jovens brancos e negros poderia ter sido outra, caso tivesse havido um questionamento direcionado aos então adolescentes. De qualquer maneira, e, embora tivesse sido interessante abordar essa questão, acredito que, para os propósitos da pesquisa, a falta dessa informação não chegou a representar perda no conteúdo do trabalho, da análise e das descobertas feitas, tendo em vista a crença de que, caso houvesse diferença de opinião em relação ao que observei, ela seria muito pequena, tanto para aumentar o número de jovens considerados negros, quanto para diminuir seu percentual.

A questão da raça também não foi mencionada nos depoimentos – entre os depoentes, havia uma moça negra -, quando os jovens se referiram às experiências de trabalho (na empresa e fora dela) e de desemprego. Tampouco apareceu nas falas e percepções desses indivíduos em relação à descrição de si mesmos, à experiência escolar, ou mesmo familiar, não tendo representado, para esses jovens e, naquele momento, um dado transversal significativo para pensar nas questões apresentadas.

Mesmo nas falas de outros informantes - dois funcionários da empresa, negros, que participaram, em outras ocasiões, de programas voltados para adolescentes de baixa renda-, a questão da raça não apareceu.

Ainda acreditando que a questão da raça⁴⁰ seja bastante significativa, tendo em vista propiciar a emergência de outras singularidades e especificidades além daquelas definidas

³⁹ Outras informações sobre os jovens entrevistados poderão ser encontradas nos capítulos que se seguem, onde são analisadas suas falas com relação aos diferentes tópicos apresentados, havendo o cruzamento do campo com o aporte teórico utilizado.

⁴⁰ Especialmente entre os jovens brasileiros, pesquisas revelam desvantagens, tanto no quesito trabalho, quanto na escolaridade dos negros e negras em relação aos jovens brancos da mesma faixa etária. Assim, os negros predominam em relação aos brancos, entre os que não trabalham e não estudam. Aqueles que só trabalham e estudam são, em sua maioria, jovens brancos. Castro (2004), op.cit.

A questão da raça também é objeto de atenção de outros pesquisadores que têm no jovem brasileiro, especialmente de baixos recursos, seu foco de atenção investigativa, no sentido de discutir propostas e caminhos para a compreensão da realidade encontrada, das desvantagens sociais apresentadas e das possibilidades de desenvolvimento de políticas públicas para a juventude. A esse respeito ver : Soares (2004); Fernandes (2004) e Frigotto (2004), o último trazendo em seu texto dados percentuais sobre jovens negros e

pelo gênero e/ou camada social, essa questão não aparece na análise que se segue, não tendo sido manifesta nas percepções dos indivíduos entrevistados.

Voltando à questão das reuniões de grupos focais, é necessário destacar que elas contaram com a presença de estagiárias da assistência social, as quais receberam a orientação de não intervirem.

O apoio dado pela empresa resultou, em grande parte, da necessidade de prestar contas sobre a participação dos adolescentes em atividades extras. Nesse sentido, as reuniões foram encaixadas, dentro do programa, como atividades de palestra (atividade programada). Algum tempo depois, a assistente social, também uma das coordenadoras do Programa, pediu-me que lhe enviasse um resumo dos resultados obtidos com essa atividade. Assim que as transcrições das fitas foram feitas, elaborei um pequeno relatório que lhe foi entregue como solicitado. Acredito ser importante o retorno da pesquisa, tanto para os jovens, quanto para a empresa. No segundo caso, trata-se da possibilidade de informação sobre as inquietações, desgostos e expectativas dos jovens àqueles que os empregam e que podem vir a rever alguns aspectos do programa, no sentido da implementação de atitudes que melhorem as condições de trabalho dos adolescentes.

Visando resguardar a identidade dos jovens e, ao mesmo tempo, dificultar uma possível investigação feita pela empresa no sentido de encontrar os “autores” de determinada reclamação, os nomes dos jovens foram omitidos, assim como a elaboração do relatório foi feita por meio de discurso indireto, sem reprodução das falas. Ao mesmo tempo, não foram citadas algumas questões levantadas nas reuniões, que se referiam a relatos pessoais que poderiam vir a ser identificados.

Com relação às reuniões de grupos focais, logo no início, foi esclarecido para os adolescentes que a pesquisadora não tinha ligação com a empresa, e que os encontros eram de interesse para a pesquisa, a fim de que, posteriormente, fosse possível entrar em contato com eles.

No que diz respeito à união entre os adolescentes, no sentido da formação de um coletivo organizado em torno de necessidades comuns, a dispersão espacial, bem como o

brancos, incluindo aspectos relacionados à escolaridade e ao trabalho – inserção, remuneração e qualidade das ocupações.

número reduzido dos participantes do programa naquela época impossibilitava essa prática. Eles trabalhavam em setores diferentes do prédio e da cidade e em diferentes unidades.

Por ocasião desses encontros é que os adolescentes tomaram conhecimento uns dos outros. Alguns já se conheciam, os que trabalhavam no mesmo prédio. Nesse momento de rápida integração, cada um buscava saber em que unidade e em que setor os outros trabalhavam. Reuniões como essas fazem parte do programa em que estão envolvidos, sendo uma das técnicas de socialização utilizadas dentro da empresa. Nessa técnica, cabe àqueles que ministram as palestras, bem como aos seus idealizadores, o papel de orientadores dos adolescentes, nas questões consideradas importantes ao seu desempenho, como trabalhador e como jovem participante do programa, tanto no que se refere ao ambiente da empresa, quanto fora dele, ou seja, às outras esferas da vida: família, escola e a sociedade, de um modo geral.

Nessa atividade, as experiências passadas, os pontos positivos e negativos do programa, as impressões e expectativas foram reveladas e gravadas⁴¹, o que me permitiu a percepção de pontos importantes, a partir das transcrições das falas ouvidas e das observações diretas. Esses pontos orientaram as outras etapas do trabalho de campo.

1.5. A pesquisa de campo e o recorte teórico: iniciando nova etapa e definindo conceitos à luz do “objeto” de investigação - o adolescente de baixa renda.

O trabalho de campo foi se apresentando como um longo caminho percorrido e a percorrer. Aprender as questões problematizadas nesta pesquisa exigiu elevado grau de atenção aos procedimentos metodológicos mais adequados, tendo sido necessário um constante repensar, no que se refere à utilização de técnicas e abordagens e, ao mesmo tempo, uma dedicação ao campo, manifesta nas constantes idas à empresa, por ocasião das entrevistas, reuniões⁴² e observações necessárias à compreensão do "clima" da organização, que permeava as relações de trabalho e os olhares que os outros funcionários dirigiam aos adolescentes, bem como a perspectiva com que os últimos encaravam os primeiros.

⁴¹ Em média, as reuniões com os adolescentes duraram duas horas. Elas foram gravadas e depois transcritas.

⁴² Grupos focais.

Após as reuniões de grupo focal, uma outra etapa do trabalho teve início: as entrevistas com os adolescentes e seus pais, realizadas em suas residências, para as quais houvera autorização antecipada dos adolescentes e de suas famílias. Havia o intuito de também observar como ocorria o relacionamento nesse espaço, já que a casa revela muito sobre os indivíduos e o grupo, suas relações e valores sendo, como observa Sarti (1996), uma extensão da própria pessoa⁴³. Além disso, permitiu confirmar que, para os jovens, além do trabalho, outros espaços representam importantes elementos de suas práticas, valores, socialização e identidade.

A idéia foi recuperar percursos e histórias relacionadas às experiências de trabalho, não apenas dos adolescentes, mas também de seus pais, que fossem capazes de trazer luz à compreensão de aspectos importantes referentes às relações de trabalho, aos projetos e expectativas construídos no curso de suas trajetórias profissionais (tantas vezes marcadas por relações precárias), imbuídas de representações e valores que se atualizam, se reconfiguram ou se perpetuam no universo familiar, em virtude das experiências e dos processos de socialização dos adolescentes para o trabalho, empreendidos, em especial, pela família e pela empresa.

A Socialização, termo importante para a análise, é um conceito abrangente. Diversas áreas de conhecimento, dentre as quais a Psicologia⁴⁴, têm trabalhado com a idéia de socialização, abarcando diferentes aspectos. Dentro da sociologia⁴⁵ há também orientações diferenciadas com relação ao termo.

Não se trata aqui de rever as teorias a respeito da socialização, mas de, por um lado, definir o caminho teórico escolhido, esclarecendo alguns pontos, e, por outro, introduzir o tema que estará permeando outras passagens deste trabalho na análise feita das entrevistas com os jovens e seus pais. Nesse sentido, outro ponto merece atenção, qual seja, o fato de

⁴³ A esse respeito ver também Schreynemaekers (2002), op.cit.

⁴⁴ Na Psicologia, o interesse com relação ao processo de socialização dá mais ênfase ao segmento da infância, aos processos que medem as práticas e os comportamentos infantis (identificação, desenvolvimento cognitivo, da consciência e disposições motivacionais. Ver Piaget (1978) op.cit

⁴⁵ Durkheim (1949) foi um dos primeiros teóricos da socialização, entendida como o processo de inculcação dos valores fundamentais da sociedade nos indivíduos mais jovens. Por meio da educação, a criança é orientada a uma determinada visão das coisas, de forma durável e para toda a vida. Bourdieu (1980) vai retomar essa noção, definindo *habitus* como sistemas de disposições duráveis e transponíveis que atuam como princípios geradores e organizadores das práticas e representações sociais. O processo de socialização é um processo de incorporação de *habitus* dentro de um processo biográfico, portanto, de incorporação das disposições sociais vindas da família, da classe de origem e do conjunto de sistemas com os quais o indivíduo se relacionou durante sua vida.

que não há intenção de “prender” a realidade à teoria. Ao contrário, a teoria será utilizada para buscar explicar a realidade encontrada. Assim, as idéias que aparecem a seguir em relação ao processo de socialização, com referência à família, à escola e ao trabalho, bem como à noção de crise identitária, fazem parte de um arsenal de subsídios teóricos necessários para a colocação dos problemas propostos. Os capítulos seguintes têm seu foco na análise das entrevistas, partindo de alguns pressupostos teóricos que serão examinados, fazendo com que o empírico esteja em constante diálogo com o escopo teórico escolhido.

Importa destacar, primeiramente, que a concepção de socialização trabalhada aqui não será a cultural funcionalista, que reduz a socialização a um esquema de condicionamento e interiorização de valores e normas de um grupo, assimilados mecânica e inconscientemente pela criança. Para a compreensão dos jovens e das relações que estabelecem nas diversas esferas, apóio-me em Dubar (2000 a), que entende a socialização como um processo de interação em que o indivíduo aprende a se fazer reconhecido pelos outros no interior das relações sociais, devendo também buscar alcançar melhores *performances* de si mesmo, a partir do desenvolvimento de estruturas cognitivas. Trata-se de pensar teoricamente a socialização como resultado tanto do reconhecimento de si pelos outros quanto do auto-aprimoramento, que é efeito das escolhas que os indivíduos fazem ao longo de sua vida, transformando-se continuamente⁴⁶.

Dentro dessa linha de pensamento, acredita-se que, dependendo das relações que as crianças estabelecerem não apenas com a família e a escola, mas também com os adultos que asseguram sua socialização, é que os saberes de base, necessários para a posse subjetiva do mundo e de si, segundo a consolidação de papéis sociais pré-definidos, serão mais ou menos incorporados e, posteriormente re-significados em função do auto-aprimoramento dos indivíduos.

⁴⁶ Esse processo de transformação contínua inicia-se, como propõem Berger & Luckmann (1974), com a vivência familiar, primeira esfera em que a criança estabelece o contato com o outro. Esse momento, nos dizeres desses autores, refere-se à socialização primária, que diz respeito à imersão dos indivíduos no “mundo vivido”, no “universo simbólico e cultural”. A criança absorve o mundo social no qual vive como o único mundo existente. A socialização primária consiste então na incorporação, por meio da linguagem falada e escrita, dos “saberes de base” desse mundo objetivo. Família e escola são as duas instâncias essencialmente responsáveis pelo processo de socialização primária. Esses dois universos, “campos semânticos”, permitem a construção e a antecipação das condutas sociais dos indivíduos jovens. A escola assegura a legitimação de determinados saberes sociais em detrimento de outros.

Na socialização primária⁴⁷, diferentes adultos “socializadores” possuem diferentes saberes. Os resultados e a compreensão dos mecanismos de socialização primária dependerão das relações estabelecidas entre esses agentes e as crianças.

No ambiente familiar, a preparação para o trabalho é um dos componentes fundamentais da socialização⁴⁸. O trabalho tem um valor moral para as famílias de baixa renda (Sarti: 1996), referindo-se, não apenas a um meio legítimo de ganhar a vida, mas, sobretudo, à afirmação positiva de si na estruturação das identidades, dada, também, pela participação dos indivíduos nos universos sociais vividos⁴⁹.

Contudo, um dos pontos importantes a destacar, que faz parte da compreensão em torno do processo de socialização definido por Dubar, é que os mundos sociais da infância e os mundos especializados não podem ser considerados funcionalmente integrados. Eles possuem uma autonomia crescente, contribuindo para a construção de mundos diferenciados em torno de saberes cada vez mais dissociados. Família e escola, principalmente, entram em interação com aparelhos de socialização secundária, empresas, profissões, podendo provocar crises dos diversos saberes e das identidades⁵⁰.

A crise das identidades referida por Dubar (2000a) diz respeito à ruptura dos laços comunitários⁵¹, correlativa à expansão do mercado mundial e de todas as suas

⁴⁷ Berger & Luckmann trabalham com os conceitos de socialização primária e secundária. A última refere-se à interiorização de “submundos institucionais especializados” e, ao mesmo tempo, à aquisição de saberes específicos e também de papéis que estão direta ou indiretamente relacionados à divisão do trabalho. Trata-se da incorporação de determinados saberes especializados, saberes profissionais, definidos por um determinado universo simbólico. Diferente dos saberes de base da socialização primária, os saberes especializados da socialização secundária são definidos em torno de campos especializados de atividades. A forma como os autores abordam o tema, na discussão sobre a “construção social da realidade”, permite pensar o processo de socialização segundo perspectiva que incorpora a idéia de mudança social e não apenas de reprodução da ordem dada.

⁴⁸ Colbari (1995) destaca a família como um universo moral que contribui para a consolidação de atitudes favoráveis ao trabalho, estimulando a moral do esforço e do êxito.

⁴⁹ Essa idéia pôde ser constatada na pesquisa de mestrado. Cf. Oliveira (2001), op.cit.

⁵⁰ O movimento das sociedades modernas tem conduzido os indivíduos menos a um tipo de individualidade única e estereotipada, e mais a uma forte diferenciação das identidades, “segundo todas as combinações possíveis entre lógicas de atividade, formas de poder e níveis culturais” (Dubar: 2000b: 95). A relativa autonomia dos diversos campos, continua o autor, e a não coincidência das posições dos indivíduos nesses campos diversos, “fazem crescer ainda mais essa diferenciação das identidades.” Não apenas com relação ao trabalho, à empresa, mas de um modo geral, nosso tempo caracteriza-se pela diversidade de identidades e pelas mudanças de identidade ao longo do tempo (Dubar: 2000b). A questão da crise identitária, no momento contemporâneo, é objeto de preocupação de Dubar (2000b), assim como a análise do processo de socialização a ela relacionada. (idem: 2000a).

⁵¹ Segundo o autor, vivemos um momento de conversão identitária que vai do comunitário ao societário. Trata-se de uma conversão voluntária, feita pelos indivíduos, a partir de suas escolhas, em detrimento das formas identitárias herdadas (no sentido da comunidade). Essas escolhas têm como contexto histórico o

conseqüências negativas, como o desemprego em massa, as irregularidades crescentes, entre outros, não acompanhadas de uma estruturação da sociedade que permita aos indivíduos negociar a sua conversão. Essa conversão implica um novo uso de si, uma reflexão sobre si mesmo em relação aos outros.

No plano profissional, ela refere-se ao abandono de uma relação regular, marcada pela temporalidade baseada na carreira e em um emprego estável, reprodutor da geração anterior. Assim, novas relações profissionais serão baseadas em tensões, dramas, mas também em criatividade e iniciativas, inseparáveis da participação em grupos e redes, manifestando, em maior ou menor grau, o engajamento dos indivíduos em projetos baseados em convicções⁵², certos e incertos.

Uma nova configuração de si, diferente da pertença hereditária, marca a passagem da trajetória estável para a instabilidade e incerteza do mundo societário contemporâneo, relacionando-se a uma nova dinâmica identitária, que modifica a relação com os outros e consigo, a relação com o passado e com o futuro. É o social estruturando-se de maneira societária, de que fazem parte a esfera do trabalho e os outros campos da vida dos indivíduos, inseparáveis também da instância simbólica. Essa transição é longa e incerta, modificando as relações intra e entre gerações, bem como as trajetórias profissionais, individuais, e o seu sentido.

Concomitantemente a esse momento de diferenciação das identidades, na relação com o outro, o indivíduo vai construindo um si mesmo, segundo um processo dinâmico. O processo de socialização⁵³ abarca, portanto, um duplo movimento pelo qual os indivíduos

mundo moderno, capitalista. As relações que se desenvolvem entre os indivíduos, nas diversas esferas da vida, são de caráter societário, tendo como características o fato de serem ou poderem ser temporárias e construídas como resultado da vontade do indivíduo de se unir a determinadas coletividades. Outra característica liga-se à instabilidade das relações e das identificações, em contraposição à estabilidade e segurança nas identificações comunitárias, dadas pela cultura, pela profissão definida ou por uma determinada especialidade. As identidades, agora em crise, instáveis, incertas, estão centradas nas construções individuais de si mesmo, construções essas que são provisórias e subjetivamente significantes, dizendo respeito não só à vida profissional, pelas relações com a empresa, com a equipe de trabalho, como também à vida privada, expressa pelas formas diversas de famílias e de modos de vida.

⁵² Essa questão é verificada em alguns depoimentos, aparecendo, especialmente, nos capítulos 4 e 5 deste trabalho.

⁵³ Para dar conta do processo de socialização, relacionado a uma dupla influência entre socializando e socializador, em que pesa a questão da diferenciação e conversão identitária, Dubar (2000a) recupera algumas noções que cercam sua melhor compreensão, dentre as quais estão: em Piaget, a questão dos mecanismos de aprendizagem na infância; em Habermas, a problemática da relação dialética entre trabalho e interação, ou melhor, entre a dinâmica das atividades instrumentais e a natureza das atividades comunicacionais; em George Mead, a questão da construção de uma identidade social na e pela interação, com existência de

se apropriam subjetivamente do seu mundo social, identificando-se com os papéis, pela "absorção", a seu modo, do mundo social societário, mas filtrando-o, a sua maneira, "aos meios de atitudes particulares que ao mesmo tempo definem suas relações específicas em relação aos outros e selecionam certos papéis mais que outros." (Dubar: 2000a: 97).

Nesse sentido, há transformação da identidade, ligada à reinterpretação da biografia anterior. Berger & Luckmann apontam que essa ruptura acontece em dois tipos diferentes de situações: a primeira refere-se à reconstrução identitária, significando a elaboração de uma identidade mais satisfatória ou mais consistente, possibilitada pela socialização secundária. Uma segunda situação diz respeito ao fato de que as identidades anteriores são consideradas "problemáticas" e, nesses casos, as identificações primárias se tornam frágeis ou até inexistentes. Todavia, a ruptura com a socialização primária não está relacionada aos insucessos nessa socialização, mas às pressões exercidas sobre os indivíduos para que modifiquem suas identidades, a fim de torná-las compatíveis com as mudanças em curso no universo do trabalho e dos saberes específicos, as quais também se relacionam às novas competências⁵⁴ exigidas, em especial, nos trabalhos regulares⁵⁵.

No caso dos adolescentes, ainda que possam não ter tido experiências regulares na esfera do trabalho, capazes de ir sedimentando e re-estruturando suas identidades como trabalhadores, os próprios "desalinhamentos", as entradas e saídas do mercado, as discontinuidades, as atividades diversas e, muitas vezes, desconexas, também por vezes precárias, as constantes experimentações e as pausas constituem o começo e o "fazer" de

adaptação recíproca, em especial na comunidade; em Luckmann e Berger, a socialização primária e a secundária; e, em Weber, os quatro tipos de ação e a importância do ator social como fato principal da socialização, na relação comunitária e na relação societária. Esses autores trabalham com a noção de socialização, segundo perspectivas e problemáticas próprias, mas complementares. Aquela é pensada como um processo complexo em que pesam, como determinantes, tanto o socializador quanto o socializando, uma vez que o comportamento social passa a ser considerado como uma reação significativa ao gesto do outro, fruto da participação ativa dos sujeitos, por meio da comunicação, da interação, o que possibilita os processos de transformação, auto-aperfeiçoamento, e mesmo de existência de seu espaço social (comunidade e/ou sociedade).

⁵⁴ São vários os aspectos envolvidos no desenvolvimento dessas novas competências, que se contrapõem às habilidades manuais. De uma forma geral, relacionam-se às habilidades cognitivas e comportamentais, compreendidas em três grandes grupos: capacidade de abstração, decisão e comunicação, conhecimento teórico e prático, e qualidades que se relacionam à responsabilidade, atenção e interesse pelo trabalho. (Bernardes: 1994)

⁵⁵ As transformações que vêm ocorrendo no universo do trabalho atingem a todos de forma global, salvo algumas especificidades de cada país. No entanto, algumas tendências se universalizam, como as referentes à exigência de um novo perfil de trabalhador, em especial para os trabalhos regulares. Assim, as "exigências em matéria de formação e de experiência profissional aumentaram como resultados de novos requisitos de contratação pelos empregadores" (Pochmann: 1998: 22)

sua história, de sua trajetória como trabalhadores inseridos, ainda que de forma periférica, nessas relações societárias, marcadas pela instabilidade. Suas experiências e o que têm a dizer, assim como a forma como falam e o que não falam do que viveram, podem nos revelar muito sobre esses indivíduos.

Ao mesmo tempo, as experiências paterna e/ou materna na esfera do trabalho podem, como veremos, iluminar, se não a trajetória, a maneira como os adolescentes lidam com suas experiências. Assim, por exemplo, os pais que começaram a trabalhar cedo podem, a partir de um processo de "naturalização", desenvolver a idéia de que os filhos devam começar a trabalhar cedo para auxiliarem em casa⁵⁶. Isso não significa dizer que conflitos⁵⁷ estejam ausentes nas relações que se estabelecem e nas orientações ou determinações dos pais aos seus filhos, como também foi verificado nesta pesquisa. Antes, as experiências profissionais e também pessoais dos jovens estão ligadas a outras experiências, de outras vidas (seus pais e parentes, por exemplo) que funcionam como referência, não necessariamente a ser seguida.

Os jovens vivenciam suas próprias experiências, podendo referir-se às experiências dos pais, carregadas de outros referenciais, de outras relações com o universo do trabalho, uma vez que, em geral, diferentemente dos jovens, os adultos estabeleceram, ao longo de suas trajetórias, relações que sedimentaram suas identidades e a percepção da ocupação de espaço por meio da relação com o trabalho (Demazière: 1995). Essas experiências, aliadas às referências familiares, constituem o estoque de conhecimentos à mão (Schutz:1979), que servem como códigos para a interpretação da experiência atual - como o trabalho na empresa -, bem como para as antecipações e expectativas em relação ao futuro, ainda que, contemporaneamente, esse tempo venha marcado pela incerteza e imprevisibilidade, cabendo sua construção às ações dos sujeitos⁵⁸.

⁵⁶ A respeito de estudos referentes ao trabalho dos filhos das famílias das camadas populares, ver: Sarti (1996) e Gomes (1997).

⁵⁷ Os conflitos existentes no interior da família são assinalados por Sarti (2001), que destaca a presença do jovem como o indivíduo que traz o novo, a partir das experiências e referências de outras esferas, fazendo com que as relações familiares sejam repensadas constantemente, "perturbadas" pelo conflito de gerações que não necessariamente representa o destrutivo mas, antes, a permanente re-elaboração e redefinição das noções de família, de si mesmo nas relações com os outros e dos significados das experiências vividas, a partir, também, das diversas mensagens vindas de fora.

⁵⁸ Contemporaneamente, os indivíduos devem ser responsáveis por suas escolhas e filiações. Embora sejam subjetivas e voluntárias, não são por isso menos tensas. Tais escolhas implicam uma identificação de si, apoiada e tornada possível pela existência dos outros. Esses coletivos societários assumem a forma de redes

No caso dos indivíduos das camadas populares, o que desejam alcançar e obter entra em jogo com o que é possível, fruto de experiências passadas, aliadas ao presente e às expectativas futuras que são apontadas nos depoimentos.

A descoberta dos processos de socialização em que os jovens estão envolvidos requer a recuperação das trajetórias e das experiências anteriores, que sinalizam, também pela maneira como eles as contam, a importância dos agentes envolvidos e a forma como as experiências no e para o trabalho do ontem se relacionam às experiências do hoje e da construção de projetos futuros. Grande parte das vezes, os projetos individuais dos adolescentes têm o apoio da família, evidenciado no desejo e no esforço da continuação dos estudos visando melhores níveis de vida para todo o grupo.

Ao pedir que os jovens e seus pais falassem sobre suas experiências de vida e trajetórias profissionais - tipos de trabalho, duração, rendimentos, escolhas, abandonos, dificuldades, prazeres etc -, mereceram destaque, assim como as trajetórias escolares, as relações familiares e de sociabilidade e os projetos futuros.

Nesse momento do trabalho de campo - entrevistas individualizadas -, um dos propósitos foi capturar a dinâmica dos processos de socialização dos adolescentes no e para o trabalho, bem como a constituição deles enquanto trabalhadores, suas identidades, aliada às visões de mundo, recuperando suas relações e participações em dois importantes espaços de socialização - a empresa e a família - e, ao mesmo tempo, destacando os indivíduos que delas faziam parte. Para tanto, houve necessidade de um dedicado trabalho interpretativo, a partir da análise dos depoimentos⁵⁹ e do que estava por trás ou do que não se revelava pela fala. Em outros termos, tratou-se de "ler nas entrelinhas", decompondo o discurso e percebendo o que estava por trás do dito e do não dito pois, como observa Pais (2001: 99), "muitas vezes, as palavras mascaram as coisas, não as deixando revelar-se, fazendo-lhes sombra".

sociais, as quais são pautadas em reconhecimento, auxílio mútuo e valores compartilhados, ainda que não definitivos. Dubar (2000 b).

⁵⁹ Os depoimentos foram gravados e transcritos, possibilitando um estudo mais cuidadoso do material, do conteúdo, dos relatos e da forma com que foram contados (entonações, repetições, gírias e termos específicos), possibilitando-me, também, a revelação de um sistema de valores e dos espaços culturais de estruturação das identidades dos jovens, tendo em vista que, como diz Pais (2001: 121), as falas (conteúdo e forma) e os gestos carregam as "marcas coletivas que incluem a família, os grupos de amigos, etc".

Nesse sentido, as entonações, as ênfases, as dúvidas, as pausas, as redundâncias e os silêncios⁶⁰ foram tão ou mais importantes que os relatos para a revelação de pontos de vista construídos mediante processos de socialização, valores e representações, determinados pelas pertenças coletivas (sociais e culturais) dos jovens ao longo de suas trajetórias de vida.

Apesar de estar me detendo em jovens oriundos de famílias de baixa renda, que vivenciam experiências comuns de privações, de proximidade com a violência nos locais onde moram, de freqüência, no geral, a colégios caracterizados pelo despreparo dos professores e pela falta de infra-estrutura e pela necessidade de trabalhar para, dentre outros motivos, auxiliar a família, não há a crença, nem tampouco a constatação de que eles tenham sido socializados da mesma forma. Contribuem para a diversificação dos processos, como veremos, as relações estabelecidas no interior da família (especialmente entre pais e filhos), no espaço escolar e no ambiente de trabalho.

No que se refere especificamente ao processo de socialização no espaço da empresa, a idéia era pensar nas relações estabelecidas entre os jovens e os outros trabalhadores, incluindo a chefia e os demais funcionários. Interessava perceber como os adolescentes apreendem, a seu modo, todo o conjunto de determinações relativos à sua participação no Programa, a partir dos processos de interação com a coletividade da organização, da apropriação dos papéis a desempenhar (de trabalhador, de adolescente assistido, de estudante, de garota, de rapaz), da reconstrução e re-significação criativa dos modos de vivenciá-los no espaço da instituição, que vão configurando um modo de ser, mais ou menos próximo do que é esperado do jovem. Nesse processo de interação e apropriação singular, a partir do que ele filtra daquilo que lhe é passado para sua formação como trabalhador e como indivíduo, o adolescente vai se fazendo reconhecer, ao mesmo tempo que, continuamente, se auto aperfeiçoa.

Nesse processo, o intuito da investigação não esteve apenas restrito à apreensão das percepções dos adolescentes e menos ainda, ao ponto de vista da empresa, segundo seu olhar sobre o trabalhador.

⁶⁰ Elias (1990) e Magnani (1998) são dois autores que também destacam a importância da atenção do pesquisador a todos os gestos e movimentos que envolvem a fala do depoente, especialmente as pausas e os silêncios.

O objetivo das observações feitas no espaço da empresa - com destaque para o trabalho dos jovens e as atividades das quais participavam, como as palestras-, era perceber o indivíduo adolescente, o "novato", nesse processo. Perceber o movimento existente entre as expectativas, olhares e ações da empresa com relação aos jovens, com as respectivas expectativas e olhares deles, sobre si e sobre a empresa. As estratégias de socialização organizacional utilizadas pela empresa (Fleury: 1996), como as palestras com os jovens, a ambientação, o treinamento e os aconselhamentos, não eram tão importantes para a pesquisa, em si mesmas, mas, antes, atuaram como "portas de entrada" para a compreensão da forma como os adolescentes eram inseridos e como percebiam essa inserção no espaço do trabalho, nos valores, na filosofia da empresa e na vida organizacional.

A observação das atividades, a participação nas palestras e o acompanhamento da rotina da empresa e do trabalho dos jovens constituíram importante etapa do trabalho de campo. O intuito era buscar compreender a relação dos jovens com esse espaço, as condições que lhes eram oferecidas, seu interesse e motivação bem como o conteúdo das palestras, a maneira como reagiam a elas, como se viam e como eram vistos dentro do universo de trabalho. Todavia, com o término do programa e o encerramento das atividades com os adolescentes assistidos, que já estavam saindo da empresa, essa etapa não foi contemplada. Essa questão será recuperada mais adiante neste capítulo.

1.6. A impossibilidade de uma etapa prevista

As entrevistas individuais com os adolescentes e suas famílias fizeram parte de uma etapa programada para ter início no primeiro semestre de 2004. Nesse período, seriam entrevistados os que já haviam saído do programa *Adolescente Assistido*. Ao mesmo tempo, a entrada de outros jovens na empresa estaria sendo acompanhada. O trabalho de campo abarcaria, assim, a totalidade de situações relativas ao trabalho, no que se refere ao tempo de permanência no programa, às expectativas, aos olhares, às experiências, aos valores e às percepções dos adolescentes, bem como dos empregadores.

Até o final do ano de 2003, estive realizando os últimos acertos para dar início ao acompanhamento do trabalho dos adolescentes na empresa, com a observação participante das atividades dos jovens. Aguardava a permissão formal de alguns dos departamentos que

tinham adolescentes contratados, para acompanhar a sua rotina, por alguns dias. Selecionei departamentos da área administrativa e da área operacional. Por intermédio de uma funcionária, os setores e unidades seriam contactados. Todavia, não obtive respostas dos vários telefonemas e das promessas de obtenção da permissão.

Interessava-me apreender elementos que não são, necessariamente, declarados nos discursos oficiais da instituição, bem como dos adolescentes. Esses elementos, em especial, as atitudes, as estratégias de sobrevivência na empresa e as condições de trabalho, são mais bem apreendidos pela observação direta, capaz de contrapor, à realidade vivida, os “elementos menos concretos do comportamento” (Fleury: 1985), como opiniões, valores e expectativas, expressos nas falas, que somente uma pesquisa empírica pode detectar.

Tratava-se de realizar um “mergulho” na cultura organizacional e nas suas especificidades⁶¹, suas práticas e concepções, nas e das relações de trabalho, também ao nível simbólico das representações, buscando a compreensão dos processos de socialização dos adolescentes dentro da instituição, tendo em vista que ele é resultado desse conjunto de elementos em que pesam as relações estabelecidas, suas práticas e concepções. Nisso estava também visando compreender o movimento de afastamento e/ ou aproximação dos adolescentes das práticas e valores da organização, na apreensão da sua realidade vivida, na constituição de si mesmo e na atribuição de significados ao que os cerca. Todavia, não foi possível acompanhar a rotina de trabalho dos jovens, em virtude da ausência de respostas dos departamentos, que formalizariam a autorização para essa atividade. De qualquer modo, uma das justificativas para isso esteve relacionada ao reduzido número de adolescentes que ainda permaneciam na empresa, bem como sua dispersão nos diversos departamentos da instituição, nas suas várias localidades – Vila Leopoldina, região de Santo André, Mooca e Vila Maria. Esses fatos, aliados à aproximação do término do contrato de trabalho desses jovens e ao “congelamento” de novas contratações, em razão da reestruturação do programa, fizeram com que o assunto – adolescentes assistidos – perdesse sua força dentro da empresa como tema de relevância e atenção, daí a dificuldade de retorno dos telefonemas visando a autorização formal do acompanhamento das atividades de trabalho dos jovens.

⁶¹ Como observa Cândido (1971), o sociólogo deve buscar o pormenor na pesquisa qualitativa, buscando o que tem de próprio e singular, os “detalhes significativos” que abarcam seu objeto de estudo.

Restava, então, dar início às entrevistas individualizadas com os adolescentes que participaram do programa e com seus pais. Entrevistá-los fora da empresa era uma etapa bastante importante. Ao pensar nas questões relacionadas ao trabalho, outras esferas se mostravam fundamentais, funcionando como contraponto das referências advindas da empresa. Assim, ainda que estivesse com a atenção voltada para os adolescentes assistidos pelos Correios, cujos papéis eram mais ou menos claros e definidos dentro das relações de trabalho, tinha certo que esses papéis e os elementos valorativos que os envolviam não bastavam para explicar suas ações e expectativas individuais, tendo em vista que suas ações e representações partem dos vários elementos “de sua vida social e da multiplicidade das orientações que consigo trazem” (Dubet: 1994:16).

Nesse sentido, outras esferas, como a família, a escola, os espaços de sociabilidade, as experiências vividas, que podem produzir um certo distanciamento das orientações na e da empresa, segundo uma espécie de “defeito de socialização” (idem), também deveriam ser inseridas na análise. Ao mesmo tempo, valores e papéis aos quais os indivíduos aderiram ou foram reapropriados por eles resultaram da existência de uma coerência interna anterior. Por esse motivo, justificava-se a necessidade de entrevistar os adolescentes fora do espaço do local de trabalho, apreendendo outras esferas de socialização e de significação existentes em sua vida, no universo da pluralidade de suas experiências.

1.7 A saída da empresa: o início das entrevistas individualizadas e a busca por novas informações

No final de 2003 e no início de 2004, foram sendo restabelecidos os contatos com os adolescentes que tinham participado das reuniões de grupo focal, tendo sido priorizados aqueles que mais se destacaram em seus depoimentos. Ao mesmo tempo, as entrevistas semi-estruturadas⁶² foram sendo agendadas⁶³. As primeiras entrevistas foram feitas com

⁶² As entrevistas semi estruturadas ou com roteiro são aquelas em que o pesquisador pode efetuar intervenções quando lhe parecer necessário, no intuito de trazer o informante para os assuntos que deseja investigar. A esse respeito ver Queiroz (1983) op. cit.

⁶³ Nesse período, estive também com a atenção voltada para a análise das transcrições das reuniões de grupo focal, que resultaram em um grande volume de material, ainda não totalmente esgotado.

três jovens participantes do programa dos Correios e seus pais⁶⁴, totalizando seis pessoas⁶⁵. Essas entrevistas foram feitas em Itapevi, Barueri e Vila Jaguara.

Outras entrevistas agendadas nesse período não puderam ser realizadas em virtude da indisponibilidade dos depoentes. Foram vários os telefonemas e tentativas de negociação de horários e locais alternativos, na intenção de, por um lado, facilitar a situação para o entrevistado e, por outro, não “perder” o depoente. Todavia, apesar de todos terem concordado com os encontros, as opções de lazer que emergiram interpuseram-se no caminho, aparecendo como uma opção e, finalmente, a melhor escolha naquele momento.

Ainda que certa frustração pelas entrevistas desmarcadas com pouca antecedência⁶⁶ tenha acompanhado o percurso de campo nesse semestre, mais que no anterior, dividi esse sentimento com outras sensações, como a compreensão da disponibilidade de um tempo exíguo para o lazer na vida dessas pessoas, que também ocorre nos finais de semana, e a confirmação de que o trabalho de construção empírica, na relação com o entrevistado e com o seu universo, é algo negociado com o próprio campo, que vai nos mostrando suas possibilidades e seus limites.

Nesse sentido, a forma como é administrado o “desmarcar” de uma dada entrevista pode significar o reforço dos “laços” que unem o entrevistador ao entrevistado. Felizmente, foi o que aconteceu. Ainda que tenha “perdido” entrevistas que já poderiam ter sido realizadas naquele período, “ganhei” o compromisso do entrevistado quanto à sua participação neste trabalho. Isso foi percebido pela demonstração de boa vontade e esforço dos “futuros” depoentes em negociar novos dias para a realização das entrevistas.

Normalmente, as entrevistas eram marcadas para os finais de semana. Apenas duas delas ocorreram em dias úteis, sendo que uma – em Itapevi - precisou ser realizada no período noturno, porque a jovem –Luiza – também trabalhava nos finais de semana.

Foi necessário estar atenta e sensível às disponibilidades de tempo dos entrevistados, deixando, tanto quanto possível, que eles me “conduzissem” às opções que lhes pareciam mais adequadas, para que crescessem as possibilidades de que a entrevista

⁶⁴ Seguem anexos os roteiros de entrevista. Por estar trabalhando com entrevistas semi-estruturadas, eles auxiliaram-me apenas na orientação sobre alguns pontos específicos. Conforme ia transcorrendo cada entrevista, outras questões eram formuladas.

⁶⁵ A análise dessas entrevistas, assim como a apresentação dos indivíduos comporão os próximos capítulos.

⁶⁶ Com frequência, os entrevistados desmarcaram a entrevista no dia em que ela seria realizada, mesmo quando já a haviam confirmado no dia anterior.

fosse bem feita. É claro que foi preciso haver negociação, pois se tratava de uma relação em que os dois lados contavam. A troca⁶⁷ envolveu a questão do tempo. Esse tempo cronológico, possível de ser negociado entre os agentes da relação, é subjetivamente significado por cada um, sendo sempre muito importante e mais “largo” para o entrevistador, que deseja essa entrevista a fim de realizar sua pesquisa. Para o entrevistado, esse momento é visto, muitas vezes, como um tempo que, em sua vida, se sobrepõe a outros e, nesse sentido, é considerado menos importante para ele.

A percepção da “importância” ou relevância da entrevista para o entrevistado foi, quase sempre, demonstrada após a conversa, quando as pessoas comentavam seu gosto por ter participado e discutido os assuntos propostos, colocando-se sempre à disposição para quaisquer outras informações necessárias e, ao mesmo tempo, procurando manter laços de amizade com a entrevistadora, dizendo “volte outras vezes” ou “venha nos visitar”.

Como percebe Magnani (1998), o fundamental é falar, sentir-se ouvido e reconhecido como alguém que pertence a um determinado “pedaço”. Ao mesmo tempo, não se trata apenas de ser ouvido e de perceber que a fala traz em si a oportunidade de ver e rever escolhas feitas, assim como valores professados, mas também de transformar a relação entrevistador-entrevistado, re-significando-a, trazendo-a para seu universo, “quebrando o gelo” do possível distanciamento anterior. Conhecer parte da história da vida do depoente, de sua visão de mundo, das experiências de trabalho, das relações familiares e escolares, e dos projetos futuros, na percepção dessas pessoas, autorizava a existência de certa aproximação entre entrevistadora e entrevistado (a), daí o convite que faziam para que eu voltasse à sua casa.

A casa foi o local escolhido para as entrevistas. Para poder conversar com o jovem e com seus pais, foram necessárias, no mínimo, duas visitas. Nem sempre foi possível marcar os encontros em datas próximas uns dos outros, em virtude dos compromissos de trabalho que cada um assumia em seu cotidiano.

No momento contemporâneo, o trabalho tem definido os outros tempos da vida dos indivíduos (Bajoit & Franssen: 1997; Evelyn: 1998), muitas vezes imprimindo ritmos diferentes aos membros de uma mesma família. Nas entrevistas, também percebi que estava

⁶⁷ Apoio-me em Sarti (1996) que entende que a relação entre entrevistador e entrevistado é sempre uma relação de troca.

competindo com outros tempos que precisavam ser vividos, como os do lazer, do descanso, da escola e da convivência em família, havendo a necessidade da negociação constante.

Juntamente com essas entrevistas, realizei nesse período o agendamento e a entrevista⁶⁸ com um dos funcionários da Empresa de Correios e Telégrafos, ex-adolescente de um programa anterior – *Menor Carente* -, similar ao que estava estudando. Experiências passadas, dificuldades e alegrias vividas, a inevitável comparação com o que estava ocorrendo na empresa, naquele momento, bem como a revelação de expectativas e projetos futuros, em relação ao trabalho, à escola, à família e à própria vida: de modo geral, foram esses os temas destacados pela jovem que hoje é funcionária da empresa, mas que também já passou pela experiência do trabalho monitorado.

Essa entrevista representou um importante passo na compreensão de como o programa se tem desenvolvido, possibilitando também a apreensão de um outro olhar, marcado por certo distanciamento em relação ao programa atual e, ao mesmo tempo, pela aproximação com a realidade dos adolescentes de baixa renda, expressos por quem já pertenceu a esse universo e dele não se afastou por completo.

Tendo em vista a finalização das contratações em virtude da reestruturação do programa voltado para os adolescentes de baixa renda⁶⁹, era necessário tomar conhecimento de como estava sendo desenrolado esse processo, bem como das possibilidades de ainda acompanhar as novas contratações, a entrada de novos adolescentes da empresa, recuperando um dos propósitos iniciais da pesquisa. Nesse sentido, foi agendada uma entrevista, em Brasília, com a gestora e coordenadora geral do programa para adolescentes⁷⁰.

A idéia era obter informações mais precisas a respeito desse processo de reestruturação, também por meio de documentos⁷¹, avaliando, em termos do conteúdo ideológico, quais novidades as mudanças realizadas apresentavam, recuperando também a história dos outros programas voltados para os adolescentes de baixa renda, para que pudesse entender como esses indivíduos têm sido vistos e o que tem sido feito a respeito.

⁶⁸ Segue anexo o roteiro de entrevista.

⁶⁹ O capítulo seguinte traz informações sobre o Programa Adolescente Assistido, alvo desta pesquisa.

⁷⁰ Segue anexo o roteiro de entrevista.

⁷¹ Uma parte dessa documentação, como o relatório interno da nova formatação do programa, foi copiado manualmente. Outra parte, referente a programas anteriores, como o antigo *Menor Carente*, que antecedeu o programa *Adolescente Assistido*, pôde ser xerocado.

A entrevista possibilitou a compreensão desses aspectos bem como a obtenção da informação de que o programa estava pronto para ser implementado. Faltava o fechamento de algumas questões burocráticas, envolvendo também a decisão de quais organizações assumiriam o encargo da contratação e encaminhamento dos adolescentes para os Correios.

Segundo informações obtidas com a entrevistada, esses acertos estavam sendo finalizados, na intenção de que as novas contratações acontecessem no início de 2005. Para o programa seguinte – *Cidadania em ação – Programa de aprendizagem para o adolescente* – já tinham sido confeccionados cartazes, novas camisetas e folhetos que seriam distribuídos entre os funcionários com o intuito de sensibilizá-los e também motivar a criação de um ambiente favorável para a recepção desses jovens na empresa. Um dos pontos destacados pela entrevistada foi a afirmação de que, em programas anteriores, esteve ausente uma preparação adequada dos funcionários para a recepção dos adolescentes. Tratava-se, agora, segundo a depoente, de promover sua melhor integração, realçando o aspecto da aprendizagem e da educação.

Visando o cumprimento de determinações federais, como a publicação da lei 10.097/200, que modificou artigos da CLT, o programa *adolescente assistido* precisou ser alterado. A necessidade de reestruturá-lo esteve atrelada às novas exigências normativas, especificamente expressas no artigo 429, que dispõe que os estabelecimentos de qualquer natureza devem empregar e matricular, em cursos de aprendizagem, um número de aprendizes equivalente a 5%, no mínimo, e 15 %, no máximo, dos trabalhadores existentes, cujas funções demandem a formação profissional.

O contexto de aprendizagem previsto na legislação, incluindo certificado aos participantes, trouxe alterações ao conteúdo do novo programa, com base no exemplo de trabalhos já realizados pelo Banco do Brasil e pela Caixa Econômica Federal, envolvendo adolescentes de baixa renda.

Partindo da necessidade de adequação do programa à nova legislação, algumas alterações foram realizadas. Uma delas referiu-se à circunscrição dos jovens aos trabalhos da área administrativa, portanto, a proibição de realização de serviços no setor operacional, visando uniformizar o programa em âmbito nacional e resguardando os interesses da empresa em relação a eventuais questionamentos judiciais trabalhistas. Esse ponto está

literalmente colocado no relatório do novo programa, tendo sido também mencionado na entrevista em Brasília e comentado por uma funcionária em São Paulo.

Assim, a questão colocada era menos a preocupação com a integridade física do jovem, ainda que isso esteja implícito, mas, antes de tudo, a prevenção contra processos de fiscalização, que já haviam ocorrido.

Outra alteração dizia respeito à participação dos adolescentes nos ciclos de palestras - na instituição ou em outro local a ser definido -, ministrados aos sábados, durante os vinte e quatro meses de aprendizagem. Essas palestras abordariam os seguintes assuntos: direitos do adolescente, do trabalhador, do homem e do portador de necessidades especiais, prevenção do uso de drogas, educação sexual, marketing pessoal, convivência comunitária, saúde ocupacional, prevenção de doenças, desenvolvimento social/emocional, integração família/empresa, orientação vocacional/ profissional, empregabilidade, cidadania e reforço escolar. A carga mínima obrigatória seria de 250 horas.

Essas palestras deveriam fazer parte da terceira etapa do treinamento teórico – prático, da qual constam vinte e sete módulos. Na primeira etapa, seriam apresentadas técnicas e, na segunda, práticas administrativas dos Correios. Também seriam introduzidos relatórios de atividade e avaliação, e definidas as pessoas indicadas para orientarem voluntariamente os adolescentes. A idade para ingresso no programa foi mantida: dezesseis anos, os jovens permanecendo na empresa até que completem os dezessete anos e dez meses.

A entrevista realizada em Brasília possibilitou o acesso a informações indisponíveis em São Paulo, com relação à implementação do novo programa, e a esperança de que fosse possível, ainda nesta investigação, acompanhar sua implementação, observando as atividades empreendida pelos novos adolescentes contratados.

1.8. A continuação das entrevistas individualizadas, a finalização do campo e a referência à reflexão metodológica

Enquanto aguardava a possibilidade de acompanhar os novos adolescentes contratados pelos Correios, prossegui com as entrevistas semi-estruturadas, com aqueles, que haviam participado do último programa destinado aos adolescentes de baixa renda, e

com seus pais. Essas entrevistas tiveram por finalidade complementar o material de campo recolhido até aquele momento, buscando atingir um número de saturação que correspondesse às expectativas em relação à compreensão das questões investigadas. Não havia a previsão de um número preciso; contava apenas com a percepção do momento em que a quantidade de encontros fosse suficiente para responder as questões que me instigaram na proposição do projeto de pesquisa.

Em virtude da impossibilidade de realizar a atividade proposta de início – o acompanhamento dos adolescentes recém contratados pela empresa, por ocasião da retomada do programa reestruturado -, tive de reavaliar metodologicamente o trabalho, para que não houvesse perdas na qualidade de seu conteúdo.

A reflexão metodológica foi uma das características deste trabalho de investigação⁷². Em todos os momentos, busquei refletir sobre os passos dados, os erros que deveriam ser consertados e a melhor maneira de enfrentar os caminhos que o próprio campo me foi ditando, dadas as limitações a que estive exposta; do mesmo modo, novas técnicas foram pensadas e utilizadas, para que pudesse abordar as questões que procurava responder. O campo também me possibilitou isso. Nesse sentido, situações externas à pesquisa e à vontade da pesquisadora foram colocadas, havendo a necessidade de seu enfrentamento e da procura por novos caminhos.

Uma dessas situações decorreu do não reinício do programa dos Correios. No projeto inicial pretendia desenvolver o trabalho de investigação com os adolescentes recém contratados pela empresa, acompanhando suas atividades de trabalho, bem como as palestras oferecidas e os módulos de cidadania, no primeiro semestre de 2004. Acompanharia a entrada desses jovens na empresa, suas expectativas, suas experiências anteriores de trabalho, seus valores em relação a essa esfera, sua percepção sobre a Empresa de Correios e Telégrafos e o programa, bem como a construção de projetos futuros, assim como busquei apreender esses e outros aspectos entre aqueles que estavam saindo.

⁷² A reflexão metodológica, assim como os comentários a respeito das técnicas utilizadas ao longo do trabalho de investigação, devem ser efetuados, como salienta Queiroz (1983), “por toda e qualquer pesquisa”, a fim de esclarecer os passos realizados, bem como as atitudes do pesquisador e dos informantes. Com relação ao aspecto metodológico, Thiollent (1985: 24) fala em *questionamentos* da obtenção de dados e das técnicas de pesquisa. Segundo o autor, o “questionamento da obtenção de dados engloba o questionamento das técnicas e dos pressupostos da prática sociológica e faz parte da atividade metodológica (...) que deve acompanhar o desenrolar de qualquer pesquisa científica.

Todavia, deparei-me com o que representou um dos constrangimentos do campo, havendo a necessidade de encontrar novas alternativas.

Em virtude do encerramento das contratações dos adolescentes no período em que a pesquisa estava ocorrendo, foi necessário rever metodologicamente a melhor maneira de continuá-la, dando conta da resolução da problemática envolvida. Para tanto, foram trazidos à discussão alguns dos depoimentos de indivíduos que permaneceram na empresa, após terem participado de programas destinados a adolescentes de baixos recursos. Assim, além da análise das falas e apreensões dos jovens que foram o “objeto” desta investigação, foram obtidos os testemunhos de informantes que trouxeram novas questões referentes à sua vivência, às expectativas e às preocupações com relação aos temas propostos para a discussão, uma vez que viveram situação semelhante, no que se refere à oportunidade do exercício de trabalho em uma ocupação regular, na adolescência, mostrando também distâncias e aproximações entre os programas nos quais participaram.

Também foram incluídas entrevistas com um número maior de funcionários que já tivessem experiência de participação em programas para adolescentes das camadas populares, no intuito de equipará-los quantitativamente com o dos jovens entrevistados. Busquei-os dentro da empresa, partindo do contato inicial com Diogo, um jovem de 25 anos, solteiro, ensino médio, que exerce a função de auxiliar de escritório na Arco (Associação Recreativa dos Correios -, setor localizado na Vila Leopoldina). Esse depoente foi me indicado por Rodrigo, um dos jovens participantes do último programa dos Correios. Por meio de informações obtidas dentro da empresa, cheguei a Victor (27 anos, solteiro, ensino médio, auxiliar de escritório), que me indicou Valdinei (27 anos, casado, ensino médio, auxiliar de escritório). A partir daí, trabalhei com o método de Rede Social⁷³, aliado às informações da Gerente de Recursos Humanos, que me forneceu outros nomes e locais onde poderia encontrar pessoas que já haviam trabalhado em programas anteriores. Por meio da Rede Social e das informações obtidas com a Gerente de Recursos Humanos, foi

⁷³ Trata-se de um método que visa localizar os entrevistados por meio de indicações fornecidas por eles próprios. Segundo Johnson (1997), Rede Social é definida como sendo um conjunto de relações capaz de ligar pessoas, posições sociais, grupos e organizações.

possível chegar aos seis depoentes que, dentro da empresa, estariam em dois setores: Postales⁷⁴ e Arco⁷⁵.

Um dos prováveis informantes já não trabalhava mais na empresa. Os outros me concederam a entrevista, depois de contatos prévios em que foram agendados data e local para o encontro.

Embora possuam carteira assinada e todos os benefícios a que têm direito, esses indivíduos não são concursados, estando, há sete anos, em média, na empresa, como auxiliares de escritório, no desempenho de diversas atividades voltadas para o serviço administrativo, com ênfase nos assuntos de aposentadoria ou de recreação, conforme o departamento em que trabalham⁷⁶.

Todos eles⁷⁷ apresentaram-me questões relativas à participação no programa e suas percepções, bem como assuntos que disseram respeito a outros pontos destacados por eles e levantados pelas minhas intervenções, tornando possível a obtenção de informações importantes para a pesquisa, mediante as respostas fornecidas, em si mesmas, e a possibilidade de comparação do material coletado com o que foi obtido com os jovens “objeto” desta investigação.

⁷⁴ Setor dos Correios responsável pelos assuntos referentes à aposentadoria dos funcionários. A finalidade desse setor é, segundo os entrevistados, suplementar os benefícios do INSS para os trabalhadores da empresa.

⁷⁵ A ARCO - Associação de Recreação dos Correios – é um departamento existente dentro da empresa, fundado e mantido pelos funcionários concursados, com o objetivo de organizar viagens, passeios e excursões para os trabalhadores.

⁷⁶ No Postales estão os seguintes informantes: Victor (27 anos, solteiro, ensino médio, auxiliar de escritório) e Valdinei (25 anos, casado, ensino médio, auxiliar de escritório). Na ARCO estão: Anderson (22 anos, casado, ensino médio, auxiliar de escritório), Amir (27 anos, solteiro, ensino médio, auxiliar de escritório) e Ana (21 anos, solteira, ensino médio, auxiliar de escritório, grávida, no momento da pesquisa). Com exceção de Ana, que estava esperando um bebê, os demais depoentes não têm filhos. Cabe lembrar que esses nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade dos depoentes.

⁷⁷ O capítulo 4 traz informações sobre esses indivíduos e suas entrevistas, bem como a análise dos depoimentos obtidos, com referência, especialmente, aos assuntos que dizem respeito às experiências e às apreensões sobre a participação nos programas para adolescentes de baixa renda, ao trabalho atual, aos projetos futuros, à relação com a escola e às percepções de si mesmo e dos adolescentes do último programa.

CAPÍTULO 2. CIDADANIA EM AÇÃO – PROGRAMA ADOLESCENTE ASSISTIDO

Este capítulo tem como proposta apresentar o programa Adolescente Assistido, destacando pontos referentes à maneira como a empresa, representada por uma funcionária⁷⁸, que fala em seu nome, pensa o jovem que nela trabalha. Trata-se de apreender, a partir dessa fala, as concepções e propostas do Programa, bem como a forma como o adolescente de baixa renda é visto, sinalizando representações desenvolvidas sobre sua condição social, que orientam a atuação da empresa.

Dentre os itens da entrevista apresentados para discussão estão: a apresentação do Programa e os motivos apontados para justificar sua reestruturação; as concepções sobre adolescência pobre e a referência aos riscos de entrada na marginalidade; a procura pelo Programa; a importância da frequência escolar; a relação escola- trabalho; a preparação para o trabalho e para a vida; a figura do adolescente trabalhador e do adolescente assistido; o facilitador; a fiscalização dos jovens no cumprimento das normas, como a utilização da camiseta; a disciplina e o controle dos rapazes e das garotas; a homogeneização dos jovens na empresa; as palestras, destacando-se o tema da empregabilidade; a gravidez na adolescência; as expectativas do Programa em relação aos adolescentes; as representações sobre esses jovens e a aproximação da infância; as normas relacionadas à higiene, ao comportamento e à moralidade, e a relação com a pobreza..

O entendimento dessas questões facilita a percepção do contexto e do espaço nos quais os jovens estavam inseridos. Antes, porém, de apresentá-las será conveniente recuperar rapidamente algumas informações sobre a empresa de Correios e Telégrafos⁷⁹ nos itens que se seguem, tendo em vista que o Programa foi desenvolvido nela.

O Departamento de Correios e Telégrafos - DCT nasceu em 1931, com a fusão da Diretoria Geral dos Correios e a Repartição Geral de Telégrafos. Em 1969, o DCT foi

⁷⁸ Neste capítulo, como nos demais, os depoimentos dos indivíduos entrevistados estarão sendo resgatados e apresentados. Trata-se, por um lado, da valorização do trabalho de campo e do que foi apreendido em todas as suas etapas, e, de outro, do entendimento de que as descobertas em relação ao problema de pesquisa foram resultado da análise do trabalho de campo, da qual fizeram parte as entrevistas e as observações, atreladas ao escopo teórico selecionado.

⁷⁹ Essas informações foram fornecidas pela gerente de Relações de Trabalho.

transformado em empresa pública, com a denominação de Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - ECT. Criada com capital exclusivo da união, a ECT é uma empresa pública sujeita a normas e controle do Estado, vinculada ao Ministério das Comunicações e atua em todo o país.

A ECT está subdividida em áreas setoriais (Recursos Humanos, Administrativa, Financeira, Comercial e tecnológica), e em diretorias - as DRs. Em geral, as atividades desenvolvidas referem-se à distribuição de correspondência⁸⁰ e ao atendimento ao público⁸¹, atividades definidas por decreto lei e monopolizadas pela empresa: a distribuição, o setor de telégrafo e os cuidados com o telegrama.

A empresa de Correios conta com aproximadamente dezoito mil funcionários. Além desses trabalhadores contratados por concurso público, também conta com funcionários terceirizados⁸² e mão de obra alternativa (adolescentes assistidos, portadores de deficiência física e estagiários).

Como empresa estatal, ela é formada por um presidente, definido pelo Ministro das Comunicações, e por um conjunto de seis diretorias de área. Além das diretorias, conta com as chefias de departamento e de divisão, e com os gerentes dos setores. Esses cargos são definidos como funções de confiança, deles fazendo parte os empregados de carreira.

O prédio localizado na Vila Leopoldina conta com três mil, trezentos e trinta e nove funcionários. Desse total, 70% são homens e 30% mulheres. Com relação às transformações no processo de trabalho e às inovações tecnológicas, várias áreas vêm sendo automatizadas. Na parte administrativa, uma rede de computadores vem tornando vários processos mais ágeis como, por exemplo, a emissão e distribuição de vale alimentação e vale transporte entre setores. Na área operacional, alguns processos que antes eram feitos manualmente, como o trabalho de triagem, agora recebem ajuda de maquinários.

⁸⁰ Entendem-se como correspondência as cartas, impressos, propagandas, encomendas e o que é postado pelo cliente nas agências.

⁸¹ Por lei, deve existir uma unidade de atendimento ao público em cada município, desenvolvendo atividades como: emissão de correspondência, emissão de passaporte, serviços bancários e emissão de certificado de pessoa física - CPF.

⁸² São serviços terceirizados o setor de limpeza, de vigilância, de manutenção, de obras e alguns da área não operacional, como uma parte do transporte administrativo.

Essas duas áreas (operacional e administrativa) também recebiam adolescentes que faziam parte do Programa *Adolescente Assistido* e eram contratados para trabalharem nas unidades da Empresa de Correios.

2.1. Apresentando o Programa: do nascimento à sua reestruturação

O Programa Adolescente Assistido fez parte de um outro mais amplo - *Correios Educar para o futuro*, implantado em 1994, com a extinção do Programa *Bom Menino*⁸³, desenvolvido anteriormente. Teve como objetivo fornecer oportunidade de trabalho aos adolescentes de baixa renda, por um período determinado. Tratava-se de ocupação vistoriada, ou seja, os adolescentes, garotas e rapazes, eram contratados para aprenderem e executarem atividades, nos setores administrativos e operacionais, no interior das unidades da Empresa de Correios e Telégrafos, em São Paulo e em outras regiões do Brasil, monitorados por um orientador/facilitador, em cada setor, que era o responsável por eles. Em tese, o monitoramento implicava acompanhar o desempenho do adolescente dentro da empresa e também na escola.

Esses adolescentes representavam mão-de-obra alternativa, juntamente com os portadores de deficiência física, que, desde o ano de 2001, também passaram a ser recebidos pelos Correios. Com a ampliação, o nome do Programa mudou para "Cidadania em Ação". Conforme relato de funcionária que é assistente social e uma das coordenadoras do Programa⁸⁴: "*os jovens são de todas as regiões. Há uma grande concentração na zona leste e aqui na região de Osasco, Itapevi, Bauru. Eles moram na favela e em locais bem de periferia. Em média, eles têm seis a sete pessoas na casa*".

⁸³ O Programa *Bom Menino* integrava adolescentes que vinham do Círculo dos Amigos Patrulheiros de Santana - CAMPS. Eles executavam os mesmos trabalhos depois desempenhados pelos adolescentes assistidos, havendo ênfase na parte educacional. Com o passar do tempo, percebeu-se que aquela quantidade de jovens poderia ser expandida nacionalmente e decidiu-se fazer um programa que atendesse a todos os correios. Esse programa recebeu o nome de *Programa do Adolescente Assistido*.

⁸⁴ Este e o próximo item deste capítulo trazem declarações feitas por essa entrevistada, cujo depoimento foi considerado importante para a pesquisa pelo fato de trazer informações sobre o Programa que me propus investigar, e por representar o "olhar" da empresa sobre os jovens e seu trabalho na instituição. Como o Programa já foi reestruturado e ainda não está sendo aplicado nos Correios em São Paulo, todos os comentários feitos estão construídos, gramaticalmente, no tempo passado, fazendo referência à época em que existia. Por outro lado, as falas da entrevistada aparecem no tempo presente, com o sentido de apenas manter a fidelidade à forma e ao que estava sendo dito naquele momento.

Os adolescentes foram contratados em vários departamentos, nas diversas unidades da Grande São Paulo. *"O Correio é dividido assim: tem nossa administração aqui, a região um que cuida de toda parte do centro, a região dois é o norte, a região três é o leste, a região quatro é o sul e a região cinco, oeste. A gente agrupa os adolescentes por regiões"*, destacou.

Em 2003 - ano em que essas entrevistas estavam sendo feitas -, o Programa Adolescente Assistido estava passando por um processo de reestruturação. O Ministério das Comunicações decidiu determinar um número de vagas, que ainda não estava definido, para a contratação dessa mão de obra. *"A idéia é que essa mão de obra não seja um 'tapa buracos' para os funcionários. O objetivo é a preparação deles para o mercado de trabalho. Nossa preocupação é com o conhecimento, o contato deles com o primeiro emprego. Assim, o Programa visa à responsabilidade social, que significa dar a oportunidade para a família que ganha até três salários mínimos, ter o seu filho fora das ruas e trabalhando aqui. E para o portador, dele ingressar no mercado de trabalho"*.

O número de adolescentes estava diminuído uma vez que não eram preenchidas as vagas quando um dos que se formavam terminava o seu contrato. De 1994 ao final do ano de 2003, contando todas as unidades do Estado de São Paulo, houve uma drástica queda desse número: de mil e novecentos para apenas dezessete⁸⁵ adolescentes contratados. Em toda a região de Guarulhos, por exemplo, até o final de 2003, havia apenas oito jovens, na faixa etária dos dezesseis aos dezessete anos e onze meses. Em anos anteriores, essa mesma região já chegou a contar com 200. O número de portadores de deficiência física também vem diminuindo, embora, bem menos, proporcionalmente quando, comparado aos adolescentes: de quinhentos e oitenta para quatrocentos no período considerado.

Segundo determinações de Brasília, será necessário equiparar a quantidade de deficientes físicos à de adolescentes assistidos, sendo esse um dos objetivos da reestruturação do Programa.

⁸⁵ Cinco garotas e doze rapazes perfaziam o total de adolescentes nas unidades da empresa no ano de 2003. Até janeiro de 2004, apenas dois permaneceriam. Em novembro daquele ano, a empresa começou a contratar estagiários - jovens que estavam completando o ensino médio - para substituírem os adolescentes que saíam do programa, tendo sido contratados em média, dois por setor.

A previsão era de que novos adolescentes, oriundos de famílias de baixa renda, fossem contratados a partir de fevereiro desse ano. Entretanto, até final de 2004, não houve novas contratações. O novo Programa ainda não tinha sido implementado em São Paulo, já tendo sido iniciado em Brasília nesse período considerado.

Outro objetivo é a inclusão dos portadores de deficiência no direito a auferir benefícios. *"O portador não tem benefício nenhum: ele não tem uma cesta, não tem um vale pra comer na hora do almoço; eles ficam oito horas, então se você for ver, proporcionalmente, dentro do Programa, o adolescente ganha mais do que o portador, então pra acertar tudo isso está sendo feita essa mudança"*, ponderou a funcionária.

Adolescente assistido é um termo novo, não apenas porque o Programa é novo, mas pelo fato de em programas anteriores destinados a essa população, ser utilizado o termo *menor*⁸⁶. *"Antes se falava em menor. Depois, até por conta da legislação*⁸⁷*, a gente teve de chamar de adolescentes assistidos. Nesse momento, a empresa de Correios em Brasília, que seria nossa administração central, chamou algumas regionais e fez esse Programa visando já todas as suas etapas"*. A idade do adolescente também era outra. *"No programa antigo, os adolescentes podiam entrar com catorze anos e dez meses. E eles ficavam quatro anos. Agora eles têm de entrar a partir dos dezesseis anos."*

Não somente a idade foi alterada, mas também a filosofia do Programa. *"A gente não está só trabalhando com aquele objetivo de antes, no Camps, que era o menor patrulheiro, aquele guardinha mirim que vinha aqui e fazia alguns serviços. A gente foi ampliando esse leque voltando mais para a questão educacional; então, o adolescente está aqui dentro da empresa, trabalha as quatro horas, mas ele tem também essa parte educacional muito forte, ou seja, a gente tem aqui para cada adolescente um orientador que o orienta. O próprio empregado vai boca a boca, falando e divulga esse trabalho aos interessados"*, comenta.

Os outros jovens vinham por intermédio de uma entidade denominada Adefive – Associação dos Deficientes Físicos e Visuais -, que os selecionava e os encaminhava. *"Eles têm um cadastro, a gente mesmo indica as pessoas para irem lá fazer a ficha. A Adefive deixa preparada uma quantidade de adolescentes e portadores cadastrados. Na medida em que a gente vai solicitando, ela vai encaminhando."*

⁸⁶ Esse termo é ainda utilizado no Artigo Constitucional, pela Lei n. 10.097, de 19 de dezembro de 2000: "Art. 402. Considera-se menor para os efeitos desta Consolidação o trabalhador de quatorze até dezoito anos". Todas as prescrições com relação ao trabalho do adolescente são referidas por meio do termo *menor*. São essas determinações que também orientam os programas das empresas estatais voltados para esses indivíduos.

⁸⁷ Referindo-se à idade permitida para o jovem trabalhar: dezesseis anos, segundo reforma constitucional.

A seleção inicial era feita pela entidade⁸⁸. Na empresa, "*fazemos, basicamente, uma entrevista com o psicólogo. Depois ele apresenta seus documentos. Então, não é só dizer 'eu ganho três salários mínimos, eu estou estudando', não. Tem de apresentar o certificado da escola, o holerite da mãe e do pai ou a declaração de quanto ganha e a quantidade de irmãos que tem.*"

A experiência anterior de trabalho não era uma das exigências feitas para a seleção. "*O adolescente pode já ter tido outro trabalho. Aqui vêm, por exemplo, carregadores de supermercado, que ficam sabendo do trabalho no Correio e vêm pra cá. Os jovens vão procurar emprego no boca a boca: um sabe daqui, outro sabe dali, então acabam indo ver*", esclarece.

Ao serem contratados, os jovens recebiam treinamento de três dias⁸⁹, que consistia de palestras, jogos e ambientação. A questão do investimento em treinamentos e de acompanhamento dos adolescentes era da competência do setor de Relações de trabalho - GERET⁹⁰. A parte de contratação, de documentação e de definição das vagas, bem como o local onde iriam trabalhar, estava sob a responsabilidade da Gerência de Recursos Humanos - GAREC. Em cada setor, todo o acompanhamento era feito pelo chefe do adolescente. De tempos em tempos, o serviço social organizava os treinamentos⁹¹, executados pela área de educação do Plano Diretor de Educação Empresarial - PDE.

2.2. Concepções sobre a adolescência de baixa renda: a relação com o Programa e a referência às políticas públicas para a juventude

Procurando investigar de forma mais apurada os objetivos do Programa, recorri ao Manual do Orientador, além das informações que me foram dadas pelas funcionárias entrevistadas. Nesse documento, os objetivos estavam assim destacados: "promoção e o desenvolvimento pessoal e profissional do adolescente assistido através da implementação de ações que assegurem a aquisição de hábitos, experiências e atitudes indispensáveis ao

⁸⁸ A Adefive selecionava e cadastrava jovens, de 16 a 17 anos, provenientes de famílias de baixa renda.

⁸⁹ Ver, anexo, folheto contendo os programas selecionados para os três dias de treinamento.

⁹⁰ Conhecido como Gerência de Relações de Trabalho - GERET -, esse departamento tem como funções: o estabelecimento de acordos coletivos, a negociação com o sindicato, a distribuição de benefícios, o setor de serviço social e a integração dos trabalhadores (festividades e reuniões).

⁹¹ Na realidade eram palestras, versando sobre diversos temas propostos pelas unidades das empresas.

seu ajustamento no trabalho produtivo e na convivência social". Esse trecho, extraído do Manual do Orientador⁹², sinaliza as concepções, representações⁹³, os olhares, e, mais precisamente, o papel da empresa em relação ao jovem adolescente.

Cronologicamente, a adolescência⁹⁴ é uma fase da vida que está na interface entre a infância e a juventude (Matheus: 2002). No campo dos sentidos (Lyra: 2002), a adolescência pode ser pensada pelo tipo de experiência que o indivíduo vivencia, e não apenas pela referência ao cronológico / orgânico⁹⁵, mesmo porque vivemos uma época em que a questão do prolongamento da juventude (Pais: 1998) ganha força nas discussões referentes a essa geração, impedindo-nos de caracterizar essa fase da vida apenas por meio de parâmetros cronológicos. Adolescência e juventude estendida⁹⁶ muitas vezes se confundem nas análises.

Quando se procura distinguir essas duas fases da vida, falar em adolescência implica, mais do que uma referência ao biológico (Matheus: 2002), a apreensão subjetiva das experiências vividas, com o foco nas narrativas pessoais (Lyra: 2002). Nesse sentido, a adolescência é pensada em sua diversidade⁹⁷, assim como o momento juvenil. Estamos

⁹² Não me foi permitido fazer uma cópia desse manual, o que exigiu que, para ter acesso às informações, fossem necessárias várias idas à empresa para que eu o pudesse ler inteiro. Nesses dias, reservavam-me uma sala para que pudesse fazer anotações. Não havia uma justificativa clara para a proibição. Tratava-se de preservar o Programa (suas diretrizes e etapas, o papel do orientador e do adolescente) de uma possível imitação. Ainda que minhas intenções como pesquisadora estivessem claras, o documento não poderia sair da empresa. A questão da segurança reproduz uma imagem disseminada no prédio. Buscava-se, com o impedimento, dificultar a reprodução integral do documento, ainda que voltando várias vezes para revê-lo, eu pudesse fazê-lo, manualmente.

⁹³ Como mencionam Sposito & Carrano (2003: 18), toda ação direcionada a eles “exprime parte das representações normativas correntes sobre a idade e os atores jovens que uma determinada sociedade constrói.”

⁹⁴ A adolescência é um fenômeno recente. É uma fase de vida que tem sua origem na idade moderna ocidental. Daí em diante, com a Primeira Guerra Mundial, a adolescência se expande, "empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente" (Ariès: 1978).

⁹⁵ Com relação ao orgânico, existem transformações no corpo que são próprios da adolescência. Palácios (1995) ressaltava alguns desses aspectos, que afetam diferentemente meninos e meninas. Para os primeiros, são destacados a mudança de voz, o crescimento dos pêlos faciais e o alargamento dos ombros. Com relação às meninas, destaca o crescimento das mamas e o alargamento dos quadris. Juntamente com essas características, há um processo de transformação física posto em marcha a partir de uma série de mecanismos hormonais, desencadeando modificações, de forma diferente, para ambos os sexos. A esse conjunto de transformações Palácios designa de puberdade, fenômeno biológico universal. É diferente da adolescência, que caracteriza como um fato psicossocial não necessariamente universal, pois culturas distintas podem apresentar essa fase da vida sob diferentes aspectos. Como destaca o autor, algumas sociedades podem adotar ritos de passagem que são desconhecidos da nossa.

⁹⁶ Diferentes países europeus trazem também distintos limites etários na consideração sobre a juventude. (Pochmann: 1998)

⁹⁷ Outras considerações sobre adolescência e juventude, bem como sobre vida adulta, serão apresentadas no capítulo 5 deste trabalho, em que também pesam as considerações dos entrevistados sobre o assunto.

diante de indivíduos que, biologicamente, em ambos os sexos, apresentam um padrão diferente, marcado por um conjunto de transformações físicas, resultantes de “mecanismos” hormonais (Palácios: 1995), e condensam preocupações sociais, derivadas de representações acerca dessa fase; entretanto, não obstante as regularidades existentes, vivenciam suas experiências de forma singular. Todavia, grande parte dos projetos, políticas públicas e programas a eles destinados, em função de considerações biológicas/cronológicas, apreende-os como uma categoria homogênea, naturalizando a adolescência como período essencial para o crescimento do indivíduo e, segundo uma linha mais evolucionista, também essencial para o desenvolvimento social, na medida em que esse período da vida é visto como capaz de contribuir para mudança mais ampla da sociedade e para a alteração do *status quo* (Lyra: 2002).

Apoiados nessa linha, que ressalta a ameaça que esses indivíduos representam, quando carentes de orientação apropriada para a aquisição de “*hábitos e experiências indispensáveis ao seu ajustamento*”, muitos programas e políticas destinados aos adolescentes e aos jovens reforçam a idéia de que eles estão expostos a uma série de riscos próprios a essa fase de vida⁹⁸, que se manifestam pela violência ou mesmo pela dificuldade de identificação.

Contemporaneamente, circulam noções sobre a juventude e a adolescência que as associam à noção de crise, desordem e irresponsabilidade; como problema social, que merece atenção e deve procurar ser solucionado. O risco generalizado (especialmente, o risco de gravidez precoce, de contrair Aids, de entrar na marginalidade, de usar drogas e de não ser inserido no mercado de trabalho) tem definido e circunscrito negativamente essa fase da vida, orientando a elaboração de programas e ações políticas. (idem).

Sinalizando também a preocupação com a entrada dos jovens na marginalidade e relacionando a ocupação – nas situações de trabalho, escola, lazer, cultura e arte - com a diminuição da sua vulnerabilidade a esse meio, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, apresentou um relatório - Orientações estratégicas de Governo do Plano Plurianual

⁹⁸ No que se refere a essa questão, Sposito & Carrano (2003) lembram-nos que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por certa instabilidade relacionada a determinados ‘problemas sociais’. Nesse sentido, representações correntes toma-os ora por seus atributos positivos, ora destacam a dimensão negativa do desvio e dos problemas sociais.

2004-2007 - com diretrizes básicas⁹⁹, designadas por desafios a enfrentar no decorrer do período assinalado. No pacote de desafios 7, estão as diretrizes relacionadas às crianças, aos adolescentes e aos jovens que têm como objetivo "promover a redução da vulnerabilidade das crianças e dos adolescentes em relação à marginalidade e ao crime". Para tanto, algumas orientações são arroladas, dentre as quais podemos destacar: a "priorização da arte, cultura, esporte e lazer na formulação das políticas voltadas a retirar crianças e adolescentes na marginalidade"; o "estabelecimento de políticas de valorização do primeiro emprego e ocupação" e a "priorização da oferta de qualificações e ocupação aos jovens que estejam entrando no mercado de trabalho".

As medidas propostas expressam a preocupação existente em nossa sociedade em relação aos jovens e adolescentes considerados vulneráveis e em situação de riscos, próprios dessa fase (violência, drogas, desemprego). A ocupação, feita especialmente pela via do trabalho, articula-se à idéia de que é necessário evitar que eles utilizem mal o seu tempo livre. O jovem e o adolescente são focados menos em sua positividade, no modo como experimentam e explicitam essas situações problemáticas, bem como outras possíveis questões que apresentem e as formas pelas quais pensam as mudanças, do que pela sua negatividade, expressa pela falta, pela desordem que relaciona juventude a riscos de várias espécies.

Baseado nas concepções que enfatizam os riscos próprios da adolescência, em especial da parcela pertencente às famílias de baixa renda, considerada mais vulnerável à entrada na marginalidade, o *Programa Adolescente Assistido* configurou-se com o propósito de proporcionar uma ocupação responsável e adequada para esses indivíduos, fornecendo-lhes os valores necessários para a aquisição de hábitos e experiências desejáveis e afastando-os da marginalidade e das ruas.

⁹⁹ Sposito & Corrochano (2005: 3; 4) também fazem referência ao reconhecimento do atual governo federal sobre a importância do tema juventude expresso por um conjunto de iniciativas, como: o Programa Primeiro Emprego, o Programa Pró-Jovem, a criação da Secretaria Nacional de Jovens e do Conselho Nacional da Juventude. Todavia, alertam, essas iniciativas não configuram, necessariamente, "mudanças significativas no interior de uma agenda pública" que tenha a juventude e seus direitos como tema. Há uma série de conflitos em torno das ações voltadas para os jovens, quer seja pela disputa de recursos escassos, destinados às políticas sociais, quer seja em torno das "orientações que alimenta as ações" destinadas aos segmentos juvenis. No que se refere às orientações, as autoras citam dois eixos desse campo: um deles diz respeito à discussão em torno da *necessidade* das políticas específicas para a juventude; o outro, relaciona-se à problemática da *definição* do que seriam as políticas públicas de juventude.

Essa ocupação era exercida mediante atividade regular remunerada. Após cumprirem os pré-requisitos¹⁰⁰ para o ingresso na empresa, os adolescentes eram contratados para trabalhar nos diferentes setores dos Correios. As atividades efetivadas dividiam-se em: *administrativas de apoio* (datilografia, arquivo, protocolo, conferência e encaminhamento de documentos internos, atendimento telefônico, emissão de cópias xerox, fax e digitação em micro computador e outras atividades auxiliares, definidas por cada chefe de cada sessão) e *operacionais* (atendimento ao público, triagem de correspondência simples, carimbação, envelopamento, auxílio na transmissão e recepção de telegramas e outras, definidas por setor).

Segundo uma das funcionárias, o adolescente era, então, visto como trabalhador. "A empresa vê os adolescentes como trabalhadores mesmo. Mas o Programa visa essa questão da responsabilidade nossa com a sociedade, de estar preparando esses meninos para o mercado. Tem de treinar essa parte educacional, mas ele é considerado assim como se fosse trabalhador mesmo e a gente nem sente que o menino é terceirizado. É uma mão-de-obra alternativa que vai passar e depois vai embora. As pessoas sentem a falta deles quando eles saem, fica todo aquele clima mesmo de colega de trabalho". Essa falta também era sentida porque os adolescentes assumiam algumas tarefas que não seriam, a princípio, de sua delegação. Era comum que prestassem favores para algum funcionário, realizando tarefas, como levar documentos a outros andares, auxiliar o trabalho de algum colega concursado e ir comprar lanches. Para outros, esta última oficialmente proibida.

Durante o processo de trabalho, o adolescente deveria ser assistido por um orientador escolhido em cada departamento. As atribuições do orientador eram destacadas no Manual do Orientador: "acompanhar a frequência, o desempenho e a adaptação do adolescente; identificar e acompanhar situações que exijam atendimento específico das áreas de saúde e serviço social; acompanhar, atuando de forma sistemática, o rendimento escolar do adolescente; promover situações que facilitem a participação dos adolescentes nas atividades de esporte, cultura e lazer; realizar contatos externos (instituições, família, escola); fiscalizar o cumprimento de normas gerais de proteção ao trabalho do adolescente

¹⁰⁰ Eram pré requisitos: idade - ter entre 16 e 17 anos e onze meses; escolaridade - estar, pelo menos, na quinta série do ensino fundamental; renda familiar - a família do adolescente da comunidade deve contar com até três salários mínimos na sua renda total; quando filho de empregado, com renda familiar de até seis salários mínimos.

e restrições previstas no manual; elaborar relatório trimestral de avaliação do adolescente (...) e fiscalizar o uso de uniforme (camiseta), evitando o uso de bonés e óculos de sol dentro das dependências da empresa."

Nesse Manual, também estavam destacadas as atividades que não podiam ser desenvolvidas pelos adolescentes. Elas seguem as prescrições do Estatuto da Criança e do Adolescente. Em síntese, são aquelas que requerem esforço físico e implicam risco biológico, como atividades ambulatoriais, atividades que contenham algum tipo de risco à integridade física do adolescente, e o trabalho noturno. Aliada à sua proibição, havia também uma determinação especial com relação ao manuseio de valores (títulos de capitalização, selos, correspondência com valores etc) dentro dos Correios.

Pode-se aqui destacar a questão da educação. Em primeiro lugar, a esfera relacionada à ação do orientador, reconhecido como educador do jovem. Ele era considerado o tutor do adolescente, explicando-lhe o trabalho e as atividades a realizar, sendo responsável por ele, orientando-o não apenas em relação ao que deveria fazer, mas também monitorando seu desenvolvimento escolar, cabendo-lhe acompanhar os estudos do jovem, sua frequência e notas¹⁰¹.

Em segundo lugar, a esfera relacionada ao papel de estudante do adolescente. Ele seria trabalhador com a condição de que, antes, fosse um estudante. *"Eles têm de estar estudando, trazer boletim, apresentando se ele passou ou não. Se não passou, ele tem de correr atrás do prejuízo. Se a gente vê que o adolescente não faz aquilo, ele pode ser desligado do Programa, isto está dentro da norma e a parte educacional hoje está muito forte"*.

Dentro do Programa, o adolescente era percebido como um indivíduo problemático; precisava ser ajustado e auxiliado, ou assistido, para que, pelo trabalho, adquirisse hábitos adequados, que lhe propiciassem a convivência no meio social. Essa imagem negativa, de fato, reproduz a representação desenvolvida contemporaneamente sobre essa fase da vida. A juventude é vista negativamente, condensando os medos de nossa sociedade (Abramo: 1997), especialmente, em relação ao aumento da violência (Adorno: 2000), do desemprego (Demazière: 1995) e dos perigos das drogas (Cotrim :2000; Bolonha: 2000; Miguel et alii:

¹⁰¹ Estar estudando e ter bom rendimento escolar era uma condição não apenas para o ingresso, como também para a permanência no Programa.

1999). Trata-se de observar a juventude e de evitar sua entrada na marginalidade, nas situações de risco (Grael Reis: 2000). Isso é mais visível quando falamos em jovens pobres. Nesse caso, parte-se da carência material dos indivíduos pobres para justificar as faltas existentes em seu comportamento e em sua formação moral.

A pobreza liga-se, então, à marginalidade (Castro: 1997). Os programas voltados para os jovens pobres visam diminuir a possibilidade de que entrem nela ou, mesmo, aumentar as chances de tirá-los dali, mediante ações que os ocupem, tutelem e orientem, não apenas para o trabalho, mas também para a vida. Era o caso do Programa estudado aqui. Representações sobre os espaços que os indivíduos jovens devem ocupar e mesmo sobre a juventude de um modo geral traçavam suas diretrizes aplicação, já que eram vistos como vivendo em situação de risco e a desocupação (não ocupação no trabalho e na escola) aumentaria esse risco.

Se, por um lado, vivemos um momento em que o gerenciamento de nossas vidas, nos tempos presente e futuro, cabe a nós mesmos (Melucci: 1997), a partir de escolhas que fazemos dentro das alternativas possíveis, crescendo nossa responsabilidade sobre nosso destino, representações a respeito do lugar dos jovens em cada espaço social (em especial, no trabalho e na escola), fundamentam ações e projetos destinados a eles, as quais visam o seu direcionamento e a "promoção do seu desenvolvimento pessoal e profissional", como mencionava o Programa.

Por trás dessas questões, há uma noção de "dever ser" relacionada à imagem que o "outro"- a empresa- elaborava sobre os adolescentes que entravam no Programa, fazendo com que fossem estruturadas ações para transformá-los, segundo o que se acreditava que eles deveriam tornar-se - não apenas enquanto trabalhadores, mas também como indivíduos - ao saírem da empresa. A ação da empresa, portanto, era daqueles que "sabiam" o que eram, o que queriam e no que se deveriam converter os adolescentes das camadas populares. Essa ação, especialmente no referente àquilo que os jovens deveriam se tornar e à conduta que deveriam assumir, revela o aspecto da norma, da prescrição, bem como das expectativas em torno do esperado¹⁰².

¹⁰² Sposito e Corrochano (2005:7) tratam da questão da norma e das expectativas existentes nas políticas públicas de juventude. Segundo afirmam, é preciso reconhecer que as políticas de juventude são normativas, prescrevendo ou enfatizando normas, significados ou conteúdos simbólicos que vão incidir sobre

Segundo os olhares do "outro", os jovens pobres são encarados como uma fonte potencial de problemas sociais, (violência, drogas, Aids, gravidez, dentre outros), que seriam um risco para eles e também para a sociedade, dificultando seu melhor "ajustamento" e sua convivência com outros no meio social, conforme o Programa ressaltava. Como lembra Abramo (1997), a maior parte dos programas destinados aos jovens toma-os como problemas sobre os quais é necessário intervir para melhor integrá-los à ordem social, com o uso de estratégias de ressocialização e de capacitação profissional. Trata-se de fazer com que o jovem utilize o seu tempo livre de forma adequada, a partir de experiências consideradas apropriadas para essa fase da vida.

Da mesma forma que o adolescente de baixa renda, sua família é pensada pelo viés da falta, a questão da carência sendo associada à desordem¹⁰³, de um modo geral e especificamente, no que se refere à capacidade de orientação desses indivíduos para a vida. A família, então, no que se refere a assuntos como drogas e sexualidade, é declarada incompetente para a tarefa¹⁰⁴ de orientação dos jovens, que deve ser assumida pelas instituições especializadas.

De uma forma geral, trata-se da afirmação de preconceitos e representações¹⁰⁵ em relação às famílias pobres, consideradas únicas responsáveis pelos descaminhos dos seus filhos, por seu fracasso escolar, pela entrada no mundo das drogas e da marginalidade. O fracasso moral dos jovens é imputado à família, à falta de preparo dos adultos para lidarem com questões fundamentais do seu universo.

“expectativas de disseminação de condutas juvenis consideradas adequadas para um determinado tempo e espaço”.

¹⁰³ Mello (2002), estudiosa das relações familiares, também chama a atenção para a associação estabelecida pela literatura especializada, entre população pobre e desorganização familiar. Segundo ela, esse raciocínio resulta, por um lado, da desconsideração da pluralidade de concepções de família, e, de outro, da adoção de um modelo normativo de família: nuclear, monogâmica, composta de pais e filhos.

¹⁰⁴ Sarti (1999) trabalha com essa questão, mostrando ser freqüente a existência de imagens paradoxais, no discurso sobre famílias pobres, especialmente relacionado a projetos sociais, que a destacam ora positivamente, ora negativamente. A segunda vertente, que também argumenta a favor da intervenção, parte de uma concepção da família pobre como fonte de problemas sociais. Nesse sentido, a necessidade da intervenção é justificada pela desestruturação dessas famílias, consideradas incapazes de orientar seus filhos. É negada a possibilidade de a família possuir seus próprios recursos e potencialidades para transformar suas condições, ignorando-se, também, sua experiência cultural, bem como os determinantes sociais exteriores à família.

¹⁰⁵ Apóio-me em Lefebvre (1980) que entende a representação como aquilo que é “percebido” pelo indivíduo; que corresponde à interpretação do vivido e da prática, de uma maneira particular e significativa; que não é nem falso nem verdadeiro mas é, ao mesmo tempo, falso e verdadeiro. Falso, porque dissimula os verdadeiros objetivos e verdadeiro porque é uma resposta a problemas “reais”.

É em torno dessas concepções, que uniformizam tanto os indivíduos jovens quanto as famílias pobres, caracterizados negativamente e de forma simplista, que programas destinados à juventude desse extrato social, como o organizado pelas Empresas de Correios, são desenvolvidos.

Concomitantemente, como destacam Sposito & Carrano (2003), há uma diversidade de orientações e pressupostos que alicerçam projetos e programas destinados aos jovens, favorecendo o surgimento de diferentes concepções, e que, longe de significar uma pluralidade das ações e projetos, revela sua incomunicabilidade “no interior da máquina administrativa”. As autoras também se referem ao fato de que as decisões envolvidas na implementação de políticas públicas para a juventude são produto de conflitos em torno do destino de recursos e bens públicos, havendo a necessidade de amplas negociações.

Programas isolados e recentes¹⁰⁶ e políticas setoriais que têm ação local no âmbito do Estado predominam no país, não contemplando a diversidade dos seus beneficiários (Castro: 2004).

De qualquer modo, se analisado apenas quantitativamente, o número de jovens existentes já justificaria a criação de políticas públicas¹⁰⁷ voltadas para essa população no Brasil. Como afirma Cohn (2004), falar em políticas públicas de juventude implica falar em políticas que garantam a um quinto da população brasileira - 34 milhões de jovens¹⁰⁸ - o acesso a condições de vida e de trabalho dignas.

Como salienta Castro (2004), os jovens têm o direito de serem alvo de políticas específicas e de políticas universais, alertando para o fato de que essas políticas públicas não devem ser consideradas como um “elenco de programas”. É necessário atentar para a

¹⁰⁶ Sposito & Carrano (2003) mostram que 60% das ações de programas voltados para os jovens foram constituídas somente nos últimos cinco anos, demonstrando a recente trajetória na criação de políticas de juventude, o que também explica, em parte, sua fragmentação.

¹⁰⁷ Sposito & Carrano (2003) mostram que, em sua acepção mais genérica, a idéia de políticas públicas está relacionada a um conjunto de ações articuladas com recursos próprios – humanos e financeiros -, envolvendo uma dimensão temporal e não se reduzindo à implementação de serviços, uma vez que engloba projetos de natureza política e ética e também compreende níveis diversos de relações entre a sociedade civil e o Estado, em sua constituição. Dentro do aparato do Estado, os órgãos judiciários e legislativos também são responsáveis por formular políticas públicas. De qualquer forma, destacam os autores, um traço característico e definidor da idéia desenvolvida sobre o assunto é a presença do aparelho público estatal na definição de políticas, bem como em seu acompanhamento e avaliação. Assim, ainda que haja algumas parcerias, o caráter público das políticas é assegurado.

¹⁰⁸ Segundo dados do IBGE, em 2002, 20% da população do país era composta por jovens, na faixa dos 15 aos 24 anos de idade. Desse percentual, quase 50% se encontrava fora da escola.

diversidade e as desigualdades existentes, segundo classe, gênero e raça, além de outras possíveis demarcações sociais.

Analisando essa questão, a mesma autora enumera os itens que devem ser abordados e conjugados quando se focalizam as políticas públicas para a juventude. Destaca, dentre eles, as políticas voltadas para as juventudes, isto é, que considerem a sua diversidade e, ao mesmo tempo, que apreendam o que há de único na geração jovem. No que se refere à diversidade juvenil, trata-se da contemplação das reivindicações dos distintos movimentos sociais dessa população. Esse ponto traz à discussão a questão das identidades juvenis e da importância em pensar os jovens enquanto sujeitos de direitos e de necessidades próprias, que não devem ser vistos apenas como indivíduos em transição – não mais crianças e ainda não adultos.

Outro ponto importante refere-se ao entendimento de que as políticas para a juventude devem considerar o menor poder de competição dessa população no mercado de trabalho, e a necessidade do investimento em sua formação; ao mesmo tempo, não podem perder de vista que o tempo de ser jovem é também o tempo de estudar, de divertir-se e de criar. Por fim, haveria necessidade de pensar a criação de políticas públicas com a participação das juventudes, as quais seriam dotadas de poder e recursos para acompanhar sua formulação.

Nesse sentido, as políticas públicas com enfoque geracional deveriam ser: “de/para/com juventudes”, pensando na diversidade dos jovens, e de seus direitos – sociais, culturais, civis e políticos. Ao mesmo tempo, essas políticas não poderiam estar baseadas apenas em necessidades quantitativas, mas deveriam contemplar diferenças, por exemplo, de gênero e raça¹⁰⁹, reconhecendo as identidades dos diferentes sujeitos sociais e promovendo sua autonomia por meio de instrumentos criativos, sem que esse reconhecimento fosse traduzido numa segmentação das políticas sociais. (Cohn: 2004).

Categorias como juventude e pobreza não deveria ser homogeneizadas. É preciso, então, reconhecer a diversidade e a complexidade das categorias, que não são explicadas

¹⁰⁹ Com relação à questão de gênero e da raça, Castro (2004) ressalta a importância da existência de políticas educacionais preventivas ou de ação afirmativa, no que se refere à gravidez na adolescência, tendo em vista que, não acidentalmente, é entre as jovens classificadas como “pretas ou pardas” que podemos encontrar, com maior probabilidade, mães de 15 a 19 anos. As representações da gravidez e do corpo no imaginário feminino são pouco exploradas por políticas educacionais, lembra a autora.

por parâmetros quantitativos. Como salienta a autora, é necessário pluralizar as categorias, reconhecendo que há juventudes e pobreza.

A formulação de políticas públicas para “as juventudes” é objeto de preocupação de diversos autores (Cohn: 2004; Frigotto: 2004; Fernandes: 2004) que se debruçam em pesquisas e reflexões, estando, muitos deles, também engajados em projetos e programas destinados aos jovens (Pochmann: 2004; Benevides: 2004; Costa: 2004). A publicação recente de dois volumes dedicados à juventude e ao debate em torno da formulação de políticas públicas¹¹⁰ expressa esse cuidado.

No que se refere à demanda dos jovens de bairros pobres, pesquisas recentes revelam a predominância que o tema trabalho tem na vida deles (Abramo: 2005; Guimarães: 2005; Sposito & Corrochano: 2005). Ao revelarem suas necessidades, eles quase abdicam de outros direitos, como o de estudar e de se divertir; declaram que não gostariam de ter bolsas apenas para estudar; sentem necessidade de trabalhar (Castro: 2004).

A procura por trabalho é prioritária e as demandas desses indivíduos referem-se à oportunidade nesse universo. As necessidades de sobrevivência muitas vezes comprometem outros direitos, não arrolados pelos jovens; o que sobressai é a busca por trabalho. Por um lado, fica clara a necessidade de políticas públicas voltadas para essa demanda, não apenas pensando em uma ocupação temporária para os jovens – como a experiência do primeiro emprego – mas também em sua preparação, no sentido da formação profissional e escolar. Há necessidade de políticas combinadas, que atuem na formulação de propostas e de sua implementação, visando garantir aos jovens não apenas a oportunidade de trabalho, mas também de estudo, de tempo e de espaço, para a cultura e o lazer.

No que se refere ao trabalho, outra questão emerge: atualmente, o crescimento econômico não gera a quantidade suficiente de postos de trabalho, para promover a inclusão social de todos os jovens que buscam inserir-se no mercado. O desafio que se coloca é, como propõe Cohn (2004), descobrir como implementar políticas de Estado que sejam capazes de detectar as novas formas possíveis de inserção social dos jovens, além da via do trabalho, como classicamente concebido. Mais precisamente, como elaborar políticas

¹¹⁰ As obras, citadas neste trabalho, são: “Juventude e Sociedade. Trabalho, educação e cultura” (2004), organizada por Novaes, R & Vannuchi, P e “Retratos da juventude brasileira” (2005), organizada por Abramo, H.W & Banco, P.P.M, ambas publicadas pela Fundação Perseu Abramo.

sociais focalizadas e universais, articuladas entre si, e pautadas nos direitos sociais, construindo um sistema de proteção social que não seja embasado apenas no trabalho, entendido como meio central de inserção social, tendo em vista que, hoje, as formas de inclusão adquirem uma gama múltipla e diferenciada de possibilidades.

Em tese, os jovens aspiram ocupar espaços de trabalho no mercado, quando, em verdade, esta é somente uma das possibilidades de sua inserção social e, hoje, não a mais promissora¹¹¹, se pensarmos no mercado, no sentido clássico. Há formas alternativas de inclusão, ainda pouco conhecidas e também reconhecidas, dificilmente capturadas pelo Estado na formulação de políticas públicas. São exemplos dessas alternativas, apontadas pela autora, a economia solidária e as incubadoras de cooperativas. Assim, é preciso assumir que, hoje, as formas de inserção dos jovens são múltiplas e não totalmente institucionalizadas pelo Estado. É preciso pensar em como promover o acesso deles a essas outras formas de inclusão.

Referindo-se à forma clássica de inserção, o Programa dos Correios apresenta-se como uma das iniciativas empreendidas pelo Ministério das Comunicações, no sentido de focalizar jovens adolescentes das camadas populares, em nível nacional, beneficiando-os com a experiência do primeiro emprego¹¹². Todavia, não basta que cada ministério possua programas voltados para os jovens; tampouco podemos afirmar que a somatória desses programas constituam políticas de juventude. É necessário, afirma Castro (2004), questionar como esses programas podem garantir o direito dos jovens de serem sujeitos e atores de seus direitos e, ao mesmo tempo, como podem afirmar o lugar da educação, das diferentes linguagens dos jovens e da sua autonomia.

¹¹¹ Estar trabalhando não significa ter a garantia de inserção. Cohn (2004) destaca uma de suas pesquisas que busca caracterizar a situação atual de jovens trabalhadores. Segundo afirma, em 2003, no município de São Paulo, dos 33,2% dos jovens que estavam trabalhando, 52,2% não tinham carteira de trabalho assinada, sinalizando a precarização do mercado de trabalho. Outros autores (Castro: 2005) e Abramo (2005) também apontam essa questão, revelando dados percentuais desfavoráveis aos jovens no que se refere ao exercício de um trabalho com registro em carteira.

¹¹² Criado em 1996, este Programa coincide com a preocupação existente, no final da década de 1990, com a criação de políticas de inclusão para os jovens. Para sua formulação, essas políticas levavam em conta os indicadores sobre o desemprego juvenil e sobre a elevação dos processos de precarização social naquele momento (Sposito & Carrano: 2003). Essas autoras destacam, ainda, que o mundo do trabalho e determinadas ações consideradas de inclusão têm ocupado parte importante das ações voltadas para os jovens mais pobres. Percebe-se, analisam, que há uma prioridade para os jovens/adolescentes mais pobres ou para aqueles que, segundo as avaliações, vivem em condições de “risco pessoal e social”.

Cohn & Fonseca (2004) também alertam para o fato de que, o enfrentamento da pobreza e da desigualdade, alvo da elaboração de políticas sociais para a juventude, não pode ser tarefa de um único programa e de um único ente da federação, mas de um esforço intersetorial que estabeleça uma relação virtuosa entre políticas sociais e econômicas, entre estados e municípios, e entre programas.

2.3. Correios Educar para o Futuro: o Programa Adolescente Assistido e os olhares da empresa

Todos os jovens que participaram, ficaram sabendo do Programa da Empresa de Correios e Telégrafos por intermédio de um familiar, um irmão que já havia passado pela experiência¹¹³ ou, ainda, de um amigo que trabalhava na empresa. Desses informantes, destacou-se a mãe do adolescente como a mais citada fonte da informação. São, no geral, faxineiras terceirizadas, que trabalhavam na empresa.

Degenne (1991) constatou que os jovens pouco qualificados, especialmente os do sexo masculino, recorrem mais frequentemente aos laços fortes, representados pela família, na procura de um emprego. Isso ocorre especialmente quando um de seus membros trabalha em uma empresa e indica seu filho, ou conhece alguém que trabalha e pede uma indicação. É interessante notar que se esse membro (pai ou mãe) estiver desempregado, diminuem muito as chances de o jovem conseguir o seu primeiro emprego.

Estando o pai empregado, as relações que mantém com o grupo de trabalho e com sua rede profissional possibilitam-lhe a obtenção de informações e de auxílio, dados por indivíduos que o reconhecem como aquele que partilha de identidade comum de trabalhador e funcionário da empresa se isso resulta em maiores chances de auxiliar o filho, que procura trabalho, todavia não significa a obtenção de um emprego qualificado e estável. Empregos mais satisfatórios, conclui o autor, poderão ser conseguidos pelo jovem quando ele próprio tiver formado sua rede profissional. De início, a procura pelo primeiro emprego ocorre por meio de informações obtidas nas redes das quais participa. (Degenne: 1991)

¹¹³ Essa informação foi obtida com os jovens por ocasião das reuniões de grupo focal.

Essa forma encontrada de procurar trabalho, "boca a boca", é constatada em pesquisas empíricas internacionais. São principalmente os jovens os que recorrem aos mecanismos informais de procura de emprego, buscando informações nos grupos com os quais têm contato. São as chamadas redes sociais (Degenne: 1991; Granovetter: 1974). Essas redes são mecanismos informais estruturados ao longo dos anos e têm como resultado o auxílio mútuo, a solidariedade. Sua formação é socialmente construída (família, vizinhança, colegas de trabalho, da escola, etc), existindo o reconhecimento de pertença mútua, de obrigações, de direitos e deveres.

Dentre as informações que circulam nessas redes está a de oferta de emprego¹¹⁴. Nesse sentido, a procura efetiva de emprego é feita mediante o acionamento de uma ou mais redes nas quais a pessoa esteja inserida. Essa rede mobilizada permite ao indivíduo obter um maior número de informações a respeito dos locais que estão oferecendo emprego. Como são redes constituídas por pessoas que o conhecem, e mantêm com ele relações mais ou menos próximas de amizade, aumenta a possibilidade de receber informações condizentes com seu perfil, em virtude de também serem maiores as chances de os seus contatos saberem o que esse indivíduo quer e pode fazer.

Dada a conjuntura atual pouco favorável aos jovens trabalhadores, em especial àqueles com baixo capital cultural, as redes informais são mecanismos essenciais, pois também são capazes de amenizar o peso das representações desenvolvidas a respeito desses indivíduos, considerados como menos responsáveis, além de menos engajados que os adultos no exercício do trabalho (Souza Martins: 1997).

Quanto ao engajamento político, parece também que não havia mobilização coletiva por parte desses adolescentes como eu imaginava a princípio¹¹⁵; eles não eram sindicalizados e não participavam do sindicato da empresa. Quando existiu alguma

¹¹⁴ As redes não são somente mobilizadas para a obtenção de informações sobre emprego. No caso de famílias de baixa renda, redes de vizinhança são permanentemente mobilizadas para que a mãe possa trabalhar, deixando os filhos pequenos aos cuidados de uma vizinha, por exemplo, ou no pedido de auxílio em qualquer emergência. Como esclarece Sarti (1996: 91), "dada a sociabilidade concentrada no local de moradia na cidade de São Paulo, há, entre os pobres da periferia, uma tendência a estreitar os laços com a rede de vizinhança (...), compartilhando a vida cotidiana"

¹¹⁵ Na elaboração do projeto de pesquisa, tive a informação de que os adolescentes participavam das reuniões sindicais. Durante a pesquisa de campo, constatei que essa informação era falsa, como já mencionei na introdução deste trabalho. É correta a observação de Fleury (1996) de que somente a pesquisa empírica é capaz de nos fornecer as informações necessárias sobre as relações de trabalho, seu cotidiano, posturas, valores, idéias ali existentes, enfim, sua realidade.

reclamação, ela foi manifestada individualmente. "*Quando tem reclamação, ele vem individualmente procurar a gente, com o chefe, com a assistente social*", revelou uma funcionária.

Houve apenas um momento, lembrado pela entrevistada, de organização dos adolescentes e dos deficientes físicos em prol de seus interesses. "*No final do ano passado, os portadores acabaram chamando os adolescentes e se reuniram pra reclamar na Adefiv pela falta do pagamento do décimo terceiro. O Correio deu uma carta dizendo que pagou. Eles falaram que o problema era do Correio e ficou aquela confusão. Mas o problema foi com a Adefiv, porque o Correio repassa p/ lá. Mas a Adefiv não tinha repassado pra eles, então eles se organizaram e foram atrás*", conseguindo receber o pagamento. No episódio destacado, não houve a interferência de funcionários. Os adolescentes, juntamente com os deficientes físicos, exerceram sua autonomia, reconhecendo-se como um grupo de direitos, organizando-se coletivamente. Todavia, de forma geral, era individualmente que os jovens resolviam suas questões¹¹⁶ e, em todas as ocasiões, eram aconselhados e orientados pelos funcionários da empresa, especialmente em relação ao rendimento escolar.

O adolescente que não estava indo bem na escola era aconselhado pelo orientador e também pelos colegas de trabalho. Mas, como afirmou a mesma entrevistada, "*tem casos que a gente precisa ligar pra escola. Teve um caso que eu atendi recentemente, que o menino estava muito mal na escola, precisando fazer aula de reforço. A chefia dele não o deixou fazer aula de reforço, porque ele chegaria às três da tarde e trabalharia até às cinco, ou seja, só duas horas. Mas o objetivo do programa é preparar esses meninos para a vida, para o mercado, então se ele está precisando desse período, ele vai trabalhar duas horas sim, só que a gente exigiu da escola que ela mandasse qual o período e se ela não poderia deixar ele um dia todo e outro dia liberar. Aí o menino conseguiu fazer a recuperação dele fora do horário de aula normal e no horário do trabalho.*"

Os jovens, então, achavam-se divididos entre as solicitações da escola e as do trabalho. Além das tensões vividas pela dupla jornada (Pais: 2001), enfrentavam a necessidade de apresentar bom desempenho escolar para permanecer no programa, sendo monitorados na esfera do trabalho. Todavia, o insucesso escolar poderia ser também fruto

¹¹⁶ Esse comportamento também foi constatado entre os jovens trabalhadores contratados, em pesquisa de mestrado. Cf. Oliveira, 2001, op.cit.

dessa dupla solicitação - trabalho e escola. No caso desses adolescentes, o insucesso escolar poderia ser causado pela dedicação ao trabalho. Ao mesmo tempo, entretanto, o insucesso na escola representava o insucesso e a perda do trabalho na empresa. Nesse círculo vicioso, o adolescente via aumentadas as tensões no exercício dessas duas dimensões de sua vida.

Preparar o adolescente para a vida e para o mercado de trabalho, eram esses os objetivos revelados do Programa. Essa preparação seria feita mediante educação para o trabalho e para a vida. O jovem pobre era o indivíduo selecionado para recebê-la. O espaço criado para o desenvolvimento do Programa tinha como finalidade a educação do jovem: no aspecto “formal”, por meio do monitoramento do desempenho escolar, na relação com o trabalho, no sentido da qualificação, por meio do aprendizado no espaço da instituição e também ao nível comportamental. Existiam expectativas em relação aos adolescentes, ao seu comportamento na empresa e ao seu comportamento futuro, resultado da “formação” educativa recebida no trabalho.

A tarefa de educar pelo trabalho, os aconselhamentos e as palestras deveriam contar com a participação do orientador. No entanto, em muitos momentos, o papel de adolescente trabalhador sobrepunha-se, enquanto significado, ao de adolescente assistido e, com ele, à filosofia da educação. *"A gente tem muito problema, a gente quando chama o adolescente pra fazer uma atividade grupal, a gente vê a quantidade de faltas que tem, aí cabe a nós da área de recursos humanos, ver o que aconteceu. Geralmente acontece de o orientador não liberar, porque o departamento estava com muito serviço. Mas a prioridade desse Programa é a orientação, a educação desse menino, ele não tá para tapar buraco, e claro que isso acontece, acontece porque eles trabalham mesmo, eles ajudam muito. A gente tem de conscientizar cada vez mais esses gestores para estar liberando esses meninos para essa atividade educativa. Periodicamente, pelo menos duas vezes ao ano, os orientadores são chamados para uma reunião, esclarecendo o que o adolescente não pode fazer, como carregar peso, fazer trabalho repetitivo, dizemos que é preciso liberar o adolescente para as reuniões que fazemos. Mas uma empresa como a nossa, você sabe que não acontece às mil maravilhas".*

Além da não liberação dos jovens para as palestras, muitas vezes, os orientadores deixavam de cumprir as prescrições do Programa. Na prática, grande parte das atribuições acabava não sendo cumprida. *"Às vezes acontece no CDD que é o Centro de Distribuição*

Domiciliar, onde ficam os carteiros, de falarem para o adolescente 'vai ali no bar pra mim, toma o dinheiro, atravessa a rua, vai lá comprar um salgadinho'. Isso não é pra fazer. O menino não é débil, ele sabe atravessar e comprar, ele é um adolescente, mas não é pra fazer isso. Primeiro por mexer com valor, depois por entrar num bar, então você tem de estar o tempo todo fazendo essa reciclagem com os orientadores também", comentou a funcionária.

O uso da camiseta com o símbolo dos Correios era uma outra norma que pedia a constante fiscalização dos gestores. *"Os adolescentes usam camisa cinza com o símbolo dos Correio, justamente pra gente identificar, porque o carteiro usa amarela, o atendente comercial, que trabalha em agência, usa azul. Essa questão da roupa é muito séria. As meninas vinham de saia, blusa muito curta e os meninos ficavam todos babando. É muito bonitinho, mas não para o ambiente de trabalho. A gente alertava, 'olha o cuidado na forma que você está se vestindo pra não acontecer violência'. Nas festas eles querem vir bonitinhos, 'ah, esqueci minha camiseta, estão as duas pra lavar'. Mas se não vier de camiseta, não vai na festa. Isso pra ter um controle, porque temos uma responsabilidade grande".*

No estudo da Fundação Bradesco e seu programa voltado para jovens de baixa renda, Fleury (1996: 102) também destaca a questão das normas relacionadas à vestimenta. Segundo a autora, as imposições quanto ao corte de cabelo e ao vestuário têm como função o nivelamento, representando a homogeneização preliminar de que a instituição precisa para instaurar a hierarquia. A disciplina, salienta, "só poderá efetivamente submeter seus reais destinatários se, aparentemente, submeter a todos."

Ao mesmo tempo que homogeneizava os adolescentes, classificando-os dentro de uma hierarquia, o uso da camiseta impunha um controle. Por meio da regulamentação, instrumento de poder, definia-se uma normalidade em termos do comportamento esperado. Os adolescentes eram homogeneizados e classificados dentro de uma hierarquia. Eram crianças que precisavam de orientação e controle por meio da educação e, ao mesmo tempo, eram confundidos com adultos, pelo tamanho e para o trabalho. *"Tem umas unidades, por ter um adolescente grande, que acaba considerando-o mais como um adulto. Aí você tem de dar um breque. Mas, no geral, a gente tenta passar mais pra infância. A*

pessoa que está em formação não pode carregar peso, mas tem unidades operacionais que acham que eles já são preparados como adultos."

Além do uso da camiseta, um conjunto de normas assinaladas desde a entrada do adolescente, por ocasião do processo de seleção, buscava reger as relações no interior da empresa, esclarecendo o papel e o lugar de cada um, estabelecendo um ordenamento e uma classificação.

Adolescentes pobres eram selecionados para um programa que visava, em tese, ao seu processo educacional. A educação no e para o trabalho, a educação para a vida, por meio das palestras, a seleção e o treinamento, as normas e regulamentos, a vigilância, o controle e a orientação compunham a tentativa de “construção” do adolescente assistido, segundo valores e representações sobre o jovem de camadas populares, desenvolvidos pela empresa.

Deveriam ser selecionados garotas e rapazes que estivessem estudando, de família de baixa renda. Estar estudando era também sinalizar a diferença, a distância entre eles e os que não estudavam, mais próximos dos marginais. Ao mesmo tempo, estar estudando significava facilitar o processo de socialização dentro do Programa, segundo valores ligados à educação. O Programa não buscava atingir adolescentes pobres “em situação de risco”, mas aqueles que estudavam, que estavam mais próximos da ordem e que, também por isso, teriam mais chances de atingir as expectativas de um determinado tipo de aprendizado, uma vez que a educação formal era também um valor para esses jovens, assim como o trabalho¹¹⁷.

Feita a seleção, a empresa procurava reforçar os vínculos de obediência e de amizade, baseados na confiança e na gratidão, o que favorecia a incorporação dos valores transmitidos, por exemplo, nas palestras. Nessas ocasiões, eram oferecidos lanches para os jovens: *"quando a gente faz essas palestras sempre levamos um lanchinho pra eles, que o Correio patrocina, pra incentivar a vinda deles. Eles adoram a hora de lanche."* Essa hora também era valorizada em virtude das necessidades por que passavam alguns adolescentes em relação à alimentação. *"O adolescente hoje tem um vale cesta pra ele optar, ou ele traz a marmitinha dele de casa, ou faz um lanche (...)"*

¹¹⁷ Com relação aos jovens que não têm em suas referências o trabalho como um valor, ver Schehr (1999) op.cit.

Foi freqüente a utilização de diminutivos quando a entrevistada estava se referindo aos adolescentes. Por um lado, isso revelava a tentativa de aproximá-los da infância, por outro e, ao mesmo tempo, a consideração de que a essa quase "infância" cronológica, estavam associados elementos "infantis", no sentido negativo do termo, dizendo respeito às carências simbólicas, associadas às carências materiais. Dessa forma, o "lanchinho", a "marmitinha", o "contratinho" de trabalho e o "curriculunzinho" infantilizavam a imagem do trabalhador adolescente, estruturando o significado de sua presença na empresa segundo os olhares do "outro", justificando, nesse sentido, a ação protetora e formadora do Programa sobre esses indivíduos.

Dada a forma como foram colocados os diminutivos nas referências feitas aos adolescentes, essa ação protetora e formadora dos Correios sobre esses jovens, parecia carregar consigo a idéia da assistência e, no limite, da filantropia, em detrimento da noção de direitos sociais. Era como se sua condição de trabalhador, infantilizada, os destituísse da posição de sujeitos de direitos - dentre os quais, o direito ao trabalho de fato -, e, nesse sentido, o trabalho realizado na empresa fosse considerado apenas um auxílio temporário aos indivíduos mais pobres e, assim, no que se refere às atividades executadas, não resultasse na preocupação com uma real preparação desses jovens para o enfrentamento do mercado de trabalho.

Com relação à alimentação, a entrevistada destacou a importância do vale-refeição para os jovens: *“tinha um menino que vinha direto da escola para trabalhar à tarde e até já desmaiou porque não comia. Ia muitas vezes pra escola sem se alimentar, vinha pra cá sem se alimentar, então esse vale foi estabelecido pra isso, os que chegam podem comer e os que saem e vão direto pra escola também. Alguns preferem levar pra família”*¹¹⁸.

Incentivados pelo lanche que receberiam, os adolescentes iam às palestras, também chamadas de treinamento, e recebiam orientação a respeito de alguns assuntos considerados de seu interesse. *“Quando os meninos estavam entrando, nós fizemos uma dinâmica de conhecimento e integração. Dali a gente já conseguiu tirar alguns temas de interesses deles: alcoolismo, homossexualidade e drogas. Uns colocam: 'eu tenho problema muito sério de alcoolismo na minha casa'. Também gravidez, porque tem muita adolescente*

¹¹⁸ Existem obrigações recíprocas no interior da família pobre definidas em torno de expectativas relacionadas ao papel de cada um dentro de casa. Espera-se, dos filhos que trabalham, que contribuam, de alguma forma, com o orçamento familiar. A respeito dessa questão ver Sarti (1996)

grávida. Outra época a gente viu muito caso de atraso e de surf em trem. Até um adolescente morreu, mas não era nosso, era de uma outra empresa. Então a gente mostrou os perigos que tem na rua, nos envolvimento. Depois fizemos outro sobre orientação vocacional e sobre violência."

Gravidez na adolescência, drogas, homossexualismo e orientação vocacional foram os temas relacionados à juventude, em especial, aos jovens de baixa renda, nem todos ministrados pelas pessoas do Correio. *"Alguns temas nós mesmo preparamos, damos a palestra. Drogas, por exemplo, eu tenho condições de fazer isso com eles. Mas, por exemplo, violência, eu trago gente especializada de fora, o pessoal de Shering ou dos laboratórios farmacêuticos, pessoal da Tilenol vêm pra fazer palestra de saúde, alimentação, planejamento familiar."*

Houve casos de adolescentes grávidas. Com relação a esse tema, as palestras eram voltadas para o esclarecimento. *"As adolescentes grávidas fizeram aqui um curso de gestante e continuaram no trabalho. Muitas vezes traziam o bebê, a gente via que não estava cuidando muito bem, conversava com a pediatra daqui, a pediatra atendia essa criança que a gente indiciava lá no atendimento, ambulatório, e a pediatra orientava. A gente orientava."*

As gestantes, assim como as demais adolescentes recebiam orientação sobre a gravidez na adolescência. Essa orientação parece estar alicerçada em representações tradicionais em relação ao gênero e, ao mesmo tempo, à consideração dessa situação vista como indesejada. No que se refere ao gênero, nessa situação, a garota é vista como vítima quando não é considerada leviana ou irresponsável, por ter se deixado seduzir (Pais:1998). Ao mesmo tempo, ela é vista, nessa situação, como figura passiva. É como se não estivéssemos diante de uma relação, em que contam os dois lados envolvidos, e a gravidez representasse o resultado da investida de um agente mais "forte", o rapaz, que teria envolvido a jovem, figura mais frágil. E é como vítima passiva que a adolescente precisa de orientação antes, durante e depois da gravidez.

Essa orientação cabia à equipe médica, ao saber técnico, representado pela figura da pediatra, e também à profissional da assistência social do Correio, ao saber moralizador, responsável pelo programa. *"Nosso trabalho do serviço social é estar dando esse suporte individual para os adolescentes que têm algum problema na família, como gravidez. Então*

a gente faz esse acompanhamento dela, individualmente, ou outro que pode surgir, como briga com pai, padastro, coisas desse tipo. Fora isso, além do orientador estar acompanhando a parte escolar, basicamente, ensinando o trabalho, nós, assistentes sociais, fazemos as reuniões com eles."

O intuito era orientar para além do trabalho. Orientar para a vida, passando por assuntos como gravidez, violência e drogas que fogem da esfera do trabalho e se relacionam ao universo desses adolescentes, principalmente no imaginário socialmente construído sobre a juventude (Abramo: 1997). "*O objetivo é transformar a vida dele lá fora, acrescentar alguma coisa pra ele*", declarou a entrevistada.

Essa transformação era dada pela orientação que buscava a disciplina e a ordem, além da moralização. "*Com horário, eles até são disciplinados, mas atividade já é outra história. Tem uns que você percebe que por mais que você oriente igual, ele não vai sair daqui igual. Só não demite por ser programa social mesmo. Ele chega, fica ali no canto, parado, não faz nada, se você manda, ele não faz, tem de pedir dez vezes e explicar muito bem, então tem uns que têm essa questão do aprendizado muito deficiente. Agora, a dispersão acontece. Vem um menino aqui, bate papo. Você tem de ficar meio ali no pé dele. São crianças mesmo, são adolescentes. As meninas são mais disciplinadas."*

Quanto à disciplina, os adolescentes eram aproximados da infância, esta pensada como período especial relacionado à aprendizagem, mas também à dispersão, ao descompromisso com o universo adulto. Assim, próximos do período da infância, os jovens eram vistos como indivíduos que precisavam aprender a se tornarem responsáveis e disciplinados em relação às atividades que executavam, principalmente os rapazes. Nesse item, também apareceu a questão do gênero aliada às expectativas e às representações sobre o desempenho de papéis masculino e feminino. Ao gênero feminino liga-se, de forma "natural", o aspecto da docilidade.

A disciplina organiza os espaços onde as pessoas são inseridas, a partir de lugares determinados, possibilitando o estabelecimento das presenças e das ausências. (Foucault: 1988). Dentro da empresa, a disciplina estabelecia os lugares, os horários e as atividades para os jovens. Os valores expressos nas normas estabeleciam e classificavam o adolescente, segundo consideração que o deixava mais ou menos distante do imaginário e das expectativas criadas ao seu redor. "*Um bom adolescente assistido, eu acredito que é*

aquele que consegue, além de estar cumprindo essa questão de valores que a gente passa, estar aprendendo tudo aquilo pra poder sair em busca de alguma coisa melhor. É aquela pessoa comprometida com o que está fazendo, curiosa, que está perguntando se pode ajudar em alguma coisa. Aquela pessoa que é mais envolvida com aquilo que está fazendo. Não é simplesmente aquele que faz porque alguém mandou."

A vigilância e a observação a que estavam expostos permitia aos orientadores e chefes avaliar a qualidade do serviço realizado, bem como o perfil dos adolescentes, classificando-os e estabelecendo comparações que lhes possibilitavam obter informações sobre o grau de adesão desses indivíduos à empresa, ao trabalho, aos valores e à filosofia do programa. *"O programa coloca, e a gente espera, que ele saia preparado para arranjar um emprego, então seria como se fosse um estágio pra ele. Um emprego no mercado de trabalho. Que ele tenha essa noção do primeiro emprego, do trabalho todo, que tenha essa formação nesse trabalho inicial, e que também estude, pelo menos o ensino médio ele consiga estar cumprindo"*. Estudo, trabalho, envolvimento e responsabilidade foram itens destacados pelos idealizadores do Programa, que esperavam ver cumpridos por boa parte dos rapazes e das garotas.

Responsabilidade e participação foram levantados como atitudes desenvolvidas a partir do Programa. *"Eles entram aqui e não falam direito, não sabem direito as coisas. Eles saem já responsáveis, muito mais maduros. Entendem muito essa questão da responsabilidade, estar ajudando a família e se manter. No começo, eles querem comprar tênis, isso, aquilo. Depois, você percebe, 'não, o dinheiro vai pra minha mãe' "*.

As orientações recebidas e as experiências de trabalho dentro da empresa, consideradas desejáveis, tornariam possível a aquisição das qualidades mencionadas. Tratava-se menos do desenvolvimento da responsabilidade pelo trabalho do que de sua aquisição pela orientação recebida, a partir de experiências programadas. *"A maior parte das coisas é trabalhada aqui, um ou outro já vinha com essas idéias."*

As palestras buscavam padronizar experiências de aprendizagem dos adolescentes no espaço da empresa, a partir de temas considerados comuns aos interesses deles. A idéia era que conseguissem adquirir novos hábitos a partir das orientações recebidas. Todavia, os conhecimentos conquistados e as experiências vividas na realização dos trabalhos são apreendidos de forma singular. As respostas e reações às práticas na empresa conjugam-se

àquelas experimentadas fora do trabalho, em outras esferas da vida desses jovens. Estas não são, necessariamente, comuns; entretanto, eles eram vistos e orientados homogeneamente, como adolescentes de baixa renda.

Incentivos informais agregavam-se à orientação formalizada por meio das palestras, disseminando os valores e a filosofia da empresa. *"A gente incentiva um pouco, com essas palestras. A gente fala da família, quando a gente faz a palestra inicial dele, quando ele entra na empresa. A gente diz 'vocês estão aqui, estão ajudando'. A gente dá um toquezinho pra ele poder estar despertando. A gente também trabalha muito essa questão da responsabilidade, pontualidade e compromisso. 'Se eu te dei uma tarefa você tem que dar conta daquilo', são essas coisas. Nós dizemos, você é adolescente, mas daqui a pouco vai estar respondendo por isso, pelo que você está fazendo, então esse compromisso todo, essa responsabilidade ética, tudo isso que pesa mais em termos de valores, a gente procura estar passando."*

Quando a depoente menciona que, ao sair da empresa, o adolescente vai estar “respondendo pelo que estiver fazendo”, quer com isso afirmar que, ao ingressar no mercado de trabalho, ele deverá assumir responsabilidades como trabalhador, sendo, ao mesmo tempo, mais cobrado pelos futuros empregadores, uma vez que não vai estar na condição de “adolescente assistido”. Nesse sentido, deverá adquirir algumas características - “responsabilidade, pontualidade e compromisso” - necessárias para ofertar sua mão de obra com maior chance de sucesso. Aqui entra a questão da empregabilidade, bastante comentada pela entrevistada. *"A gente está trabalhando com a questão da empregabilidade, a carreira dele. Estamos tentando acrescentar alguma coisa a mais para esse adolescente, para que na hora que ele sair, com 17 anos e 10 meses, ele possa enfrentar o mercado de trabalho igual a qualquer outro jovem que esteja fora, ou até melhor, pois ele teve uma preparação aqui."*

A questão da empregabilidade tem como pano de fundo o contexto das transformações por que passa a dinâmica do trabalho. Para aqueles que ainda estão empregados, a instabilidade marca o tempo presente. Suas trajetórias anteriores, que determinam em muito sua trajetórias futuras (Castro: 1997), assinalam as chances, maiores ou menores, de o indivíduo conseguir um emprego ou mesmo de permanecer em seu cargo atual. Essas chances são traduzidas em empregabilidade.

Buscar "*acrescentar alguma coisa a mais para esse adolescente*", significa tentar aumentar suas chances de inserção dentro de um mercado mais competitivo. A empregabilidade confunde-se, na fala, com a própria carreira do indivíduo, mas tem, como significado, dimensões comportamentais, que esperam sejam adquiridas na empresa.

"Quando a gente trabalha, a empregabilidade não é só postura do trabalho, mas é como você tem de procurar emprego, quando você sair daqui o que você tem que fazer, o que é importante você estar fazendo pra procurar. E a gente percebe que aqueles que saem bem preparados na área administrativa, conseguem mais facilmente o trabalho fora".

Na fala, empregabilidade é atributo que se define pela ação do indivíduo, referindo-se às estratégias e comportamentos adequados na procura de um emprego. *"Empregabilidade está relacionada ao que esperam de você. Então, empregabilidade é um tema muito amplo. A gente fala pra ele 'você vai sair daqui com dezessete anos e dez meses, então você vai procurar emprego. Como é que você vai procurar emprego, como é que você vai ser, 'ah você vai cheio de piercing, camiseta justinha? Assim você não vai arrumar emprego. Você tem rabão de cavalo'¹¹⁹? Como é que você tem de estar vestido, postura, entonação de voz. Falamos quais são os tipos de trabalho, as seleções para os adolescentes e como ele deve se portar".*

A noção de empregabilidade, todavia, deve aliar a ação dos indivíduos, as estratégias de emprego que definem suas biografias, construídas ao longo do tempo, às estratégias dos empregadores utilizadas para o preenchimento das vagas de emprego (Castro: 1997; Demazière: 1995). Falar em empregabilidade é ter em vista, portanto, as duas instâncias que dela fazem parte: os indivíduos que buscam uma colocação no mercado

¹¹⁹ O "rabo de cavalo" feito por alguns rapazes e o *piercing* são signos utilizados pelos jovens para, de um lado, evidenciar sua pertença ao universo juvenil e, de outro, estabelecer o distanciamento do universo adulto, em termos de identificação. Pais (2001 a) destaca que se associa à prática do consumismo a utilização de determinados signos, como as roupas da moda, pela juventude. A esse consumismo não estão ligados apenas os aspectos econômicos, mas também os sonhos, as imagens, as identidades. Na manipulação das fachadas visuais - como a utilização de *piercing* e de "rabo de cavalo" - os jovens desestabilizam convenções, permitindo a diferenciação e a originalidade. No caso desses adolescentes, podemos pensar que a utilização e a combinação desses signos representam também a manifestação do pertencimento desses indivíduos ao universo da juventude, mais do que a identificação de sua condição social de adolescente pobre. Busca-se, com isso, o afastamento do estigma - do adolescente pobre assistido - e dos elementos negativos a ele associados.

de trabalho - e suas ações, por um lado, e os empregadores, por outro¹²⁰. A empregabilidade não é, portanto, somente uma característica individual, mas depende também dos contextos estruturais, do desenvolvimento econômico e das dinâmicas do mercado de trabalho, nos quais as trajetórias individuais se desenvolvem.

Essa dupla consideração favorece a percepção das possibilidades de inserção ou de reinserção dos indivíduos no mercado, em especial dos jovens, dadas as transformações que ocorrem nos processos de trabalho, com crescente ocupação dos trabalhadores jovens e mulheres nas atividades não formais¹²¹ (Maruani: 2002; Dubar: 2000).

Quando se associa o conceito apenas à dimensão individual, considera-se que o sucesso ou fracasso na busca de um emprego dependerá tão somente da capacidade que alguém tenha de se apresentar "empregável". Nesse sentido, o Programa é pensado como um importante instrumento, capaz de ensinar aos jovens os passos necessários, inculcar-lhes valores, e possibilitar-lhes a aquisição de novos hábitos, para que venham a ser bem sucedidos futuramente, como trabalhadores "*que respondem pelos seus atos*". O resultado dessa intervenção é comentado sendo ressaltadas as histórias bem sucedidas: "*alguns voltam para visitar e contam que estão trabalhando. Na véspera do feriado, vieram dois portadores e três adolescentes*", que apresentaram características adequadas e esperadas pelo mercado de trabalho, as quais foram adquiridas no Programa.

Quais seriam as características que poderiam aumentar as chances do indivíduo? A princípio, poderíamos assinalar a escolaridade, os treinamentos adquiridos na empresa, a experiência de trabalho e os saberes relacionados a uma ocupação específica que, reunidas, se referem à qualificação do trabalhador. No entanto, como demonstram Castro (1997) e Demazière (1995), a questão da empregabilidade não se restringe a isso. Características não formalizadas, como sexo, idade e, principalmente, condição racial, por vezes não reveladas abertamente, concorrem para aumentar ou diminuir as chances de inserção e reinserção dos indivíduos no universo profissional. Ser adolescente de baixa renda sinaliza, a princípio,

¹²⁰ Nos termos de Demazière (1995), a empregabilidade é explicada por um componente intrínseco (resultante das trajetórias e características dos desempregados) e por outro, extrínseco (que diz respeito ao desenvolvimento econômico e às transformações do mercado de trabalho).

¹²¹ A respeito da problemática da informalidade e do desemprego, bem como das fronteiras existentes entre emprego e desemprego que caracterizam as ocupações no momento contemporâneo, em especial dos indivíduos menos escolarizados e pertencentes às famílias de baixa renda, ver Maruani (2002), Demazière (1995) e Freyssinet (1984).

um difícil caminho a percorrer (Dubar & Demazière: S/D), dadas também as representações existentes sobre esses indivíduos no mercado de trabalho.

Por outro lado, Demazière (1995) avalia a força de determinadas características, consideradas elementos de risco, como o pertencimento ao sexo feminino, a ausência de qualificação, a idade elevada do indivíduo e percebe que são pouco eficazes para explicar os percursos dos desempregados de longa duração. Outros fatores, portanto, devem ser levantados, como a continuidade da trajetória profissional, a ausência de inatividade prolongada e o exercício de atividades ocasionais durante o período de desemprego, que favorecem a proteção contra o confinamento no desemprego prolongado¹²².

No caso dos adolescentes que estavam ocupados, a questão colocada é a da possibilidade de aumento das chances de não entrada no desemprego, por ocasião do término do contrato. No momento em que estavam na empresa, como trabalhadores inseridos em um programa específico, a preocupação dos organizadores do Programa era com sua formação, profissional e pessoal, adquirida com vistas a uma boa inserção fora da empresa e a um bom desenvolvimento pessoal, longe da marginalidade, uma vez que tivessem incorporado os valores que lhes eram passados.

Como eram adolescentes, ora vistos como crianças, ora como quase adultos, a empresa buscava elaborar estratégias para que as palestras, em especial sobre empregabilidade, pudessem tornar-se mais interessantes. Seguindo uma linha próxima ao "pão e circo", os jovens eram introduzidos ao tema escolhido. O alimento, lanche, e o lúdico davam o tom da palestra, em clima de descontração. *"No início do ano passado, eu chamei uma companhia de teatro pra trabalhar com eles a questão da empregabilidade. Eles colocaram de uma forma bem lúdica, muito descontraída essa questão do trabalho, da apresentação, da entonação, fala, porque tem uns adolescentes que falam pra baixo, não falam olhando pra gente."*

Partindo do lúdico, o Programa buscava também a moralização dos adolescentes, de acordo com o ideário da empresa. Tratava-se de passar o recado, inculcando concepções idealizadas sobre o comportamento apropriado dos jovens, tanto na preparação para o

¹²² Sobre desemprego de longa duração, fenômeno que atinge familiares próximos desses jovens adolescentes, ver: Demazière, 1995, op.cit.

trabalho, quanto para a vida em sociedade. Os adolescentes eram socializados e moralizados no espaço do trabalho.

"Para as palestras a gente não convida, a gente convoca, e quando o adolescente não vem, nós procuramos ir até a chefia para saber o motivo. Muitas vezes, há o desinteresse do próprio adolescente, ou ele faltou ou a chefia não liberou porque o departamento estava com muito serviço pra liberar o menino. Antes, os adolescentes recebiam um certificado de participação nas palestras, que a gente chama, na verdade, de treinamento. A gente dava um certificado pra eles colocarem depois no curriculunzinho deles".

Os adolescentes, portanto, eram convocados a participar dessas atividades, consideradas importantes para a sua formação enquanto indivíduos e futuros trabalhadores de fato, já que, naquele momento, no que se refere aos aspectos psicossociais, eram considerados crianças, *menores*, que precisavam de orientação e receberiam alguns suportes e experiências para que colocassem no seu "curriculunzinho" ao saírem da empresa e buscassem ser trabalhadores de fato, construindo seu verdadeiro *curriculum*. No entanto, para o exercício das atividades dentro da empresa, no cumprimento das horas de trabalho, eles eram percebidos como trabalhadores, e o seu serviço, num período de sobrecarga do setor em que trabalhavam, tornava-se imprescindível para os demais trabalhadores do local. Como afirmou a entrevistada, *"às vezes a chefia não liberou porque o departamento estava com muito serviço"*.

Um conjunto de normas definia o regime disciplinar, no caso do adolescente, baseado no Regulamento de Pessoal da Empresa de Correios e Telégrafos- ECT. O controle, tanto da chefia, dos orientadores, quanto do adolescente, do que deviam e do que não deviam fazer, delineava o perfil esperado de cada um e o papel que deviam desempenhar nas relações de trabalho assistido.

Junto às normas ligadas à assiduidade e à pontualidade, podem ser destacados alguns deveres, relacionados à higiene pessoal: "manter em ordem, limpo e arrumado o seu local de trabalho, zelando pela conservação de materiais confiados a sua guarda e utilização; apresentar-se sempre bem asseado evitando o uso de trajes sujos, rasgados ou mal cuidados e de uniformes incompletos; obedecer e praticar os conselhos e regras de higiene e segurança no trabalho". (Manual do Orientador). Existia uma dimensão

disciplinadora relacionada à higiene e à limpeza que, uma vez disseminada entre os indivíduos, homogeneizava-os e, como era transmitida a todos, sem que houvesse privilégios, permitia à empresa a transmissão de um ideário "de harmonia social, de ausência de conflitos, de dignidade no espaço da produção" (Fleury: 1996).

O não cumprimento das normas relacionadas à higiene quebrava a ordem estabelecida, o pacto entre os indivíduos, fundamentado em sentimentos que, pensados compartilhados, estabeleciam o convívio nas relações de trabalho. A aparência adequada diz respeito a determinações elaboradas socialmente e relacionadas à dignidade e decência, mais do que à saúde. Argueiros (1999: 132) em seu estudo sobre o traje e o decoro, percebe a relação existente, principalmente para as camadas populares, entre os efeitos do traje e as relações sociais. Os indivíduos pobres, comenta a autora, talvez sejam mais sensíveis à importância do traje adequado nos diferentes espaços do meio social, em função da consciência de que "no mundo moderno a pessoa é o que pode fingir que é". Não se trata de cinismo, mas, antes, do reconhecimento de que não basta a cada um de nós acreditar ser isso ou aquilo. É necessário "mobilizar um equipamento de identificação, do qual a roupa é fundamental, para representar teatralmente para os outros (e para nós mesmos) o que imaginamos ser."

A questão do traje adequado e da higiene é especificamente importante no caso dos adolescentes. São esses os indivíduos que buscam constantemente a diferenciação, mediante os símbolos da juventude (Sposito: 1994; Abramo: 1994), expressos nas vestimentas, no corte de cabelo, nos acessórios e nas gírias. Como destacou a entrevistada, "*os adolescentes, nas festas da empresa, vêm todo cheio de fantasia, aquelas roupas deles, aquela coisa toda*".

O uso do traje adequado, da camiseta e do crachá de identificação, bem como das normas ligadas à higiene, impunham o controle e, ao mesmo tempo, a disciplina da empresa.

Outras normas disciplinadoras que merecem destaque e que contabilizavam a maior parte das prescrições referentes aos adolescentes estavam relacionadas à parte comportamental, referindo-se ao decoro e aos aspectos ligados à moral, podendo ser citados: a solidariedade, a cooperação, a discrição e o respeito.

Assim, cabia aos adolescentes "não faltar ao decoro, não usar linguagem e atitudes obscenas ou participar de brincadeiras levianas ou impróprias no recinto da empresa; tratar com urbanidade os chefes, instrutores e demais colegas de trabalho; guardar absoluta reserva sobre informações de que tenha conhecimento em razão da função que ocupa; manter espírito de cooperação e solidariedade, guardando respeito mútuo, evitando comportamento capaz de conturbar o ambiente e prejudicar o bom andamento do serviço; não se referir de modo depreciativo a quaisquer atos de administração e nem induzir outro colegas a não acatá-los; não se envolver em conflitos, não agredir física ou moralmente qualquer colega ou orientador; atuar na empresa visando o bem comum; não permitir a depreciação do nome da empresa levando a uma situação de intranqüilidade e tensão", por fim, "não fazer uso de bebidas alcoólicas ou de qualquer tóxico em serviço ou fora dele" (Manual do Orientador).

Essas prescrições referiam-se a aspectos morais que deviam ser observados e cumpridos pelos adolescentes, por um lado, visando ao estabelecimento da ordem no espaço do trabalho, por outro, e relacionado ao anterior, enfraquecer o perigo potencial do risco ligado à marginalidade que perpassa as representações sobre os adolescentes de baixa renda. A moralização, a aquisição de hábitos e comportamentos desejáveis deveria ser feita no espaço do trabalho. Antes, porém, as normas prescritas para os jovens já definiam os valores, a visão da empresa sobre esses indivíduos e sobre as relações de trabalho nas quais estavam envolvidos.

Não restritas ao espaço do trabalho, as exigências diziam respeito à vida e à formação do caráter do jovem, como bom adolescente de baixa renda, assistido. Essas prescrições, por vezes, eram claramente manifestadas como normas que não visavam apenas o espaço da empresa, como é o caso do uso de bebida alcoólica ou de outro tóxico "em serviço ou fora dele".

Como destaca Fleury (1996: 102), no espaço do trabalho, a proibição de bebida alcoólica tem como função manter o trabalhador distante de "hábitos morais que impeçam a canalização de suas forças única e exclusivamente para o trabalho." Também inscrita fora do espaço do trabalho, essa norma introduz a intervenção na vida privada do indivíduo¹²³.

¹²³ Como esclarece a autora, historicamente, a intervenção na vida privada dos trabalhadores por parte da organização, controlando como viviam, como gastavam seus salários, ligou-se ao exercício da moral para o trabalho, envolvendo além da proibição do álcool, a proibição de uma vida sexual desregrada.

No caso dos adolescentes do Programa, a intervenção da empresa em sua vida privada ocorria, em tese, em especial, por meio do monitoramento das relações familiares¹²⁴, especialmente aquelas existentes entre pais e filhos. A empresa, por intermédio do Programa, figurava-se como responsável pelo acompanhamento do adolescente, no que se referia não apenas à experiência de trabalho, como também de desenvolvimento pessoal. Eram quase crianças que precisavam ser orientadas no espaço do trabalho e, tanto quanto possível, em sua vida familiar e escolar.

Assim como os participantes do Programa, as suas companhias deveriam ser examinadas. *"A gente começou a desconfiar de um garoto que trabalhava aqui, se estava mexendo com drogas, porque vinha uma pessoa, com cara de marginal, procurar por ele"*, comentou a entrevistada.

As más companhias também eram avaliadas de forma a "evitar a contaminação daqueles que não possuem 'valores desejáveis' e que podem eventualmente perverter o funcionário, colocando a perder todo o trabalho de moralização realizado anteriormente." (Fleury: 1996: 102). Havia o receio do contato com indivíduos que pudessem pôr a perder o trabalho de reeducação dos adolescentes. Esses indivíduos corporificavam a desordem, uma vez que infringiam normas de comportamento e de hábitos que eram considerados adequados, não apenas no espaço do trabalho.

Os adolescentes eram controlados, mesmo nos momentos reservados ao lazer e à integração dos trabalhadores, por ocasião das festividades organizadas pela empresa, devendo obedecer às regras impostas pela disciplina, referentes ao seu comportamento, em especial, à vestimenta, ao horário e à ingestão de bebidas alcoólicas.

"Eles participam das festividades na empresa: café na gerência, almoço que a gente faz de confraternização, todos eles participam, e eles contribuem também. Ah, a gente tá pagando dez reais, cobra um real deles, sei lá, mas participam, a gente faz com que eles paguem e valorizem. Nós tivemos uns problemas muito sérios em algumas festas, porque alguns adolescentes acabaram brigando com um outro adolescente, então a gente determinou em algumas festas, principalmente aquelas que vão até mais tarde, happy hour,

¹²⁴ Todos os adolescentes moravam com os pais. No que se refere às relações familiares, houve um caso, citado pela funcionária, de ocorrência e revelação de determinado conflito no ambiente doméstico. Uma jovem procurou orientação da assistente social para tentar solucionar as freqüentes brigas e discussões que mantinha com o padrasto. O caso não foi resolvido.

final de ano e tudo mais, horário para o adolescente ficar. O adolescente tem de ficar com um tutor, porque se eu não vou à festa, alguém daqui tem de ir . Ele tem de ter horário pra ir embora. O funcionário fica até dez horas, meia noite, o adolescente, quando for dez e meia, no máximo, ele tem de sair da festa, tem de estar indo embora. Nada de bebida alcoólica para o adolescente, então o tutor tem de estar vigiando. O adolescente acabava bebendo, a gente não sabia quem era adolescente, quem não era, porque eles são muito grandes, mistura no meio dos funcionários, a gente determinou tais coisas. Também têm agora de vir de camiseta da empresa. Eles odeiam, mas têm de vir."

Além do controle exercido fora do horário de trabalho, ainda que no espaço da empresa, este, de certo modo, re-significado e vivido como lazer pelos trabalhadores, nos momentos de festa, os espaços do trabalho, estrategicamente pensados, estabeleciam também o melhor controle: "*estamos tentando tirar os adolescentes da área operacional e deixá-los mais na área administrativa. É mais fácil acompanhar esses adolescentes que ficam mais ali, dar esse suporte*", finalizou a funcionária, que estava pensando, como representante da instituição, a partir de seu discurso oficial, em um suporte sempre estendido: da empresa enquanto lugar de trabalho, à empresa como espaço de lazer; da formação do adolescente para o trabalho, à formação e à orientação para a sua vida.

CAPÍTULO 3. TRABALHO, FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA

Este capítulo tem por objetivo focalizar a discussão no “objeto” central desta pesquisa: o jovem das camadas populares que passou pela experiência de participação no Programa Adolescente Assistido. Trata-se, num primeiro momento, de recuperar aspectos dessa participação considerados relevantes, a partir do olhar desses indivíduos, ainda como participantes do Programa. Num segundo momento, as reflexões serão desenvolvidas com base em outras experiências - de trabalho e de sua ausência, de estudo e de vida pessoal -, trazendo para a reflexão outras dimensões da vida, especialmente, a família e a escola, capturadas num momento em que esses jovens já não falavam como adolescentes

assistidos¹²⁵, uma vez que já haviam saído da empresa, revelando outras expectativas, novos projetos e, especialmente, um outro olhar sobre o Programa.

3.1 Trabalhadores *assistidos*: as primeiras considerações

Este item tem como proposta trazer os apontamentos e apreensões dos jovens, então adolescentes assistidos, a respeito da experiência de trabalho nos Correios. A idéia é recuperar elementos importantes, tanto para eles, que levantaram as questões nas reuniões de grupos focais¹²⁶, quanto para a pesquisa, que envolvem a compreensão do universo do trabalho e de suas relações, a partir do olhar desses jovens, tendo em vista que, essa experiência, apesar de regular em sua forma de contratação, continha elementos que desqualificavam o adolescente e o seu papel dentro da empresa.

Dentre as questões apresentadas, destacam-se: a disciplina de horários, comparada com a menor rigidez encontrada na família; o controle exercido pela instituição e a possibilidade de burlá-lo; a controvérsia em torno das atividades que podiam desempenhar; e o aprendizado dentro dos Correios.

Um dos primeiros e interessantes aspectos apreendidos na reunião de grupo focal referiu-se à percepção de como os adolescentes eram tratados pelos trabalhadores e sua chefia. Era usual referirem-se a eles como *o menor*, fato levantado pelos jovens como um

¹²⁵ Para a discussão das questões propostas nos itens desse capítulo, foram recuperados alguns trechos das falas dos seguintes depoentes: Rodrigo (18 anos, auxiliar de escritório, ensino médio), Dora (39, mãe de Rodrigo, auxiliar de produção, ensino médio incompleto), Edson (39, pai de Rodrigo, encarregado de produção, ensino fundamental), Luiza (18 anos, vendedora, ensino médio), Maria das Graças (45, mãe de Luiza, dona de casa, ensino fundamental), Carolina (18 anos, analista de crédito, ensino médio), Maria José (mãe de Carolina, empregada doméstica, ensino fundamental incompleto), Daniel (18 anos, desempregado, cursando o terceiro ano do ensino médio), Felipe (18 anos, solteiro, não estava trabalhando, cursando o terceiro anos ensino médio), Patrícia (19 anos, solteira, atendente comercial nos Correios) e Diogo (25 anos, funcionário dos Correios, auxiliar de escritório). Ressalta-se que, nesse momento, esses jovens já haviam saído do Programa. A análise e as discussões desenvolvidas estarão centradas nas percepções dos entrevistados acerca dos temas apresentados, os quais são considerados fundamentais para a apreensão do problema de investigação.

¹²⁶ Estão contidos aqui os depoimentos da maior parte dos jovens que participaram dos grupos focais, perfazendo o total de sete jovens, quatro garotas e três rapazes. Todos eram solteiros, moravam com os pais e estavam para completar 18 anos naquele ano de 2003, tendo que sair da empresa naquela época. Com exceção de Felipe e Daniel, que estavam no segundo ano do ensino médio, e trabalhavam no setor operacional, todos estavam cursando o terceiro ano do ensino médio e trabalhavam no setor administrativo. Eram eles: Luiza (que tinha filho), Rodrigo, Carolina, Patrícia e Adriana. Vale ressaltar que as maiores contribuições para a pesquisa, nesse momento, provêm do primeiro grupo, do qual faziam parte Rodrigo e Luiza, em virtude de ter sido o mais participativo.

dos pontos negativos do Programa. “*Menor é assaltante. Eu não sou menor*”, disse Luíza¹²⁷. “*Tem gente aqui que até brinca que viu a gente no Linha Direta, pergunta se a gente estava na FEBEM*”, comenta Rodrigo. Os adolescentes sentiam-se ofendidos ao serem identificados como "menores", visto que, antes desse termo estar associado à faixa etária, em oposição aos trabalhadores jovens e adultos (não adolescentes), referia-se à contravenção, à marginalidade.

A pobreza, o fato de serem adolescentes assistidos, fazia com que fossem alvos de “brincadeiras”, resultado de representações referentes ao jovem pobre, relacionadas à marginalidade e à violência (Adorno: 1993).

As representações que associam a pobreza a aspectos negativos, como a figura do *menor* ligada à idéia de marginalidade, violência e desordem familiar¹²⁸, tendo, portanto, a falta como referência, marcou um período da produção acadêmica da visão social sobre os pobres, sobretudo nos anos sessenta¹²⁹.

Particularmente na empresa em questão, a idéia da pobreza relacionada à negatividade reafirmava-se na ideologia do Programa voltado para os adolescentes de baixa renda, que visava formar e educar os jovens para que estivessem "aptos" a participar da vida em sociedade. Por meio das brincadeiras com os adolescentes, os funcionários reafirmavam sua identidade de trabalhadores, não marginais, desqualificando os adolescentes assistidos. Os trabalhadores contratados, que passaram por seleção mediante concurso público, são como um grupo de indivíduos já estabelecidos¹³⁰, com *status* de funcionários da empresa. Os adolescentes eram vistos como indivíduos vindos de fora, que

¹²⁷ Luíza, assim como os outros nomes que aparecem no texto, são fictícios. A finalidade é preservar a identidade dos adolescentes.

¹²⁸ Gomes (2002: 61-62) ao realizar um estudo sobre a luta pela sobrevivência empreendida por famílias pobres de um bairro paulistano - Vila Helena - chama-nos a atenção para a necessidade de desconstrução da idéia, disseminada pelos meios de comunicação de massa, que associa miséria, vida precária e a figura do menor com a desordem familiar, caracterizada pela irresponsabilidade dos pais. Porém, o que parece evidente, pondera a autora, é que "à criança abandonada, objeto da violência alheia, civil ou militar, correspondem 'famílias abandonadas', objeto de violência institucionalizada."

¹²⁹ Sarti (1996) analisa esse aspecto, trazendo também outros paradigmas de focalização da pobreza, pelas Ciências Sociais, nos anos subseqüentes.

¹³⁰ Elias (1990), em estudo sobre uma comunidade inglesa, trabalha com a questão das relações que são desenvolvidas entre os indivíduos "antigos" e os "novos", os últimos referindo-se àqueles que chegam na comunidade, depois de um certo tempo e que, mesmo não apresentando diferenças de raça ou de classe social, são estigmatizados com "as características 'ruins' de sua porção 'pior' (...)." Ao mesmo tempo, o grupo antigo, os estabelecidos, tendem a se modelar "na minoria de seus "melhores" membros, havendo entre eles grande coesão grupal dada pela antiguidade, pelo tempo de residência no lugar, o qual acompanha a consciência de grupo, bem como a adesão às suas normas e valores.

ficariam na empresa por um tempo determinado, não estando inseridos nas práticas de convivência estruturadas pelo tempo e pela questão da estabilidade, que configura simbolicamente as identidades dos outros funcionários e seu reconhecimento no coletivo da empresa.

Como comenta Schutz (1979), em todas as línguas, os termos têm diversas conotações. Todavia, além daqueles, encontrados e registrados no dicionário, há, em cada elemento da fala, outros significados secundários que têm sua origem no contexto ou ambiente social dentro do qual é usado, e, dependendo da ocasião, esses significados são acentuados. No caso em questão, o termo *menor* aparecia carregado de significados pejorativos, ainda que, a princípio, pudesse estar referido à menoridade da idade. No entanto, no contexto em que era empregado - espaço da empresa, de legitimidade da condição de trabalhador -, e da forma que era proferido - em meio a brincadeiras, que permitiam que verdadeiras intenções e opiniões fossem dissimuladas, mascaradas e escondidas, sobressaindo-se a descontração, para ambos os agentes da relação, adolescentes e funcionários - ficavam claras a desqualificação e a associação pobreza e marginalidade.

Quando a jovem diz "*eu não sou menor*" está reivindicando a possibilidade de pertencer ao universo da pobreza sem que isso a associe ao mundo da desordem. Está reivindicando a construção de uma auto imagem desvinculada da marginalidade, porque trabalha, estuda e tem uma família, como lembra em outra passagem. Portanto, na visão da jovem, não apenas o fato de trabalhar possibilitava o seu distanciamento da desordem. Suas reivindicações referiam-se ao seu reconhecimento como estudante que também pertence a um grupo de apoio e proteção - a família¹³¹ - participando, em ambas as esferas, de códigos de obrigações que atualizam e reafirmam seu lugar nesses campos simbolicamente constituídos como espaços sociais legítimos. Fazer parte desses universos, os espaços do trabalho, da escola e da família, significa auto-afirmar-se como ser social detentor de direitos que estruturam, também simbolicamente, o seu lugar na e perante a sociedade, longe da marginalidade.

Além dessa referência ao termo *menor*, os jovens, com bastante frequência, comentaram, ainda que em tom de brincadeira, o fato de não serem respeitados como

¹³¹ Esfera considerada a mais importante entre os jovens de baixa renda. Essa questão também foi verificada em pesquisa de mestrado, op, cit e na pesquisa de Corrochano (2001), op.cit.

trabalhadores de fato, em virtude de sua condição de adolescentes vinculados ao Programa: *"eu fui tirar uma xerox e na hora que a funcionária viu a camiseta¹³², ela desconsiderou totalmente a pessoa. Ela telefonou para a sessão para saber se era para tirar daquele jeito mesmo. Era minha responsabilidade, quem iria arcar com as conseqüências era eu"*, comentou Rodrigo. *"Todo funcionário aqui deve ter sido louco quando adolescente. Tudo bem, a gente também pode ser louco, mas eles tratam a gente como retardados, explicam uma coisa simples um milhão de vezes. Por que mandam a gente trabalhar então?"*, desabafou Luíza. *"Eu estou ali pra ajudar as pessoas e as pessoas desprezam a gente quando vêem a camiseta"*, sintetizou Rodrigo.

Contrapondo-se à desconsideração com os adolescentes, manifesta pelos funcionários, que combina esse período de vida à imaturidade, aos atributos da falta - de responsabilidade, de conhecimento e de habilidade dentro do universo da empresa -, os adolescentes reafirmaram a importância e o valor de sua participação, estruturando uma auto-imagem ligada à capacidade e ao dinamismo, considerado, muitas vezes, superior ao dos demais funcionários: *"a gente sabe trabalhar, já conhece as coisas aqui. As pessoas que já trabalham no Correio encaminham documentos muito mal"*, avaliou Patrícia. Rodrigo comentou *"você tá vendo que o funcionário não tá fazendo o serviço dele. Você pega e faz por iniciativa. Alguns funcionários são mais lerdos que os adolescentes"*. Com relação à capacidade, Rodrigo avalia: *"uma vez me tomaram um serviço que eu fazia e passaram para uma estagiária da tarde, mas ela ficava enrolando e então voltaram com o serviço pra mim. A estagiária não deu conta do serviço que eu fazia e o funcionário quebrou a cara. Aí você vê como é útil ter um adolescente assistido em uma sessão"*.

Aliado à reivindicação do reconhecimento de sua capacidade, os adolescentes discutiram o significado da designação na carteira de trabalho: *"vem escrito adolescente assistido. E o que é isso? Como a gente vai explicar depois na hora de procurar emprego? Ninguém sabe o que é isso. Acho que tinham que colocar o que a gente faz aqui"*, disse Luíza que mostrou que o que é valorizado não é apenas a carteira de trabalho, que designa experiência comprovada em um dado período (Evelyn: 1998), mas também o que *"vem escrito"*, evidenciando a força e importância do elemento simbólico nas relações de trabalho (Fleury: 1996).

¹³² Os adolescentes utilizavam uma camiseta de cor cinza, facilmente identificável dentro da empresa.

Trabalhador assistido não é profissão ou atividade legitimamente reconhecida no espaço social de trabalho; ao mesmo tempo, segundo a impressão de alguns jovens, era elemento desqualificador, visto que eram confundidos com a figura do *menor*. Outros, porém, relacionaram a experiência adquirida à possibilidade de inserção no mercado de trabalho, em função da credibilidade que o adolescente passava para as empresas, por ter sido monitorado dentro de um programa. “*É bom saberem que a gente já passou por aqui. É melhor que esses que não têm experiência nenhuma, que ficam na rua. Pelo menos aqui a gente tá aprendendo*”, disse Daniel, revelando, por outro lado, a importância do distanciamento da marginalidade por meio da atividade trabalho (Zaluar: 1985) e da experiência anterior. Estas são valorizadas, ao contrário da desocupação, da rua, vista como espaço carregado de significados negativos, ligados à violência e à marginalidade, atributos que prejudicam a imagem a ser vendida no mercado de trabalho, especialmente para os jovens, cujo acesso já é bastante crítico (Souza Martins: 2000; Dubar: 2000).

Nessa experiência, ao *status* de trabalhador aliava-se o de adolescente, que “*é um pouco criança, ou ainda não é adulto*” e o de jovem de baixa renda. No caso de falta, como os demais trabalhadores, recebiam a punição do desconto salarial. Como adolescentes de baixa renda, recebiam a reprimenda de seu orientador e conselhos constantes dos outros funcionários. Seu processo de identificação com a empresa e com os diferentes papéis em que atuava (de adolescente e de trabalhador, de garoto, de garota, dentre outros) tornava-se complexo. A própria definição dos limites de ação do jovem dentro da empresa, em termos de espaço físico, não era uma questão simples, pois os funcionários podiam movimentar-se em vários setores, distribuídos pelos vinte e quatro andares, nos dois prédios dos Correios da Vila Leopoldina.

Para levar documentos e fazer entregas, em geral, atividades comuns entre os adolescentes, era possível ir de um prédio a outro sem que fosse necessário passar pela rua. Todavia, era comum o trânsito entre os prédios feito da segunda maneira. Apesar da proibição formal de que os adolescentes saíssem à rua, os próprios funcionários que trabalhavam com eles acabavam desrespeitando essa regra. “*Às vezes pedem pra gente ir na padaria e falam: 'olha, vai rapidinho no bar comprar tal coisa'. Antes tinha uma lanchonete aqui dentro, mas fecharam, então tem que sair*”, comentou Luíza, que acrescenta, “*a gente não é retardado. Por que não deixam a gente sair pra rua?*”,

questionando essa proibição e revelando não legitimar essa determinação contratual que, no seu ponto de vista, depunha contra sua capacidade pessoal de discernimento ao se movimentar no espaço da rua.

De qualquer forma, andar pela rua é passar pelo bar, que também é local de bebidas, como destacou uma assistente social, em entrevista concedida.

Ainda que o trânsito entre os prédios fosse permitido e necessário, o espaço entre eles, da rua, era caracterizado negativamente, condensando os perigos e as influências do mundo exterior a que os jovens estariam submetidos, como a presença do álcool no bar. No horário do expediente, esse trânsito dos jovens pela rua significava não apenas o não cumprimento de uma regra estabelecida, mas também a intromissão, na instituição, do universo externo, visto como perigoso, ameaçando, portanto, as concepções de ordem no trabalho e colocando em risco o processo de formação proposto pelo Programa, visto que os jovens acabariam saindo do controle a que estavam submetidos.

Mais do que falta de clareza entre os espaços de dentro e de fora da empresa¹³³, o que existia era a influência ou ameaça constante de influência do universo externo na instituição, em seus muros de concreto e em sua filosofia e princípios. Isso permitia que tanto os funcionários quanto os jovens manipulassem esse espaço de definição fluida. Os primeiros, solicitando serviços particulares aos adolescentes, realizados fora da empresa, como a compra de lanches. Os segundos, circulando também pelos corredores, ultrapassando os limites destinados à realização de seu trabalho. "*Quando eu quero sair eu saio. Eu falo que vou em outro andar e saio*", disse Patrícia. "*A gente não pode sair do prédio, mas a gente sai*", reforçou Carolina.

A manipulação dessa proibição pelos funcionários era percebida pelos adolescentes. "*Uma vez eu pedi pra sair pra comprar um lanche e não me deixaram porque não está no contrato. Mas engraçado é que pra comprar pra eles eu posso*", avaliou Luíza que, na ocasião do encontro, já estava saindo da empresa, encerrando seu contrato de trabalho naquela semana.

Aqueles que estão entrando na empresa, chegando a um ambiente novo, é certo que deparam com normas e valores que devem ser apreendidos, em maior ou menor grau, para

¹³³ A questão da perda dos limites de definição das instituições - o que é dentro e o que é fora- na sociedade contemporânea é trabalhada por Sennett, op. cit. e retomada por Pais (2001).

o desempenho de seu "papel". Os grupos de referência são de grande importância na determinação das atitudes que os indivíduos mantêm.

No caso estudado, pode-se dizer que os adolescentes tinham como referência a pessoa que os orientava (o facilitador), visto menos como aquele responsável pelo seu aprendizado na empresa do que como aquele a quem o jovem devia satisfazer as expectativas de trabalho, prestar contas sobre seu comportamento e receber ordens legítimas. Mas, no departamento em que trabalhava, eram várias as pessoas que lhe solicitavam a realização de determinadas tarefas, como, por exemplo, levar papéis e documentos a um outro setor. "*Às vezes pedem pra eu ir pagar conta no Banco*¹³⁴. *Eu estou ciente de que não é meu serviço, mas eu vou*", comentou Rodrigo.

Os adolescentes disseram realizar as tarefas extras por livre e espontânea vontade, em virtude da existência de tempo livre, uma vez que consideravam seus encargos leves e, também, porque, segundo disseram, não era bom que os vissem parados. Sempre buscavam mostrar que estavam fazendo alguma coisa.

Interessante notar a afirmação de que faziam porque queriam fazer e que, se não quisessem, nada os impediria de negar. Isto porque reconheciam a autoridade sobre eles do facilitador, vendo como um favor as atividades que prestavam aos demais funcionários.

Segundo Shiniashiki (2000: 69), toda posição em uma estrutura formal deve ter especificadas as tarefas e responsabilidades, tendo como objetivo "permitir à gerência a administração e o controle da performance do empregado assim como proporcionar orientação e direção". Isso acontece em tese. Na prática, quando falamos no trabalho dos adolescentes, verificamos que eles não cumpriam o seu "papel" da forma exata como estava proposto no estatuto da empresa a respeito de seu trabalho. Havia o exercício de tarefas que, a princípio, não seriam de sua responsabilidade. Por outro lado, cabe ressaltar a existência de "preocupação", por parte dos funcionários - chefia e colegas de trabalho - com relação ao tipo de trabalho que eles iriam desempenhar, para que não fosse ferido o Estatuto da Criança e do Adolescente, ou melhor, não fossem infringidas as normas do Programa. Essa preocupação era percebida pelos adolescentes. Não eram responsabilidades a serem assumidas por eles, no setor, de maneira formal. Eram atividades diversas (esporádicas ou

¹³⁴ Há uma agência do Banco Real em um dos prédios.

não, consideradas favores, pelos jovens) que o adolescente "resolvia" exercer, a pedido de algum dos funcionários ou por iniciativa própria (o mais recorrente).

No estatuto do Programa *Adolescente Assistido*, havia uma cláusula a respeito das atividades que o jovem poderia desempenhar. Ao final, mencionavam-se "outras atividades". Essas "outras" seriam definidas em cada setor. Mas, para o adolescente, eram favores que prestavam aos outros.

Outras vezes, as imprecisões com relação às atividades que não podiam realizar, aliadas às expectativas e às representações em torno de sua figura, marcadas pelo tênue limite com a infância, causavam, no mínimo, desconforto entre os jovens. "*Teve uma vez, (narra Luíza), que uma mulher veio até a copa e disse 'ah, você é adolescente, não pode fazer café.' Aí eu respondi: 'eu pude fazer um filho'¹³⁵ e não posso fazer um café?*" "

Enquanto a funcionária, ao alertar a jovem, estava aproximando a adolescência da infância, certamente preocupada com os perigos em relação ao manuseio do fogo para a feitura do café, a jovem, com sua resposta, estava buscando o afastamento dessas duas fases da vida, e a proximidade que estabelece com o universo adulto, dada pelo *status* da maternidade que possuía.

Essa questão remete-nos à discussão dos significados da gravidez e da maternidade para as jovens. O fato de ser repreendida por fazer café, trouxe indignação àquela que já é mãe. Ser mãe, gerar uma criança, significa ser capaz de enfrentar dificuldades maiores e mais complexas que as habilidades exigidas para fazer um café. Dentre essas dificuldades, estão as dores do parto e os cuidados com o bebê.

A maternidade¹³⁶ também é valorizada por trazer incluída a idéia de família, de coletivo. A jovem não responde mais apenas por si, mas também pelo filho que irá criar. Essa incumbência, dividida com a mãe que a auxiliava, tornava-a mais próxima do *status* de adulta e, por conseguinte, das atividades desempenhadas por indivíduos dessa condição social, como as atividades domésticas, dentre as quais, a feitura de um café.

¹³⁵ Essa jovem teve seu filho aos quinze anos de idade. Hoje tem dezoito anos. Segundo disse, foi pelo seu filho que procurou trabalho. Todavia, a idéia de ir trabalhar nos Correios partiu de sua mãe, que insistiu para que ela tentasse ser incorporada ao Programa.

¹³⁶ Em sua investigação sobre as concepções da gravidez e da maternidade entre adolescentes no México, Lenkiewicz (2001) constatou que, para as jovens, a maternidade significa a mudança de *status*, de adolescentes para mulheres, e o conseqüente acesso a outro "nicho social", ainda que temporário.

A funcionária que a repreendeu levou em conta a aparência física da jovem e, por conseguinte, seu pertencimento ao coletivo dos adolescentes. O fato de a jovem não estar apresentando a barriga de grávida, que simboliza a maternidade e tem por trás todas as concepções valorativas capazes de aproximá-la do universo adulto, não sinalizava sua diferenciação em relação aos outros adolescentes e às atividades que podia desempenhar. Na concepção da funcionária, fazer café, ainda que não fosse atividade explicitamente declarada como proibida, também não estaria incluída no item "outras atividades" permitidas a eles.

Para o exercício dessas "outras atividades", além das funções pré-estabelecidas, encontravam-se dentro da empresa os departamentos nos quais adolescentes e funcionários trabalhavam. Eles eram todos abertos¹³⁷, havendo comunicação e visibilidade entre as mesas e os trabalhadores. Isso permitia maior controle por parte da supervisão, evitando conversas e circulação desnecessária no trabalho. Os jovens compensavam essa situação pelo trânsito em outros espaços.

Dentro do prédio, era possível circular pela empresa e perder-se em seus longos corredores labirínticos que dividem seções e departamentos. Andar por esse espaço podia significar o exercício reconhecido de uma tarefa a desempenhar, como levar documentos, e/ou a manifestação da vontade individual do jovem, realizada e percebida como um momento de afastamento das regras, do exercício de sua individualidade, recriando os espaços como local também possível ao lazer e à descontração, por meio das conversas e passeios empreendidos.

Conversar com os amigos era uma forma de tornar o momento de trabalho mais agradável, menos monótono. Como disse Luíza, *“É bom ir lá pra copa. É a maior festa. Todo mundo rindo. Todo mundo vai lá bater papo. Dá uma relaxada do trabalho, porque também a gente fica muito parado. Às vezes o serviço acaba e você não tem o que fazer, fica enrolando.”*

¹³⁷ Sennet (1988) op. cit, ao dissertar sobre o esvaziamento do espaço público no mundo contemporâneo, em termos de significado, chama-nos a atenção para, dentre outros aspectos, a idéia da existência de um isolamento social em determinados locais públicos, produzido pela visibilidade de uns para com os outros. Destaca, como exemplo, a destruição das paredes nos escritórios, produzindo melhor desempenho, uma vez que as pessoas ficam permanentemente expostas umas às outras, diminuindo a possibilidade de “conversinhas e mexericos” e aumentando a probabilidade da existência de posturas reservadas, uma vez que todos estão se vigiando mutuamente. Dessa forma, diminui a sociabilidade “e o silêncio é a única forma de proteção.”

Havia outras maneiras de também “enrolar” o trabalho. Como destacou a assistente social entrevistada, *“eles vão levar um malote no 12º andar e encontram com outro adolescente, aí ficam batendo papo, esquecem da vida, então demoram pra fazer o que precisam.”*

Por um lado, trata-se, em certo sentido, da “personalização do trabalho”¹³⁸ no cumprimento do dever, uma vez que a tarefa era executada – levar documentos –, porém, era feita no tempo e à maneira do jovem. Por outro lado, essa situação sinalizava a necessidade de quebra da monotonia do serviço: *“às vezes o serviço acaba e você não tem o que fazer, fica enrolando.”*

Ficar “enrolando”, utilizando um tempo maior do que o desejado pela chefia, demorando “pra fazer o que precisam”, na percepção dos jovens, não era uma atitude que denotasse falta de disciplina. Ao contrário, “enrolar” o serviço significava utilizar uma estratégia para fazer passar o tempo, considerado superior ao necessário para a realização da tarefa demandada, visto que “o serviço acabava” ainda no horário de expediente.

Quando o assunto foi a questão da disciplina, outros elementos como pontualidade e responsabilidade, foram apontados pelos jovens, ressaltando terem sido aprendidos na empresa. Esse aprendizado foi resultado, segundo eles, da maior cobrança, da vigilância ali existente. Não havia outro caminho a não ser respeitar os horários e as determinações com relação ao desempenho de suas tarefas. Ganhava importância a pontualidade, até então passível de ser negociada nas outras instâncias (escola e família). Como disse Adriana, *“a mãe da gente fala, ‘vai fazer isso, lavar essa louça’. Você pode ir depois, fala ‘ah, depois eu vou’, mas no serviço tem que fazer naquela hora”*. Felipe reforçou a idéia: *“na empresa, assim, é mais sério. Você tem que guardar tudo certinho, porque a pessoa que te falou, não vai falar de novo, como em casa. E você tá lá pra isso”*. Rodrigo pondera, *“nossa mãe brigar com a gente porque não fez um serviço é uma coisa, mas uma pessoa de fora, como na empresa, a gente vai se sentir pior”*.

A responsabilidade seria, então, resultado dessa pontualidade, que foi conseguida pela vigilância e cobrança dos supervisores. A pontualidade e a responsabilidade foram

¹³⁸ Silva (2003: 148) utiliza-se desse termo para referir-se às formas particulares, desenvolvidas por jovens operários, de recriação do trabalho, no exercício de suas atividades. Como percebe em sua pesquisa, “com o passar do tempo, o trabalhador desenvolve uma maneira própria de executar a sua função, em cada gesto, em cada movimento. Esse jeito de cumprir as tarefas, essa característica subjetiva da função, maleável em cada trabalhador, porém pessoal e intransferível, é o que personaliza o seu trabalho.

valores estrategicamente cultivados pelos adolescentes, com vistas a permanecerem na empresa, no Programa. Quando atrasavam, ou faltavam, eram repreendidos e tinham o dia descontado.

O desenvolvimento dessas estratégias só foi possível após o conhecimento das regras, das relações e do ambiente no trabalho. Antes, porém, guardavam expectativas em relação ao universo da empresa. Foram revelados sentimentos de ansiedade, relacionados ao porte dos Correios e ao papel que iriam desempenhar, ao que seria esperado deles, ao que fariam e, principalmente, à possibilidade de viver em um clima agradável de trabalho, com amigos e com uma boa relação com a chefia.

Em conversa nas reuniões do grupo focal, alguns dos adolescentes disseram ter desenvolvido uma outra imagem da instituição, que se chocou com a realidade. Em todos os casos, houve sempre um temor do jovem com relação ao que encontraria. O fato de ser uma empresa grande deixava-os apreensivos em relação ao que seria esperado deles, ao tipo de trabalho que realizariam e, principalmente, à forma como seriam tratados. Imaginavam que haveria maior distanciamento entre as pessoas e esse distanciamento seria decorrente do porte dos Correios, tendo embutida aí a idéia de profissionalismo em oposição às relações de amizade e companheirismo. Os jovens temiam não se relacionar bem com os colegas de trabalho e, especialmente, com o chefe, o que lhes causava temor, pois, para eles¹³⁹, as relações interpessoais têm grande peso.

Relacionar-se bem com os colegas no ambiente de trabalho significa também ser aceito pelos "outros", que então reconhecem o novo indivíduo como pertencente ao grupo. Essa pertença ao novo espaço e ao novo grupo estrutura-se com o tempo e com a adaptação do novato às regras, normas e crenças existentes no referido espaço, o que não ocorre sem tensões e temores associados ao que também ele - novato - espera encontrar.

Afastadas as apreensões, todos os jovens revelaram ter feito muitos amigos nos Correios, sendo esse um dos principais motivos de desgosto com relação à saída pelo término do contrato. Esse lamento, segundo o viés de análise de Shiniashiki (2000: 39), poderia estar associado à dimensão interpessoal da organização, referindo-se ao sentimento

¹³⁹ A importância das amizades para os jovens no ambiente de trabalho são confirmadas por outros estudos. A esse respeito, ver: Corrochano op.cit e Oliveira op.cit.

de inclusão da pessoa na vida organizacional, da qual fazem parte as relações de trabalho, de companheirismo e, por que não, de amizade.

3.2 A saída da empresa: novos olhares, outras situações

Este item traz reflexões a respeito de aspectos, referentes ao trabalho - na empresa e fora dela, que foram revelados pelos jovens Rodrigo e Daniel, após a saída do Programa, por ocasião das entrevistas individualizadas. Nesse sentido, são consideradas as percepções que têm a respeito de sua participação na instituição, com destaque para as relações de trabalho, feitas, agora, de uma forma mais distanciada, em virtude de sua saída dos Correios. Ao mesmo tempo, são resgatadas impressões sobre a situação que estavam vivendo no momento da entrevista – a ocupação regular e o desemprego.

Daniel revelou que, na experiência de trabalho no Programa Adolescente Assistido, percebeu-se incluído no grupo e sentiu que não existia diferenciação, quando se tratava de "trabalhar", entre ele - adolescente assistido - e os demais funcionários. No momento em que estava trabalhando, *"não existia 'esse é adolescente, esse é funcionário'".* *Todo mundo que estava ali trabalhava igual. Não tinha diferença*", avaliou. Era como trabalhador, que fazia parte de uma equipe, que o jovem se colocava e se percebia agora.

Nessa percepção, é como se no momento do trabalho, do ato em si, as diferenças hierárquicas fossem suplantadas pelo exercício da atividade em equipe, uma vez que *"todo mundo trabalhava igual"*. Assim, era como trabalhador, igual ao outro trabalhador - funcionário -, que estava ali executando suas tarefas, que sua identidade era estruturada. A figura do adolescente assistido diluiu-se no coletivo dos trabalhadores. Tratava-se de ressaltar a homogeneização de todos, quando considerada a ocupação do espaço no e do trabalho, não tanto pelas tarefas, que podiam ser diferentes, mas mais pelas "responsabilidades" assumidas e pela postura no trabalho, que fazia com que todos aparecessem como iguais. Por outro lado, essa avaliação possibilitava amenizar as diferenças existentes na forma de ingresso na empresa, bem como nas perspectivas em relação ao futuro e à figura de cada um lá dentro: adolescente e funcionário contratado.

Daniel também reforçou o bom relacionamento que manteve em seu setor com os colegas do serviço, revelando ter sido um ponto importante, avaliado nesse momento da

entrevista, também em função de ter sido demitido, em seu último emprego, após a saída do Programa, por ter tido problemas com uma das funcionárias: *"foi coisa de fofoca e então me demitiram e colocaram o sobrinho do chefe em meu lugar"*, conta, enquanto procurava, naquela ocasião, um trabalho regular, com carteira assinada.

Para a maior parte dos adolescentes, a experiência de atividade regular, com contrato em carteira, fez descortinar um novo universo, também aberto aos mais velhos. Tratava-se, no momento seguinte, de conseguir um trabalho registrado, de assumir responsabilidades, responsabilidade essa adquirida na experiência do Programa nos Correios. Como disse Rodrigo, *"agora ninguém vai ficar mais explicando tudo, como funciona. Agora é pra valer. Não tem essa de assistido, de ser adolescente."* Propunham-se então, como trabalhadores, que entrariam no mercado buscando a estabilidade em um emprego com registro em carteira.

A mesma postura era seguida pelos outros adolescentes. Tendo saído do Programa, passaram a encarar o trabalho e sua finalidade de uma outra forma. Acreditavam ter se tornado mais responsáveis e que agora *"a coisa era pra valer"*, no sentido de que seriam trabalhadores de fato, de que já haviam adquirido experiência, tinham aprendido e também seriam mais cobrados, sem que, nesse sentido, houvesse qualquer distinção entre eles e os demais trabalhadores. Pontualidade, responsabilidade, como se portar em um ambiente de trabalho, em uma grande empresa, foram itens mencionados como relevantes na experiência dentro dos Correios.

Nesse momento, deparamo-nos com indivíduos de 18 anos, que já se viam como jovens adultos. Sair do Programa era também sair da adolescência, da fase da experimentação, da proteção, e entrar para o universo da juventude, que faz interface com o universo adulto.

Para alguns, o trabalho nos Correios representou o momento de espera para uma preparação melhor no mercado de trabalho, por meio da aquisição de experiência e de um aprendizado geral - no que se refere a atividades gerais de escritório, ao relacionamento com outros funcionários, ao aprendizado de um comportamento considerado adequado nos locais de trabalho -, uma espécie de moratória.

Com vistas, por princípio, à educação dos adolescentes, por meio do trabalho regular monitorado, o Programa possibilitava o ingresso de indivíduos, a partir de um

tempo determinado. Todavia, ao saírem, eles não eram absorvidos tão facilmente pelo mercado, que não acompanha a mesma lógica e "intenção". Salvo a experiência que obtiveram, comprovada em carteira, eles voltariam a fazer parte do contingente de jovens adolescentes que buscam a inserção regular e, enquanto não conseguem, vivenciam o desemprego, as frustrações, a constante busca e os bicos, que, para eles, não são contabilizados como trabalho.

No entanto, quando saíram, a experiência nos Correios foi ainda mais valorizada, dada a dificuldade que encontraram para serem incorporados em trabalhos regulares e, principalmente, deles serem registrados. Em vez de perceberem a contradição existente, qual seja, a “preparação” do adolescente para o trabalho regular e registrado e a desvinculação com o seu exercício no mercado, ou seja, a não obtenção "natural" de um emprego com registro em carteira, em consequência do seu preparo anterior, os jovens assinalaram a oportunidade que tiveram na empresa. As dificuldades que encontraram para conseguir um emprego foram, por vezes, tão grandes que obscureceram o estabelecimento de outra análise que não fosse a que mencionava uma crise generalizada. Como disse Daniel, *"está ruim pra todo mundo. Não importa se tem diploma ou não. Meu tio está desempregado há quase dois anos e fez comércio exterior. Nós vamos procurar trabalho juntos. Qualquer coisa a gente tá pegando. não dá pra escolher. Mas tem que ser com contrato."*

Interessante notar como aparece aqui a questão da empregabilidade, discutida no capítulo anterior. Em sua fala, o jovem reconhece que por mais que o indivíduo apresente qualificações exigidas pelo mercado de trabalho, como escolaridade, ele pode não conseguir ser absorvido. Parece claro para o rapaz, que também presencia as dificuldades de seu tio de sair da situação de desemprego, que o mercado não oferece oportunidades para todos, por melhores que sejam as qualidades que os trabalhadores apresentem. Há, portanto, a percepção do sentido extrínseco da empregabilidade, no que se refere à consideração de que aspectos relacionados ao próprio mercado de trabalho e ao desenvolvimento econômico estarão concorrendo para explicar as dificuldades de inserção e reinserção dos indivíduos. Como diz o jovem, *"está ruim pra todo mundo. Não importa se tem diploma ou não"*.

De maneira inversa àquela apresentada pela entrevistada, assistente social e coordenadora do Programa, que mencionou atributos pessoais, como a postura do jovem no ambiente de trabalho e na procura por emprego, ao falar em empregabilidade, Daniel fez referência à situação conjuntural, que independe das qualidades profissionais apresentadas. Assim, a "culpa" não caberia a ele ou ao seu tio, por seu despreparo, no que se referia ao que é exigido para a contratação em cada emprego. Tratava-se de uma crise geral que atravessa idade e escolaridade, abarcando a todos. Nesse contexto, o fator sorte ganha peso.

No entanto, essa crise geral - como diz o jovem, "*está ruim pra todo mundo*" - não significa aceitar com tranquilidade exercer trabalhos não regulares. Não que eles deixem de realizar os chamados bicos. No entanto, essa situação não é vivida tranquilamente pelos indivíduos, por não reconhecerem as atividades irregulares como trabalho. Quando o trabalho deixa de expressar uma identidade relacionada ao seu exercício legal, passa a ser visto pelos jovens como a suspensão da passagem para a fase adulta, sendo encarado como atividade "de momento", que lhe possibilita seus pequenos gastos, sem ser considerado emprego, "trabalho de fato". Em seu depoimento, Daniel não considerou os trabalhos temporários e bicos, que realizou em sua trajetória. Para ter suas coisas, ele começou a trabalhar com 12 anos, e sempre fez bicos. O trabalho nos Correios é visto como o seu primeiro trabalho de fato, por ter sido registrado. Depois, trabalhou três meses em outra empresa, com contrato, mas sem carteira assinada. No momento da entrevista, estava desempregado, situação que vivia com certa dramaticidade e preocupação. Na procura por trabalho, o que estava levando em consideração era o fato de ter carteira assinada, não importando muito qual atividade iria desempenhar nem aonde.

A carteira assinada foi um dos pontos levantados na valorização da experiência dentro do Programa dos Correios. Para os jovens que fizeram parte do programa Adolescente Assistido, o que pude perceber é a existência de um escamoteamento das contradições vividas, e, ao mesmo tempo, uma valorização de relações pessoais lá estabelecidas, "as pessoas legais do trabalho". Outros elementos levantados referiram-se à possibilidade que tiveram de adquirir experiência de trabalho regular e à aquisição de responsabilidade.

Por outro lado, a questão da responsabilidade, as amizades e a experiência de trabalho regular poderiam ter sido adquiridas em outra empresa, não necessariamente

obtidas pela participação naquele programa específico. No fundo, os jovens disseram que o mais significativo para eles foi a possibilidade de terem trabalhado, de forma regular, com a idade que tinham.

3.3 Percursos profissionais: entre o trabalho, o desemprego e a opção pelo adiamento

Estar trabalhando, estar desempregado, estar procurando um emprego. Quando buscamos analisar o processo de inserção dos jovens/adolescentes no mercado de trabalho, em que momento podemos concluir que ele completou esse processo? Seria quando está estabilizado no mercado de trabalho? Ou quando ele já conseguiu um emprego correspondente à sua formação? Ou ainda quando ele tiver o sentimento de estar integrado socialmente em seu trabalho e aí poder construir sua identidade? Essas questões são colocadas por Trottier (2000) no intuito de alcançar o entendimento sobre o início e o fim do processo de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Apoiando-se em Vicens (1981, 1986)¹⁴⁰, esse autor define a inserção não como o período que começa com a decisão do indivíduo de procurar emprego e termina quando ele o encontra. Isso porque o primeiro emprego pode ser provisório, além de poder estar combinado com os estudos com vistas à obtenção de um emprego mais "definitivo". Para entender o processo de inserção, é necessário circunscrevê-lo e relacioná-lo com o projeto de vida do indivíduo quando procura emprego.

Segundo Vicens (1981,1986), o processo de inserção começa no momento em que um indivíduo deixa de dividir seu tempo entre lazer, estudos e trabalho não remunerado para consagrar o tempo a uma ocupação remunerada ou à procura de um emprego. Ele termina no momento em que o indivíduo está empregado e não mais procura outro local de trabalho, pois já encontrou sua atividade "durável". A estabilidade no emprego e a crença do indivíduo de que, em curto ou médio prazo, não pretende deixar sua atividade são indicadores do fim do período de inserção.

¹⁴⁰ Trottier refere-se a esses dois trabalhos de Vicens: Vincens, J. 1981, Problématique générale de l'insertion professionnelle. Conférence prononcé au Colloque sur l'insertion professionnelle à la sortie des études postsecondaires, Louvain, Université Catholique de Louvain. Institut des Sciences du Travail, e Vincens, J. 1986, L'entrée dans la vie active. Quelques aspects méthodologiques et théoriques. Toulouse, Université des Sciences Sociales de Toulouse. Centre d'études juridiques et économiques de l'emploi.

Segundo essas considerações, o jovem Felipe - que não estava procurando trabalho no momento da entrevista -, ainda não começou seu processo de inserção, enquanto Daniel, desempregado, estava no início do seu processo, e Rodrigo e Carolina – empregados, com registro em carteira, e decididos a permanecerem, por prazo indeterminado, no serviço em que estão - já o concluíram.

Especialmente quando pensamos em jovens de famílias de baixa renda, esse início ocorre quando eles ainda são estudantes.

Para grande parte desses jovens, esse processo é instável, freqüentemente pontuado pela alternância entre longos períodos de desemprego, emprego, procura de trabalho, retorno aos estudos e busca de preparação por meio de cursos profissionalizantes.

As dificuldades de inserção não são ligadas exclusivamente ao desemprego (Trottier: 2000), ainda que, em vários países, a taxa de desemprego dos jovens de 15 a 24 anos seja o dobro daquelas de outros grupos de idade¹⁴¹. Com efeito, uma proporção elevada deles, mesmo estando empregada, é confrontada com problemas como a dificuldade de se estabilizar no mercado de trabalho e de ascender a um emprego desejado. Os menos escolarizados são os mais vulneráveis; no entanto, mesmo os diplomados universitários não estão livres dessas dificuldades. Admite-se também que esses problemas não sejam apenas conjunturais, mas estruturais, remetendo às modificações do mercado de trabalho (idem). O acesso ao emprego regular não depende apenas da formação escolar dos jovens, mas também do seu pertencimento às diversas redes, da regulamentação do mercado de trabalho e mesmo de fatores de discriminação presentes nele (Trottier: 2000). Segundo essa perspectiva, a relação formação-emprego não é mecânica e nem é a única condição suficiente.

As dificuldades de acesso a empregos mais estáveis, com carteira assinada, e a insistente procura por eles foram destacadas por Daniel, que também revelou a dificuldade de enfrentamento desse problema por indivíduos diplomados, citando o caso de seu tio que, apesar de ter curso superior - comércio exterior -, estava há um ano desempregado e,

¹⁴¹ Pochmann (1998)

constantemente saía à procura de um trabalho com carteira assinada. Tio e sobrinho saíam juntos, durante a semana, pela manhã, para procurar emprego¹⁴².

A idéia de estabilidade conseguida com a carteira assinada aparece como pano de fundo de uma outra, que se coloca mais claramente, que é a associação estabelecida com o universo adulto e as representações existentes sobre essa fase da vida, especialmente no que se refere à postura em relação ao trabalho.

Na fala de Daniel, a carteira parece colocá-lo no universo dos adultos, daqueles que têm um "trabalho de fato". Associado a isso, para outros jovens, a carteira assinada significa experiência comprovada de trabalho. Essa experiência, diferente das outras não registradas, tidas como transitórias ou bicos, representa a vivência do jovem e a realização do modelo tradicional, do "verdadeiro" trabalho, pautado em direitos e deveres regulamentados. Também está presente a idéia de maior comprometimento do indivíduo, enquanto trabalhador, nas relações e no local de trabalho: "*agora respondo pelo que eu faço*", disse Daniel. O emprego com registro pontua a entrada no universo adulto em que trabalhar significa assumir compromissos, ser responsável pelo que se faz, responder pelos próprios atos.

Rodrigo também expressou a consciência da insegurança e do risco do desemprego, que atinge a todos¹⁴³. No entanto, aliou esse fato à questão da personalização, ou seja, da auto-responsabilidade pelo seu destino no emprego, uma vez que cabe a ele enfrentar os desafios que surgirem, conseguir adaptar-se às novas relações, ao espaço e às novas tarefas do trabalho, para procurar manter-se empregado. Cabe a ele o sucesso e a permanência em seu emprego, porque "*ninguém vai ficar falando mil vezes a mesma coisa. Tem que se virar*", resume. É como se a estabilização no emprego dependesse apenas do indivíduo, estando muito mais ligada à sua capacidade de evitar o desemprego, demonstrando suas competências, que corresponderiam àquilo que o empregador procura e que tornam possível sua permanência.

¹⁴² O jovem apontou uma outra dificuldade: a falta de dinheiro para pegar ônibus todos os dias para procurar trabalho. Como estava desempregado, suas economias estavam chegando ao fim e o jovem não gostava de pedir dinheiro para os pais, o que fazia aumentar sua angústia nessa situação.

¹⁴³ Guimarães (2005) destaca essa questão, mostrando que o desemprego, ou a falta de trabalho, é sentida, praticamente em igual medida, por todos os jovens, independentemente da condição que apresentem no mercado de trabalho. Essa situação, segundo a autora, confirma o entendimento de que existe uma consciência, claramente difundida entre os jovens, da insegurança e do risco potencial ou real que a todos atinge.

Antes, porém, do aparecimento e da preocupação com as dificuldades de permanência no emprego, estão aquelas relacionadas ao ingresso. São muitas as dificuldades enfrentadas pelos jovens na tentativa de entrada no mercado de trabalho, especialmente em trabalhos regulares. No entanto, a tendência de generalizar para o conjunto dos jovens as dificuldades de inserção vividas por uma parte deles tem como conseqüência a não consideração da heterogeneidade da juventude e, "no domínio da inserção, a banalização da situação dos jovens que são confrontados com as maiores dificuldades" (Trottier: 2000: 94). De qualquer forma, não podem ser minimizados os problemas de inserção, nem desconsideradas as incertezas, as decepções e desencantamento que deles decorrem.

Mesmo pensando nos jovens menos escolarizados, oriundos de famílias de baixa renda, não devemos perder de vista a heterogeneidade de suas experiências, trajetórias e as significações pessoais atribuídas àquilo que vivenciam. Esses indivíduos são confrontados com múltiplas dificuldades, como problemas familiares (questão do alcoolismo e desemprego dos pais), fracasso escolar, desemprego, dificuldades diversas de inserção, dentre outros, e, quando precisam levar em consideração responsabilidades familiares ou o cuidado com os filhos, não tomam necessariamente as mesmas decisões concernentes a seus caminhos e trajetórias profissionais. Os comportamentos variam, segundo o sexo, a idade, a situação familiar, a história profissional e de vida, as expectativas e frustrações. É necessário, portanto, situarmos a análise sobre os jovens e os percursos de sua inserção profissional a partir do itinerário pessoal desses indivíduos, o que inclui também a relação com sua família.

Freqüentemente, de maneira falsa, associam-se trabalho e contrato de duração determinada, desemprego e precariedade. Isso nem sempre é verdadeiro. Em uma análise das práticas e lógicas de inserção social de jovens, Nicole Drancourt e Rouleau Berger (1995) (apud Trottier: 2000) demonstraram que uma proporção não desprezível de jovens consegue escapar do desemprego, ocupando-se em ramos como o comércio, ainda que seu emprego não tenha duração indeterminada e seja definido como temporário. Mesmo quando eles vivem episódios de falta de trabalho, vários deles conseguem estabelecer-se no mercado ocupando funções de duração determinada, o que não significa precariedade, ainda que haja a presença de desemprego em seus itinerários.

Essa questão também pode mostrar-se verdadeira no Brasil. Desemprego e trabalhos temporários não necessariamente significam precariedade. Os jovens podem ocupar-se em atividades com duração determinada sem ter o objetivo de inserir-se profissionalmente, de fato, nem de procurar uma situação estável. Nesta pesquisa, esse é o caso de Felipe que, no momento da entrevista, não estava procurando trabalho, dedicando-se aos ensaios de sua banda, com apoio do pai.

Há jovens que conhecem itinerários profissionais marcados pela sucessão de pequenos trabalhos e de períodos de desemprego longos e recorrentes e que estão à procura de inserção. É nesses casos que podemos falar em precariedade e até mesmo em exclusão. Mas é preciso, segundo Trottier (2000), dissociar precariedade do fato de não poder ascender a um emprego por tempo indeterminado.

Uma outra questão interessante é destacada pelo autor. Trata-se da idéia, desenvolvida por Nicole Drancourt e Roulleau Berger (1995), e recuperada por ele, de que os períodos de precariedade podem trazer algo de positivo no plano individual. Isso remete à consideração de que os jovens em situação de precariedade não devem ser tomados como vítimas passivas, sem capacidade de agir sobre sua situação, buscando modificá-la. Eles são revelados como atores capazes de interpretar sua situação e de participar na construção de sua trajetória. Segundo esses autores, os momentos de precariedade podem ser vistos como períodos utilizados para o aprendizado e o amadurecimento de sua autonomia, colocando-os à procura de si mesmos por meio de experiências "marginais". Tudo se passa como se a precariedade constituísse uma moratória, que lhes oferece o tempo de que precisam para rever certas escolhas e elaborar estratégias que lhes permitirão estabilizar-se a longo prazo no mercado de trabalho.

No caso desta pesquisa, não foi possível verificar se as experiências de precariedade estavam sendo vividas segundo a idéia de um desenvolvimento de si, de amadurecimento e desenvolvimento de capacidades, na procura da inserção em um emprego por tempo indeterminado. Naquele momento, foi possível apenas verificar a dificuldade de vivência dessa situação.

Para Daniel, a experiência de desemprego caracterizava-se por despertar um sentimento de angústia, o que não significa que, ao mesmo tempo, não pudesse representar seu

amadurecimento pessoal. No entanto, isso talvez só pudesse ser verificado, pela pesquisa e por ele, após a saída dessa situação, quando o momento vivido fosse reavaliado.

De qualquer forma, como destaca o autor mencionado acima, descobrir o que os períodos de precariedade guardam de positivo ou de engajamento no plano individual, não significa ignorar o que essas situações podem conter de sofrimento, de rejeição, de estigma e de depressão, nem desconsiderar os fatores estruturais que estão na sua origem. O que deve ser ressaltado é a visão sobre os jovens como atores de sua própria trajetória, a despeito dos constrangimentos que encontram.

Em termos de contribuição a esta investigação, é exatamente esse ponto da análise que mais interessa, a consideração do jovem como sujeito ativo e reflexivo, encarado e percebido como ator social de suas práticas e estratégias, nas diversas situações profissionais, como a de precariedade, destacando-se o desemprego.

Um ponto interessante a ser ressaltado é a possibilidade de inserção na atividade formal colocada para adolescentes de origem popular. Contemporaneamente, temos presenciado a dificuldade que, em relação a isso, sofrem indivíduos da faixa etária dos 14 aos 24 anos, que estão no mercado, em especial, em situações e relações regulares. Um tempo de instabilidade e incertezas, de tensões entre o presente e o futuro atravessa as várias esferas da vida, dentre as quais, a do trabalho. Entre os jovens, especialmente os oriundos das camadas populares, são comuns as experiências de instabilidade nesse campo, expressa por um constante recomeçar, em virtude, também, dentre outros fatores, de apresentarem pouca escolaridade. A vivência precária no e do trabalho, em geral, gera instabilidade também no nível das representações desenvolvidas. O sentido dessa atividade redefine-se, ainda que prevaleça sua importância na vida dos indivíduos. Essa importância é também dada pela escassez de locais de trabalho. O desemprego de longa duração vem marcando as trajetórias profissionais dos jovens das camadas populares e também de seus pais.

No entanto, como destacam Pais (1991), Schehr (1999), Dubar (2000) e Trottier (2000), assim como a relação com o trabalho, variam as reações ao desemprego. Em sua análise do modo de vida dos jovens desempregados, Schehr (1999) dedica-se a mostrar que as representações negativas e parciais dos desempregados se apóiam em uma concepção segundo a qual eles estão despossuídos de suas próprias práticas e modos de vida.

Pesquisas nacionais, como a desenvolvida por Rosa (1994) também demonstram essa relação do jovem com o desemprego.

O desemprego inviabiliza a conquista de certa independência econômica e autonomia dos jovens em relação a seus pais¹⁴⁴. De forma contraditória, as sociedades contemporâneas vêm demandando, cada vez mais, que eles sejam autônomos e independentes, pelo direito ao voto com 16 anos, pelo acesso a uma vida sexual mais livre - com mais informação sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis, e o início mais cedo da vida sexual¹⁴⁵. Mas, ao mesmo tempo, pedem-lhes o prosseguimento dos estudos, abrindo espaço, no mercado de trabalho, para o exercício de "pequenos" trabalhos, muitos dos quais, irregulares, para que tenham experiência, de tal maneira que a entrada no "verdadeiro" trabalho seja adiada.

Singly (2000) trabalha com a questão das mensagens contraditórias a que os jovens estão submetidos, indagando-se sobre a possibilidade de conquista da independência, associando dependência econômica e juventude. Assim, questiona, uma vez que certos indivíduos jamais conhecem o "verdadeiro trabalho", eles continuarão sempre jovens? Se esse não é o caso, ainda resta o questionamento sobre a difícil conquista da independência para uma parte deles - os menos qualificados - que permaneceriam extremamente frágeis em relação aos indivíduos mais bem "qualificados", não apenas do ponto de vista da independência, mas também do desenvolvimento de sua individualidade e autonomia.

O autor desenvolve a idéia de que boa parte dos jovens, de todos os níveis sociais e escolares, compartilha, ao menos momentaneamente, o destino daqueles e daquelas que, sem qualificação, vivem e viverão de modo permanente sob o regime da dissociação entre autonomia e independência. Além disso, ressalta, a experiência do desemprego de longa duração pode ter por efeito conduzir ao que podemos considerar como uma deterioração da autonomia.

¹⁴⁴ "Ter uma atividade assalariada ou profissional suficiente para satisfazer às suas necessidades é um critério decisivo de independência."(Singly: 2000: 13)

¹⁴⁵ Uma reportagem sobre a iniciação sexual entre jovens e adolescentes brasileiros foi um dos temas da edição especial da revista *Veja* do mês de junho do ano 2003. Outros temas foram abordados, destacando-se: drogas, carreira, religião, educação, saúde, comportamento, entretenimento e Internet. É a terceira vez que a revista dedica uma edição ao tema juventude, sendo que o intervalo de tempo entre as duas últimas edições foi de um ano, diminuindo muito em relação ao intervalo da primeira para a segunda edição, que foi de três anos. Isso ressalta a importância cada vez maior e a atualidade de problematizações acerca do jovem, no Brasil.

Autonomia e independência são duas dimensões nem sempre associadas¹⁴⁶. Assim, os jovens podem dispor de uma certa autonomia sem serem independentes. Segundo Singly (2000), é justamente a dissociação entre autonomia e independência que define a juventude.

Como podemos pensar a dissociação entre autonomia e independência no caso dos adolescentes de baixa renda, que vivenciam modos precários de inserção e, ao mesmo tempo, estão sob a mira de programas e instituições que visam possibilitar uma inserção regular, uma experiência regular de trabalho? Há algumas questões a examinar: de um lado, a "natural" dependência econômica de jovens dessa faixa etária, considerados, pela sociedade, no limiar entre a infância e a juventude. No entanto, para eles e suas famílias, essa questão se desnaturaliza, uma vez que devem¹⁴⁷ ajudar as famílias, por meio do trabalho. Mas eles também querem trabalhar para alcançar certa independência e autonomia. Por serem adolescentes e pobres, vivenciam, talvez, com mais dramaticidade essa deterioração e a dissociação entre autonomia e independência, uma vez que, independente da idade que tenham, já se consideram jovens trabalhadores adultos, lutando por um espaço no mercado.

Estar em um "trabalho verdadeiro" é tão importante para alguns, no que se refere ao desenvolvimento da identidade e da aquisição de autonomia e independência, que o relacionam à maturidade e à responsabilidade próprias do adulto. "*Eu tenho dezoito anos e já respondo por mim. Vou procurar um trabalho registrado. Os bicos que fiz foram coisas passageiras*", disse Daniel. Nesse sentido, outros empregos, não registrados - bicos -, irregulares, não são contabilizados como trabalho, o que, a princípio, poderia ser esperado do adolescente que busca experiência e quer adquirir "seus objetos". São atividades, "coisas passageiras", não um trabalho de fato.

Os jovens podem estar em condições sociais e psicológicas que lhes permitam ascender a uma certa autonomia; no entanto, não dispõem de recursos suficientes, notadamente econômicos, para serem independentes de seus pais.

¹⁴⁶ A independência, segundo Leibniz, diz respeito à capacidade da mônada (aqui, indivíduo) ser auto-suficiente, dispondo de recursos próprios que lhe permitam a independência dos outros indivíduos. A autonomia, trabalhada por Kant "é a capacidade de um indivíduo de se dar a si mesmo sua própria lei." (Singly: 2000:13).

¹⁴⁷ O trabalho dos filhos das famílias de baixa renda consiste em uma obrigação moral dentro do código de obrigações recíprocas. A esse respeito, ver Sarti (1996) op.cit.

A autonomia não impede a vida em comum com os pais, com os amigos, desde que o jovem tenha a possibilidade de trabalhar a apropriação das próprias regras e princípios. Ainda que dependentes economicamente, os jovens podem tornar-se autônomos, seja negociando as práticas comuns com os outros indivíduos que residem na casa da família, "seja elaborando o 'pequeno mundo' de seu quarto" (idem). A "desordem" permitida pelos pais sinaliza a existência de dois universos - o da família, com certos princípios de arrumação, e o do jovem, com seus princípios próprios.

Segundo Singly (2000), o sucesso da "cultura dos jovens", especialmente ao lado da música, de revistas especializadas, determinados filmes e rádios, explica-se pelo fato de ela autorizar essa classe de idade - que tem seus contornos fluidos - a se estabelecer tanto na esfera pública quanto na esfera privada, constituindo uma espécie de refúgio para os jovens, de exercício de sua autonomia.

Para boa parte dos jovens de família de baixa renda, ser autônomo e independente é conseguir inserir-se em um trabalho registrado; é ascender ao *status* de jovem adulto, em que ter mais independência significa também ter mais responsabilidade, não apenas consigo mesmo, mas também com seu grupo.

3.4 Relações familiares: percepções e expectativas

Este item pretende discutir questões importantes que são apontadas pelas mães¹⁴⁸ dos jovens. Trata-se dos dilemas e das expectativas relacionadas à participação delas na esfera da família e à conjugação - ou à sua impossibilidade -, com a esfera do trabalho¹⁴⁹. Além de importantes em si mesmos, esses relatos são relevantes para a compreensão das relações familiares.

¹⁴⁸ Dora (39, mãe de Rodrigo, auxiliar de produção, ensino médio incompleto), Maria das Graças (45, mãe de Luíza, dona de casa, ensino fundamental) e Maria José (54, mãe de Carolina, empregada doméstica, ensino fundamental incompleto).

¹⁴⁹ Os dilemas relacionados à conjugação do trabalho remunerado com os afazeres da casa, bem como as expectativas associadas ao reingresso no mercado de trabalho foram apontados, de forma recorrente, pelas mães dos jovens. Neste item, interessa verificar de que maneira essas questões são apresentadas, entendendo que sua apreensão está intimamente relacionada com a compreensão das relações familiares. Os depoimentos das jovens referentes ao trabalho e à constituição identitária serão recuperados no capítulo 5.

Importa destacar a consideração da mulher - mãe e/ou filha; sua visualização nesta pesquisa; a apresentação de suas questões, no que se refere à maneira de pensar a si próprias e o que as cerca, em especial, a esfera do trabalho, da família e da escola.

Também tem como finalidade levantar algumas discussões a respeito das relações familiares, a partir das falas e das percepções dos jovens e de seus pais, onde são apresentadas percepções e representações sobre a divisão de papéis dentro de casa - tendo a mãe como figura central -, a questão de gênero¹⁵⁰ e a relação com o trabalho remunerado, além do modo como vão sendo construídos os processos de individualização, relacionados à “ruptura” ou à transformação das influências paterna e materna, em função da decisão do (a) jovem de sair de casa ou de nela permanecer.

Para o cumprimento da primeira finalidade - apreensão dos depoimentos das mães dos jovens - será interessante recuperar a discussão teórica sobre um processo, que parece caracterizar nossa época, enfocando a possibilidade de, nas sociedades ocidentais, o período atual ser marcado por crescente individualização (Giddens: 1991b; Nilsen: 1998; Schehr: 2000; Singly: 2000), que assinala a desagregação e a posterior substituição dos modos de vida da sociedade industrial por outros, em que o indivíduo tem de produzir e ensaiar sua própria biografia. Segundo os autores, individualização não se baseia na livre escolha do indivíduo. No mundo contemporâneo, existe forte tensão derivada do envolvimento dos indivíduos nos diferentes espaços da vida de que participam: escola, família, trabalho, religião e outras esferas de sociabilidade. Com sua lógica e valores próprios, cada uma dessas esferas exige participação do indivíduo, o que demanda dele um tempo dedicado a cada um desses espaços sociais provocando tensões que o afetam.

Nilsen (1998), apoiada em outros autores, dentre os quais, Giddens (1991a), assinala, como exemplo dessas tensões, as exigências colocadas pelo mercado de trabalho, como a flexibilidade do trabalhador e seu empenho no emprego, as quais esbarram com as exigências domésticas, de convivência e participação nas relações familiares. Montali (2000) argumenta que as transformações no interior da família podem ser relacionadas, em

¹⁵⁰ Entendendo por gênero as diferenças sociais entre homens e mulheres, adquiridas e mutáveis ao longo do tempo e que apresentam grandes variações entre e intra culturas. Assim, a gestação, por exemplo é uma característica biológica da mulher, marcando uma das diferenças entre os sexos. Todavia, os cuidados da criança não são determinados biologicamente, mas influenciados pela questão do gênero. A definição de “gênero” foi extraída do curso “*Relações sociais de gênero: identidades, diferenças, igualdade*”, ministrado por Eva Blay, para a pós graduação, Universidade de São Paulo- USP, 2001. A este conceito pode ser acrescentada a idéia de que a compreensão da noção de gênero como construção social deve ser feita mediante o inter-relacionamento com outras dimensões sociais como raça, etnia e classe. Trata-se, segundo Garcia (1998) de um aprofundamento da compreensão de gênero, fruto dos avanços do debate teórico a esse respeito.

boa parte, aos chamados "novos papéis" que a mulher vem assumindo na sociedade e à mudança de expectativas em relação a ela, envolvendo as posições conquistadas no mercado de trabalho. Esses "novos papéis" reafirmam identidades ligadas ao trabalho remunerado que devem ser conjugadas com identidades referidas ao espaço doméstico: de mãe e/ou de esposa.

A necessidade do exercício do trabalho remunerado pelas mulheres de família de baixa renda traz consigo o desenvolvimento de uma identidade referida a esse universo: "*a gente se sente melhor, se sente viva, porque em casa a gente fica até com depressão*", avalia Dora, mãe de Rodrigo, que esteve desempregada por dois anos e há cinco meses está trabalhando em uma firma de embalagens. Sua atividade é colar caixas de papelão.

Dora trabalha desde os dezesseis anos. Já se ocupou com diversas atividades: bordado, costura, metalurgia, embalagens de produto e, recentemente, montagens de caixas. Com essa última, vem se "sentindo viva", tão viva quanto as outras pessoas que trabalham e que, em função disso, participam do meio social, relacionando-se e fazendo amizades. "*Cada trabalho é um trabalho*, continua a depoente. *Em cada um você conhece pessoas e faz amizades. Mas de todos que tive, o que mais gostei foi o de bordado, quando tinha dezessete anos, porque era novidade e por causa das pessoas de lá.*"

Estabelecer amizades é fundamental no ambiente de trabalho, especialmente no exercício de atividades monótonas e cansativas. Quando o conteúdo de trabalho e/ou as condições colocadas ao seu exercício não são satisfatórias, somente a renda obtida não engendra a sensação de "estar vivo"; o que a torna possível são as amizades e as relações interpessoais que se estabelecem, reafirmando pertencças, possibilitando o apoio mútuo e a construção de uma identidade referida ao "nós trabalhadores".

Ficar em casa pode significar entrar em um processo de depressão, como sugeriu a entrevistada. Nesse sentido, a casa, quando é pensada como único espaço possível de existência e significação de si, aqui se redefine como espaço de não libertação e de não desenvolvimento de si mesmo enquanto indivíduo, pela impossibilidade de ocupação por meio do trabalho remunerado. Ficar em casa, ou estar desempregado, significa perceber-se aprisionado às funções e aos papéis domésticos tão somente. A ocupação com os afazeres domésticos e as identidades a eles referidas - de mãe e de esposa - não preenchem o vazio deixado pela impossibilidade do exercício do trabalho remunerado. Esse vazio deprime,

pela falta da renda e pela falta de um espaço importante no processo de individualização e desenvolvimento de si mesmo, em que pesam a renda e as relações interpessoais, os quais possibilitam a afirmação de si como trabalhador e a convivência com o outro, em um espaço legítimo de participação social e de construção de caminhos profissionais e pessoais.

Outra entrevistada, Maria das Graças, mãe de Luiza, também revela a importância que o trabalho tem ou teve em sua vida. Apesar de enumerar os desgastes físicos sofridos, lamenta não estar trabalhando no momento: *“eu cheguei a ter problemas de saúde. O trabalho exigia muito de mim. Eu trabalhava quase doze horas por dia, era muito desgastante, mas eu sinto muito falta, porque ficar em casa você fica parado naquele serviço de casa, eu prefiro trabalhar fora.”*

A entrevistada mostrou que sente falta do trabalho remunerado para compor sua identidade. Em seu domicílio, ela realiza os trabalhos domésticos, cuida da casa e da alimentação da família, além dos cuidados prestados a seu neto, filho de Luiza. São ocupações que lhe tomam o dia todo, reafirmando sua identidade referida à casa e à família. No entanto, ela reivindica a identidade que a relaciona ao mundo exterior, precisamente à esfera do trabalho remunerado, possibilitada pela convivência com outras pessoas, também trabalhadoras.

Nas relações fora do espaço doméstico, Maria das Graças pode definir-se e redefinir-se como indivíduo trabalhador. Em sua fala, ela reivindica a construção de sua biografia para além do espaço doméstico, estabelecendo suas redes de relações ligadas à esfera do trabalho. Nesse processo, sofre a tensão não da vivência dos dois meios, com suas exigências, mas da expectativa de reapropriação de uma identidade de trabalhadora, convencendo-se da importância dessa dimensão em sua vida, apesar dos dilemas vividos no exercício do trabalho, expressos pelo cansaço e pela perda da saúde, como revelou.

Entretanto, é como dona de casa que ela se apresenta. Apesar do afeto que guarda pelos familiares, é no espaço da casa que vivencia o cansaço “psicológico” ou “emocional” advindo da falta de alternativas e escolhas em relação aos papéis de mãe, avó e dona de casa, que deve assumir, uma vez que está desempregada há mais de dois anos e se ocupa integralmente com a casa e a família.

A questão da responsabilidade da mãe nos cuidados da casa, e do auxílio da filha mais velha nessa tarefa, apareceu com frequência, nas entrevistas realizadas com os jovens e seus pais. São as mães a afirmarem o compromisso com a manutenção da vida doméstica, no cuidado com a alimentação e com a arrumação da casa. Donas de casa e mulheres que têm um trabalho remunerado conjugam as atividades de trabalhadora com aquelas relacionadas aos afazeres domésticos. Nessas atribuições, contam quase sempre com o auxílio das filhas.

Com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, cada vez mais a responsabilidade pela manutenção da família, no caso das famílias biparentais, será partilhada pelo casal (Montali: 2000). No entanto, certas obrigações no cuidado da casa são consideradas indelegáveis, como o cuidado com a alimentação e a lavagem de roupas, tidas, no imaginário popular, como atividades de responsabilidade da mulher. Na ausência da mãe, cabe à filha mais velha realizar essas tarefas (Colbari: 1995). É o que diz Dora, em seu depoimento, ao falar de como e quem se encarrega dos afazeres domésticos: *“O meu filho cuida dos cachorros e do quintal e minha filha da casa. Se precisar lavar roupa, ou coisa assim, ela faz”*.

Apesar dessa determinação de tarefas, Rodrigo nem sempre cumpre com sua “obrigação” - *“de vez em quando eu dou uma arrumada no quintal, cuido dos cachorro.”* Os jovens sentem-se menos obrigados a ajudar em casa¹⁵¹, o que também foi verificado com alguns outros participantes desta pesquisa.

A redivisão de tarefas domésticas, especialmente importante com a entrada da mulher, mãe e/ou esposa, no mercado de trabalho, não chega a destruir o padrão de família¹⁵² historicamente desenvolvido no país, que é o da família tradicional, ao qual corresponde a uma certa divisão sexual do trabalho. Dentro dessa divisão, numa situação ideal, o homem é o responsável pela manutenção da família, cabendo à mulher o cuidado com a casa e com os filhos, como também percebe Sarti (1996) em seu estudo sobre famílias pobres.

¹⁵¹ Esse sentimento de certa “desobrigação” dos rapazes no auxílio às tarefas domésticas foi constatado na pesquisa de mestrado, entre vinte e um jovens, moradores da periferia de Carapicuíba.

¹⁵² É preciso deixar claro que esse padrão tradicional de família refere-se ao universo simbólico da família operária. Outros autores discutem as relações existentes no interior dela, mostrando a existência de um conjunto de regras e obrigações recíprocas. A esse respeito ver Colbari (1995).

Ainda que essa situação não possa ser vivida integralmente pelas famílias de mais baixa renda, dada a necessidade da mulher também buscar uma inserção no mercado de trabalho, esse padrão continua sendo valorizado no imaginário dessas famílias, fazendo com que sejam elaboradas práticas que reafirmam o lugar de gênero e a identidade dos indivíduos, membros da família, em relação aos papéis e às responsabilidades de cada um. Nesse sentido, a mãe, ainda que não possa, efetivamente, assumir os cuidados com a casa, continua sendo a pessoa responsável por sua administração, uma vez que é ela quem vai delegar as tarefas - que serão ou não integralmente cumpridas - segundo o gênero e a idade dos filhos, fazendo com que o filho fique responsável pelos cuidados com “os cachorros e o quintal”, por exemplo, e a filha “cuide da casa e das roupas da família”.

O quintal é um espaço da casa, mas também é o local mais próximo do mundo da rua. Cuidar dele, atribuição do filho homem, significa ocupar-se da tarefa de resguardar o espaço que mais os aproxima do mundo exterior. Não por acaso a responsabilidade por essa área da casa é delegada ao filho homem. É também no quintal que ficam os cachorros, animais que simbolizam a proteção contra os perigos que vêm de fora. Cabe ao filho se encarregar dos cães, encarregar-se, portanto, do meio de proteção da família contra as ameaças do mundo externo.

Ao mesmo tempo que as tarefas são distribuídas entre os membros do grupo doméstico, com o intuito de, ainda que simbolicamente, reafirmar valores e ideais com relação ao cumprimento de papéis entre gêneros e gerações, as famílias de trabalhadores convivem com tensões e contradições provenientes das dificuldades de manutenção ou de reorganização da família e da casa, segundo um padrão tradicional, em virtude, em parte, da necessidade de saída dos membros - pais e filhos - para o mercado de trabalho. Nessas saídas para o exercício do trabalho remunerado, mães e filhos são os mais atingidos pelas formas precárias de inserção, como apontam vários estudos nacionais e internacionais¹⁵³.

Nessas circunstâncias, os papéis podem ser redefinidos no interior da família, ao longo do tempo, alterando-se também as relações hierárquicas e de poder. Dentro dessas relações, a impossibilidade de realização do padrão ideal relacionada ao chefe provedor masculino impede-o de cumprir com seu papel na e diante da família, podendo isso resultar em abandono do grupo doméstico, seja no plano real ou simbólico, deixando sua família e

¹⁵³ A esse respeito ver Evans & Furlong (2000), Dubar (2000), e Souza Martins (2000).

entregando-se ao alcoolismo e/ou às drogas, ou não cumprindo as expectativas existentes em relação ao seu papel e à imagem a ele relacionada, de protetor e provedor do grupo.

A situação de impotência diante da conjuntura que impossibilita o homem de cumprir o papel de chefe e protetor da família - se não de forma efetiva, pelo menos simbolicamente - resulta, muitas vezes, como percebe Montali (2000), no crescimento do número de lares chefiados por mulheres.

Em entrevista, Maria José, mãe de Carolina, expressa a redefinição de papéis no interior de sua família, devido ao problema de alcoolismo apresentado por seu marido: *“Ele tem o problema do alcoolismo, então, muitas vezes eu trabalhava sozinha pra cobrir tudo. Praticamente eu criei meus filhos sozinha, porque ele, a pessoa que tem esse vício, não segura nenhum emprego”*. Também não “segura” a imagem de chefe e protetor da família. Criar os filhos, mesmo quando o marido está empregado, faz parte das atribuições das mulheres, segundo uma imagem tradicional da família de trabalhadores. Quando a entrevistada diz que criou os filhos sozinha, pretende evidenciar a não participação do marido nas despesas da casa o que, enquanto suporte material, teria permitido à mãe dedicar-se aos cuidados dos filhos, especialmente no referente à educação, à preparação das refeições e às demais tarefas da esfera doméstica.

Isso fica ainda mais evidente quando se toma essa entrevista como um todo. Em um outro momento, ao falar do trabalho atual como doméstica, ressaltando o cansaço físico e o sentimento de escravidão relacionado a essa atividade, Maria José destacou sua dupla jornada de trabalho e as responsabilidades assumidas com a casa e a família. Apesar de ter três filhos, dois rapazes e uma jovem – Carolina -, que, a princípio, a auxiliam na arrumação da casa, ela prefere tomar conta de todos os afazeres domésticos, deixando claro que está mais preparada para essas tarefas e que prefere realizá-las sozinha, para que tudo seja bem feito. Como trabalha nos dias úteis, Maria José ocupa-se desses afazeres apenas nos finais de semana, reafirmando a identidade e a autoridade referidas ao lar, à casa e à família, segundo concepções que demarcam papéis tradicionais relacionados ao gênero.

Da mesma forma, outras mães entrevistadas trabalham fora ou, quando não, mostram insatisfação por não estarem inseridas em alguma atividade remunerada, como é o caso de Maria das Graças, dona de casa - mãe de Luiza, que pretende procurar emprego de cozinheira.

O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil insere-se em uma tendência internacional (Montali: 2000), que caracteriza países da América Latina e Europa, nas últimas décadas (Abramo: 1998). Na maioria dos países, tem aumentado a taxa de participação da mulher no mercado de trabalho, tanto nos períodos de prosperidade quanto de recessão.

Diante desse crescimento, alguns aspectos, que dizem respeito à seletividade do mercado (Demazière: 1995, Montali: 2000) podem ser considerados, a partir de um novo padrão de absorção da força de trabalho, que tem possibilitado o crescimento da participação feminina, revelando também alterações nos valores relativos ao papel da mulher na sociedade e na estruturação das famílias, ocorridas ao longo dos tempos, bem como a maior visibilidade da mulher, enquanto trabalhadora¹⁵⁴.

Mulheres, famílias e jovens. Pluralizar esses termos é contribuir para a desmistificação da homogeneidade no padrão familiar e dos indivíduos das camadas populares.

Visualizar a mulher¹⁵⁵ e o jovem como sujeitos históricos e sociais é dar atenção às distintas realidades e possibilidades de vivenciar e pensar a família, a juventude e o

¹⁵⁴ Samara (1999) e Bruschini (1998) são duas autoras a apontar essa questão. Analisando os censos brasileiros até a década de 90, Samara demonstra que foram desconsideradas as profissões das mulheres que estavam no mercado informal. Nos censos brasileiros, analisa a autora, a maioria das pessoas do sexo feminino, por estar no mercado informal ou domiciliar, aparece sem profissão, ficando difícil contabilizar sua participação no mercado de trabalho, como é o caso do censo de 1995. A questão da dificuldade de visualização do trabalho feminino também é apontada por Bruschini (1998), ao analisar processos e conceitos metodológicos desenvolvidos pelos Censos e pelas PNADs (Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílio) de 1992, 1993 e 1995, citando também outros órgãos oficiais que oferecem dados estatísticos, nacionais e regionais, adequados para pesquisas sobre gênero, trabalho e família, como a PED (pesquisa de Emprego e Desemprego), o Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados) e o Dieese (Departamento Sindical de Estatísticas e Estudos Sócio Econômicos). Nessa análise, a autora busca identificar processos e instrumentos metodológicos inadequados para captar informações sobre o trabalho feminino, evidenciando como, ao longo do tempo, foram sendo refinados os instrumentos de coletas de dados, o que vem tornando possíveis as análises referentes à mulher trabalhadora e seu papel na sociedade. Todavia, ela alerta para o fato de que, com esse refinamento, um outro viés pode ser provocado, na medida em que pode haver superestimação dos trabalhos femininos nos anos posteriores. Assim, a ampliação do trabalho feminino e mesmo da chefia feminina pode estar associada, ainda que parcialmente, à ampliação do conceito de trabalho e à modificação na interpretação e investigação da chefia do domicílio. Como verifica Samara (1999), no passado, as mulheres já chefiavam lares, já trabalhavam. Não basta, como discutem as autoras, levantar dados estatísticos que demonstrem o crescimento da chefia feminina, sem apreender claramente como foram elaborados, os critérios adotados em sua verificação, e sem articulá-los com outras variáveis objetivas (regionais, históricas, de transformações econômicas, étnicas, de classe social) e subjetivas, referentes às representações e aos valores desenvolvidos pelos indivíduos.

¹⁵⁵ Tornar as mulheres visíveis na sociedade, em especial, na esfera do trabalho, significa descobri-las no espaço e nas relações de trabalho, trazendo à tona as diferenças de oportunidades e de possibilidades de inserção em relação aos homens, o que passa pela denúncia das condições do trabalho feminino, no geral,

trabalho, tornando complexa e não homogênea cada esfera, que se articula, de maneira singular, com as experiências dos indivíduos, nos vários espaços dos quais participam, e com seus processos de individualização e auto aperfeiçoamento contínuos.

Mudanças nas relações entre homens e mulheres (Nilsen: 1998), aliadas às necessidades de participação nas várias esferas da vida, dentre as quais, o trabalho, tornam complexas as relações familiares, pois é necessário o exercício das diversas identidades - de pai/mãe, homem/mulher, trabalhador, estudante, jovem, adolescente e adulto -, que por vezes ocorrem simultaneamente, além do comprometimento com as escolhas e papéis assumidos.

Ao estudar as relações familiares de jovens franceses, Singly (2002) discute a idéia de que o destino dos filhos depende cada vez mais da maneira como eles aceitam, ou não, a mobilização ou herança cultural de sua família de origem, da qual fazem parte, bem como os projetos paternos. O grau de autonomia dos jovens aumentou. É o que também destacou Maria José, mãe de Carolina, ao falar do crescimento da liberdade da nova geração e o seu desejo de que a filha não siga seus caminhos na trajetória profissional -trabalho doméstico-, considerada por ela muito humilhante, sendo associado à escravidão. Ao mesmo tempo, Carolina parece construir seus próprios caminhos sem querer repetir a experiência da mãe.

A liberdade da nova geração é percebida pela mãe ao falar de seu conjunto musical. Ainda que considere algo sem importância, passageiro e próprio da idade, a idéia da formação da banda de sua filha, Maria José respeita esse espaço que representa o exercício da individualidade da jovem.

Tocar em sua banda também é uma atividade de lazer, realizada nos finais de semana. Como Carolina trabalha durante a semana, o tempo de estar com a família é reduzido, ainda mais pelo fato dela sair muito, como afirma sua mãe, em um tom que mescla compreensão - por ser uma fase da juventude, como disse -, e crítica, comparando-a com seus irmãos que "*são mais caseiros*". Saindo muito, ela deixa de viver parte das relações familiares, que ficam relegadas a um segundo plano, divididas com outras atividades, como tocar em uma banda, namorar e sair com os amigos para assistir a "*shows de rock*".

desfavoráveis (Sarti: 1985); significa tornar complexa a própria noção de classe trabalhadora (Abramo: 1998); significa falar em subjetividade no trabalho e, com ela, no aparecimento de diferentes práticas e identidades desenvolvidas nessa esfera.

Como menciona Singly (2002: 103), especialmente nas sociedades contemporâneas, os indivíduos têm necessidade de uma identidade pessoal, de exercitar sua individualidade. A família também tem por missão responder a essa demanda, que é, "ao mesmo tempo, social e pessoal."

A família contemporânea, analisa o autor, não rompe com a lógica das trocas entre as gerações, contanto que certos princípios sejam respeitados, principalmente o sentimento de independência e autonomia dos indivíduos do grupo familiar. Para que a família "funcione", fazendo circular o afeto e os outros serviços, determinados preceitos devem ser levados em conta, como esse da individualidade e da construção das identidades. Mas as famílias não vivenciam essas construções, necessariamente, da mesma forma. Nem mesmo podemos assegurar que sejam as mesmas para os homens, as mulheres e os jovens.

Nesse sentido, justifica-se a verificação de como os indivíduos de cada família, vivenciam as relações familiares, qual o papel de cada um, apreendendo a forma como são estabelecidos os direitos e deveres e quais são eles, assim como, compreender a maneira como pensam o grupo e como se pensam nesse espaço. Ao mesmo tempo, é preciso articular essa compreensão com aquela referente à relação da família com os outros universos (escola, trabalho, espaços de sociabilidade).

Ao analisar as relações familiares, Singly (2002), revela o sentido diferente que a vida conjugal tem para o homem e para a mulher. Segundo o autor, para o primeiro, o sucesso social da família e seu sucesso pessoal formam um todo coerente, em virtude da predominância, dentro do grupo familiar, do trabalho masculino sobre os demais, em uma situação ideal. Para a segunda, o sucesso da família pode fazer-se, em parte, em detrimento do sucesso pessoal, em razão dos maiores investimentos nos cuidados com a casa e com o trabalho educativo. No entanto, essa concepção relacionada aos papéis socialmente atribuídos às mulheres, vem perdendo sua força, em parte, pela impossibilidade dos indivíduos viverem essa situação idealizada (Colbari: 1995) enquanto valor, especialmente nas famílias de baixa renda, pela necessidade do trabalho remunerado das mulheres e a maior possibilidade de que elas desenvolvam uma identidade referida ao trabalho.

Entender o processo de desenvolvimento das identidades no interior da família, bem como as regras de relações aí existentes, é tomar o indivíduo como parte de um todo, sem que o segundo se sobreponha ao primeiro. Quando tomamos o grupo para analisar as

"funções" gerais da família no que se refere à educação, à reprodução e à transmissão de patrimônio, por exemplo, sem que recuperemos as diferentes estratégias individuais dos membros do grupo, caímos no risco de ficar no plano da abstração, confundindo as vantagens, estratégias e práticas retiradas e desenvolvidas por cada indivíduo com aquelas elaboradas pelo grupo familiar.

Apesar das especificidades existentes em cada família, a solidariedade é uma prática que parece estar presente, em diferentes graus e formas de expressão, nos grupos domésticos, sendo resultado de uma mistura de sentimentos e obrigações.

A solidariedade concretiza-se nas práticas familiares, as quais recobrem um grande leque de trocas - domésticas, materiais, financeiras e de serviços de toda natureza. Todavia, é necessário relativizar a existência e mesmo a "força" da solidariedade nesses espaços. Ao mesmo tempo, atentar para as diferenças existentes quando são tomadas diferentes gerações, tendo em vista que as solidariedades intergeracionais - entre pais, filhos e avós¹⁵⁶ são desigualmente desenvolvidas segundo as famílias.

Segundo Donfut (2002), essas diferenças de solidariedade entre famílias podem explicar-se, em parte, pelas desigualdades de recursos. A capacidade potencial de ajuda, em dinheiro, em meios materiais e em tempo, por exemplo, favorece o desenvolvimento de ajuda mútua, dentro de uma comunidade em que o si mesmo e o outro não são totalmente distintos, pois o "outro" se confunde com o "nós". Cada indivíduo da família carrega consigo, em maior ou menor grau, o sentimento do "nós" e em nome desse nós se desenvolvem práticas de obrigações e ajuda mútua (Sarti: 2004).

E quais as fronteiras da família, desse "nós"? Quando os indivíduos entrevistados falaram de sua família, normalmente referiam-se ao grupo doméstico; àqueles que coabitavam na mesma casa. Por vezes, os parentes - avós e cunhados - também foram incluídos, tendo em vista que faziam parte, naquele momento, das relações que definiam o cotidiano doméstico dos indivíduos, destacando-se o auxílio mútuo, também definido pela proximidade física existente, ou seja, uns morando próximos dos outros. Todavia, acontecimentos específicos podem redefinir os limites da família, como a gravidez de um dos membros.

¹⁵⁶ Cf. Donfut: (2002)

A experiência da maternidade/paternidade na adolescência, de acordo com o modo como é vivido por aqueles que estão a ela relacionados, faz com que os indivíduos reavaliem e redefinam as concepções sobre família e suas fronteiras, incluindo ou excluindo pessoas, pela maior ou menor participação nesse processo. Assim, pode haver a exclusão de parentes e a inclusão de um novo ente - pai ou mãe da criança - àqueles que já faziam parte do grupo doméstico. Nesse sentido, experiências significativas vão trazendo novos elementos de redefinição do papel e do lugar de cada um, bem como da idéia de família.

A gravidez de Carla, irmã de Rodrigo, um dos depoentes e participantes do Programa dos Correios, exemplifica essa questão. O depoimento dos pais – Dora e Edson – revelou a preocupação existente com a necessidade de ocultação do fato aos “parentes”. Buscavam, com isso, evitar falatórios que poderiam associar a gravidez à irresponsabilidade da jovem e de seus pais, que “não a orientaram”. Ao mesmo tempo, a intenção era preservar a jovem e sua família, o quanto fosse possível.

Para o pai de Carla, naquele momento, a família estava sendo definida por aqueles que coabitavam na mesma casa – os pais e os filhos. Os parentes seriam indivíduos próximos, dos quais deveriam manter certa distância quando tratassem de assuntos “da família”, que poderiam mexer com sua reputação e tranquilidade. Havia, portanto, uma separação entre “família” e parentes.

A idéia da coabitação relacionada à concepção de família está ligada à noção de desenvolvimento de papéis e funções dentro de casa. A casa torna-se o espaço de realização de papéis. Ela materializa a idéia de família. Ao comentar o acontecido - a gravidez da filha - seu pai diz que, naquele momento, não contaria nada aos parentes: “*eles não pagam minhas contas, não estão aqui conosco pra passar o que a gente passa, não têm que dar palpite*”. Ao mesmo tempo, estabelecia um novo limite para a noção de família, com a inclusão do genro - um novo membro - que iria morar na mesma casa, compartilhando as regras, as divisões de papéis e o cotidiano comum do grupo: “*ah, ele agora é da família. Vai morar aqui com a gente*” e, certamente, fará parte dos problemas e soluções que aparecerem, seguindo o princípio do auxílio mútuo que define as relações no ambiente doméstico.

Os valores de solidariedade e ajuda mútua podem variar segundo as diferentes culturas, de acordo com o nível mais ou menos elevado de individualidade que os participantes buscam e/ou possuem, mas também segundo a prioridade dada aos ascendentes ou aos descendentes. Assim, no interior de cada grupo doméstico, a solidariedade pode estar direcionada mais aos mais velhos ou aos mais novos. No caso apresentado acima, a solidariedade familiar estava, naquele momento, direcionada à filha adolescente, fazendo com que fosse estabelecido um conjunto de iniciativas com a finalidade de, além de preservar o grupo, resguardar e proteger a jovem.

Nas sociedades modernas, os maiores fluxos de solidariedade são, geralmente, mais orientados em direção aos jovens (Donfut: 2002). A geração mais velha costuma unir seus esforços no sentido de auxiliar os mais novos. O auxílio nos cuidados da criança pela avó testemunha uma solidariedade feminina intergeracional, sinalizando a cumplicidade mãe e filha na luta pela sobrevivência.

Luíza, uma das depoentes, tem um filho e, na época das reuniões de grupo focal, revelou ser solteira e morar com os pais. No que respeita às relações familiares, esta investigação caminhou no sentido de verificar como eram estabelecidos os cuidados da criança, se a jovem contava com a ajuda de sua mãe nos cuidados da filha, percebendo a relação estabelecida entre elas, os significados da maternidade para ambas, as reações a essa situação no interior da família, a maior ou menor liberdade existente em relação à sexualidade e a outros itens da vida da jovem, como o lazer, e outras questões levantadas em torno da esfera familiar.

No que se refere à esfera familiar, tem-se que o cimento das solidariedades é largamente composto de trocas, deveres e reciprocidades. As trocas familiares funcionam sob o triplo princípio de dar, receber e restituir, o qual não se reduz ao papel afetivo. Os integrantes de um grupo familiar contam com inúmeros serviços produzidos no espaço doméstico, que misturam dever e reconhecimento. Donfut (2002) desenvolve a idéia de que, ao analisar o princípio da solidariedade em seus fundamentos, no interior da família, encontramos sua justificativa na consangüinidade¹⁵⁷. Assim, a solidariedade é exercida no interior da família porque se trata do pai, da mãe, de um filho ou de um irmão. A segunda

¹⁵⁷ Para Sarti (2004), mais do que na consangüinidade, trata-se do sentido que as relações consangüíneas possuem para os indivíduos. Assim, elas valem porque têm sentido para os indivíduos.

razão é o dever de amar os pais e o filho e o sentimento de restituição - "*o que eles têm feito por mim*".

Neste ponto, podemos estabelecer associações com as falas de Maria José e sua filha Carolina, quanto às relações familiares. Por um lado, a filha menciona, "*aprendi a amar meu pai*", revelando a importância de que tanto quanto possível haja entendimento e afeto entre os membros da família. Esse sentimento não é naturalmente dado, mas construído com o tempo. Ainda que o pai não seja uma pessoa com a qual a filha se identifique, é um membro da família em linha direta e, como tal, deve fazer parte do processo recíproco entre os membros¹⁵⁸, de direitos e deveres, também no âmbito sentimental. Todavia, isso não é tranquilo e denuncia as contradições, tensões e conflitos no interior da família, mesmo que não sejam revelados ou manifestados claramente. Aprender a amar significa tomar consciência da importância do cumprimento de um dever entre pais e filhos, apesar das diferenças existentes e das decepções vividas com o pai alcoolista¹⁵⁹. Trata-se de um processo de amadurecimento de si, de desconstrução das idealizações e da

¹⁵⁸ O processo recíproco existente entre os membros, que define os direitos e deveres - o papel de cada um - dá sentido aos elos biológicos que mantêm. Como ressalta Sarti (2004), a família não se define pelos laços biológicos que unem os indivíduos, mas "pelos significantes que criam os elos de sentido nas relações". No caso apresentado, o sentido da relação biológica existente entre pai e filha é reconhecido pela jovem, ainda que haja conflitos. Esse reconhecimento mobiliza esforços no sentido da execução dos papéis, dentre os quais aquele ligado à afetividade.

¹⁵⁹ A questão do alcoolismo, relacionada, dentre outros fatores, ao afastamento do indivíduo do mercado de trabalho, é abordada por Nasser (1996) em estudo feito junto aos albergados - indivíduos que estão excluídos dos "campos da vida social". A autora procura mostrar como vivem essas pessoas que têm sua vida de exclusão - quanto ao morar e ao trabalhar - agravada e/ou iniciada pelo alcoolismo. Ao tratar dessa questão, Nasser traz para a discussão a dimensão do lazer, examinando sua relação com o ato de beber. Assim, ressalta, quando o ato de beber resultava na inserção dos indivíduos no "pedaço" - uma vez que eles bebiam em companhia de parentes, vizinhos ou colegas de trabalho -, ele podia ser considerado atividade de lazer. Todavia, quando foi transformado em vício, esse ato passou a ser exercido de maneira indiscriminada, não necessitando nem de um tempo, nem de um lugar, tampouco de companhia para se manifestar. No caso apresentado nesta pesquisa, é possível afirmar que o vício do álcool - assim considerado pelos familiares - esteja intimamente relacionado com o desemprego prolongado de Antônio, tendo sido, muito provavelmente, agravado por essa situação profissional. Importante destacar que não foi possível conversar com ele. Dessa forma, as impressões sobre sua situação profissional, as relações familiares e a questão do alcoolismo não foram apresentadas por Antônio, mas por seus familiares. Apesar de sua permissão para entrevistá-lo, a conversa acabou não acontecendo. Após ter acertado o dia para a entrevista, momentos depois, em conversa informal, sua esposa solicitou-me não entrevistá-lo, dizendo-me que ele não teria nada de interessante para me apresentar. Ficou claro que Maria José estava evitando que a imagem a ser passada de sua família fosse alterada pelo depoimento de seu marido. Embora, aparentemente, tenha conseguido convencê-la da importância daquele depoimento, as dificuldades colocadas, posteriormente, com relação ao dia e ao horário para o encontro, deixaram evidente que não obteria aquela entrevista. Percebi que se insistisse estaria não apenas incomodando a família, como, também, interferindo em sua dinâmica, nos acordos que são feitos pelos membros do grupo, dentre os quais, a maior ou menor abertura àqueles que são "de fora" do espaço doméstico.

tentativa de superar frustrações, em nome não apenas do cumprimento do dever ideal do afeto de filha em relação ao pai, mas também da manutenção de todo o grupo doméstico. É também pensando no grupo que Maria José busca contornar os conflitos que possam surgir entre os filhos e o pai, e entre ela e seu marido, "*deixando ele em seu canto*", como disse.

A reciprocidade, analisa Donfut (2002), funciona também pelas feridas passadas, que se traduzem em ressentimentos, conflitos, além de rupturas. O mal recebido deve ser reparado, ao menos ser perdoado ou, mais raramente, esquecido. É difícil desembaraçar-se da reciprocidade. Os rancores familiares nem sempre são confessáveis e, por vezes são suplantados pela norma de compreensão e solidariedade. É o que acontece na família de Carolina em relação ao pai, como também revela Maria José, ao falar do marido.

Todavia, não deve ser tranqüilo ser solidário com uma pessoa que enfrenta problemas de alcoolismo e, um pouco em função disso, se encontra há muito desempregado, permanecendo em casa, deixado em seu canto, para que não perturbe a família. Um misto de afeto com obrigação de auxiliar, permeado por sofrimentos, conduz os comportamentos no interior dessa família.

A mãe da jovem diz que o marido já não procura mais emprego, estando sem esperança de conseguir algum trabalho ou ânimo para investir esforços nessa procura¹⁶⁰.

Com o afastamento do universo do trabalho e o retorno à casa, os indivíduos devem ao mesmo tempo dar-se uma nova identidade e redefinir suas relações conjugais (Donfut: 2002). Todavia, essa redefinição de papéis e a elaboração de nova identidade não é algo simples. A forma como Carolina e sua mãe se referem ao pai são reflexo dessa dificuldade no processo de reconhecimento, redefinição e negociação de uma nova identidade e de um novo espaço de atuação, o qual tem sido construído e se efetivado à margem das demais identidades pessoais e sociais dentro da família. Há que se pensar, por um lado, no descrédito do pai e do marido¹⁶¹ no espaço doméstico, enquanto sujeito de opinião e ação,

¹⁶⁰ Ao analisar o desemprego de longa duração, Demazière (1995) traz para a reflexão a questão das reações e sentimentos dos indivíduos em relação a essa condição, mostrando a existência recorrente do desânimo na procura de um novo emprego.

¹⁶¹ Esse descrédito faz com que a figura paterna desapareça, enquanto autoridade patriarca. A falta paterna, analisa Sarti (1999), tem efeitos negativos, não apenas no sentido de fazer com que a mulher se torne vulnerável, mas também pelo fato de o lugar da mãe ser absolutizado, privando a família da realização "do exercício adequado de funções diferenciadas", nos casos em que há o desaparecimento dos homens do espaço doméstico e de suas relações familiares. No caso do pai de Carolina, em virtude do desemprego e do problema do alcoolismo, há o desaparecimento simbólico da figura do pai e do que ela representa em termos de definição de papéis dentro de casa.

em função da bebida e, ao mesmo tempo, na administração da situação pela esposa, na recolocação do marido e do pai no espaço da casa. Também é necessário pensar na justificação do apoio que, segundo a esposa, revela a união existente na família, capaz de, em nome de todo um grupo, separar os problemas, sofrimentos e desilusões da realização das obrigações recíprocas.

Mas, ao lado das funções de reciprocidade, existem as "contra reciprocidades" (Donfut: 2002), que sancionam rupturas e operam sob o modo de oposição, fazendo com que o comportamento dos pais se torne um anti-modelo¹⁶² para seus descendentes. De qualquer modo, esses "anti modelos" funcionam como elementos de referência daquilo que os filhos não aprovam, e, nesse sentido, também são "modelos", capazes de orientar condutas. Como esclarece o autor, seja em continuidade ou ruptura, os filhos sempre se posicionam em relação a seus pais (idem). Nesta pesquisa, o depoimento de Maria José é testemunho disso, ao falar de sua profissão e manifestar o desejo de que sua filha não siga o mesmo caminho - que não seja doméstica como ela foi, a vida inteira. Interpretando sua trajetória, a senhora percebe-se como alguém que, desde sua infância, não teve escolhas, tendo de trabalhar na roça desde pequena. Ao chegar em São Paulo, em sua juventude, trabalhou como doméstica para ter onde morar. Segundo sua visão, essa trajetória deve iluminar os caminhos da filha, no sentido de não ser repetida. A filha, diferente da mãe, pode escolher outro caminho e, para isso, conta com o apoio dela.

No sentido de ver realizado seu desejo, Maria José fornece as condições materiais de sustento para que a filha possa trabalhar em outra atividade. Mas, ao mesmo tempo, é esse outro trabalho da filha que permite à mãe, em contraposição, fornecer-lhe auxílio moral e material. Como ela diz, *"se meus filhos não trabalhassem, eu não ia conseguir levar as despesas da casa sozinha."*

Com o desemprego prolongado do marido, Maria José precisa contar com o apoio dos filhos, sem o qual se vê sozinha. O pai, acaba tendo sua autoridade abalada dentro da casa. Contemporaneamente, destaca Donfut (2002), a autoridade saída da hierarquia ou da tradição é suplantada pela credibilidade e pela autenticidade, fazendo com que prevaleçam

¹⁶² "Os anti modelos não são entretanto apenas negativos. Pais generosos e cheios de abnegação podem também provocar a rejeição de parte de seus descendentes por causa de seu excesso de cuidado, de sacrifício de sua existência a serviço deles, o que seus filhos (e sobretudo as novas gerações de garotas) desaprovam e não desejam." (Donfut: 2002:122)

as qualidades humanas em detrimento dos papéis sociais. Em razão do alcoolismo e da perda da identidade referida ao trabalho e à possibilidade de prover a família, Antônio, pai de Carolina, vê sua credibilidade e autoridade ameaçadas no interior da família, quando não perdidas. Ainda assim, conta com os cuidados e o amor dos familiares que, como sua filha mencionou, não foi “naturalmente” dado, mas aprendido.

Segundo Donfut (2002), a obrigação de amar os pais ou cuidar dos filhos não é produto da família - mesmo se elas só pudessem ser verdadeiramente ensinadas aí. Essas obrigações fazem parte de normas sociais gerais que transcendem as famílias. De maneira recíproca, completa, ao mesmo tempo, as famílias contribuem para conservar e transformar os valores sociais gerais. Nesse sentido, as famílias não funcionam como algo fechado, mas são permeáveis ao contexto social que difunde normas e valores, criando-se, assim, entre as "macroculturas" e as "culturas da casa"¹⁶³, fluxos permanentes de idéias, de prescrições, de tolerância e de intolerância, os quais participam nos processos de transformação dos valores familiares e das formas de solidariedade na sociedade.

No caso desta pesquisa, um desses espaços de penetração no ambiente familiar foi o Programa dos Correios. Essa oportunidade de inserção regular nas Empresas de Correio, oferecida aos jovens ainda que por um tempo determinado, foi percebida como expressão de uma ação solidária, diferente da encontrada no mercado de trabalho e, também por isso, vista positivamente pelos indivíduos. Além da oportunidade de inserção regular, nos depoimentos também foi destacada a maneira como os jovens eram tratados: *"Minha filha gostava muito mais do trabalho nos Correios. Lá o pessoal tratava com toda delicadeza, diferente do trabalho que ela tem agora. O pessoal é mais frio"*, disse Maria José. Nos Correios, a forma de tratamento, pautada pelas normas e visões do Estatuto da Criança e do Adolescente, imprimia o tom de delicadeza que os envolvidos destacaram.

¹⁶³ "No seio da mesma linhagem, os comportamentos de ajuda e a concepção dos direitos estendidos e obrigações recíprocas comportam numerosas similitudes, como se houvesse um aprendizado específico na família sobre o modo de dar e receber. Esse sistema singular, composto de um conjunto de disposições e regras, explícito ou implícito, forma uma 'cultura da casa'. Uma cultura que estabelece contratos entre os membros, escrito em suas histórias entrecruzadas e na história de suas relações. Essa história combina as transmissões, as reciprocidades, as práticas e relatos que valem de exemplo e de ensinamento. Mas as linhagens estão igualmente em contínua transformação, sob o efeito da sucessão das gerações e das novas alianças. Com efeito, a cada nova aliança, o encontro das duas linhagens secreta uma cultura plural. A comunidade que se constitui e se reconstitui sem cessar integra os 'pedaços reportados', secreta seus próprios valores mais ou menos coerentes entre elas e aqueles estendidos ao conjunto de seus membros, que aí aderem ou se opõem" (Donfut: 2002: 122).

No que diz respeito à percepção da contratação dos jovens como uma ação solidária, os depoimentos ressaltaram a importância de programas que busquem envolver os adolescentes em atividades que lhes possibilitem a experiência em carteira assinada; o aprendizado de atividades desenvolvidas na empresa que os contrata; a obtenção de orientação, tanto nos assuntos relacionados ao universo do trabalho, mais especificamente, ao comportamento considerado mais adequado em uma entrevista de emprego, assim como, no ambiente de trabalho, quanto nos temas que concernem, de forma mais dramática, à juventude das camadas populares - o perigo das drogas e a gravidez na adolescência.

Essas considerações apontam aspectos interessantes. O primeiro diz respeito à associação entre ocupação regular de trabalho para adolescentes de camadas populares e “ação solidária” da empresa. As dificuldades encontradas pelos adolescentes, quer seja pelo desemprego, quer seja pelo tipo de trabalho encontrado - situações irregulares, condições adversas -, reforçam a percepção de que a oportunidade de inserção regular é resultado da “ação solidária” de empresas que desenvolvem programas sociais destinados aos adolescentes, contrariando as situações que normalmente encontram no mercado de trabalho, caracterizadas pelas difíceis possibilidades dessa forma de inserção.

Todavia, ainda que a oportunidade oferecida pela instituição seja positiva, no sentido da ocupação regular, os tipos de atividades que os jovens exercem - xerox, atendimento de telefone - fragilizam o alcance do Programa, no que se refere à preparação dos adolescentes para o mercado de trabalho. Da mesma forma, a ausência de políticas e parcerias voltadas para a absorção das moças e dos rapazes após o período de contratação na empresa, faz com que os problemas relacionados ao contingente daqueles que, futuramente, estarão desempregados, sejam, de certa forma, mascarados, encobertos pela contratação provisória; pelo seu término, que tem data definida.

Os problemas mencionados não são ignorados; ao contrário, são apontados, pelos jovens, quando já estão fora da empresa. Todavia, as dificuldades encontradas após a saída do Programa, fazem com que esses problemas sejam relativizados e enfatizada a oportunidade de inserção que, comparada às situações encontradas no mercado de trabalho, acaba sendo vista como “ação solidária”, no sentido da “sensibilização” e da percepção, pelos idealizadores do Programa, da difícil situação em que os jovens se encontram em

relação às oportunidades de obtenção de emprego com carteira assinada, especialmente aqueles pertencentes às camadas populares.

Outro aspecto interessante dessa questão refere-se ao destaque dado aos programas para adolescentes que trabalhem temas como drogas e gravidez. Isso denota a preocupação com esses assuntos, tanto dos pais, quanto dos jovens, e, ao mesmo tempo, revela que essas questões precisam ser apresentadas e discutidas por e em outros espaços sociais, que não apenas a escola e a família. Isso revela tanto a urgência desses indivíduos em encontrar saídas para esses assuntos, pensando em ações preventivas e de orientação, quanto o entendimento de que esses temas não são apenas de ordem pessoal, mas também social, cabendo às várias esferas com as quais os jovens são chamados a participar trazerem suas contribuições em termos de orientação.

Essa orientação foi passada pelo Programa dos Correios, ainda que os jovens tenham tido poucas palestras. Com relação a esse programa, é destacado, de forma acentuada, o tratamento a eles despendido pelos colegas de trabalho, mais delicado, quando comparado a outras ocupações fora da empresa. No que se refere a isso, a essa forma de tratamento, que a visão paternalista dos funcionários em relação aos jovens, também pode denunciar, essa atitude acaba funcionando como um mecanismo de escamotear e amenizar as contradições nas e das relações de trabalho. Não que não tenham sido percebidas pelos jovens e expressas nas falas quando, por exemplo, mostraram desaprovação em relação ao termo *menor*, ou à execução de tarefas que não eram de sua responsabilidade, ou ainda, à referência ao termo "trabalhador assistido" na carteira de trabalho, que tornava vaga a função e, ao mesmo tempo, trazia, para alguns, o sentimento de desqualificação, aliando assistência e pobreza ao cargo ocupado. No entanto, a vivência das dificuldades de ingresso e permanência no mercado de trabalho fez com que a experiência dos Correios fosse revista tão somente em seus aspectos positivos - a valorização de relações pessoais lá vividas, "as pessoas legais do trabalho", a possibilidade que tiveram de adquirir experiência de trabalho regular e a aquisição de responsabilidade.

Interessante notar que, por ocasião do grupo focal, foram várias as falas insatisfeitas em relação a um ou outro aspecto do Programa. Cada ponto reclamado ganhava o coro dos demais adolescentes. Tempos depois, por ocasião das entrevistas individualizadas, os jovens que estavam trabalhando, assim como os que se encontravam desempregados,

lembraram com saudades da época em que trabalharam nos Correios, não mais arrolando qualquer desvantagem ou problema vivido nessa fase, seja pelo desgosto com determinado trabalho ou situação vivida no local, seja pela angústia com a situação de desemprego por que passavam. As dificuldades daquele momento relativizavam as dificuldades vividas anteriormente, a ponto de elas desaparecerem nos depoimentos.

3.5 Ficar ou sair da casa dos pais: assumindo escolhas e caminhos

Para a grande maioria dos jovens entrevistados, a saída da casa dos pais é um projeto pensado para um futuro incerto. As razões para isso não são apenas financeiras, mas estão ligadas à importância que a família tem para eles¹⁶⁴.

A saída da casa dos pais representa a passagem para o universo adulto, de forma mais explícita, dado que morar com os pais não significa viver eternamente na adolescência. Elementos implícitos, como a aquisição de responsabilidade, pela relação estabelecida com o trabalho remunerado, permitem ao jovem reconhecer-se e ser reconhecido como adulto.

Por outro lado, sair da casa dos pais e arcar com as despesas domésticas, assumindo caminhos e escolhas próprias, também caracteriza o desenvolvimento da identidade de indivíduo adulto. De qualquer maneira, esse processo é pessoal e traz como consequência a possibilidade de transformação das relações familiares.

Em entrevista concedida, Diogo um jovem de 25 anos, funcionário dos Correios¹⁶⁵ e ex adolescente do Programa Menor Carente¹⁶⁶, relata como tem modificado a relação com seus pais desde o momento em que saiu de sua casa¹⁶⁷. Isso tinha ocorrido

¹⁶⁴ A importância da família para as camadas populares, pensada como esfera de apoio e referência moral é destacada em outros estudos. Sobre essa questão, ver Corrochano (2001) e Oliveira (2001).

¹⁶⁵ O depoimento desse jovem, com referência a aspectos relacionados ao trabalho e aos estudos, assim como dos outros funcionários que participaram de programas anteriores na empresa dos Correios, farão parte do próximo capítulo. Neste momento, em que são discutidas questões referentes às relações familiares, busca-se recuperar as considerações levantadas por esse jovem, importantes para a compreensão dos dilemas que também podem circunscrever os indivíduos nessa esfera, nas relações com o grupo e na constituição de si mesmo.

¹⁶⁶ Similar, em seus pressupostos, objetivos e práticas, ao programa Adolescente Assistido.

¹⁶⁷ Dos jovens entrevistados, Diogo foi o único que decidiu sair da casa dos pais, em virtude, como veremos, da necessidade de assumir suas orientações pessoais e seus novos caminhos. Nesse sentido, o depoimento desse jovem é enfatizado nesse item, tendo em vista trazer elementos importantes para a discussão de questões que perpassam as relações familiares e a constituição de si mesmo nessas relações, também possíveis

aproximadamente na mesma época em que a entrevista havia sido realizada. Ele estava dividindo um apartamento com um amigo. *“Antes eu era mais próximo da minha mãe que do meu pai. Agora não. Pra você ver, minha mãe ainda não veio aqui em casa. Ela tá mais distante. A minha relação com ela mudou muito. Meu pai entrou aqui rapidinho e saiu. Eles não aceitam minha escolha. Antes eu não falava muito com meu pai, mas agora eu tô mais próximo dele, entendendo melhor ele. Minha mãe não dá atenção pra ele, então ele acabou também querendo ir morar com outra pessoa.”*

A saída de casa tem sido vinculada à ruptura com os laços familiares da maneira como se expressavam. Pai e filho, ao quererem e resolverem sair de casa, imprimiram rupturas com o grupo doméstico, que trouxeram transformações nas relações entre os seus membros. Rompeu-se a proximidade existente entre mãe e filho e entre marido e mulher. Movimentos distintos, de intenção e de saída – do pai, por um lado, e do filho, por outro-, têm gerado instabilidades, conflitos e a necessidade de reorganização de imagens e conceitos relativos à figura da mãe, do pai, da família, do matrimônio e de si mesmo¹⁶⁸. Nesse processo, pai e filho, a partir da mesma idéia - o primeiro com a intenção de e o segundo com a decisão de sair de casa, ainda que por motivos diferentes, identificaram-se, em certa medida, buscando a compreensão das escolhas feitas e o apoio mútuo. A mãe, a figura mais importante quando os jovens falam de família¹⁶⁹, continua central, agora no que se refere aos conflitos existentes, seja pela distância que ela estabeleceu em relação à saída do filho de casa, seja por protagonizar a crise em seu casamento¹⁷⁰.

de serem vividas por outros jovens que vivenciam experiências similares ou outros conflitos no ambiente doméstico. Os significados e a percepção de “estar em casa”, as alterações dos laços familiares, o processo social de individualização e de constituição identitária são algumas das questões levantadas nesse item.

¹⁶⁸ Como menciona Dubar (2000), toda mudança gera “pequenas crises”, necessitando um trabalho sobre si mesmo e uma modificação de determinados hábitos que se configuram como perturbação da rotina anterior. Nesse processo, apreender o novo pode significar, muitas vezes, partir do zero e recomeçar, também se reconstruindo.

¹⁶⁹ A importância da mãe, como figura central nas representações sobre família, também foi apontada pelos jovens, com bastante frequência, por ocasião da pesquisa de mestrado.

¹⁷⁰ Dubar (2000), ao discutir os processos de crise identitária que atingem as várias esferas da vida, incluindo a familiar, também faz referência ao divórcio e à impossibilidade de dissociar os vários elementos a ele relacionados, como: a possibilidade de desinvestimento dos homens de seu papel de pai e o maior investimento das mulheres em seu papel de mãe, as difíceis negociações entre a ex-esposa e o ex-marido, pelo drama colocado com a saída de um dos membros de casa, e a “tragédia” da identidade perdida de esposa, por exemplo. Nessas situações, há transformações das normas, dos papéis e dos percursos parentais e conjugais, como no caso de Diogo.

Quase todo o depoimento do jovem foi marcado pelas referências à mãe, seja relatando a proximidade que existia entre eles quando coabitava com seus pais, seja lamentando a posição por ela assumida em razão de sua decisão de ir morar com um amigo.

Em geral, a preocupação por ter em quem confiar e com quem contar faz com que os indivíduos, quando decidem sair de casa, busquem morar próximos da família¹⁷¹, continuando a contar com o auxílio dela, material ou não. Esse não foi o caso de Diogo.

Conforme a entrevista foi transcorrendo, o rapaz sentiu-se mais à vontade para revelar porque havia escolhido morar em outro bairro, mais afastado da casa de seus pais. De um jeito meio sem graça e baixando o tom de voz, o rapaz contou-me que era homossexual. Como percebe Pais (2001), ao entrevistar jovens prostitutas, o ato de baixar o tom de voz pode revelar-nos a tentativa de silenciar ou ocultar determinados aspectos da vida.

Determinadas orientações assumidas são difíceis de serem enfrentadas, especialmente quando estão associadas a estigmas e preconceitos reproduzidos socialmente, bem como à condição social do indivíduo¹⁷². No caso de Diogo, a questão colocada era afastar-se da possibilidade de reprovação da família, da acusação e da incompreensão. Sair de casa representou, por um lado, a necessidade de revelar-se, contando com novo apoio¹⁷³ a respeito do que era e de como pretendia viver e, por outro, “esconder-se” dos pais, morando mais afastado, o que implicava não contar com o apoio, mas também não enfrentar acusações.

Diogo disse acreditar que os pais desconfiem de seus motivos, sem nunca, porém, terem comentado o assunto. Quando o filho decidiu sair de casa e ir morar com um amigo, a situação pareceu-lhes mais clara e o conflito expressou-se pela recusa da mãe em visitar o filho, também deixando que a relação entre ambos se tornasse mais distante.

¹⁷¹ Na pesquisa de mestrado, ao conversar com os jovens que tinham deixado de morar com os pais para viverem com o cônjuge, eles revelaram ter escolhido morar no mesmo prédio ou bem próximos da casa dos pais, para que pudessem continuar contando com o auxílio da família.

¹⁷² Sarti (1999) faz referência em seu texto à idéia de que o processo de emancipação do sujeito, como portador de uma condição social específica, que corresponderia à direitos específicos - como de homossexuais, de crianças, de mulheres, de idosos, etc - tem a marca da classe e, nesse sentido, as oportunidades não são iguais para todos, havendo limites impostos pela condição social dos indivíduos.

¹⁷³ O processo de reconstrução identitária, como o vivido por Diogo, requer sempre um “outro” que lhe permita a elaboração de uma nova linguagem e, sobretudo, “o reencontro de um outro significante” que seja capaz de validar e reconhecer a nova identidade “latente” que começa a se dizer, tornando-se suscetível de ser reconhecida (Dubar 2000). O companheiro de Diogo, que dividia o apartamento com ele na ocasião da entrevista, fazia esse papel.

Como a família representa o refúgio de um mundo difícil, nem sempre a tentativa de resolução dos conflitos é marcada pela saída dos filhos de casa. No interior dela, existem diversidades que colocam sempre a possibilidade da existência de conflitos. Como destaca Velho (1986: 51), esses conflitos acontecem desde que apareçam interesses e valores diferentes e até antagônicos, como “pontos de vista discrepantes dentro de um grupo social aparentemente homogêneo”. Normalmente, as discordâncias ficam no plano das idéias, como revelaram os jovens que foram entrevistados.

No caso de Diogo, o conflito com a família revelou-se depois de sua saída, na tentativa de buscar resolver o conflito interno que vivia.

Do lado da mãe, a maneira encontrada de mostrar a insatisfação e/ou a dificuldade em relação a essa identidade que o filho deixava revelar por indícios, estava sendo a ausência de visitas e a permanência “mais distante”. A opção de Diogo foi sair de casa, morar longe da família para que se pudesse revelar de forma mais transparente para si próprio e de forma velada para seus pais.

É nesse movimento de afastamento e revelação que o jovem vai construindo seu processo social de individualização, sentido-se mais à vontade para viver sua identidade pessoal, antes aprisionada. Como discute Nilsen (1998), essa identidade pessoal, caracteriza-se por certo afastamento consciente do indivíduo em relação às normas de comportamento que foram interiorizadas. É diferente do que ocorre com a identidade de grupo (Habermas: 1983), que se relaciona com o comportamento proveniente de expectativas em relação ao desempenho de determinados papéis, sem que haja necessariamente o distanciamento dos mesmos e o aparecimento da reflexividade do indivíduo. O processo de individualização diz respeito à conquista de autonomia e independência, por meio do “desligamento” dos laços tradicionais da família e do afastamento da identidade de grupo. Trata-se do aparecimento da identidade pessoal, pela conquista de si mesmo.

Nesse processo de conquista de si mesmo, com a ocorrência de alterações e/ou rupturas com os laços familiares, os significados de “estar em casa” também ganham novos contornos. Heller (1996), ao discutir as transformações da noção de tempo e espaço no mundo moderno, estabelece uma reflexão acerca do sentidos da casa. Segundo a autora, os conflitos existentes entre pais e filhos contêm um conflito da experiência do lugar. Nesse

sentido, os filhos sentem-se em casa entre seus amigos e, num movimento contrário, tomam a casa dos pais e eles próprios como estranhos. A familiaridade acaba por tornar-se o constituinte mais decisivo do sentimento de estar em casa, associando-se às referências dos indivíduos de que não estão aprisionados, permitindo-lhes estabelecer vínculos de memória com o tempo e as experiências vividas. Diogo sentia-se em casa, no lugar em que estava vivendo com seu amigo. *“Outro dia fui visitar minha mãe, achei a casa estranha. Ela mudou os móveis de lugar. Eu perguntei: cadê a tv que ficava na sala? Meu pai levou a tv e o som para o quarto porque minha mãe não gosta mesmo. Eu não falei nada. Não vou me meter.”*

Em sua fala, Diogo mostra certo distanciamento em relação à administração da casa onde morava, *“eu não vou me meter”*, encerra. Ao mesmo tempo, demonstra o estranhamento causado pelas mudanças de móveis na casa - *“achei a casa estranha”*, pontua -, fazendo referência ao tempo em que viveu com a família de origem. A observação da mudança dos móveis expressa o rompimento com a familiaridade de antes, não apenas pelos móveis, mas muito mais pelas atitudes dos pais, que envolvem a saída do filho de casa e o rompimento do casamento do cônjuge.

Junto ao seu amigo, criando novos laços afetivos no tempo e num espaço que é provisório¹⁷⁴, móvel, Diogo mostrou-me fotos, como costumam fazer as pessoas quando recebem visitas em sua casa. Nessas fotos, ele estava com seus amigos, em passeios e viagens feitas bem antes dele sair da casa de seus pais. Assim, recuperando experiências já vividas, o jovem as reconstrói e as ressignifica, tornando-as centrais enquanto referência de seus pertencimentos, de sua nova fase de vida e do que lhe é familiar.

A difícil relação com os pais, que vivia naquele momento, era também expressa pela ausência de fotos da família, o que também sinalizava um momento de instabilidade, de afastamento e de reconstrução das relações e da sua própria vida pelo jovem.

Maunaye (2000), em estudo sobre o processo de saída dos jovens da casa dos pais, mostra como esse percurso é freqüentemente marcado por grande instabilidade expressa por instalações, mais ou menos duráveis, muitas das quais provenientes da casa de origem, além das mudanças correntes de domicílio. Nas novas residências, os jovens buscam a

¹⁷⁴ Na época da entrevista, Diogo estava procurando um outro apartamento para morar.

construção de sua autonomia, relacionada também com o espaço e com os objetos que os circundam.

No caso de Diogo, as fotos colocadas nas cômodas e aquelas que foram mostradas no dia da entrevista, constituem importante objeto de expressão e relação do jovem em sua nova fase de vida, marcada por escolhas, ausências e referenciais de amizade. As fotos acionam um conjunto de lembranças guardadas na memória, inscrevendo o indivíduo em uma trajetória no espaço, que se ressignifica no e com o tempo. Também expressam a tentativa de busca de ordenamento dessa fase da vida. Naquele momento, os amigos e as lembranças de diversão entre eles, inscritas nas fotos, é que eram capazes de ordenar a vida do jovem na nova casa, qualificada positivamente por essas imagens que transformaram o local em algo familiar.

A ausência de fotos dos pais também marca a separação e, com ela, certa instabilidade no que se refere aos laços familiares, pela necessidade de reconstrução dessas relações. Ao mesmo tempo, certa inconstância também se evidencia pela busca de um novo apartamento. O trânsito e o movimento em direção a uma nova moradia coaduna-se com o processo de constituição de si mesmo no desenvolvimento de uma identidade pessoal e de sua opção de vida.

Todavia, ao mesmo tempo que o jovem marca o afastamento das referências familiares, pela ausência das fotos desse grupo, expressa seu descontentamento pelo fato de a mãe ainda não ter ido à sua casa, também comentando, com tom de crítica, a rápida passagem de seu pai pelo apartamento, “*meu pai entrou rapidinho aqui e saiu*”. Assim, podemos perceber a existência, intrínseca ao conflito, de um processo simultâneo de afastamento e de aproximação¹⁷⁵ das figuras paterna e materna. Como discute Maunaye (2000), a identidade pessoal compõe-se da coexistência de vários “eus”. Isso se expressa mais claramente na passagem para a vida adulta, pela aproximação e afastamento da família de origem. Esse processo de afastamento e aproximação está no coração da

¹⁷⁵ Como argumenta Sarti (1999), a necessidade de buscar outros referenciais na construção de sua própria história, por parte do jovem, faz com que o conflito entre apego e autonomia seja instaurado como uma experiência estruturante. No caso de Diogo, essa experiência torna-se ainda mais complexa, na medida em que existe dificuldade de abertura dos pais às necessidades do filho e, ao mesmo tempo, há dificuldade de comunicação entre esses membros da família, fazendo com que os outros referenciais sejam vividos de forma mais conflituosa na família, tanto pelos pais que não o aceitam, quanto pelo filho, que vive o conflito entre autonomia e apego, de forma mais radical.

individualização dos jovens, imprimindo também reajustes nas relações familiares que vão se reconfigurando. (idem)

Uma outra maneira de percebermos a aproximação do jovem em relação às referências familiares é a indagação feita na casa dos pais, sobre as mudanças das posições dos móveis. Ao mesmo tempo que busca o afastamento e a relativa ruptura com o ambiente familiar e suas regras de administração e funcionamento, estranha as mudanças ocorridas e, como membro que partilhou da antiga disposição e do convívio em família, questiona a mãe: “*cadê a tv que ficava na sala?*”, como se quisesse “congelar” essa esfera, manifestando sua ligação e certo apego com a casa, enquanto referência de sua experiência da e na família.

A questão da saída de casa também aparece no depoimento de Maria das Graças. Sua filha, Luiza - jovem que participou das reuniões de grupo focal e de entrevista individualizada -, pensa em morar sozinha, mas isso é um projeto para o futuro. Diferente de ser um projeto, a saída da mãe de casa representa a resposta a uma situação específica que estava vivendo, na época da entrevista.

Maria das Graças mora com seu atual marido, sua filha e seu neto. Muito próximos de sua casa, moram o filho e a esposa. Uma rede de relações estabelece o auxílio mútuo entre os membros. A mãe tem um papel fundamental, possibilitando a saída do atual marido para o trabalho, assim como de sua filha - Luiza -, ficando responsável pela arrumação da casa e pela preparação da alimentação.

As tarefas que desempenha estão prestes a serem interrompidas. Com grande lamento e preocupação, Maria das Graças conta que vai precisar sair da casa em que reside e ir morar em outro lugar, bem distante dos filhos. A razão disso é que o atual marido tem se desentendido com o pai de seus filhos e ela teme um confronto. Com a saída da mãe, Luiza vai precisar colocar seu filho - Luiz - em uma creche e começar a cuidar da casa e da alimentação, fato que estava preocupando muito essa senhora, uma vez que considera sua filha “ainda uma criança”.

Com essa situação, novos arranjos deverão ser mobilizados entre os membros da família para que possam ser supridas as necessidades do grupo e de cada um dos indivíduos. Ao mesmo tempo, os papéis e as responsabilidades deverão ser revistos.

É justamente o fato de ficar em casa e de assumir novas responsabilidades em relação a si mesma, ao filho e à administração doméstica, que pode fazer com que a jovem Luiza passe a se perceber e a ser percebida de forma diferente, talvez adquirindo o *status* de jovem adulta, embora a passagem de uma condição a outra - adolescência e vida adulta - ocorra dentro de uma fronteira muito fluida, difícil de precisar, haja visto o fato de a própria jovem não se considerar adulta. Tornar-se adulto é um processo, diferente para cada pessoa. Cada vez mais são reveladas percepções de coexistência das várias fases - infância, adolescência e idade adulta - em um mesmo indivíduo, como expressaram alguns depoimentos.

De qualquer forma, no caso dessa jovem, o processo de independência, autonomia e, conseqüentemente, de individualização, poderá ser estabelecido em razão das novas responsabilidades assumidas que estarão relacionadas às escolhas e às decisões tomadas por ela. Na ausência da mãe, a filha será a responsável pelo bom andamento da casa, o que significa dizer que assumirá novos papéis dentro da hierarquia familiar.

No caso que se apresenta, a saída da mãe da casa em que reside atualmente responde a um conflito de ordem pessoal que, ao final, acabará por atingir todo o grupo familiar: ele deverá ser reorganizado da mesma forma como, provavelmente, deverão ser reorganizadas suas relações interpessoais nesse processo.

3. 6 Os sons da autonomia e as relações pessoais: a música e os amigos

A prática da experimentação atribuída à juventude, não se restringe apenas à atividade trabalho, mas estende-se ao desempenho de múltiplas atividades e de outras práticas, abrindo espaço para a possibilidade de realização, especialmente fora do trabalho (Schehr: 2000). Trata-se da experimentação enquanto recurso em termos de pertença, de sociabilidade, de legitimação de competências e de realização. A música pode ser vista como uma dessas alternativas, enquanto espaço de realização fora do trabalho.

Nos depoimentos recolhidos, alguns dos jovens entrevistados revelaram participar de conjuntos musicais. Quando destacaram essa participação, ressaltando-a também na caracterização de si, buscou-se verificar e apreender os significados dessa pertença. O campo da música é onde se expressam, onde se reconhecem como jovens, onde exercitam

sua autonomia, apropriando-se de sua regras, das regras existentes entre eles. A música também expressa os valores, a intenção da expressão, não apenas marcando a pertença ao universo dos jovens¹⁷⁶, dos amigos, das afiliações, mas revelando, pelo estilo, a identidade do grupo.

Um grupo de "*hip hop*" tem a preocupação de ser a voz da periferia, mostrando sua realidade. Um grupo de "*rock*" faz referência à contestação dos valores e do comportamento tradicionais, sua mensagem é a da diferenciação do mundo adulto, pela valorização da expressão de si mesmo, de sua autenticidade.

A participação em um conjunto musical pode representar a tentativa de afastamento do modelo cultural baseado na ética do trabalho, revelando-se como espaço de exercício da autonomia e de realização. Trata-se da tentativa de vencer as tensões provenientes da participação no mundo e nas regras dos adultos, que o trabalho propicia e, dentro desse mundo, construir sua identidade, que oscila entre a adolescência e a saída dela. Participar de um conjunto musical, composto por outros jovens/adolescentes, é uma maneira de distanciar-se do universo adulto e de suas regras, entre as quais o trabalho se inclui. Representa o momento da construção de uma prática juvenil, que possibilita a identificação, a auto imagem de jovem reafirmada pelo grupo de iguais¹⁷⁷, e, em consequência, o surgimento da autonomia dentro desse universo, da criação desse micro espaço de atuação.

Mas, no caso do jovem Felipe¹⁷⁸, a participação em um conjunto musical de "*rock*" permite o acesso a uma autonomia "menos genuína", uma vez que o grupo conta, além do apoio, com a presença constante de seu pai. Dessa forma, as regras, assim como as decisões dos rapazes no grupo, não são assumidas sem a presença de um adulto, o pai de Felipe. Ao mesmo tempo que representa um apoio, uma facilitação no acesso às regras do mundo adulto para que a banda possa se firmar como um grupo musical, gravando o cd desejado e encontrando espaço para que possa se apresentar (bares, rádio, TV), essa presença do adulto significa alguém que auxilia, mas que também toma conta do grupo, que está à frente dos

¹⁷⁶ Conforme Sarti (1999), os jovens caracterizam-se pela busca de outros referenciais fora do espaço da família. Esses outros referenciais são importantes para a construção de sua identidade, de seu processo de individuação. Assim, é pela participação nos diversos grupos de pares - música, esporte e outras atividades - que eles podem "recriar famílias", falando de si no plural.

¹⁷⁷ A importância da participação dos jovens em grupos é destacada por Soares (2004), que ressalta, nessa situação, o fortalecimento do sentimento de que "aquilo que pensamos e sentimos é compartilhado por outros".

¹⁷⁸ Esse jovem, no momento da entrevista, estava cursando o terceiro ano do ensino médio, era solteiro e morava com seu pai. Nos Correios trabalhou no setor administrativo.

caminhos percorridos e a percorrer da banda, exercendo, desse modo, um certo controle sobre os participantes.

Ao mesmo tempo que a participação na banda representa um espaço de expressão de identidade e pertença a um grupo de amigos, em torno de uma linguagem comum - o "rock"- , ela também se efetiva como um meio de interpenetração de dois universos, o adulto e o juvenil: interpenetração de valores, de regras e de interesses.

Essa interpenetração ocorre muito em função da dependência econômica do jovem em relação ao pai, além do bom relacionamento que há entre eles, tendo aumentado com a morte da mãe. Não podemos afirmar, no entanto, que os caminhos da banda, as escolhas e a maneira de conduzi-las seriam os mesmos, no que se refere à procura de espaço para sua existência no mundo exterior, se o jovem e seu grupo não dependessem financeiramente da ajuda familiar. Dependentes economicamente, eles também mantêm uma dependência ao nível pessoal, de aceitação do encaminhamento dado pelo adulto. Assim, nesse momento, a identidade pessoal do jovem desenvolve-se no contexto de dependência econômica¹⁷⁹ e pessoal.

Por outro lado, ao apoiar o filho e participar tão de perto da organização da banda, o pai mostra ter compreensão dessa linguagem, desse estilo musical e de vida, abrindo-se e incorporando esse outro elemento que vem de fora da família¹⁸⁰. Nesse sentido, aproxima-se desse universo, fazendo parte dele. A juventude, vista como um "estado de espírito"¹⁸¹, incorpora, nesse momento, o adulto, Valdomiro, pai de Felipe, que "compreende" o que o filho quer e o que o filho diz, por meio de sua música, uma vez que também faz sentido para ele - pai -, ainda que possa não ser o mesmo atribuído pelo jovem.

Felipe pretende voltar a procurar trabalho, incorporando-se à lógica e às regras do mercado. Ao mesmo tempo, aposta em sua banda, investindo nessa opção, com vistas ao

¹⁷⁹ A questão da dependência é uma dimensão importante do funcionamento da família, como ressalta Singly (2000).

¹⁸⁰ Sarti (1999) mostra que a forma como a família incorpora os outros elementos trazidos pelo jovem, que vêm de fora do espaço doméstico, tem um papel fundamental na relação que vai se estabelecer entre ela e o jovem, uma vez que este se reconhece nesses outros, que fazem parte de sua existência pessoal. Assim, a disponibilidade para aceitar e lidar com esses outros do universo juvenil, bem como a definição de limites colocados pela família para essa situação, serão determinantes das relações estabelecidas em seu interior, nesse momento. No caso de Felipe, o fato de o pai não apenas aceitar, mas também participar desse outro elemento "estranho" ao meio familiar - o grupo musical -, faz com que a relação de amizade entre eles seja reforçada e expressa em seus depoimentos.

¹⁸¹ Essa questão será recuperada no capítulo 5 deste trabalho.

sucesso a médio e longo prazo. No momento, pretende ocupar seu tempo com a música, à margem do mercado de trabalho, manifestando seu desejo de auto realização.

A dificuldade para que o trabalho possa ser o fio condutor das experiências e biografias dos indivíduos, nos dias de hoje (Schehr: 2000), traduz-se, especialmente para os jovens, na reivindicação de um tempo para si, quer dizer, pela manifestação do desejo de realização pessoal. Essa "realização de si" deve ser entendida como a realização de si "aqui e agora" (idem).

Nesta pesquisa, o que observei foi que a realização de si é dada principalmente pela participação de alguns adolescentes nos grupos musicais. O fato de serem adolescentes possibilita-lhes essa participação, caracterizada como um exercício legítimo de expressão própria dessa fase da vida. Interessante notar que os jovens que possuíam uma banda foram aqueles que se assumiram como adolescentes, no momento das entrevistas individualizadas.

Para jovens que se consideraram adultos, outra questão se colocou: o exercício do trabalho regular. Tratava-se de conseguir um emprego regular, "no aqui e agora", não importando muito o conteúdo do trabalho a exercer. A dificuldade de conseguir esse emprego e as urgências da vida - manutenção, auxílio de um grupo doméstico e gravidez - tornam a ocupação em um emprego regular ainda mais valorizada por eles. Isso é tão mais verdadeiro quanto mais se consideram jovens adultos, adquirindo uma outra postura em relação ao trabalho e à sua finalidade, aliada à noção de responsabilidade diante de si mesmo e de seu grupo familiar.

Quanto à participação dos jovens nos grupos musicais, a importância das amizades deve ser ressaltada. Os momentos de ensaio das bandas possibilitavam o encontro com os amigos, isto é, a afirmação da pertença ao grupo de indivíduos que apresentam interesses e linguagem comuns, tanto em relação ao estilo musical, quanto à comunicação verbal, às gírias.

As relações de amizades foram desenvolvidas nessa participação musical ou, mais comumente, foram anteriores à formação dos grupos, sendo reveladas em outros espaços, como no ambiente de trabalho.

Zoll, apud Schehr (2000), chama a atenção para o fato de que, mais do que no passado, os jovens de hoje teriam tendência a tecer laços sociais pela palavra. Essa atitude traduz novo emprego do tempo, pela maior importância dada aos encontros com amigos, à

sociabilidade, mas, principalmente, à abertura ao outro. Essa "ética discursiva", seria, sobretudo, fomentada pelo desejo de romper com o isolamento, segundo uma espécie de reação ao individualismo crescente das sociedades cada vez mais diferenciadas. Schehr (2000: 56) ressalta que esse desejo de comunicação seria, além disso, tão fundamental que "primária, na situação de trabalho, sobre a natureza e o conteúdo do trabalho."

A importância das amizades para os jovens de hoje é também revelada em outras investigações nacionais (Corrochano: 2001; Oliveira: 2001), dado também confirmado nesta pesquisa. Os adolescentes entrevistados - tanto aqueles que possuíam uma banda musical, quanto os demais - destacaram a importância das amizades em suas vidas e nos locais de trabalho, sendo esse item fundamental para a qualificação positiva da experiência nessa esfera. Interessante notar que, entre os adolescentes dos Correios, as amizades foram estabelecidas com pessoas mais velhas, adultos que trabalhavam com eles no mesmo setor, o que sinalizava ainda mais a importância atribuída por eles, à criação de laços, aos relacionamentos interpessoais, à não individualização no espaço do trabalho e às amizades nos dias de hoje. São os indivíduos adultos que são lembrados pelos adolescentes como as pessoas com as quais continuaram a manter contato após saírem do Programa. São essas as pessoas referidas como aquelas que apoiaram, incentivaram e participaram de sua vida na empresa.

Ainda que não tivessem trabalhado com outro adolescente no final do Programa, visto que no início havia dois adolescentes por setor e, nesse sentido, não puderam contar sempre com a presença de um "igual", para que houvesse o partilhar de uma experiência comum entre indivíduos de uma mesma geração e condição social, as relações de amizade não deixaram de ser o ponto forte do ambiente de trabalho, sendo reforçadas pela diferença de idade e de geração, o que possibilitou um ganho na questão da aprendizagem, segundo a percepção dos jovens. Nesse sentido, para eles, a questão das amizades é valorizada nela mesma, ultrapassando uma possível relação e afirmação de identidade de grupo de idade e de geração. Assim, não é pelo fato de não haver outro adolescente, outro "igual" no espaço do trabalho, que os jovens deixaram de considerar a amizade como quesito fundamental na experiência que tiveram. Ainda, apesar de terem conhecido outros adolescentes, nenhum dos jovens continuou a manter contato com eles, ainda que tenham sido considerados

"legais", relacionando-se apenas com aqueles indivíduos com os quais mantiveram contato direto no setor em que trabalharam.

O ambiente parece ser um dos critérios principais de julgamento sobre o trabalho, para os jovens. Segundo Schehr (2000), isso pode tratar-se de um compromisso subjetivo, relacionado à auto realização, que só raramente é possível no trabalho real, fazendo com que os jovens procurem fazer desse tempo um momento agradável. Além disso, o importante é poder conversar, pela possibilidade de estabelecer certa descontração e diminuir a formalidade no local de trabalho, ainda que o conteúdo das conversas não seja mencionado como algo muito relevante, porque minimiza a possível distância entre os indivíduos, dada pelas posições que ocupam no espaço do trabalho e na vida, de um modo geral, bem como pela multiplicidade de diferenças que podem marcar as vivências. Trata-se, também, de amenizar as contradições no e do espaço do trabalho.

3.7 Voltar a estudar: um projeto para o futuro

Este item tem como finalidade refletir sobre as relações que são estabelecidas pelos jovens entre o trabalho e a escola as percepções sobre a escola e a relação com o emprego, suas expectativas, bem como a elaboração de projetos futuros, a partir das suas falas e as de seus pais, discutindo, ao mesmo tempo, a possibilidade de a escola ainda ser capaz de atuar como instituição socializadora, no que se refere à capacidade de inculcar valores e apresentar-se como referência para o jovem na significação de si e do que o cerca.

O programa dos Correios para a incorporação de adolescentes, do qual participaram, tinha a frequência à escola como um de seus pré-requisitos. Trata-se, neste momento, de pensar os significados e a importância da educação formal para esses jovens, bem como a conjugação estabelecida com o trabalho e os projetos de continuação dos estudos, recuperando suas experiências e as considerações de seus pais.

No que concerne à escolaridade, quase todos os jovens entrevistados já terminaram o ensino médio e fazem planos de voltar a estudar. Como observa Souza Martins (2004), dados recentes mostram um aumento da proporção dos que frequentam a escola¹⁸² e dos

¹⁸² Madeira (1993) denomina esse fenômeno de “democratização do acesso à escola”. Segundo a autora, dos anos oitenta para cá, tem ocorrido um aumento da incorporação de jovens, “cada vez mais pobres”, nas escolas. Isso seria resultado, em grande parte, da expansão dos cursos noturnos (públicos e privados).

anos de escolaridade em todas as faixas etárias, em especial, entre os jovens. O investimento na escolaridade do trabalhador brasileiro, continua a autora, está sempre associado à questão da necessidade de qualificação.

Essa realidade foi confirmada por esta pesquisa. Dos jovens que terminaram o ensino médio, a maior parte tem como projeto futuro ingressar em uma universidade, ainda que estejam cientes das dificuldades de realização desse projeto, em virtude da necessidade de arcar com investimentos, quer seja para o pagamento de um cursinho, quer seja para as mensalidades de uma universidade particular. Eles manifestam descrença em relação à possibilidade de ingressar em uma universidade pública, por causa da formação recebida nas escolas estaduais e municipais. O ensino médio feito em escolas particulares é sempre considerado mais forte e seus alunos mais preparados. Em estudo feito com adolescentes trabalhadores, que também participam de um programa voltado para a formação profissional, Lopes (2004), mostra que, na visão deles, a escola particular, considerada muito boa, prepara melhor seus alunos, além deles terem mais tempo para estudar, já que não precisam trabalhar, diferentemente do que ocorre com os jovens trabalhadores que, grande parte das vezes, precisam estudar à noite e estão sempre cansados.

De qualquer forma, de um modo geral, tanto os jovens como seus pais acham importante sua permanência na escola¹⁸³. Tanto quanto possível, há a conjugação das duas atividades – escola e trabalho – pensando na necessidade de completarem o ensino médio. Fazer faculdade ou cursos técnicos é projeto para o futuro. *“Eu tenho como projeto futuro melhorar a casa, a situação financeira, diz Dora, mãe de Rodrigo. Querida muito que os meninos estudassem, fizessem faculdade, esse é o futuro, pra que eles não possam trabalhar como a gente trabalhou, pra que eles tenham a vida mais estruturada de orçamento, da casa toda, completa, revelando que esse pode não ser um projeto individual, mas familiar.*

Todavia, existem sérios problemas que devem ser levantados, desmistificando o aparente “amplo acesso” à educação. Um desses problemas refere-se à falta de vagas em muitas escolas, fazendo com que muitos jovens necessitem matricular-se em locais distantes de sua residência. Essa situação provoca o cansaço do aluno, podendo aguçar a sua desmotivação pelos estudos.

¹⁸³ Abdala (2004:44), ao analisar a relação estabelecida entre a família e a escola, nas camadas populares, mostra o esforço empreendido pelo grupo para que os filhos estudem, completando o ensino médio. Segundo a autora, “parece mesmo fazer parte da saga familiar conseguir melhorar a escolarização das gerações mais novas”, na tentativa de que os filhos tenham mais chances de obter melhores empregos “do que seus pais jamais tiveram”.

O projeto que podemos afirmar ser de toda a família é a conclusão do ensino médio. Para que completem o ciclo, os jovens contam com o apoio – material e simbólico - da família. Além de valorizarem os estudos, seus pais, que também trabalham, acompanham as novas exigências colocadas pelo mercado de trabalho, de níveis mais altos de escolaridade para o acesso a diversos empregos. De uma maneira geral, o ensino médio é bastante valorizado por possibilitar a “qualificação” do jovem para o mercado de trabalho, colocando-o em condições de competir pelas vagas que são oferecidas. Nesse sentido, é menos o conteúdo das disciplinas escolares do que o diploma de conclusão do curso, que é relacionado ao trabalho. O que eles aprendem na escola não aparece como requisito importante para o bom desempenho das atividades profissionais e, para grande parte dos jovens, tampouco faz sentido em si mesmo. O que aprendem não tem relação fundamental com o trabalho.

Esse ponto pode ser exemplificado pelo depoimento de Edson, pai de Rodrigo: *“eu comecei a trabalhar com treze anos em uma metalúrgica, aí eu parei de estudar porque eu gostava mais de trabalhar¹⁸⁴, porque era uma coisa diferente do que o estudo, que você não ta ganhando nada em financeiro. Falam, ‘não, a pessoa tem que ter diploma’. Pra fazer o quê com isso? No fim das contas, ta desempregado, passando necessidade. Você vai numa porta de empresa e pedem computação, segundo grau, terceiro grau e vai trabalhar de ligar e desligar máquina. Lá na fábrica onde eu trabalho vem um e fala ‘ ah eu tenho um parente precisando, mas ele não tem oitava série. Eu falo assim: ‘ amigo, eu não quero professor aqui dentro. Eu quero uma pessoa capacitada pra trabalhar, com determinação, que quer crescer aqui dentro, porque se eu quisesse uma pra fazer uma caligrafia bonitinha, não errar no português, não errar na conta, não tinha necessidade aqui dentro. Você não vai ficar aqui dando aula, escrevendo, fazendo conta. Vai mexer com máquina.”*

Esse depoimento nos mostra a tensão que existe, contemporaneamente, em relação ao universo do trabalho, em razão da percepção de que apenas a habilidade já não é suficiente para os trabalhadores poderem ser contratados ou mesmo permanecerem no emprego. Na fala do depoente, a tensão expressa-se pela negação e contestação das novas

¹⁸⁴ Mazzotti (2002), apoiado em estudo feito por Paperelli (2001) com alunos multirrepetentes, faz referência à questão que relaciona fracasso escolar e trabalho precoce. O autor mostra que as marcas deixadas nos adolescentes pelas suas histórias de fracasso escolar podem motivá-los não apenas a abandonar os estudos, como também para começar a trabalhar. Dentre essas marcas, destacam-se as relações conflituosas com os professores, as práticas agressivas de disciplinamento e o cotidiano escolar desprovido de sentido.

exigências de qualificação para a contratação, dizendo respeito, entre outros fatores, ao grau de escolaridade.

Em sua fala, Edson mostra indignação em relação aos novos perfis exigidos, desqualificando a aquisição de diploma em oposição à experiência de trabalho, ao “saber fazer” aquilo que é preciso para exercer sua atividade. Como diz, *“eu não quero professor aqui dentro. Quero alguém com capacidade pra trabalhar”*, revelando também o abismo que acaba existindo entre os saberes aprendidos na escola e aqueles necessários à realização de determinadas tarefas no local de trabalho. Em sua percepção, os “saberes” necessários à realização das tarefas não são adquiridos com a escolaridade, mas com experiência, determinação e boa vontade.

A relação com a escola torna-se conflituosa. O que Edson também destaca é, por um lado, a falta de oportunidades de trabalho para as pessoas com baixa escolaridade e, por outro, a falta de garantias de emprego para os diplomados: *“Falam ‘não, a pessoa tem que ter diploma’. Pra fazer o quê com isso? No fim das contas, ta desempregado, passando necessidade*. Há a percepção de que o diploma não representa garantia para a permanência ou obtenção de emprego. Ao mesmo tempo, a tensão é expressa pela exigência de escolaridade para um número cada vez maior de ocupações.

Estudar, adquirir diplomas é algo que exige investimento, tempo de dedicação e, muitas vezes, dinheiro para custear matrículas e mensalidades. Enquanto investimento, a escola e, com ela, o diploma, são percebidos em relação direta com o emprego, com a possibilidade de sua obtenção. Os conteúdos aprendidos não fazem sentido em si mesmos, tanto que o entrevistado se indaga: *“será que vale a pena, você com estudo, o que gastou pra estudar? Valeu a pena gastar o tempo estudando?”*, mostrando a relação instrumental que se estabelece com a escola.

Em sua percepção, a pessoa “capacitada” é aquela que sabe fazer e/ou tem determinação para aprender, fazendo. Essa foi sua trajetória de mais de *vinte anos de estrada*, como diz. Hoje, em sua sessão, é responsável pela escolha das pessoas que irão entrar para trabalhar com ele. *“Você pode ter certeza, revela, eu não ponho gente aqui que tem quinhentos diplomas, porque eu não vou deixar de pegar uma pessoa que tem baixa renda, mas tem conhecimento, pra pegar aquela bonitinha. Eu vou dar oportunidade pra pessoa que não estudou, porque já tomei muito tapa na cara nessa situação”*, desabafa.

Buscando um meio de “corrigir” esses enganos de admissão de “*gente que tem quinhentos diplomas*” e que tira a oportunidade de outros que têm “*mais conhecimento*”, Edson busca contratar pessoas de baixa renda, como se com isso quisesse redesenhar sua própria história profissional, a partir de outras pessoas com situação similar à dele¹⁸⁵. As dificuldades enfrentadas, a necessidade de provar “*mais conhecimento*”, por ter “*apanhado da vida*”, como diz, “*tomei muito tapa na cara*” e, com isso, ter aprendido a trabalhar, na prática do trabalho, fez com que desvalorizasse a conquista de um emprego feita mediante escolaridade, representada pelo diploma.

A escola é percebida como algo bem distante da realidade do trabalho. Para ele, não faz sentido a exigência de escolaridade para o exercício de sua profissão e, mesmo entre os diplomados acredita “*não valer a pena*” o esforço de investimento, porque não há garantias de obtenção de emprego. Edson conclui mostrando o que diferencia um diplomado de uma pessoa com pouca escolaridade: “*Quem tem curso formado pensa que é melhor que todo mundo. Eu prefiro pegar um semi analfabeto que tem humildade do que pegar uma pessoa metida que, se for analisar bem, não sabe nada.*”

Paradoxalmente, ele acredita ser importante que seu filho Rodrigo estude, entendendo por estudo o término do ensino médio. “*Deus abençoou porque eu falei para o meu filho estudar, minha filha, e eles estudaram. O meu filho, estudando, conseguiu o emprego que ele já tem e, graças a Deus, está bem encaminhado.*”

Podemos perceber a existência de uma relação ambígua com a escola. Ao mesmo tempo que mostra desvalorizar a qualificação obtida por meio da escolaridade, abençoa o fato dos filhos terem prosseguido os estudos.

Quando o entrevistado desvaloriza a escola, em realidade está questionado-se a respeito da “*função*” dos conteúdos aprendidos na escola para o exercício de determinados trabalhos, como aquele que faz – encarregado de produção. Ao mesmo tempo, não ignorando as exigências do mercado de trabalho, tranqüiliza-se ao dizer que os filhos estudaram e, por isso, “*estão bem encaminhados*”. O discurso contraditório expressa a

¹⁸⁵ Para definir as pessoas que possuem uma precariedade econômica ligada, na maioria das vezes, a “*status jurídicos inferiorizados*”, tais como: emprego por tempo determinado, “*bicos*” e desemprego, Paugam (2003) fala em indivíduos *fragilizados*. Segundo o autor, esses indivíduos possuem um sentimento de “*inferioridade social*”. No caso de Edson, o que podemos perceber é que parece haver um misto desse sentimento, ligado à falta de formação escolar e às dificuldades profissionais enfrentadas durante sua vida, com uma espécie de valorização de sua experiência de trabalho, do esforço e do fato de saber realizar bem o seu ofício.

tensão que se estabelece na relação escola-trabalho, em razão das dificuldades de conjugação das duas atividades pelas camadas de baixa renda e do aumento de desemprego, especialmente entre os indivíduos mais jovens¹⁸⁶.

A importância do aprendizado das matérias escolares e o significado dos conhecimentos adquiridos aparecem de forma difusa e imprecisa, mesmo entre os jovens¹⁸⁷. Dessa maneira, não é fácil apostar investindo na escolaridade dos filhos e, de forma clara, transmitir-lhes a importância dos estudos, uma vez que eles também frequentam escolas mal equipadas, com professores desmotivados¹⁸⁸ e com recorrentes casos de violência, em seus limites¹⁸⁹.

A violência envolvendo jovens e a instituição¹⁹⁰, denunciada por algumas falas, expressa a crise que vem atingindo a escola. Essa crise generalizada da educação e da autoridade revela a perda da importância da escola na vida dos jovens, como destaca Dubet (1987), para quem a escola também não é mais o agente de uma educação moral fundamental. Esse conteúdo moral desapareceu, abrindo espaço para a violência dos alunos.

A mídia tem notificado vários casos de condutas juvenis violentas, não apenas no Brasil como em várias partes do mundo. A questão da universalização do acesso, promovida por vários países, como Japão, Estados Unidos e Europa, não representou o fim dos problemas em relação à escola. Na França, por exemplo, pesquisas realizadas por Dubet (1987; 2002) têm mostrado que a instituição escolar não tem sido capaz de apreender

¹⁸⁶ Sobre essa questão ver Souza Martins (2004).

¹⁸⁷ Abdala (2004) também faz referência a essa questão, salientando que o baixo desempenho escolar de muitos jovens deva estar ligado ao descrédito da escola e não apenas a fatores familiares, à pobreza ou à necessidade de trabalhar.

¹⁸⁸ Como argumenta Dubet (1987), hoje os professores trabalham por um segundo salário e faltam às aulas muitas vezes com mais frequência do que os alunos. Também fazendo referência aos problemas encontrados na escola, Abdala (2004: 45) argumenta que o desinteresse dos alunos pelas aulas deve ter mais a ver com o fato das aulas serem cansativas, aliando-se esse fato ao despreparo e “mau humor dos professores”.

¹⁸⁹ Algumas manifestações de violência contra a escola, como pichações, depredações, ataques com bombas caseiras, ameaças a professores feitas por alunos, revelam um distanciamento desses indivíduos em relação à instituição. Com esses atos, os jovens demonstram sua insatisfação em relação à escola e/ou mesmo em relação à sociedade, pautada pela necessidade crescente de escolarização, uma vez que a escola não tenha sentido em si mesma para esses indivíduos. Madeira (1993) argumenta que o conflito dos jovens com a escola, que muitas vezes, passa a não conseguir retê-los e tampouco a ser capaz de submetê-los à sua influência e a seus princípios, resulta de um processo de escolarização que produz as desigualdades sociais.

¹⁹⁰ Dubet (1987) destaca o fato de que os jovens que agridem professores e alunos nas escolas também são vítimas de uma vida precária. Todavia, a pobreza não pode ser o princípio explicativo de suas condutas. Nesse sentido, ressalta o autor, é necessário analisar as estratégias, os recursos e a falta de esperança desses jovens, verificando a história das famílias, os fracassos escolares, a vivência do desemprego, as estigmatizações e a questão do racismo.

as diversidades culturais juvenis. Nesse sentido, os programas que são desenvolvidos não correspondem às necessidades e às expectativas dos jovens e a escola acaba perdendo o sentido para eles.

Essa perda de sentido leva o jovem, muitas vezes, ao abandono ou a uma relação de eterna intermitência com a escola¹⁹¹. Segundo esse autor, o fato de a escola não conseguir reter os jovens, sobretudo aqueles que têm menores chances ao saírem para o mercado de trabalho, traz como conseqüência o aumento das desigualdades. Nesse sentido, a escola passa a se tornar uma “pura máquina de selecionar e de excluir”, distribuindo mais fracassos do que sucessos (Dubet: 1987). Esse fracasso escolar é mais dramático para os jovens de baixa renda, visto que a falta de diploma dificulta o acesso ao mercado de trabalho ou, até mesmo, “fecha suas portas”.

Assim, podemos concluir que, no extremo, no imaginário desses indivíduos, a perda de sentido levaria a atitudes de violência e à negação dessa instituição ou da ordem social, por ela expressa. Esse autor questiona a possibilidade da instituição ainda ser capaz de empreender processos socializadores, uma vez que vem perdendo sua força de transmissão de valores e hábitos, além dos conhecimentos e da falta de democracia.

Portanto, para Dubet (2002), esse programa institucional atravessa uma crise, no que se refere à tarefa de socialização dos jovens. Essa socialização diz respeito à interiorização de uma disciplina escolar, de um aprendizado de conhecimentos e de saberes, e de uma subjetivação, referidas à “abertura” do aluno à escola¹⁹², ou seja, ao seu

¹⁹¹ Cf. Sposito (1994).

¹⁹² Para Dubet & Martuccelli (1997: 261), a escola deve ser entendida pelo seu caráter múltiplo, bem como pela autonomia e diversidade das suas funções. Nessa linha de pensamento, a idéia de instituição escolar aparece decomposta em várias funções independentes: “uma função de integração que procede do modelo ‘clássico’ da socialização pela internalização”; uma função de distribuição que considera a escola “como um ‘mercado’ ” e uma função de subjetivação, que diz respeito à relação particular com a cultura escolar construída pelos indivíduos. Segundo os autores, a autonomização dessas funções no momento contemporâneo faz com que a socialização não possa mais ser vista e pensada em termos de aprendizado de papéis, sendo necessário recorrer à noção de construção de experiências, ou seja, a unidade da socialização e da escola deve ser construída pelos atores, uma vez que não está mais dada. Assim, a socialização deve ser tomada em termos de atividade dos indivíduos. Todavia, ainda que os indivíduos construam sua experiência escolar e sua socialização de uma forma autônoma, “eles o fazem a partir de um material cultural e social que não lhes pertence”, o que faz com que, ao pensarmos em socialização, nesses termos, não vejamos uma separação radical entre o ator e o sistema ao qual pertence.

Para chegar à noção de escola múltipla, os autores recuperaram outras definições, destacando-se as concepções de Durkheim e de Bourdieu. Na primeira, a escola é vista como uma instituição que preenche as funções da socialização dos atores com valores universais da sociedade moderna. Nesse sentido, a escola é pensada como uma instituição capaz de criar indivíduos e cidadãos, assegurando a integração da sociedade.

reconhecimento como aluno, que pressupõe o desenvolvimento de saberes e de um espírito crítico.

Segundo o autor, o trabalho de socialização, seja da escola ou de outras esferas, pressupõe que os atores – socializados e socializadores – estejam situados em um mesmo contexto, compartilhando um mínimo de regras e de contratos comuns. A socialização visa o estabelecimento desse contexto comum. Isso não significa que não haja diferenças de poder entre os envolvidos na relação. O que busca destacar é que a socialização não é um simples mecanismo de produção de atitudes nos socializados tal qual os socializadores desejariam, de forma mais ou menos consciente. Ao contrário, nas situações de socialização secundária os indivíduos não deixam de resistir ou mesmo de romper com esse processo. O que há de comum entre ambos os elementos da interação é o estabelecimento de uma experiência compartilhada, ainda que eles possam ter visões opostas de suas participações.

Essas questões referentes à socialização “dão força” às discussões empreendidas pelos autores com os quais se tem trabalhado nesta pesquisa no desenvolvimento desse tema, uma vez que se afastam da noção de incorporação pura e simples de hábitos, comportamentos e valores, e frisam o aspecto da participação dos dois termos da relação - socializador e socializado –, privilegiando o aparecimento dos indivíduos, enquanto sujeitos de suas experiências, expressos pelo poder de resistência¹⁹³ que lhes cabe.

Outro aspecto importante, destacado pelo autor, refere-se à ação socializadora das instituições, tida sempre como limitada a uma dada dimensão ou papel específico. Assim, na escola, o jovem é visto somente por suas características de aluno. Todo controle exercido sobre os alunos visa a atuação nesse campo, pela conformação à disciplina escolar.

Isso traz à tona a necessidade de levar em conta outro elemento importante com relação ao aspecto da crise da instituição escolar, aquele que se refere à desconsideração das personalidades dos alunos e ao sentimento de indiferença em relação a esse aspecto.

Na segunda, a escola é percebida como um aparelho social, destacando-se o aparecimento da idéia de dominação de classe, em substituição à noção de integração social. Dentro dessa concepção, surge a crítica em relação ao fato de que “a escola não forma nem indivíduos nem sujeitos”, mas produz a ‘sujeição’ ”.

¹⁹³ Segundo Dubet (2002: 356), é a existência desse poder que impede reduzir o trabalho de socialização a um processo de controle absoluto e de total dominação dos socializadores. Ao mesmo tempo, a dominação manifesta-se pela afirmação de que os indivíduos são livres e donos de seus próprios interesses. Mas, como o poder é definido em termos de desequilíbrio de recursos, a dominação acaba impondo “aos atores as categorias de suas experiências, categorias que os impedem de se constituírem como sujeitos relativamente donos de si mesmos”. Esse é, portanto, o dilema vivido pelos indivíduos no mundo contemporâneo.

Assim, diz o autor, “ignora-se que os alunos também sejam sujeitos, adolescentes, rapazes ou garotas”.

Essas várias dimensões de si na constituição das identidades – ser, por exemplo, adolescente, rapaz ou garota - são o produto das experiências dos indivíduos no mundo social, feitas por meio da interiorização e da reapropriação de determinados modelos. Nesse processo que implica o trabalho de socialização, cria-se o indivíduo múltiplo que age sobre uma série de registros, devendo construir uma coerência própria de si mesmo (Dubet: 1994). Contemporaneamente, o indivíduo confronta-se com uma grande variedade de orientações, às vezes antagônicas, e precisa construir um sentido de sua experiência por si mesmo. Ele vive o dilema de ser convidado a desenvolver sua experiência e sua identidade social, sendo, ao mesmo tempo, colocado em uma situação que o impossibilita de realizar esse projeto. Trata-se, portanto, de novas formas de dominação a que os jovens estão submetidos.

Pensando na realidade brasileira, Sposito (2004) alerta-nos para o fato de que é necessário examinar a diversidade da experiência dos jovens em nosso país, sem retirá-la da esfera de influência familiar e escolar. Ao mesmo tempo, é necessária a percepção das mutações que estão se processando em ambos os espaços. No que se refere aos processos de socialização, continua a autora, trata-se de considerar a confluência de vários desses processos na experiência juvenil, admitindo a não existência de qualquer tipo de monopólio de uma das duas esferas para a formação das novas gerações.

Também é necessário, prossegue a autora, quando falamos em Brasil, incluir a dimensão trabalho nessa construção sociocultural dos segmentos juvenis, tanto pelo aspecto da simultaneidade das instâncias socializadoras - escola e família - quanto pelas conseqüências advindas das experiências de desemprego, pelo aumento da precariedade das ocupações dos jovens e pelas mudanças dos significados atribuídos a essa esfera na construção das identidades dos indivíduos.

Muitas vezes, essa construção torna-se complexa, em virtude da diversificação de experiências vividas, muitas delas irregulares, dificultando a referência à atividade e/ou ao grupo de trabalho. Tal é a situação de grande parte dos jovens, especialmente daqueles provenientes das camadas populares, dada a pouca qualificação e à baixa escolaridade. Nesse sentido, por parte dos jovens e, especialmente, de seus pais, existe a percepção de

que o diploma escolar pode representar uma grande vantagem no momento de procurar emprego.

Apesar dos pais dos jovens observados na pesquisa, no geral, apresentarem baixa escolaridade – ensino fundamental incompleto – e, no sentido de sua significação, a escola não fazer muito parte de suas vidas, ela é valorizada pelas famílias de baixa renda. Os pais incentivam os filhos a estudar, sempre relacionando o estudo com a possibilidade de obtenção de melhores empregos¹⁹⁴.

Não desconsiderando o aspecto de sua instrumentalidade relacionada ao trabalho, sempre citada entre os jovens, é como espaço de relações interpessoais, de encontros e amizades que a escola é lembrada, com saudades. *“Eu gostava muito de estudar, porque quando você estuda você acha que não vai sentir saudades, mas depois...Fala ‘eu não vou sentir saudades desses professores, de todo mundo’ . Aí termina e você sente saudades mesmo, diz Carolina, completando: Eu gostava de ir lá porque eu encontrava todos os meus amigos”*.

Outros depoimentos, como o de Luiza, reforçam a idéia: *“o que eu sinto falta é dos professores, que eu fiz muita amizade lá, principalmente com alguns professores que foram que nem um pai pra mim”*, revelando a importância dos relacionamentos interpessoais no espaço da escola. Esses relacionamentos são ressignificados pela jovem por meio da aproximação que faz dessa esfera – escola - com o ambiente familiar – *“alguns professores foram que nem um pai pra mim”*. A transferência de sentimentos afetivos aos professores, relacionados à figura paterna, evidencia a tentativa de dar sentido à vivência nessa esfera, aproximando-a daquilo que considera mais importante, ou seja, a família. Nessa tentativa, os professores aparecem como sendo quase tão importantes quanto os pais. Isso revela expectativas em relação à escola, especificamente, ao relacionamento entre professor e aluno, o qual ultrapassa a relação de ensino-aprendizagem das disciplinas curriculares, dizendo respeito também, ou principalmente, à vida, de um modo geral, a partir dos aconselhamentos, da orientação recebida e das amizades conquistadas, que também são permeadas pela autoridade, pensada como autoridade paterna.

¹⁹⁴ O valor do trabalho para as camadas populares não se restringe à renda. Nas famílias entrevistadas, tanto nos depoimentos dos jovens quanto de seus pais, foi recorrente a idéia de que o trabalho possibilita a conquista de responsabilidade, estando também relacionado à dignidade, pelo afastamento dos jovens da rua e das más companhias, sendo, também por isso, muito valorizado. Com relação ao valor moral do trabalho para as camadas populares, ver também Sarti (1996), Oliveira (2001) e Silva (2003).

A escola destaca-se como sendo um espaço privilegiado de interações com o outro, onde são estabelecidos laços de amizade. Nesse sentido, ela passa a ter função sociabilizadora¹⁹⁵. Ela passa a ser vista como local de encontro “da galera”, dos amigos. Na escola, nos encontros nos pátios, os jovens compartilham alguns interesses, vivências e experiências comuns com os colegas, como a necessidade de conjugação da escola com o trabalho, as dificuldades encontradas e também os acontecimentos agradáveis no ambiente de trabalho, destacando-se a figura do “chefe legal”, além das dicas que trocam acerca dos lugares onde há oferta de trabalho, bem como o acerto feito para procurarem juntos.

Assim, a escola é positivamente valorizada enquanto espaço de encontros e de amizades¹⁹⁶, como demonstra Rafael: *Eu não gostava da escola. Só dos amigos de lá.*

Além de ser um espaço privilegiado para o estabelecimento de amizades, “ótima para conhecer pessoas novas e aprender”, como destacou Rodrigo, a escola é considerada algo “obrigatório e necessário”, na percepção de Diogo. Esse rapaz, que trabalha nos Correios há mais de sete anos, após ter passado pelo programa destinado aos adolescentes, tem sofrido pressão de sua chefia para que ingresse em um curso superior. “*Eu me sinto desvalorizado por não ter feito faculdade. Tem gente lá que ta há muito menos tempo que eu e só porque tem faculdade é mais valorizado. Eu sei que trabalho bem, mas meu trabalho não é reconhecido.*”

Esse depoimento expressa a realidade vivida pelos trabalhadores no momento contemporâneo, marcada pelas novas exigências de mais anos de escolaridade e, com ela, a constante adaptação às novas condições de trabalho, como destaca Souza Martins (2004). Nesse sentido, existe empenho por parte dos jovens em realizar cursos, ainda que considerem isso como um projeto para o futuro, mais ou menos próximo.

No caso de Diogo, existe a percepção de que a pressão feita no sentido de que venha a cursar uma faculdade não está relacionada a um melhor desempenho de sua atividade, mas, antes, à mudança de perfil dos funcionários. “*Eles estão contratando agora só quem tem faculdade*”, comenta.

¹⁹⁵ Como descreve Marques (1997: 72), diferente de socialização, sociabilidade é um conjunto de relações significativas, porém sem necessidades e interesses específicos.

¹⁹⁶ Na pesquisa de mestrado, essa relação com a escola, enquanto espaço de sociabilidade, também foi verificada. Outros estudos também apontam esse aspecto, dentre os quais, Marques (1997) e Corrochano (2001).

Por isso, o jovem vê-se desobrigado de cursar algo relacionado à sua função na empresa e pondera: “*quero fazer alguma outra coisa desligada do meu trabalho. Acho que letras*”, concluindo que o necessário é a apresentação do diploma, buscando, então, algo que lhe dê prazer e que possa estar “desligado” de seu trabalho.

A idéia que tem da escola - “*obrigatória e necessária*” – expressa o momento que está vivendo. Diogo¹⁹⁷, ao revelar a pressão que sofre para que faça um curso superior, considerado “*obrigatório*” para que permaneça na empresa e/ou possa almejar outros cargos, demonstra insatisfação com sua situação profissional atual. Essa insatisfação não significa uma rejeição à atividade em si, mas às relações estabelecidas no ambiente de trabalho, em especial, com sua chefe. Ao mesmo tempo, quando decide “*fazer alguma coisa desligada de seu trabalho*”, estabelece um sentido para a escola diferente do “*necessário e obrigatório*”. Trata-se do enfoque dado ao conteúdo ou ao tipo de curso escolhido, seguindo uma “*vocação*” ou algo que lhe pareça interessante. Nesse sentido, o jovem ressignifica a “*necessidade e a obrigação*” de ter de prosseguir seus estudos para permanecer em seu cargo, fazendo um curso que deseja e que, a princípio, estaria “desligado” e, portanto, distante de sua função e da imagem que tem de seu trabalho.

Aqui, o conteúdo “*do que se aprende na escola*” também é afastado das tarefas desempenhadas no emprego. Todavia, essa distância de “*conteúdos*” entre trabalho e escola é impressa propositadamente pelo indivíduo e não dada *a priori*, como aquela percebida nas falas quando os indivíduos relacionavam ensino médio e trabalho. Nessa “*nova situação*”, a tensão entre ambas as esferas que, a princípio, poderia se confirmar, na vida do jovem, é amenizada por sua possibilidade de escolha, de fazer o curso de que gosta ou aquele que lhe permita uma realização pessoal “*desligada de seu trabalho*”.

Essa questão também é apresentada por outros jovens. Carolina faz planos de cursar uma universidade: “*eu quero fazer uma faculdade bem diferente do ramo que eu vivi até hoje. Eu quero fazer arqueologia. Um dia eu vou fazer. Estou estudando pra no final do ano prestar algo assim, ou história, que está bem próximo. E eu vou conseguir sim.*”

A idéia aqui é fazer algo “*bem diferente do ramo*” de trabalho já exercido. Carolina trabalha como atendente em uma empresa de créditos. Fazer “*algo diferente*” é fazer

¹⁹⁷ O depoimento desse jovem a respeito dos estudos será recuperado no capítulo 4, onde serão introduzidos novos elementos a respeito de sua experiência, expectativas e projetos em relação ao ingresso em um curso superior e sua relação com o trabalho na empresa.

alguma coisa que lhe pareça mais interessante do que seu trabalho atual ou do que “viveu até hoje”, referindo-se à sua atividade nos Correios, no setor administrativo, quando trabalhava atendendo telefones, arquivando fichas e realizando outras tarefas similares.

Quando a jovem diz pretender fazer algo “bem diferente”, ela busca responder a um enfrentamento de situações novas, seguindo aspirações em relação ao que pretende se ver fazendo um dia, como diz, “*um dia vou fazer*”. Ao mesmo tempo, demonstra determinação – “*eu vou conseguir sim*” –, reforçando o desejo de mudar de ramo de atividade, mesmo que isso seja para um dia ainda indefinido.

No caso apresentado, existe também a manifestação da insatisfação em relação ao conteúdo dos trabalhos realizados, e a busca de mudança e de realização em outra esfera – o curso escolhido. Como observam Bajoit & Franssen (1997), o trabalho tem uma dimensão instrumental importante, relacionada a “ganhar a vida”, manter-se e/ou auxiliar o grupo doméstico. Todavia, ele também comporta uma dimensão expressiva, de realização pessoal e social. Ao lado do salário, é preciso que o conteúdo do trabalho seja interessante, que o ambiente seja bom e que as relações estabelecidas sejam de amizade.

Por meio da realização de um curso escolhido, a jovem poderá, futuramente, fazer o que imagina gostar e que, como diz, será bem diferente do que faz agora. Para tanto, deverá contar com seus próprios esforços.

Ainda que as famílias dos jovens prezem a escolarização, enquanto possibilidade de contribuir para a melhora de vida, pela conquista de bons empregos - como diz Dora, “*com o estudo a pessoa fica mais forte pra arranjar coisa melhor*” -, as famílias não dispõem de recursos econômicos para auxiliar os filhos a custear as mensalidades de uma faculdade privada, tipo de instituição em que sentem possuir mais chances de ingresso. Nesse caso, cabe aos jovens assumirem esse compromisso¹⁹⁸.

Comumente, terminar o ensino médio significa concluir os estudos. Nesse sentido, a família procura unir esforços para que os filhos cheguem à conclusão desse nível e, com isso, se tornem mais preparados para o mercado de trabalho. Assim, completar o ensino médio é um projeto, quase sempre, familiar, enquanto cursar uma faculdade acaba sendo um projeto individual, dada a pouca possibilidade de receberem auxílio financeiro dos pais

¹⁹⁸ Silva (2003) também percebe essa dificuldade entre os jovens que entrevistou.

nesse sentido. Antes de cursar a faculdade, outras prioridades se impõem, como o auxílio à família.

Rodrigo, em seu depoimento a respeito de suas expectativas quanto ao ingresso em uma faculdade, demonstra a existência de prioridades familiares impondo-se em sua vida: *“eu tô pensando em fazer o técnico, né. Vou ver se é no Senac que eu faço, mas por enquanto, assim, faculdade esse ano eu não pretendo ainda porque vou ver se a gente compra um carro pro meu pai, porque meu pai trabalha muito longe daqui. Ele gasta, mais ou menos, umas três horas pra chegar. Então, eu pretendo comprar esse carro primeiro, aí, ano que vem eu vejo se começo a fazer faculdade.*

Comprar um carro é um projeto familiar, que necessita do envolvimento de todos os membros que trabalham para que isso seja possível. A elaboração de projetos futuros, relacionados à continuação da escolarização, é difícil, dadas as exigências que se impõem no cotidiano dos indivíduos. Mesmo enquanto projeto futuro, a indecisão permanece. Rodrigo ainda não sabe se fará curso técnico ou se vai tentar ingressar na faculdade mais para a frente.

As próprias dificuldades correntes, relacionadas ao dia a dia do grupo doméstico e àquelas que dizem respeito à vida individual do jovem, à situação de seu emprego e à necessidade e/ou desejo de prosseguir os estudos, bem como a administração de tudo isso, são somadas, impondo o estabelecimento de prioridades. Fazer faculdade é algo que fica para depois.

Ao assumir responsabilidades com o grupo doméstico, Rodrigo é percebido pelos pais como uma pessoa adulta. Quando falou da contribuição que o jovem deu à família em um momento difícil que o grupo passava, por ocasião do desemprego dos pais, Edson, seu pai, se emocionou. Com o que ganhava trabalhando nos Correios, o jovem auxiliava a família, trabalhando de manhã e estudando à tarde. Pensar em fazer faculdade não é algo claro para o jovem e, tampouco, para sua família. A falta de clareza de quando será possível ou de qual curso pretende fazer expressa essa imprecisão, mostrando que, para o indivíduo, fazer um curso superior não é prioridade a curto prazo. Para a família, isso é colocado como um desejo vago, sem o estabelecimento de metas e estratégias, uma vez que existe a percepção de que caberá ao filho tentar, investir e ir atrás, sem poder contar com o apoio financeiro dela.

Quando Rodrigo fala dos vários cursos que poderia fazer, revela a imprecisão que esse tema representa hoje em sua vida, não sendo algo central no momento: “ *eu pretendo fazer administração, comércio exterior ou fazer turismo, ou se, de repente, eu mude de idéia, porque eu estou abrindo meus olhos pra outras coisas, eu ingresse em outra área como psicologia. Eu estou meio indeciso ainda. Não sei o que realmente quero fazer, porque eu quero aprender alguma coisa que eu goste mesmo, porque se você fizer alguma coisa que você não goste, não vale a pena.*”

Apesar de não saber qual curso pretende fazer, enumerando uma série deles, o jovem tem clara a idéia de que é preciso escolher algo que faça sentido em sua vida e que lhe dê prazer, portanto, de que ele goste, para que se justifique todo o investimento que será necessário fazer, seja de tempo de dedicação, seja de dinheiro. Caso contrário, “*não vale a pena*”, porque é preciso viver integralmente as outras esferas, como a família e, no caso de Rodrigo, as relações interpessoais estabelecidas com o grupo da igreja¹⁹⁹ onde ministra cursos de evangelização para jovens²⁰⁰.

Conjugar as duas atividades – trabalho e escola -, quando estão cursando o ensino médio, é algo que faz sentido para os jovens e sua família, relacionado às exigências do mercado de trabalho, à aquisição de responsabilidade e à possibilidade de ocupação legítima do tempo, tanto do ponto de vista da família, quanto do jovem.

Essa idéia está também relacionada à imagem disseminada socialmente sobre o período da adolescência, considerado “difícil”. Os jovens, nessa fase da vida, são percebidos como indivíduos que, no geral, precisam adquirir responsabilidade, conseguida por meio do trabalho e dos estudos. Assim, a conjugação das duas esferas, reforçada pela necessidade de auxiliar a família, é algo visto como “natural”, não desprezando as dificuldades a que estão submetidos, como o desgaste físico e a falta de tempo para ficar com a família.

Em grande parte das situações estudadas, o que se pode perceber é que a conclusão do ensino médio, feita mediante a conjugação com a atividade trabalho - seja a partir da experiência dos Correios, seja pela procura posterior por um emprego fixo, com registro em

¹⁹⁹ Rodrigo é evangélico e todos os finais de semana dedica-se aos trabalhos da igreja que frequenta.

²⁰⁰ Silva (2003), em seu estudo sobre jovens operários, mostra-nos que aqueles que se declararam católicos praticantes, manifestaram também forte participação em atividades de grupos juvenis.

carteira -, coincide com a percepção de si mesmo como jovem adulto, responsável por seus atos e por suas escolhas²⁰¹.

A faculdade representa uma escolha possível, mas aparece de forma vaga ou imprecisa, no que se refere à elaboração de estratégias pensadas com vistas a uma inserção. Ao mesmo tempo, ela sempre representa a possibilidade de realização pessoal, não vinculada à atividade de trabalho realizada no momento. Ao contrário, representa o afastamento e a libertação da necessidade de exercer algo que não se gosta ou que não possibilite o aprimoramento pessoal do indivíduo, tal qual ele espera alcançar. Mas isso é um projeto para o futuro. Assim, no momento presente, continuar os estudos – no sentido de fazer um curso superior ou técnico – deixa de ser prioridade para os jovens, na maior parte das vezes não se apresentando como necessidade, mas como um desejo de realização pessoal desvinculado do emprego que têm. “*Valer a pena*” significa apostar que o investimento vai trazer esse retorno esperado.

Quando ou se chegar o momento certo para esse “investimento”, será preciso escolher qual curso seguir. Rodrigo enumera uma série de cursos que o interessariam a princípio. Esses cursos representam um leque de possibilidades abertas ao jovem. Segundo Evans & Furlong (2000), os jovens estabelecem uma zona de escolhas “aceitáveis”, segundo sua idade, sexo e aspirações. Essas escolhas entre possíveis, subjetivamente feitas, relacionam-se às suas capacidades pessoais e à consciência das chances de atingi-las. Podemos acrescentar que a essa “zona de escolhas” estão relacionadas também às condições materiais dos jovens. Ao mesmo tempo, esse “vasto campo” de possíveis dá a ilusão de um amplo espaço de realização, se não se tiver em mente as dificuldades desigualmente distribuídas – em cada curso e para cada indivíduo, segundo sua história e percurso pessoal e/ou familiar.

No entanto, não se trata de imaginar que o jovem não tenha consciência disso. Ao contrário, é justamente a consciência em relação às dificuldades a enfrentar e às prioridades colocadas no momento, que, somadas, fazem com que essa experiência, ainda não vivida, mas vagamente planejada, apareça fragmentada em vários cursos. Importa ao jovem, em um futuro incerto, “*aprender algo que ele goste mesmo*” e poder fazer essa escolha entre os

²⁰¹ Essa questão será retomada no capítulo 5 deste trabalho, quando serão desenvolvidas reflexões a respeito da constituição identitária dos indivíduos entrevistados.

vários cursos que lhe pareçam corresponder às suas expectativas. Ainda que a realidade presente possa marcar a dificuldade na elaboração de projetos futuros, evidenciada pelas fragmentações e incertezas, não há impedimento para os sonhos de realização pessoal, como também destaca Souza Martins (2004).

Ao mesmo tempo, muitas incertezas imperam, podendo configurar-se como desesperança: *“Pra mim eu não espero nada mais, diz Maria José, mãe de Carolina, pra mim é ruim de esperar alguma coisa. Agora, pra eles eu só tenho esperança, mas não tenho certeza. A gente não pode falar ‘ah, eu espero isso’ porque a coisa tá difícil, de ponta cabeça, que é difícil você ter uma expectativa, que meu filho vai fazer isso, vai fazer aquilo outro, né. Então, eu falo que o que tiver que ser, será. Tomara que eles [os filhos] tenham um bom futuro, mas não tenho certeza, não tenho muita esperança também não.”*

Maria José está desempregada. Ela tem como ocupação profissional o serviço doméstico, considerado muito cansativo e visto mesmo como escravidão. Começou a trabalhar, na roça, aos dez anos de idade. Com vinte e sete anos veio para São Paulo e desde então tem essa ocupação. Seu marido está há muito tempo desempregado. Ela conta com o auxílio financeiro de dois de seus três filhos. A situação econômica em sua casa hoje é difícil, daí a desesperança e a incerteza em relação ao seu futuro e de seus filhos²⁰². Ainda, se o futuro dos filhos depender da continuação dos estudos, as esperanças não serão maiores: *“eles pretendem estudar, mas é tão difícil, porque pra fazer cursinho tem que ter grana pra pagar e não tá no nosso alcance”*.

²⁰² Pochmann (2004) faz referência à dificuldade econômica que acompanha a vida de muitos jovens. Estes, apesar de apresentarem condições de inserção no mercado de trabalho superiores aos dos pais, no que se refere à formação escolar e profissional, se encontram desempregados ou recebendo baixa remuneração, impossibilitados de alcançar a independência econômica. Essa situação gera frustração para os jovens e certo ceticismo dos pais em relação à educação que foi ofertada aos filhos, considerada inadequada para possibilitar o sucesso deles no mercado de trabalho. No caso de Dona Maria, o ceticismo está menos relacionado à formação escolar e a sua adequação às exigências do mercado de trabalho, do que à possibilidade de que os filhos prossigam seus estudos, tendo em vista a necessidade de trabalharem e de não poderem contar com o apoio financeiro da família para esse projeto.

CAPITULO 4.: TRABALHO E ESTUDO: PROJETOS, PERSPECTIVAS E AVALIAÇÕES

Este capítulo tem como finalidade trazer para a discussão os depoimentos dos funcionários das Empresas de Correios que, quando adolescentes, já passaram, em programas anteriores, pela experiência do trabalho assistido. A idéia é buscar apreender as expectativas que nutriam em relação à empresa e ao futuro profissional, bem como as impressões que agora possuem, tanto referentes à experiência que viveram e ao programa que integraram, quanto em relação ao último - *Adolescente Assistido* -, que puderam acompanhar, de algum modo, - por meio de observações, ou, mesmo, pela convivência, dentro da empresa, com os que participaram dele.

Neste capítulo também serão discutidas questões relativas ao percurso profissional após a saída do programa, à permanência na Empresa de Correios e Telégrafos, aos projetos profissionais e à educação formal. Trata-se de fazer um paralelo entre as impressões daqueles que participaram do Programa *Adolescente Assistido*, e a experiência dos que vivenciaram programas anteriores, abarcando questões relacionadas ao trabalho e à escola.

Os depoimentos colhidos e analisados permitem a compreensão de como os programas destinados aos adolescentes foram sendo trabalhados pela empresa e vividos pelos que deles fizeram parte e de como os consideram hoje, segundo as experiências que tiveram, em especial, a continuação profissional na instituição.

4.1 A experiência de trabalho nos Correios: novas apreensões

A idéia, neste momento, é resgatar, nos depoimentos dos funcionários²⁰³ dos Correios, que foram participantes em programas voltados para adolescentes das camadas populares, elementos importantes a respeito dessa experiência, para compará-los com a vivida mais recentemente pelos jovens do Programa *Adolescente Assistido*. Assim, alguns aspectos positivos, bem como as críticas a essa vivência, as expectativas, a concepção de trabalho, as relações com a chefia e com os funcionários, a importância do exercício do

²⁰³ São eles: Victor (25 anos, solteiro); Valdinei (25 anos, casado); Anderson (22 anos, casado); Amir (27 anos, solteiro); Diogo (25 anos, solteiro) e Ana (21anos, solteira, estava grávida na época da entrevista). Todos, auxiliares de escritório, completaram o ensino médio.

trabalho regular na adolescência, a referência ao que aprenderam, com destaque para aspectos relacionados ao comportamento, a noção generalizada do esforço pessoal como responsável pelo sucesso no percurso profissional dos indivíduos, a preparação para o mercado de trabalho, a alusão ao “trabalho de fato” em contraposição à aprendizagem dos adolescentes, a saída do programa e a continuação na empresa, bem como a elaboração de projetos futuros, foram alguns dos itens levantados nos depoimentos com relação às experiências dentro dos Correios, no período em que eram adolescentes.

É interessante recuperar as percepções daqueles que hoje são funcionários, mas que também já vivenciaram a experiência do trabalho assistido, pois permitem a apreensão de outros momentos dessa participação além de elementos importantes de sua avaliação da empresa onde trabalham. Há manifestações que denotam afastamento em relação a ela e outras em que a aproximação fica explícita. Ao mesmo tempo, pelo contato com esses funcionários, também jovens, foi possível adensar a compreensão acerca dos significados da participação nos programas da empresa, tanto para aqueles que já saíram, quanto para aqueles que lá permanecem.

Na fala dos depoentes, essa aparece como uma experiência tranqüila, sendo ressaltado o caráter “leve” do trabalho exercido, apoiado na idéia de proteção ao adolescente, com base no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA²⁰⁴. *“A gente tinha nossa tarefa, diz Victor, mas a gente não podia carregar peso, né, até um determinado peso a gente não podia carregar, então a gente tinha essa regalia. Também quando tinha mudança de horário, vamos supor: não dava pra vir à tarde, então a gente vinha de manhã. A gente chamava de regalias.”*

A compreensão desses procedimentos como “regalias” derivava da observação do trabalho e das regras que deveriam ser cumpridas pelos funcionários. Assim, conclui o entrevistado, *“um profissional, que já tava na atividade da empresa, ele não podia ficar olhando o tempo passar, a gente ficava olhando. Tinha umas regalias, umas mordomias, né. A gente podia ter esse luxo aí, às vezes de parar e ficar olhando para o tempo, olhando pra alguém que passa, que não passa, essas regalias”*.

²⁰⁴ O ECA representou uma mudança radical no rumo ético e político diante do antigo ordenamento jurídico e institucional presente no segundo Código de Menores de 1979, como salienta Abramo (2005). A respeito das disposições desse Estatuto, em especial, o que se refere aos direitos à profissionalização e à proteção no trabalho, ver Valverde (2001) - Estatuto da Criança e do Adolescente.

As considerações relativas ao exercício do trabalho dos adolescentes e dos funcionários dentro da empresa remete à maneira como o tempo de trabalho é pensado e vivido pelos indivíduos, considerando as regras que lhes são impostas e as possibilidades que têm de manipulação e ressignificação da dimensão temporal. Segundo o entrevistado, além de os adolescentes trabalharem por um período diário bem inferior ao dos funcionários – mais precisamente, a metade – esse intervalo de quatro horas também incluía “regalias”, evidenciando menos cobranças do que as feitas a “*um profissional*” que não podia, por exemplo, “*ficar olhando o tempo passar*”, mas, ao contrário, deveria mostrar-se ocupado durante todo o período em que estivesse na empresa. Para os “profissionais”, o tempo deveria ser produtivo, era exigido o desempenho das atividades de trabalho, o cumprimento de suas tarefas. Trata-se, portanto, da percepção das expectativas existentes em relação a cada um, expressas pelo uso do “tempo de trabalho” e avaliadas pelas possibilidades, maiores ou menores, da interferência da vontade individual, em sua distribuição de “*parar*” e “*ficar olhando para alguém que passa, que não passa*”. As “regalias” caracterizam o trabalho “mais leve” e tranquilo dos adolescentes em relação àquele dos funcionários. O primeiro é pensado por Victor mais como aprendizado do que enquanto trabalho “de fato”.

Essa idéia é reforçada pelo “monitoramento” do andamento escolar, pelos conselhos recebidos e pelo próprio ambiente de trabalho, caracterizado pela preocupação demonstrada com a integridade física dos jovens, ainda que esse fator também esteja relacionado à desqualificação do trabalho dos adolescentes pelos funcionários, como se queixaram os jovens por ocasião das reuniões dos grupos focais.

Outro elemento importante dessa experiência de inserção foi a segurança “temporária” obtida, uma vez que, salvo a ameaça, sempre presente, de perda de vaga dentro do programa, no caso de descumprimento das regras impostas, os jovens poderiam permanecer na empresa pelo tempo já estipulado no contrato, exercendo uma ocupação regular, que também pressupunha benefícios.

Os aspectos positivos são citados pelos participantes de ambos os grupos: os que passaram pelo Programa há pouco tempo e os que são hoje funcionários dos Correios, mas também foram adolescentes “assistidos”, que se recordam da experiência vivida, que lhes

proporcionou a permanência na empresa, ainda que, para alguns, isso não tenha ocorrido imediatamente após à saída do programa.

A lembrança do exercício de trabalho regular na adolescência é resgatada pelos primeiros, que focalizam especialmente os aspectos positivos dessa inserção. Os elementos negativos foram apontados somente quando ainda estavam no Programa. Já os funcionários dos Correios trazem novos elementos dessa experiência, assim como de sua saída, atrelados sempre à oportunidade que tiveram e que lhes possibilita, hoje, estarem contratados, ainda que tenham revelado alguma crítica em relação a essa participação. De qualquer forma, após um balanço geral, para todos eles, o saldo aparece sempre como positivo, pela oportunidade que proporcionou de vivência de uma ocupação regular na adolescência. Como argumenta Mazzotti (2002: 93-4), “se, de um lado, em grande parte dos casos, a utilização da mão-de-obra infanto-juvenil é, de fato, marcada por uma mais-exploração (...), de outro, é também forçoso reconhecer que (...) nem todo trabalho de crianças e adolescentes é penoso.” E por não ter sido penoso, o trabalho nos Correios é lembrado com saudades, pela grande maioria dos entrevistados. Eles constroem representações associadas a um conjunto de fatores, ligados não apenas ao conteúdo de trabalho e à forma de desenvolvê-lo, mas também ao ambiente e às relações estabelecidas, que configuram experiências de vida e na trajetória profissional, relacionadas àquelas que a antecederam, assim como à que vivenciam no momento.

De um modo geral, a representação que o jovem constrói sobre o trabalho que exerce no momento e sobre o trabalho é fruto de experiências vividas, incluindo aquelas relacionadas ao desemprego. São vários os fatores inter-relacionados nessa construção. Mazzotti (2002: 94) destaca a maneira como ocorre a inserção do indivíduo no mundo do trabalho, “o destino dos ganhos obtidos e as condições em que exerce suas atividades, os quais, por sua vez, são determinados pela dinâmica das relações na família e sua ideologia com relação ao trabalho.”²⁰⁵

Assim, conforme os relatos, o início da atividade de trabalho do jovem sempre tem a participação da família. Essa participação diz respeito ao incentivo ao trabalho para “ajudar em casa” e ao auxílio na procura de emprego, principalmente, por meio de

²⁰⁵ Essa questão que vincula as relações familiares ao trabalho dos jovens e adolescentes pode ser encontrada em outros autores. A respeito ver: Colbari (1995) e Sarti (1996).

informações obtidas com colegas e vizinhança²⁰⁶. Para grande parte dos depoentes, incluindo os agora funcionários, a entrada no programa dos Correios contou com a participação da família, pais e irmãos, que trabalhavam na empresa ou que já tinham passado por essa experiência dentro da instituição, ou, ainda, que ficaram sabendo do programa e comentaram com eles as possibilidades que ofereciam.

O engajamento no(s) programa(s) possibilitou aos jovens auxiliarem a família, seja com parte dos ganhos obtidos, seja pela entrega do vale-cesta, benefício que o trabalhador recebe quando tem uma relação contratual inscrita nos moldes regulares. *“Eu pegava o salário que ficava comigo e os tickets eu ajudava em casa, com compras, essas coisas”*, revela Victor.

A trajetória profissional desses indivíduos foi marcada por ocupações irregulares²⁰⁷ e bicos e pelo início precoce²⁰⁸, por volta dos quinze anos de idade. Para a maior parte dos entrevistados, a inserção nos Correios, como adolescentes assistidos, foi a primeira experiência de trabalho regular.

Os jovens pesquisados salientaram a importância do Programa como experiência comprovada de um emprego formal. De maneira mais sutil, revelaram ter aprendido “coisas importantes”, destacando-se entre elas o comportamento no local de trabalho e a aquisição de responsabilidade. Uma das razões para essas revelações deve estar no fato de que o exercício de suas atividades, consideradas simples, não requer treinamento em cursos técnicos, daí a referência aos itens ligados ao comportamento.

²⁰⁶ O auxílio de familiares, amigos e conhecidos na procura de um emprego, também é apontado por Guerreiro & Abrantes (2005), em referência à importância das redes pessoais e informais especialmente entre os jovens.

²⁰⁷ Guimarães (2005: 167) aborda essa questão mostrando que, dos 3501 jovens entrevistados para pesquisa nacional - Perfil da Juventude brasileira -, 65% estiveram sujeitos ao trabalho informal, proporção essa mais elevada do que a da média da população brasileira. Dos que estão ocupados, apenas pouco mais de um quarto possuía registro em carteira. Com relação ao salário, entre os que trabalham ou trabalhavam, um total de 86% perfaziam, quando muito, dois salários mínimos, dinheiro este que era dividido com o grupo familiar por 57% dos jovens, enquanto que somente 27% deles guardavam todo o dinheiro para seu próprio gasto e 14% entregavam à família tudo o que ganhavam, revelando-nos também a importância dos ganhos dos jovens na “organização da vida material do seu grupo de referência.”

²⁰⁸ Frigotto (2004: 181) trabalha com essa questão. Em seu texto, esse autor trata dos jovens, filhos de trabalhadores assalariados ou que trabalham de forma precária e por conta própria, tanto na cidade quanto no campo, e que se localizam em regiões diversas, apresentando particularidades socioculturais e étnicas. Esse universo, ressalta o autor, é composto por 6 milhões, em média, de crianças e jovens que têm inserção precoce no emprego ou subemprego. Essa inserção, ressalta, “não é uma escolha, mas uma imposição de sua origem social e do tipo de sociedade que se construiu no Brasil.”

Após a saída do Programa, o que os jovens demandam é a inserção em empregos formais²⁰⁹, a oportunidade de trabalharem com registro em carteira, uma vez que já se consideram trabalhadores “de fato” e de direito. Essa participação resultou em “aprendizados” úteis em outras experiências, como revela Valdinei: *“Eu aprendi bastante, porque até mesmo quando eu entrei no quartel eu já tinha noção de informática, de escritório, aí eu fui trabalhar na área administrativa do quartel, porque eu já tinha trabalhado aqui como menor bolsista²¹⁰, aí me ajudou bastante nessa área.”*

As noções de informática que o jovem adquiriu dentro da empresa foram resultado de um aprendizado que se deu no dia-a-dia, pela observação e experimentação. Não se tratou, portanto, da realização de cursos, tendo em vista, também, que o trabalho com o computador não era sua principal função dentro do programa. Assim, os saberes que foi adquirindo, incluindo informática, foram sendo construídos a partir de sua iniciação como “adolescente assistido”, no exercício de outras tarefas – atendimento ao telefone, xerox, organização de arquivos e transporte de correspondências para outros setores. Uma vez tendo sido reconhecido como um participante do programa, que visa à formação para o trabalho, ele pôde, aos poucos, ir tomando contato com outras atividades que lhe interessavam. Assim, Valdinei foi aprendendo seu trabalho pela experimentação, compartilhando essa experiência, que incluía dúvidas e dificuldades, com outros trabalhadores-funcionários e foi também construindo uma identidade, reconhecida pelo grupo, o que lhe possibilitou entrar em contato com outras atividades, como a informática, hoje ressaltada como aquilo que mais gostava de fazer.

Como argumenta Dubar (2000: 181), o processo de aprendizagem dado pela iniciação propicia a construção pessoal de saberes reconhecidos a partir de uma experiência que é compartilhada. Essa aprendizagem é organizada em torno do processo que deriva da ação e da reflexão do indivíduo, permitindo a tomada de consciência dos saberes adquiridos para os fazer reconhecer. É assim que vão aprendendo a trabalhar, “no seio de um mundo de socialização ‘não escolar’, que permite a construção de uma identidade reconhecida.”

²⁰⁹Referente às demandas dos jovens das camadas populares, Gomes (1990) resalta a questão da profissionalização. Segundo o autor, são menos conhecidas as dificuldades de o jovem se preparar para o trabalho, do que a apresentação do cenário de repetências e de evasão escolar, característica das “assimetrias” desse sistema. Dentro desse quadro, continua, sem dispor de informações e preparação adequadas, ele (a) acaba encaminhando-se, muitas vezes, pelas trilhas mais difíceis. Por isso, a profissionalização passa a figurar como uma das demandas apresentadas pelas camadas populares.

²¹⁰Nome dado aos adolescentes do Programa dos Correios, em 1992.

A “*noção de informática*” e o trabalho de escritório possibilitaram ao jovem em destaque passar pela experiência do serviço militar em posição de vantagem em relação àqueles que não detinham esses conhecimentos. Como avalia, essas noções foram imprescindíveis para que pudesse ficar na parte administrativa do quartel. Assim, o fato de ter trabalhado como “menor bolsista” “*ajudou bastante nessa área*”, ultrapassando, portanto, a esfera de trabalho dentro dos Correios. Todavia, essa possibilidade parece ter estado restrita à participação dos jovens no setor administrativo da instituição. Aqueles que ficaram no setor operacional, de triagem de cartas, não fazem o mesmo tipo de comentários em relação à atividade que exerciam, no referente à utilização de seus conhecimentos em outras atividades.

No setor administrativo, de uma forma geral, os jovens realizavam tarefas simples – levar documentos, atender ao telefone e tirar xerox. A preparação para o trabalho estava mais vinculada à postura. Como mencionou uma assistente social do Programa, o objetivo era que o adolescente aprendesse a comportar-se em uma empresa, para, posteriormente, mostrar-se preparado para uma entrevista de emprego.

A preparação para o trabalho não estaria, portanto, relacionada à realização de determinadas funções, mas, principalmente, a um aprendizado comportamental referente à postura diante de um possível empregador e, futuramente, de seus colegas de trabalho. Como adverte Gomes (1990:115), o conceito de preparação para o trabalho, relacionado ao adestramento em determinadas funções, é de um utilitarismo simplório que não responde aos desafios do momento contemporâneo, como a massificação, a pobreza, o aumento do tempo livre, bem como as diferentes formas de divisão do trabalho. O trabalho, ressalta o autor, “constitui um processo que implica a participação do homem na sociedade e no sistema de poder”. Assim, faz-se necessário o distanciamento da visão estreita que acaba decompondo o trabalho em comportamentos e atitudes imediatamente necessários à produção.

A noção de trabalho deve ser, portanto, ampliada. Sua compreensão deve ser feita “dentro do contexto social, incluindo a cidadania.” Porém, como pensar esse conceito de trabalho na realização de tarefas simples, no exercício monitorado das atividades, no trabalho como “experiência do ‘primeiro emprego’ formal”? Como pensar essas dimensões de poder e participação na sociedade e no desenvolvimento da cidadania para esses

indivíduos? Por um lado, a resposta pode ser dada pela oportunidade que lhes é oferecida, de exercício do trabalho regular e, conseqüentemente, de participação em um espaço social legítimo. Por outro, pela manifestação dos jovens, sobre as contradições existentes e suas reivindicações, que revela sua não passividade em relação a esse espaço social e ao *status* aí definido - de “adolescente assistido/menor carente²¹¹”, mostrando-nos elementos importantes de sua existência enquanto sujeitos.

Com relação à participação no programa, buscou-se também apreender se os entrevistados acreditam que os adolescentes saem preparados para o mercado de trabalho, levando em conta as atividades que exerciam e o que aprenderam na instituição. Aqui entra uma questão bastante importante que é a percepção do esforço pessoal, revelada pelos funcionários. Esse “esforço” é considerado elemento fundamental, quando não o único, para a obtenção de sucesso dos indivíduos, após saírem da empresa: “*Acho que vai depender da cabeça de cada um. Se a pessoa se esforça, quer aprender, acho que ela sai com a experiência*”, acredita Valdinei. Aqui a experiência ganha um sentido atrelado à dedicação e ao esforço pessoal, estando relacionada ao aprendizado. Esse aprendizado depende da vontade de cada um. “*Se a pessoa quer aprender, sai com a experiência*”. Essa “experiência” pode ser traduzida em “competência²¹²”, que diz respeito ao conjunto de características e habilidades aprendidas e conquistadas pelos indivíduos, e os “prepara” para o mercado de trabalho. Trata-se da “qualificação”, incorporada ao longo do percurso profissional.

Sair preparado para o mercado de trabalho é uma questão que “*depende da cabeça de cada um*”, ou melhor, do seu esforço pessoal. Como afirma Dubar (2000), não são mais a empresa ou a escola as responsáveis por produzir as competências que os indivíduos têm necessidade de adquirir para obter um emprego, ascender no mercado de trabalho e obter uma renda melhor. Essa tarefa está, cada vez mais, na responsabilidade de cada um²¹³. São os indivíduos os responsáveis por suas competências. Nesse sentido, a tensão relativa ao

²¹¹ Nome dado aos participantes do programa dos Correios em 1994

²¹² O modelo de competência, discute Dubar (2000: 127), supõe um indivíduo autônomo, capaz de administrar “suas formações e seus períodos de trabalho segundo uma lógica de maximização de si”.

²¹³ Frigotto (2004) também recupera essa questão, mostrando que, contemporaneamente, há uma noção generalizada de que é necessário que o indivíduo adquira um “pacote” de competências reconhecidas pelo mercado de trabalho como sendo adequadas ao novo cidadão que trabalha. O que ocorre é a interiorização da idéia de que estar empregado depende de cada um, e não da estrutura social e das relações de poder. Essa noção faz intensificar a exploração do trabalho.

sucesso profissional pode ser aguçada, desencadeando processos de introjeção da incapacidade ou do despreparo, quando o emprego não é obtido ou, mesmo, com a vivência prolongada do desemprego, uma vez que ao indivíduo é atribuída toda a responsabilidade pela ausência de ocupação.

Outros depoimentos reforçam essa idéia do esforço pessoal como condição para mostrar-se preparado para o mercado de trabalho: *“Sair preparado vai depender muito do adolescente, que se ele se empenhar bem, sai uma coisa legal. Porque eles incentivam muito, só que depende da pessoa, de cada um”*, avaliou Anderson.

Essas percepções do empenho e do esforço pessoal acabam por relativizar a importância da experiência em carteira que, por si só, poderia comprovar a “qualificação” do indivíduo. Nos depoimentos dos jovens que participaram do mais recente programa dos Correios, a questão ressaltada em relação aos aspectos positivos dessa participação foi a importância da experiência comprovada em carteira, decorrente do período trabalhado na empresa. Essa certificação está relacionada às melhores chances de conquista de um novo emprego, especialmente importante para eles que estariam saindo da empresa. Tratava-se da conquista de certa estabilidade²¹⁴, em um momento marcado por incertezas e pela perspectiva do desemprego.

No que se refere ao modo como saíram do Programa Adolescente Assistido, os jovens mencionaram aspectos subjetivos, menos relacionados às tarefas que desempenhavam do que ao comportamento adquirido: *“Lá foi uma experiência muito legal. Jovens, adultos, eu não tinha muita paciência com público e lá eu aprendi a ter”*, revelou Patrícia. Outra jovem - Isabel - também destacou elementos ligados às relações subjetivas no local de trabalho, afirmando terem sido aprendidos na época em que era “adolescente assistida”. Esse aprendizado possibilitou-lhe, segundo ela, a preparação para o mercado de trabalho, estando relacionado à mudança de comportamento: *“Para o primeiro emprego foi ótimo. Acho que se eu não tivesse lá enquanto eu era menor, eu não teria conseguido outro emprego”*. Mais do que ter conseguido outro emprego, a jovem acredita que não conseguiria permanecer em outro serviço que dependesse de sua habilidade para lidar com os diferentes temperamentos das pessoas. *“Você só aprendeu, até com uma coisa ruim que*

²¹⁴ Na pesquisa de mestrado (Oliveira: 2001), também foi verificada a importância do registro em carteira, para os jovens entrevistados.

pode ter acontecido, por exemplo, no caso de alguém vir falar que eu era adolescente e que tinha que fazer trabalho pra eles. Olha pelo lado bom, você aprendeu a lidar com as pessoas mal educadas. Isso eu to usando no meu serviço hoje, que tem muita gente de mau humor que entra na loja e você tem que ter bom humor. Esse humor eu não tinha e agora eu tenho. Eu também fiquei muito organizada.” O bom humor na maneira de lidar com as pessoas e a organização foram, segundo a entrevistada, os elementos mais importantes no referente à preparação para o mercado de trabalho, no caso particular, para o serviço de atendimento ao público.

Trata-se, portanto, do entendimento de que questões subjetivas, ligadas ao comportamento dos indivíduos no ambiente em que atuam estão sobressaindo enquanto características relacionadas à preparação para o mercado de trabalho. Por outro lado, essas questões ligadas ao comportamento podem estar denunciando a desconsideração das atividades que foram realizadas no período do Programa. Ou seja, por serem tarefas simples - como arrumação de arquivos, o levar documentos de um setor ao outro, a atividade de xerox e o atendimento ao telefone -, elas não são citadas pelos jovens. Assim, eles estariam entendendo a “preparação” para o mercado de trabalho, a partir da experiência nos Correios como “adolescentes assistidos”, menos pelas atividades desempenhadas do que pelo que aprenderam em termos de postura.

Outra questão, relacionada à anterior, refere-se às representações desenvolvidas em torno do adolescente, ligadas a atributos negativos – pela falta de responsabilidade, e de preparação para a vida em sociedade, de um modo geral. Nesse sentido, para essas jovens, o Programa representou a conquista de atributos positivos - como paciência e capacidade para lidar com as diferenças de temperamento -, aspectos ressaltados em virtude da menor consideração dada às atividades realizadas, julgadas simples e monótonas. Como avaliou Isabel, referindo-se ao seu trabalho de vendedora: *“esse meu serviço eu gosto mais porque ele é mais dinâmico”*.

Os aspectos subjetivos ressaltados, ligados ao comportamento das jovens no ambiente de atuação, não as destitui da capacidade de crítica e percepção do menor “preparo” para o mercado de trabalho, no referente às tarefas que executavam. Ao contrário, é essa percepção que lhes permite avaliar os aspectos positivos de sua participação no Programa e manipular, a seu favor, aqueles que consideram ter contribuído

para sua formação profissional e pessoal, necessários ao exercício de atividades que requeiram essas “habilidades”, que abrem, portanto, o leque de possibilidades, de ocupações em que se podem engajar. É difícil imaginar uma atividade ou ocupação em que a capacidade de lidar com os diferentes “ânimos” e humores não nos seja exigida, bem como a necessidade de exercitar a paciência, no desenvolvimento das relações interpessoais nas quais somos e estamos inseridos, dentre as quais, o ambiente de trabalho.

É dessa maneira que as jovens conseguem amenizar a possibilidade de despreparo na realização de outras tarefas no mercado de trabalho, que lhes possam exigir determinados conhecimentos – como informática, por exemplo – ressaltando os aspectos subjetivos, igualmente, ou mais, importantes, para o ingresso e a permanência nesse universo.

As considerações dessas jovens em relação à experiência regular e monitorada nos Correios e a preparação para o mercado de trabalho também trazem críticas, claramente expressas. Assim, o aprendizado adquirido, relativo à postura no trabalho e na vida, de um modo geral, uma vez que expressa a capacidade de relacionamento com diferentes personalidades e temperamentos, é feito também mediante situações vistas como desfavoráveis e ruins. Como mencionou Isabel, é possível aprender até em ocasiões que sinalizem o desrespeito em relação ao trabalho e à figura do adolescente dentro da empresa, como *“no caso de alguém vir falar que eu era adolescente e que tinha que fazer trabalho pra eles”*. Nesse momento, a jovem denunciou situação ocorrida na época em que trabalhava na instituição, definindo uma relação que ultrapassava a existência de uma hierarquia, dizendo respeito ao abuso de poder.

Ainda que a entrevistada tenha feito referência a essa situação como um momento importante para o aprendizado, em relação à postura no ambiente de trabalho, que passa pela questão da paciência e do “saber lidar” com as pessoas, ela não encobre a crítica, mas deixa-a transparecer, ressignificando-a, agora que não está mais na empresa, como algo positivo em seu processo de amadurecimento profissional e pessoal, indispensáveis na preparação para outras experiências de trabalho.

Diogo, funcionário dos Correios, ex participante do programa para adolescentes das camadas populares, também faz referência ao que aprendeu nesse período, ressaltando a questão da postura no trabalho: *“Eu aprendi como atender um telefone e como atender um*

cliente. Como é se comportar na frente das pessoas, porque tem muita gente que entra no primeiro emprego e não tem noção do que é um chefe, que vê um chefe, mas não tem muito respeito. Eu aprendi que seu chefe é seu chefe e você é subordinado a ele. Eu aprendi isso no programa.” À primeira vista pode nos parecer que o jovem encara com total passividade a relação existente entre o funcionário e seu chefe, vendo até como positiva a relação de subordinação da qual ele faz parte como subordinado. Todavia, a continuação de sua entrevista evidencia elementos de crítica e de elaboração de estratégias no ambiente de trabalho. Ao falar do que aprendeu no programa, ele mostra a realização de tarefa simples – atendimento ao telefone – ao lado de sua postura, que corresponde a um conjunto de comportamentos que envolvem o cliente e seu chefe. Trata-se de saber respeitar, antes que de apreciar a relação de subordinação; de entender os meandros das relações de trabalho, incluindo as hierarquias, para também estabelecer estratégias de convivência, que não eliminam os conflitos, mas também não os obscurecem.

Apóio-me, assim, em Dubar (2000) que se refere aos indivíduos trabalhadores, que exercem as atividades as mais simples possíveis, como seres não totalmente assujeitados, ou irremediavelmente passivos. Ao contrário, menciona que eles são dotados da capacidade de mobilização de seus próprios recursos, administrando constantemente um conjunto de acontecimentos que lhes permite decidir da maneira que lhes pareça mais conveniente, ainda que haja sempre constrangimentos. Estes não deixam de ser percebidos, mas, antes, são ressignificados, podendo apresentar-se como “material” para o aprendizado do indivíduo, no próprio trabalho, nas futuras ocupações e na vida, como nos mostrou a jovem Luíza.

Tanto para Luíza quanto para os demais jovens entrevistados, o trabalho nos Correios também teve sua importância revelada pela possibilidade de ocupação no primeiro emprego regular, dadas as dificuldades de acesso ao mercado formal, para os adolescentes, especialmente de baixa renda, em razão dos obstáculos encontrados, como o não acesso a boas escolas e aos cursos de formação em língua estrangeira ou de computação, por exemplo.

No caso dos funcionários, a questão colocada é a do crescimento pessoal, uma vez que têm certa estabilidade no emprego. A preocupação não é com a obtenção de uma ocupação regular, estável, em virtude do temor ao desemprego - ainda que este sempre

exista-, mas com a conquista de realização pessoal, que também passa pela questão do empenho e do esforço do indivíduo. É desse modo que avaliam a preparação dos adolescentes para o mercado de trabalho como estando condicionada ao esforço pessoal. Essa idéia do “esforço” tem a ver com a maneira como vêm sua situação hoje e com o que passaram na transição da condição de “adolescentes assistidos” para funcionários. Diogo nos dá uma idéia: *“Os adolescentes saem preparados, mas saem mimados. Quando eu entrei nessa empresa, eu apanhei muito no começo porque eles te dão o básico. Eles não acompanham você. Eu não sabia passar um fax, porque na época do programa tinha fax, mas era a secretária que passava e eu não aprendi. Então tive que aprender na marra e também outras coisas que eles não davam muita liberdade pra gente mexer em tudo.”*

Aqui a idéia do esforço pessoal está relacionada à sobrevivência nas novas situações de trabalho e ao enfrentamento de desafios, que dependem unicamente do indivíduo. Cabe a cada um, por meio de seu empenho, buscar adaptar-se às novas situações, aprendendo “na marra” as tarefas que irá desempenhar, diferente do que acontece com os adolescentes dentro do programa, que são “acompanhados” em seu trabalho e, por isso, “mimados”. É preciso então “crescer”, no sentido de deixar para trás a imagem do “adolescente assistido” e, com ela, a relação de “proteção”. E “crescer” por meio da passagem ao novo *status* de funcionário, que implica “apanhar” com as situações desconhecidas, mas também ter mais “liberdade” para entender outras funções e tarefas, “mexendo em tudo” e, assim, aprendendo com o empenho pessoal.

Outro aspecto interessante revelado nesse depoimento é a distância estabelecida em relação à figura do “adolescente assistido”, seja pela afirmação de um novo *status*, seja pela demonstração que a experiência “já ficou para trás” ou pelas referências feitas aos novos programas e aos adolescentes com os quais trabalharam.

A idéia do esforço pessoal, necessário à mudança de *status* dentro da empresa, aparece também relacionada à existência de relações interpessoais que lhes possibilitaram a obtenção de uma ocupação regular, após a experiência de trabalhos informais e da vivência do desemprego, ainda que por curto intervalo de tempo.

Esse “esforço” tem a ver com a situação vivida pelos funcionários, que conseguiram ser admitidos na empresa, graças ao reconhecimento do seu empenho pessoal feito por outras pessoas da instituição, bem como às relações de coleguismo que mantiveram dentro

da empresa: *“Depois que eu saí do programa, eu continuei fazendo uns cursos e eu ia terminando o exército e consegui um serviço perto de casa, mas não era registrado. Era aquele sistema cooperado. E quando eu consegui a dispensa do serviço militar, eu vim fazer uma visita pro pessoal aqui, aí me falaram que tava tendo um processo de seleção na Arco²¹⁵, aí eu peguei e me inscrevi”*, conta Anderson.

As informações obtidas por intermédio das relações interpessoais (Degenne: 1991; Granovetter: 1974) são mecanismos eficazes de obtenção de emprego. Todos os funcionários entrevistados disseram ter conseguido entrar no setor em que trabalham graças à participação no programa, que lhes possibilitou a criação de uma rede, no setor ligado ao trabalho, e o auxílio na busca de emprego, dado por meio de informações e também indicações. *“Se eu tenho uma profissão hoje é por causa do programa, porque se eu não tivesse participado do programa, hoje eu não estaria na firma, porque quando eles estavam precisando, minha chefe, que era minha chefe, me indicou, então eu entrei por indicação e por ter participado do programa”*, diz Diogo.

O peso das indicações na obtenção de um emprego é revelado por outras pesquisas que tomam os jovens como seu foco de análise. Guimarães (2005:167) chama a atenção para esse fato, ao referir-se aos dados da Pesquisa Nacional “Perfil da Juventude Brasileira”. Segundo a autora, as indicações e, especialmente, a ajuda dos pais foram as formas principais de obtenção de trabalho dos jovens pesquisados, perfazendo 47% e 24% dos casos, respectivamente. Trata-se da “força dos elos mais fortes se fazendo sentir no momento da inclusão no trabalho”.

Pesquisas nacionais, como a citada, e internacionais (Guerreiro & Abrantes: 2005; Degenne: 1991; Granovetter: 1974) mostram que são principalmente os jovens os que recorrem aos mecanismos informais para procurar emprego, por meio dos grupos com os quais têm contato. Esse contato estabelece o reconhecimento do indivíduo, como pertencente àquele grupo, havendo a troca de informações e de auxílio. O fato de terem participado do programa tornou possível a criação de laços de coleguismo, reforçados pela manutenção do contato (constante ou esporádico) dos jovens com a empresa. Em uma das visitas aos seus colegas de trabalho, eles ficaram sabendo da existência de um processo de seleção em um outro setor da instituição, condizente com o perfil de cada um e com suas

²¹⁵ Departamento onde trabalham também Valdinei, Diogo e Ana.

possibilidades de assumir o cargo: “*Eu trabalhei como temporário no CCAA²¹⁶ por três meses, aí depois eu vim fazer uma visita aqui, vim pra conversar com o pessoal e o meu ex chefe falou de um setor lá que parecia que ia precisar de gente e disse ‘quer que eu te indique? Aí eles podem te chamar’ E eu to aqui já faz oito anos*”, lembra Vanderlei.

Esses mecanismos informais foram, portanto, mais eficazes do que a procura feita por meio da entrega de *curriculum*, especialmente para a obtenção de um trabalho regular.

Antes de terem conseguido a vaga no setor da instituição que lhes foi indicado, a maior parte dos entrevistados passou por outras atividades, conseguidas mediante a entrega de *curriculum*. “*Eu sempre ia com alguém. Eu sempre tinha vergonha de ir sozinho, então eu ia sempre com um amigo meu que tinha trabalhado comigo. A gente saía de duas, três pessoas*, comenta Diogo. Foi recorrente entre os entrevistados essa forma de procura de emprego e entrega de *curriculum*, como nos mostram os depoimentos. Os jovens sempre vão com os amigos atrás das oportunidades de trabalho. Um dos motivos é esse, da vergonha de passar sozinho por essa situação. Outra razão pode estar relacionada à necessidade de andar junto com os amigos, reafirmando sua identidade dentro do grupo, inscrita também por dificuldades e necessidades comuns, como a falta de emprego, bem como pela importância da constante afirmação do espaço de sociabilidade, definida não apenas nos momentos de lazer, mas também na busca de ocupação. E por que não pensar que, no momento em que levam os amigos, essas duas esferas – lazer e trabalho – se encontram, amenizando os problemas da falta de emprego pela experiência compartilhada entre amigos que vivenciam a mesma situação?

Todavia, apesar dessa alternativa na procura de trabalho ter sido apresentada pelos entrevistados como uma das estratégias utilizadas, a inserção em uma ocupação regular – importante em seus aspectos materiais, relacionados à segurança e à estabilidade, bem como simbólicos, referidos ao universo adulto, do “trabalho de fato” -, foi conseguida por meio de contatos firmados na trajetória profissional dos depoentes, que lhes renderam informações, indicações e a ocupação da vaga pretendida.

A experiência de participação no programa para adolescentes, além de ter dado acesso à nova rede de informações para a obtenção de emprego, também é analisada, em si mesma, de maneira positiva: “*Eu acho que a experiência foi boa, porque quando eu entrei*

²¹⁶ Escola de Inglês e Espanhol.

assim na área de informática, que eu gosto bastante, eu não sabia nem ligar o micro e o pessoal foi me incentivando, mas no início eu fazia mais arquivo”, comenta Anderson. Para o depoente, a possibilidade de ter aprendido a manusear o computador foi um dos principais fatores que o fez considerar positivamente a experiência de trabalho no programa. Ainda que, no início, tenha trabalhado na parte de arquivos, comenta que recebia apoio “do pessoal” para aprender informática, o que ele fez na prática. Todavia, o contato com o computador parece ter sido algo esporádico, dado que as tarefas destacadas por ele, nesse período, foram: “a parte de documentação interna, cartas, e, assim, levar documentos nos andares.” Ao mesmo tempo ressalta que “era só meio período”.

Por um lado, o entrevistado informou sobre o que, de fato, achava interessante no programa, quanto à possibilidade de crescimento pessoal, pela aproximação com uma área do conhecimento - informática - em relação à qual ele tinha e tem interesse. Por outro, busca amenizar a parte que considerava monótona em seu trabalho – fazendo referência às atividades que realizava cotidianamente – ao destacar que “era só meio período” e que, portanto, não “dava tempo” para cansar-se.

A questão do tempo também é analisada pelo depoente, quando compara sua situação atual - “você não tem um tempo pra você, porque você trabalha das 8:00 às 17:00”, diferente da época em que era adolescente do programa em que trabalhava meio período e estava sempre sendo monitorado por outro funcionário, o que também indica menos cobrança na realização do serviço.

Essa percepção, relacionada ao conteúdo do tempo de trabalho e aos seus significados, também é expressa por Diogo que, somente agora, se considera um trabalhador “de fato”: “*Eu não me sentia como trabalhador porque eu trabalhava meio período e assim eu não tinha responsabilidade de um, assim, tudo o que eu fazia tinha uma pessoa por traz para acompanhar, pra saber se tava bem feito, porque o programa, na época, era esse: você não tinha que jogar responsabilidade em cima do menor. Você tinha que ensinar ele fazer, pra no futuro ele saber fazer. Então eu via como uma escola. Eu via aquilo lá como estudo, e não como trabalho”*

Segundo essa análise, o fato de não ter sido cobrado, como acontece hoje em seu trabalho, uma vez que ele agora necessita “correr atrás” para aprender o serviço, não tendo, portanto, nenhuma “pessoa por traz para acompanhar” e auxiliá-lo na realização das

tarefas, faz com que ele perceba a outra situação como ausência de responsabilidade dentro do trabalho, bem como em relação aos resultados das atividades requisitadas. Desse modo, ao comparar com sua situação atual, ele relativiza essa “responsabilidade”. O trabalho que faz hoje e as lembranças de sua época no programa autorizam-no a perceber essa experiência de forma semelhante àquela vivida em uma escola, em que o objetivo maior é o aprendizado para “*no futuro ele saber fazer*”, como faz hoje. Mas saber fazer implica responsabilidades, cobranças, diminuição de tempo para si, tudo o que faz com que se sinta um “trabalhador de fato”.

A diferença entre as duas situações é percebida de forma clara pelo entrevistado, que relembra: “*quando eu entrei na firma que eu tô agora, eu fiquei perdido, né. Eu tinha que pegar as coisas no ar, tinha que aprender as coisas assim. Eu achei que eu ia ter o mesmo acompanhamento, e não tive.*” A experiência dentro do programa representou para ele um ritual de passagem, de experimentação e aprendizado para o universo do trabalho “de fato”, com todas as dificuldades que isso implicava, como a ausência de acompanhamento e a sensação de estar “perdido”, de precisar “se virar” e “*pegar as coisas no ar*” para aprender o seu serviço. Essas considerações reforçam a idéia do “esforço”, agora relacionado à sobrevivência dentro do emprego, à capacidade de ultrapassar os desafios e de mostrar-se apto para arcar com as “responsabilidades” maiores, na entrada do universo adulto e do trabalho “de fato”.

Esse esforço deve prosseguir na preservação do cargo ocupado bem como na procura de um novo emprego, que é parte dos projetos futuros dos funcionários entrevistados. A razão dessa nova procura está relacionada à percepção dos depoentes sobre os limites impostos ao seu crescimento profissional²¹⁷ no setor em que estão: “*Eu pretendo arrumar um emprego que dê estabilidade pra gente né, porque se eu ficar aqui, que eu já estou há bastante tempo, eu nunca vou sair do mesmo lugar, então eu pretendo arrumar uma outra coisa melhor*”, avalia Vanderlei.

²¹⁷ A questão da dificuldade de crescimento profissional é tratada por Dubar (2000: 108). Esse autor, ao desenvolver a idéia de que o trabalhador não é passivo, totalmente assujeitado, e que todo trabalho, por mais mecanizado e menos qualificado, é, a seu modo, “uma atividade de resolução de problemas”, mostra, ao mesmo tempo, que essa atividade não é mais reconhecida pelos empregadores, estando anulada, seja por meio da organização e imposição dos constrangimentos do tempo, seja por meio do salário e da ausência de futuro, de reconhecimento e de carreira.

A percepção das limitações ao seu crescimento profissional e pessoal faz com que o entrevistado tenha como intenção procurar outro emprego. Todavia, essa situação pode conduzir à crise de sua identidade profissional. Segundo Dubar (2000), essa crise pode tornar-se permanente, uma vez que os indivíduos precisam mudar regularmente de atividade, de emprego e de competência na procura de seu crescimento profissional. O indivíduo está em permanente procura de si mesmo e de construção de sua trajetória profissional, que é cada vez mais incerta, insegura, e dependente dele²¹⁸. Muitas vezes, a busca pela realização de si passa pela necessidade de ultrapassar os limites que são impostos ao crescimento, seja pela procura por melhores salários, pelo enfrentamento de novos desafios ou, como destaca o entrevistado, pela busca por estabilidade.

Vanderlei já tem estabilidade em seu cargo atual, que nesse momento, também está sendo entendida como estagnação. Como diz, se continuar em seu emprego atual, ele “*nunca vai sair do mesmo lugar*”. O que procura, agora, é crescer profissionalmente, mas com estabilidade e segurança.

Portanto, como “trabalhadores de fato”, já adquiriram certa experiência e almejam, agora, ou em futuro próximo, não apenas uma inserção regular, mas também a possibilidade de crescimento profissional, que pressupõe novos desafios e, muitas vezes, salários melhores, ou seja, passam a reivindicar “*uma coisa melhor*”. Como ressalta Diogo, “*antes, quando era adolescente, eu me via como se eles fossem melhores do que eu, porque eles tinham mais experiência profissional, mais do que eu. Hoje me vejo como funcionário. Hoje vejo cada um igual a mim, independente dele ser chefe ou gerente ou diretor. Eu respeito cada um na sua ordem, na sua hierarquia, mas vejo cada um como uma pessoa igual a mim.*”

A experiência profissional estabelece hierarquias que, na percepção do entrevistado, ultrapassa a referência à posição de cada um no espaço do trabalho e diz respeito a uma autoridade conquistada, não pelo título conseguido – de “chefe, diretor ou gerente” – mas referida aos “anos de casa”, o que pressupõe a compreensão e a capacidade de manipulação das regras de funcionamento do local, do estabelecimento das relações de trabalho, da

²¹⁸ A transformação do universo do trabalho tem sido feita no sentido do desenvolvimento da idéia da “responsabilidade individual, da valorização da competência pessoal e da ‘empregabilidade de cada um’. Essa forma identitária passa a ser a única desejável e a única capaz de propiciar o reconhecimento temporário ao indivíduo. Cabe a cada um mostrar-se “empregável”, sendo responsável por seu crescimento em sua trajetória profissional. (Dubar: 2000: 11)

integração do indivíduo e de seu envolvimento na empresa; da imersão, portanto, do sujeito na “cultura organizacional” (Fleury: 1996). Diogo vê-se como funcionário, pelo fato de ter conquistado esses “conhecimentos” em relação ao seu setor de serviço, em virtude de sua experiência profissional, de seus “anos de casa”, que possibilitaram o reconhecimento dos demais funcionários, em posição, ou não, de mando, como “iguais” naquilo que os aproxima, ou seja, a pertença ao mesmo espaço de trabalho e a necessidade de apreensão dos mecanismos e princípios que os envolvem e que lhes permite reconhecer e serem reconhecidos como trabalhadores daquele setor.

A percepção de si como “adolescente assistido” e como trabalhador, bem como as relações estabelecidas entre ambos são referidas em outros momentos, quando falam da experiência dentro do programa e da forma como vêem hoje essas questões.

Diogo nos mostra como era, segundo a sua percepção, a relação entre o adolescente e o funcionário, na época em que participou do programa: *“eu sempre tive amizade com todos, mas eles tinham uma certa distância. Eles achavam assim que o menor era aquela pessoa que tinha que dar um documento pra levar pra ele. Eles não tinham muita amizade. Depois, com o tempo, isso foi mudando. Quando eu saí já tava melhor, porque o pessoal foi pegando mais confiança. Eu mesmo, se eu pego uma pessoa de 16 anos, se eu for trabalhar com ela, eu não sei se ela tem responsabilidade. Eu me achava responsável com 16 anos, mas não sei se uma pessoa de 16 anos está apta a fazer algum serviço. Tem uma pessoa que trabalha comigo que já tem 18 anos, mas tem muita coisa que eu não tenho coragem de passar pra ela porque eu acho que ela não tem estrutura profissional.”*

Um dos pontos a destacar nesse depoimento refere-se à importância das amizades no local de trabalho, entendida como o estabelecimento de bons contatos e de criação de um ambiente agradável nesse espaço. Mas essa “amizade” não aparece como uma relação, antes, como um valor manifestado pelo indivíduo. Como menciona, *“eu sempre tive amizade com todos, mas eles tinham uma certa distância”*. É como se a idéia de amizade não precisasse de um “outro” para existir, mas indicasse intenção do indivíduo de estabelecer um bom convívio em seu ambiente de trabalho ou um sentimento que ele manifesta, intrínseco a ele, como “ser amigo das pessoas”.

Outro ponto diz respeito às considerações sobre a adolescência, ou melhor, sobre o trabalho dos adolescentes. Ausência de “confiança” e falta de responsabilidade são itens

relacionados para definir o que, na percepção do entrevistado, representa, para os funcionários, o trabalho desses indivíduos, confirmando as imagens desenvolvidas socialmente em torno desse período de vida (Abramo:1997).

No momento em que se processou a passagem de seu *status* dentro da empresa: de “adolescente assistido” a funcionário, imagens similares foram construídas pelo próprio depoente. Quando adolescente, ele considerava-se responsável. Hoje, tem dúvidas quanto à responsabilidade dos jovens dessa faixa etária. Como diz, “*Eu me achava responsável com 16 anos, mas não sei se uma pessoa de 16 anos está apta a fazer algum serviço*, ou seja, se é de confiança, se tem responsabilidade e “estrutura profissional”.

Em seu depoimento, Diogo reproduziu construções difundidas a respeito, relacionando a adolescência aos atributos da falta: de responsabilidade e de preparo para o exercício do trabalho, mais precisamente para assumir os encargos de trabalhador de uma empresa. Esses encargos ultrapassam a atividade em si e estão relacionados também à postura em relação ao trabalho e ao seu ambiente, ao que o entrevistado chamou de “estrutura profissional”, que encerra um conjunto de habilidades e competências, bem como características reconhecidas pelos “outros” e relacionadas à experiência de trabalho. Assim, vinculam-se responsabilidade e experiência, para definir a “estrutura profissional” dos indivíduos, bem como para separá-los dos trabalhadores adolescentes, que ainda estão “aprendendo” a trabalhar.

Ao dizer que os adolescentes não as possuem, o depoente está, ao mesmo tempo, definindo uma imagem de si como trabalhador, pertencente a um novo *status*, o que o remete a elaborações sobre a figura do funcionário, segundo representações que vão definir sua identidade, seus grupos de pertença e, em contrapartida, configurando o(s) grupo(s) que rejeita, que não mais o determinam. Como percebe Mazzotti (2002), quando se desqualifica o trabalho do jovem, desqualifica-se também o próprio jovem. No caso apresentado, existe uma desqualificação dada pela idade, remetida à adolescência e às imagens desenvolvidas em torno desse “período” da vida: “*se eu pego uma pessoa de 16 anos, se eu for trabalhar com ela eu não sei se ela tem responsabilidade*”, diz o entrevistado.

No que se refere ao programa, sua importância é revelada pelos depoentes, em primeiro lugar, pela oportunidade oferecida do primeiro emprego – onde também se lê

“regular”²¹⁹. O trabalho regular possibilita melhor planejamento da vida e dos gastos, uma vez que o indivíduo sabe com quanto poderá contar no final do mês. Ao mesmo tempo, está relacionado a ganhos mais altos, em virtude da soma feita com os benefícios, o que implica melhores condições de vida, incluindo a sobrevivência, o auxílio à família e o desfrute do lazer: *“Bico não dá pra namorar, pra levar a namorada pra tomar um sorvete melhor, né. Bico não dá pra você comprar uma roupa melhor. Bico não dá pra você ajudar em casa. Então, com certeza, você vai passar para o lado ruim da coisa, com certeza”*, comenta Victor.

Além da referência aos ganhos menores com os “bicos”, o entrevistado revela outra questão: a criminalidade, dada como certa para aqueles que ficam fora do mercado formal. Como diz, o fato de não poder ajudar em casa, de não poder comprar roupas ou passear com a namorada, levaria o indivíduo, *“com certeza”* à *“passar para o lado ruim da coisa”*, em virtude da necessidade de ganhar mais. Nesse sentido, para que os jovens não passem *“para o lado ruim”* é preciso mais do que uma ocupação. Essa ocupação precisa ser regular, o que significa poder contar com um ganho certo e, desse modo, poder planejar seus gastos e sua vida, bem como ter certa segurança e, na possibilidade do desemprego, beneficiar-se do seguro.

Essa questão também está relacionada ao desenvolvimento de uma identidade referida ao trabalho “de fato”, que também remete à noção dos direitos reservados àqueles que possuem registro em carteira. As ocupações que permitem aos indivíduos pertencerem a um coletivo, no exercício do trabalho, por meio do estabelecimento de relações - criadas com o tempo-, podem propiciar o desenvolvimento de uma identidade de trabalhador, relacionada às funções a exercer e/ou aos indivíduos que lá se encontram e compartilham regras e possibilidades comuns. Essa experiência é mais dificilmente vivida entre aqueles que passam por várias situações de trabalho, especialmente as irregulares, em virtude da dificuldade de criação de laços. Afinal, nesses casos, a rotatividade é maior, bem como é maior a frequência do exercício de atividades desgastantes e monótonas, que reduzem a

²¹⁹ De fato os entrevistados já tiveram outras experiências de trabalho - todas precárias - qualificando sua passagem pelo programa como seu primeiro emprego, pela existência do registro em carteira. São várias as pesquisas nacionais e internacionais que tratam da questão da diversificação de ocupações entre os jovens, marcadas, especialmente, pela presença da precariedade. A esse respeito, ver: Frigotto (2004) e Guimarães (2005).

afinidade do indivíduo com esses trabalhos e a possibilidade de identificação com a função exercida.

No que se refere à importância da ocupação regular, ao mesmo tempo que a ressalta, o depoente Victor, mostrando o perigo constituído pela experiência do “bico” quando o indivíduo não consegue ultrapassá-la, questiona a dificuldade de, hoje, as pessoas conseguirem um emprego. *“Nego fala que é difícil arrumar emprego aí fora. Não é não. Não é difícil não, basta querer. O neguinho quer escolher. Não pode escolher.”*

Esse trecho mostra a existência de uma tensão que, antes de apenas figurar como um elemento importante no depoimento do entrevistado, se revela no cotidiano das pessoas, especialmente entre os jovens. Em sua fala, ao mesmo tempo que ressalta a importância de uma ocupação regular, mostrando que o exercício de atividades consideradas “bicos” leva o indivíduo à marginalidade - situação vivida por alguns de seus amigos -, questiona a dificuldade de conseguir um emprego. Segundo ele, o problema é que *“neguinho quer escolher”* e *“Não pode escolher”*. Todavia, “não escolher” significa aceitar o que vier, incluindo, no limite, as ocupações irregulares ou os empregos que ofereçam baixa remuneração e/ou grande carga horária.

A questão colocada, então, está, talvez, mais relacionada com a importância da estabilidade, de certas garantias para o enfrentamento do desemprego e da certeza daquele determinado ganho no final do mês, do que com a qualidade da ocupação, o conteúdo do trabalho exercido e a realização pessoal com a atividade empreendida e/ou com as relações estabelecidas nesse espaço. Trata-se mais de garantir a sobrevivência do que de procurar fazer o que se gosta. Segundo a avaliação do entrevistado, não é difícil arrumar um emprego, *“basta querer”*, relacionando esse “querer”, essa disposição pessoal, à condição de que o indivíduo não faça escolhas, antes, que aceite o que encontrar.

No entanto, antes de significar uma posição conformista, esse depoimento revela-nos a percepção da dificuldade que, especialmente, os jovens encontram para sua inclusão no mercado de trabalho (Gomes: 1990; Guimarães: 2005). Não sem razão, Victor avalia que é cada vez mais difícil escolher uma ocupação, sendo necessária a utilização de estratégias para garantir a sobrevivência, de preferência, com certa segurança dada pelo trabalho regular. Seguindo esse raciocínio, percebe que a melhor saída é não escolher, mas aproveitar as oportunidades, mostrando, de um lado, as limitações existentes e, de outro, a

criação de estratégias para garantir o que lhe parece mais importante: poder contar com ganhos certos ao final do mês.

Pesquisas recentes revelam a existência de uma concentração de jovens e adolescentes nos setores mais periféricos do mercado de trabalho (Gomes: 1990; Abramo: 2005; Guimarães: 2005). Ao mesmo tempo, essas ocupações, apresentadas como as possíveis, são exercidas por indivíduos que também fazem planos de melhorar de vida, por meio do estudo e/ou da ocupação regular. É o caso de Victor, que pretende fazer um curso superior, não relacionado ao que está fazendo hoje em seu trabalho, revelando também a expressão de sua vontade, o seu não assujeitamento, mas a elaboração de um percurso a ser seguido, que pressupõe sua realização pessoal.

No tocante à importância do programa relacionado à ocupação regular do adolescente, o depoente traz outro elemento para a discussão, que diz respeito ao aspecto da orientação: *“A finalidade maior do programa é essa da orientação, porque trabalhar, todo mundo vai trabalhar, né. Mas, orientação, nem sempre as pessoas vão te orientar, ‘o que é isso? E aquilo lá? Como é que fala?’ Aqui o pessoal é orientado, diferente de aí fora”*.

A orientação mencionada está relacionada ao aprendizado dentro da empresa, ou seja, às noções relativas ao exercício do trabalho, bem como à postura a ser mantida nesse ambiente. Assim, perguntas como *o que é isso? E aquilo lá? Como é que fala?* São acompanhadas da orientação, tanto dos monitores dos adolescentes, quanto dos funcionários que com eles trabalham. Mas essa orientação vai além do desenvolvimento de atitudes relativas à transmissão de informações para os novatos dentro da empresa; dizem respeito ao caráter de aprendizado e formação, dentro do programa, para esses jovens das camadas populares. Nesse sentido, a orientação não se restringe aos assuntos do trabalho, embora seja a que prevalece, mas dela fazem parte questões ligadas à vida particular. Como diz o entrevistado, *“trabalhar, todo mundo vai trabalhar”*, de maneira formal ou mesmo na realização de “bicos”. O que diferencia essa ocupação, segundo o depoente, é a orientação, seja para o trabalho, seja para a vida desses jovens que, “perdidos” em seus caminhos, precisam desse incentivo para também se afastarem do *“lado ruim”*.

A idéia de ocupação dos adolescentes e de seu afastamento da marginalidade também é apontada em outro depoimento. Para Vanderlei, trata-se de afastá-los das drogas: *“O objetivo do programa, eu acho assim, reflete Vanderlei, é formar uma cabeça diferente*

do jovem, de não ficar na rua se envolvendo com drogas e tendo um trabalho, pra (...) saber que às vezes é melhor (...) estar trabalhando do que (...) estar usando drogas e mesmo pra ter um futuro melhor (...)”.

Ele relaciona adolescência ao risco potencial de envolvimento com substâncias alucinógenas ilegais. Segundo sua percepção, a ocupação do jovem no programa possibilita que esse risco seja diminuído ou evitado. Estar ocupado no trabalho é também estar longe da rua, espaço carregado de significações negativas, dentre as quais o acesso às drogas. O programa teria, portanto, o objetivo de buscar, ao menos, dificultar esse acesso, não apenas pelo fornecimento de uma ocupação, mas, principalmente, pelo fato de “*formar uma cabeça diferente do jovem*”, o que implica a inculcação de valores e práticas que ultrapassam a esfera do trabalho. Trata-se da “*formação*” do adolescente como trabalhador e como indivíduo, visando um “*futuro melhor*”.

A preocupação com essas substâncias também é apreendida por outras pesquisas que tratam de questões ligadas ao universo juvenil. Abramo (2005), ao analisar os dados de uma pesquisa nacional - Perfil da Juventude Brasileira - revela-nos que, liderando as situações citadas pelos entrevistados sobre quais as piores coisas de ser jovem estão, alcançando 23%, a convivência com riscos, que em primeiro lugar, diz respeito, sobretudo, às drogas, seguidas pela violência e pelas más companhias. De acordo com a mesma pesquisa, os temas substâncias alucinógenas e violência deveriam ser discutidos na família e com os amigos, revelando, como argumenta a autora, o peso que essas questões têm na vida desses indivíduos, seja como elemento de diversão ou de discussão para sua superação, na relação com os amigos, seja na busca de orientação da conduta, pela participação dos familiares. Segundo os depoentes dessa pesquisa, esse tema também deveria ser tratado pela esfera política.

Além da família, do grupo de amigos e do Estado, outro espaço pode ser ressaltado com referência a esse assunto. É o caso da esfera do trabalho, mencionada por Vanderlei. Esse campo é entendido pelo entrevistado como elemento importante na busca de resolução do problema das drogas. Cada uma dessas dimensões - família, amigos e trabalho - tem seu peso na vida dos indivíduos, estando inter-relacionadas como esferas das quais eles participam. Porém, é preciso levar em conta que são os espaços de vivência, de desenvolvimento de práticas e experiências, juntamente com suas referências, que vão

definir as percepções dos indivíduos. Assim, não por acaso o tema das drogas aparece relacionado à percepção da adolescência.

Não se trata simplesmente de incorporar e reproduzir um discurso socialmente desenvolvido e disseminado a respeito dessa “fase” da vida. Antes, significa uma reapropriação dessa questão pelos indivíduos, por meio de sua vivência em um meio marcado pela presença da violência, das drogas e do tráfico.

As periferias da cidade são as mais atingidas por esses problemas (Fernandes: 2004; Soares: 2004). Em seu espaço de moradia, os indivíduos convivem com pessoas que, amigos de infância, se tornaram drogados ou mesmo traficantes. Essas imagens entram na construção de suas representações acerca da necessidade de ocupação e de “formação” do indivíduo, no intuito do não envolvimento com essas questões. Imbuído dessas noções, o depoente, embora morasse na periferia, não se envolveu com o tráfico e com a marginalidade. A idéia de como buscar esse afastamento foi sendo construída, ao lado daquela que alia a adolescência aos atributos da falta, especialmente, de responsabilidade.

O programa aparece como um espaço capaz de associar esses dois elementos: na percepção do entrevistado, ocupação e “formação” são seu principal objetivo, ainda que, para os jovens que lá se insiram, a idéia do primeiro emprego ou, da ocupação regular, seja a verdadeira motivação. O salário, o auxílio à família e a busca por independência foram as razões que levaram os jovens à inserção na empresa como “adolescentes assistidos”. Todavia, a avaliação que fizeram da importância e os objetivos do programa revela outros elementos importantes na compreensão das representações, vivências e práticas dos indivíduos. Também diz respeito ao desenvolvimento de suas identidades de trabalhadores, agora, “de fato”, em oposição aos marginais, que se envolvem com drogas, tráfico e práticas de violência.

Esse aspecto também é revelado por Victor, funcionário e ex-participante do programa para adolescentes das camadas populares, que assim o define: *“Se não fosse o programa, ou eu tava preso ou eu tava morto, igual aos meus amigos, porque as amizades eram as mesmas e companhia é tudo. Quando você ta naquela idade que a gente tava, a gente não sabe nada da vida. Mesmo sabendo o que é errado, a gente vai fazer, pelas companhias.”*

Segundo sua percepção, a participação no programa definiu seu caminho profissional e pessoal. Ele acredita que se não tivesse passado pela experiência nos Correios, sua trajetória de vida seria marcada pelo crime e, com ele, pela morte violenta. É como se não houvesse alternativa e, de certa forma, ele tivesse sido escolhido pelo destino para trilhar um percurso melhor que os de seus amigos. *“Eu estar aqui nos Correios foi coisa do destino”*, diz. O jovem, ao mesmo tempo que parece incorporar representações sobre a população pobre - atrelada à marginalidade -, bem como ao “período” da adolescência, relacionada à desorientação dos indivíduos que aí se encontram, recupera histórias vividas por seus amigos de infância que hoje estão, muitos deles, no “mundo do crime”.

Não só pelo fato de ter estado ocupado dos quatorze aos dezoito anos, dentro do programa, mas também em virtude dessa participação ter apresentado caráter de aprendizado - do trabalho e da vida, de um modo geral -, o significado dessa inserção adquiriu um tom de “salvação” do destino reservado aos jovens que, como ele, eram da periferia, viviam sob a influência das más companhias, em um período de grande desorientação em relação aos caminhos a seguir: *“se não fosse o programa, ou eu tava preso ou eu tava morto, igual aos meus amigos”*, conclui.

Sua fala revela a introjeção de elementos negativos ligados à pobreza. É como se não houvesse escolha, os jovens da periferia estando condenados à marginalidade ou mesmo à morte por assassinato. Essa percepção aparece em seu depoimento como algo “natural” na trajetória de vida dos indivíduos dessa camada social, escapando ao controle ou à vontade deles. Nesse sentido, somente algo vindo de fora poderia ser capaz de estabelecer a diferença, mudando os caminhos e os percursos pessoais dos jovens imersos nessa situação e impotentes diante dela.

Esse testemunho vem denunciar as situações difíceis por que passam os jovens, que vivem em meio às drogas, ao tráfico e à violência. Ao mesmo tempo, expressa o problema da falta de oportunidades na escolha dos caminhos a seguir. Não que não tivessem outra escolha, mas o apelo à marginalidade parecia soar mais forte, aliando-se às representações sobre os indivíduos pobres e sobre os adolescentes, ambos portadores de elementos ligados a faltas - materiais e simbólicas.

Segundo o depoente, o programa, atrelado à questão da formação do adolescente de baixa renda, não apenas referente ao seu trabalho, mas também à sua vida particular, possibilitou a saída dessa situação. Tratou-se, portanto, da formação desses jovens mais expostos às formas de violência, relacionadas às más companhias e aliadas à condição de adolescente que ainda não sabe qual caminho seguir, precisando de auxílio. Como diz, *“eu acho que o objetivo maior desse programa é trazer esse pessoal de classe baixa, né. É não só preparar eles para o mercado, mas também tirar eles... é igual aconteceu comigo, até porque na determinada idade a gente não sabe pra que lado vai, então pra trazer esse pessoal, pra definir melhor a vida deles particular e aí fora.”*

A vida profissional de Victor, assim como dos outros funcionários dos Correios na mesma situação, foi definida com a saída do programa e a continuação na empresa, que tem para eles uma importância crucial, no que diz respeito à ocupação. Assim, para esses funcionários, não se trata apenas do fato de terem gostado do trabalho, da instituição e das pessoas, mas, sobretudo, de terem sido contemplados com a ocupação; de poderem estar trabalhando para manter a sua sobrevivência e de seu grupo familiar, bem como a independência, que os vincula a um novo *status* – de trabalhador “de fato” e de “jovem adulto”. Assim, se para os adolescentes que foram entrevistados no momento em que entrei na instituição, a experiência nos Correios representou um ritual de passagem para o universo do trabalho formal, para aqueles que lá permaneceram, como funcionários, essa experiência significou a concretização dessa passagem, agora com novas responsabilidades e outras representações sobre si mesmo, seu trabalho e a organização da instituição.

4.2 A escola e o trabalho: a continuação dos estudos e a definição das carreiras

A partir dos seus depoimentos, este item tem como finalidade discutir a relação que se estabelece entre o trabalho e a escola, especificamente entre os funcionários que, assim como os jovens pesquisados, passaram pela experiência do trabalho regular e monitorado dentro da empresa de Correios, a qual pressupunha a frequência escolar.

As referências ao ensino médio e a conjugação com o trabalho na instituição, no período em que eram adolescentes, os significados da escola, a presença das drogas nos estabelecimentos de ensino, os projetos de continuação dos estudos mediante o ingresso em

uma faculdade, a escolha do curso, a relação do curso escolhido com o trabalho exercido, as mudanças de caminho e a busca pela realização de si, as pressões da chefia em direção ao ingresso dos funcionários no ensino superior, são algumas das questões que serão tratadas neste tópico.

Interessa apreender elementos apontados por eles, referentes ao ensino e sua vinculação com o trabalho. Acredito na relevância dessa investigação, levando em conta a possibilidade de melhor compreensão das práticas que os adolescentes desenvolvem em relação a essas esferas e à conjugação de ambas, bem como os significados que lhes atribuem. Por serem indivíduos pertencentes às camadas populares, que também participaram do programa dos Correios, suas percepções poderão servir de auxílio na apreensão de questões essenciais para a pesquisa, possibilitando a aproximação com esferas importantes de pertencimento dos jovens.

No que se refere à relação que os jovens estabelecem entre trabalho e escola, com base em dados da PNAD, Sposito (2005) mostra que, da mesma forma que entre 1981 e 2001 houve um incremento do número de jovens estudantes, passando de 17,4% de estudantes para 28,1%, também ocorreu um aumento quantitativo dos jovens que trabalham e estudam. Assim, se, em 1981, havia 15,4% de jovens conjugando trabalho e estudo, em 2001, esse índice atingiu a marca de 20,9%. Como percebe a autora, o aumento da escolaridade não resultou na retirada dos jovens do universo do trabalho²²⁰. Ao mesmo tempo, ainda que afetados pelo desemprego, eles não abandonaram a escola, ao menos imediatamente, e têm pretensões em relação à escolaridade, como demonstra a pesquisa “Perfil da juventude brasileira”.

Esse fato também pode ser constatado nesta investigação, embora a conjugação do trabalho com os estudos tenha sido um dos pré-requisitos²²¹ para a permanência dos jovens no programa. Todavia, mesmo com o término do ensino médio, a maioria dos entrevistados pretende continuar os estudos, especialmente pelo ingresso em uma faculdade, ainda que a

²²⁰ A autora demonstra a não realização da hipótese de que o incremento da escolaridade poderia, em tese, aproximar esses jovens das condições socioculturais que caracterizam um modelo moderno da condição juvenil, pelo acesso ao ensino dissociado do universo do trabalho. Os jovens investigados situam-se majoritariamente na esfera do trabalho, compondo um índice de 76%.

²²¹ Gomes (1990), em seu estudo sobre jovens e trabalho, ao tratar da questão do relacionamento entre ambos, defende a tese de que, quando se trata do trabalho no setor formal, com remuneração e horário legais, juntamente com outras condições, pode haver não apenas a facilitação, como também o incentivo e a exigência à frequência escolar.

referência ao curso e ao período que estariam buscando, seja feita de forma imprecisa e incerta.

As relações entre trabalho e escola continuam sendo estabelecidas entre os funcionários, ex participantes de programas anteriores dos Correios, assim como entre os jovens que fizeram parte do quadro de “*adolescentes assistidos*” - último programa da empresa. No entanto, essas relações são variadas, não se esgotando na busca de conjugação de ambas esferas para a permanência no emprego ou para a busca de outro, ainda que, com frequência, essas condições apareçam. Vale notar que todos os depoentes se manifestaram no sentido de afirmar a importância da escola. Todavia, ela é pensada por eles de maneira singular, expressão das experiências vividas, da elaboração de projetos futuros e da situação atual em que vivem, capaz de estruturar identidades, um sentido e uma coerência própria para cada um, em relação a esse universo.

Existem, de um lado, elementos que são impostos aos indivíduos, que não lhes pertencem e que fazem parte da lógica do sistema escolar, com suas regras e princípios de funcionamento, referentes também aos papéis que eles devem assumir dentro da hierarquia da escola. De outro, há o espaço para a ação dos indivíduos, na construção de suas experiências, que lhes vão fornecer a coerência necessária para participar dessa esfera.

Entretanto, a escola também não se reduz às experiências vividas em sala de aula. Existem múltiplas relações estabelecidas, como as que se desenvolvem entre professor e aluno, por exemplo. Nesse sentido, a escola não é responsável somente pela produção de qualificações; ela também deve ser pensada como espaço de produção de certas atitudes e disposições (Dubet & Martuccelli: 1996).

Segundo esses autores, os indivíduos formam-se no aprendizado de papéis que desempenham nas esferas em que participam, como a escola. Todavia, não é apenas dessa maneira que eles se formam, mas também na capacidade de dominar suas experiências dentro dessas instituições. Na escola, os alunos combinam as lógicas do sistema - a cultura escolar - com suas experiências. Eles socializam-se²²² por meio desses aprendizados,

²²² A socialização é aqui entendida como um processo paradoxal. Nesse sentido, ao mesmo tempo que é determinada pela inculcação, ela só se pode realizar na medida em que os atores sejam constituídos como sujeitos capazes de dominá-la. Esse conceito de socialização, de Dubet & Martuccelli, vem corroborar a noção que temos buscado desenvolver, a partir de outros autores, como Dubar, que entendem os processos de socialização nos quais os jovens/adolescentes estão envolvidos, dentro das esferas em que participam - especialmente a família, a escola e o trabalho -, pela participação dos sujeitos, tomados como atores, em

constituindo-se como sujeitos a partir da capacidade de dominar suas experiências, tornando-se os “atores de sua educação”. Assim, a educação não é apenas uma inculcação, mas também um trabalho sobre si mesmo. São essas experiências ao longo da vida escolar que vão fazer com que cada indivíduo possa apreender singularmente a escola e a si mesmo.

O trabalho sobre si não se realiza apenas nas relações que se estabelecem entre professor e aluno, mas envolve uma multiplicidade de esferas e de relações, tendo em vista que o aluno é também adolescente/jovem e possui uma vida fora da escola, necessitando administrar todas as dimensões de sua experiência para que possam fazer sentido para ele. Diversidades de situações e de posições ocupadas nas outras esferas, como na família e no trabalho, transformam suas experiências bem como a percepção de si e das próprias esferas. Assim, os entusiasmos, as amizades, os amores, os sucessos, os fracassos e os aborrecimentos participam da formação dos indivíduos tanto quanto as aprendizagens escolares.

Enquanto alunos, os indivíduos cumprem os papéis referentes às suas posições dentro da escola²²³. Ao mesmo tempo, constroem-se subjetivamente a partir de elementos que escapam ao controle da instituição e que são fabricados no interior da escola. Esses elementos podem ser extraídos de relações estabelecidas nesse espaço, que ultrapassam aquelas que são, a princípio, reconhecidas como fazendo parte desse universo. Assim, a formação de grupos musicais ou de *gangs*, estas também podendo ter o caráter de oposição à disciplina escolar, são exemplos de relações estabelecidas no interior da escola, com elementos existentes em seu domínio, ainda que o resultado possa ser o questionamento ou mesmo o próprio afastamento das regras e dos valores escolares.

Manifestações de violência contra a escola²²⁴, mediante pichações ou mesmo agressões aos professores e aos alunos, denunciam o esgotamento de uma cultura que estaria antes relacionada à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento dos indivíduos. Além da falta de sentido que a escola passa a ter para os alunos que se manifestam violentamente

desacordo com a posição que os entende como receptáculos passivos na inculcação de valores e práticas que lhes são apresentadas.

²²³ Trata-se da interiorização das expectativas da organização escolar, situando-se dentro da hierarquia, isto é, integrando-os por meio do aprendizado das normas e dos papéis propostos. Mas isso não significa que não haja tensões.

²²⁴ Item também destacado pelos jovens que participaram do último programa dos Correios - *Adolescente Assistido* -, analisado no capítulo 3 deste trabalho.

contra ela, há também a questão do não reconhecimento da autoridade do professor e da direção da escola. Nesse processo de desregulamentação da escola, também entram em cena a falta de professores ou mesmo o seu desinteresse pelas aulas e pelo desenvolvimento de seus alunos. Essa é uma realidade vivida em nosso país, principalmente nas escolas públicas (Madeira: 1993). Não sem razão, há o afastamento do aluno de determinadas “instituições escolares²²⁵”, e a conseqüente procura de outro local para prosseguirem seus estudos. Nesse sentido, ainda que haja reclamações dos jovens com relação à escola, existe o esforço de permanência, às vezes com saídas e retornos, mas sempre com intenção de conclusão do ensino médio, como percebemos nas entrevistas.

Quando o ensino médio é concluído, novos projetos são elaborados, levando em conta a possibilidade financeira do indivíduo e da família, bem como a situação em que se encontram, no que se refere à chegada de um filho, ao casamento e ao desemprego. Essas situações podem fazer com que haja suspensão dos planos de retorno aos estudos ou mesmo reforçá-los. Nesse sentido, de uma forma geral, a escola está sempre no horizonte dos entrevistados: como lembrança que acompanhou o período da adolescência e do trabalho nos Correios, e como projeto, fazendo parte da vida e do imaginário desses indivíduos.

É especialmente a elaboração de projetos futuros que vai fazer com que os indivíduos recuperem a escola, não mais como lembrança e referência passada, mas como instrumento de viabilização de crescimento profissional e realização pessoal, esta implicando a necessidade de mudança, não só de emprego, mas também de ocupação. “*eu pretendo fazer educação física, diz Victor. Eu sempre trabalhei na área administrativa, desde quando eu entrei na empresa. Desde o programa, até agora. Mas eu quero ser professor. Quando eu terminar a faculdade, eu deixo aqui.*”

A continuação dos estudos vai significar, a médio prazo, a necessidade de reconstrução identitária desse entrevistado. Como revela, ele sempre trabalhou na área administrativa, apesar de ter começado a trabalhar aos dez anos de idade, olhando carros e

²²⁵ Para DUBET & MARTUCCELLI (1996: 48-9), a escola não pode mais ser considerada uma instituição. Ela está hoje associada a uma diversificação de objetivos educativos. A massificação escolar quebrou o ajustamento prévio das expectativas dos professores e dos alunos. A escola é hoje uma organização que apresenta fronteiras fluidas, com objetivos cada vez mais redefinidos, com relações que são cada vez mais reconstruídas. Nesse novo contexto, os indivíduos devem reconstruir suas práticas. Ao mesmo tempo, os professores devem construir uma relação escolar que já não é mais totalmente dada. Assim, a escola deve ser considerada “como uma sucessão de ajustamentos entre os indivíduos, adultos ou jovens, que constroem suas experiências escolares.”

vendendo sorvetes. Todavia, considera sua inserção na empresa a primeira experiência em um emprego, da qual resultou a construção de sua identidade profissional de auxiliar de escritório.

Mudar de profissão significa também mudar de referências, reconstruindo-se nesse processo, dando também outro sentido à sua vida profissional. De qualquer forma, essas mudanças contam com a iniciativa do indivíduo, com sua vontade expressa de traçar novos caminhos, com novas orientações, podendo, portanto, não necessariamente implicar uma crise na elaboração de si como indivíduo e profissional, ao contrário do que ocorre com as trajetórias marcadas pela diversificação involuntária, pela experimentação de atividades diversas, períodos de desemprego e trabalhos precários e/ou temporários, que podem resultar em crise do *status* profissional, que se torna vago, incerto e ambivalente, como descreve Dubar (2000).

Quando as mudanças não são impostas por circunstâncias conjunturais, as chances que o indivíduo tem de elaborar uma nova identidade profissional parecem, a princípio, mais tranquilas e seguras, uma vez que ela é expressão de sua vontade, de sua análise e escolha pessoal, unicamente marcada pelo seu desejo de realização pessoal: *“Eu vou fazer um curso que eu gosto porque até então eu to na área administrativa. Na verdade, tinha que ser aquele caminho da administração, mas não, eu vou voltar o que eu gosto que é melhor”*, conclui.

O indivíduo, portanto, aposta em si mesmo, em sua capacidade de alterar seus caminhos, livre de constrangimentos ou, quando existam, calculá-los no sentido da elaboração de estratégias com vistas à superação, o que o torna senhor de si. Não que o caminho seja fácil, mas a preponderância do sujeito no processo de escolha e decisão é que o torna possível.

Esse processo de mudanças – de referências, de caminhos e de identidade -, vai estar na dependência da participação na e da esfera escolar que, para Victor, está relacionada à *“aprendizagem”*. Na faculdade, Victor vai aprender não apenas uma nova profissão, como também a conjugar os estudos com seu trabalho na empresa, além do estabelecimento de novos contatos, novas amizades, dentro de um novo universo. Mas é o trabalho na empresa que vai tornar possível a mudança de caminho profissional.

A escola, agora pensada na figura da faculdade, destaca-se não como instrumento que possibilita a manutenção do emprego ou mesmo a conquista de um cargo melhor dentro de seu setor. A escolha de um curso que não se relaciona com a função de auxiliar de escritório expressa o rompimento com antigas referências profissionais, no que respeita à dinâmica de funcionamento, das regras desse espaço e do sentimento de pertença ao coletivo profissional e de identidade referida a esse universo. Ao mesmo tempo, evidencia novos planos de carreira e de vida, com o privilegiamento da aposta em um novo caminho e abrindo espaço para os sonhos, que começam a se projetar como realidade. Quando o encontrei na empresa, por ocasião do estabelecimento de novos contatos com os outros funcionários, ex participantes dos programas anteriores, Victor havia acabado de passar no vestibular da Uniban, para Educação Física.

A escola, vista como sinônimo de “*aprendizagem*”, também é destacada por Anderson, que planeja ingressar em uma universidade. No entanto, diferente de Victor, Anderson pretende cursar algo relacionado ao seu trabalho: “*eu quero trabalhar na área [em] que eu já estou há bastante tempo*”, ainda que manifeste o desejo de mudar de emprego. O ingresso em um curso superior vai possibilitar a aquisição de um aprendizado que, no caso dele, vai ser acrescentado àquilo que ele já sabe, pelos anos de prática e trabalho na empresa. Como pretende fazer algo relacionado ao seu cargo atual – auxiliar de escritório – muito de seu conhecimento poderá ser “aproveitado”, também repensado e até mesmo sofrer um processo de reconstrução com o que vier a encontrar em seu curso. Todavia, ele estará “aprendendo” sua profissão, dentro da mesma lógica de trabalho que realiza até o presente momento, ou seja, por ser um curso da “*mesma área*” em que trabalha hoje, os assuntos e todo o universo que o recobre serão, quando não “comuns” à linguagem e à prática de trabalho dentro da empresa, ao menos, próximos. Trata-se, portanto, de ir além do que já sabe e não mudar de caminho, como no caso de Victor.

Dentro do curso escolhido, a “*aprendizagem*” escolar do entrevistado, ainda que traga novas informações que poderão até se chocar com o que vem realizando, com relação ao que faz no setor em que trabalha, terá como finalidade seu desenvolvimento profissional na área administrativa. Nesse sentido, sua identidade referida ao trabalho, ao cargo que ocupa, encontrará menores chances de entrar em crise, uma vez que será mantido o universo de referências e de práticas. O engajamento nesse “aprendizado” será no sentido

de manter sua identidade profissional e a significação de si, enquanto trabalhador desse setor específico, que é reafirmado, ao longo do tempo, pelo coletivo de trabalho, que também o reconhece no grupo. Ainda que haja transição para outro emprego, feita dentro do mesmo setor administrativo, no desenvolvimento de sua identidade, esse reconhecimento será reestabelecido, pois é na e pela relação com os outros trabalhadores de um mesmo setor que se processa o reconhecimento profissional de si e pelos outros.

Nos dois casos apresentados, a importância da escola, ou seja, da continuação dos estudos em uma faculdade, esteve menos relacionada às exigências impostas pelo empregador para a manutenção do emprego ou mesmo para a mudança de cargo, com vistas ao plano de carreira, e mais vinculada à elaboração de projetos futuros, relacionados à saída da empresa, após o término do curso escolhido. De qualquer modo, os entrevistados mencionaram a existência de pressão da chefia no sentido de que os funcionários tenham por meta o ingresso em um curso superior: *“o gerente, diz Victor, já me pegou na mão, me levou aqui na Uniban pra fazer a inscrição e eu não fiz porque eu falei: ‘eu não quero fazer esse curso. Não vou fazer, que era administração. Aí meu gerente falou: ‘mas você tem que fazer, ter uma carreira profissional, porque amanhã eu posso não estar aqui’. Mas eu não vou fazer esse curso não. E o meu curso, se eu for fazer um dia, é de Educação Física. Essa sempre foi minha posição desde que eu entrei aqui. Mas, para o curso que eu vou fazer, não muda nada aqui dentro não. Mas também se eu não fizer, fica na mesma. Não sai do lugar, porque amanhã vai chegar num determinado cargo, que eu não vou poder crescer mais por falta de curso superior.”*

O depoimento de Victor reafirma a preponderância de sua vontade e decisão na escolha do caminho a seguir. Ainda que houvesse pressão da chefia para que fizesse um curso voltado para a atividade que realiza em seu setor, reforçada pela “ameaça” potencial de perda de proteção - como diz o gerente *“ ‘amanhã eu posso não estar aqui’ ”*, revelando que sua ausência poderia implicar menor tolerância por parte de um novo gerente em relação à não formação universitária de Victor -, ele não se intimidou, ressaltando que se fosse *“fazer um dia”*, seria um curso de sua escolha, algo de que gostasse. Essa sempre foi a sua posição. Com esse curso, ele diz, não haverá mudanças em relação ao que faz na empresa. Ao mesmo tempo, revela que a ausência de um curso superior tem como consequência sua estagnação profissional. Assim, para que possa *“crescer”*

profissionalmente, dentro de seu setor, interessa mais a apresentação do diploma do que a relação do curso escolhido com o cargo que ocupa. Essa não é a posição de seu gerente, mas é a do entrevistado.

A relação da escola com o trabalho é apresentada de maneira distinta pelo funcionário e por seu chefe. No primeiro caso, existe menor preocupação com relação à possibilidade de perder a “proteção” do gerente em razão do não ingresso em um curso superior, o que também implicaria o não crescimento profissional na área em que trabalha. Essas “ameaças”, ainda que não sejam negligenciadas pelo entrevistado, são relativizadas em função da possibilidade de escolha que lhe é dada. Nesse sentido, cabe-lhe decidir quando e qual curso irá fazer. A “tranqüilidade” em relação às suas escolhas também é determinada pelo desejo de sair futuramente da empresa, aliada aos “anos de casa” que lhe dão certa segurança em relação ao emprego, bem como à amizade com seu gerente que, de certa forma, o “protege” e também “se preocupa” com seu destino dentro da instituição. Para o entrevistado, portanto, a escola não aparece como preocupação, no sentido de estar vinculada a algum plano de carreira em seu setor. Mas revela-se como possibilidade e via de acesso a outros caminhos, em outra ocupação.

Para o gerente, a relação entre trabalho e escola já é revelada como preocupação. É por meio da conjugação necessária dessas esferas que o funcionário pode pensar seu futuro na empresa. Ao mesmo tempo, para o gerente, não se trata de concluir um curso superior, mas, preferencialmente, de fazer com que esse curso esteja relacionado com a atividade executada, para que o indivíduo possa “*crescer profissionalmente*”. A preocupação e a importância dessa conjugação são reveladas pela forma como ele buscou administrar o assunto, incumbindo-se de ir com o jovem até a universidade, “segurando-o pela mão”, para que fizesse a inscrição no curso que acreditava ser a melhor escolha.

A pressão em relação ao ingresso em um curso superior também é demonstrada por outro entrevistado. Diogo, auxiliar de escritório, pretende iniciar um curso superior. Ele está entre os cursos de Letras e o de Administração. “*Administração porque já tem mais a ver com o que eu faço hoje e Letras porque eu queria sair do que eu faço. Mudar, fazer outra coisa.*”

Interessante notar a maneira como o entrevistado expressa sua relação com o trabalho. Ao mesmo tempo que coloca como possibilidade o ingresso em um curso que

“tem a ver” com o que ele faz agora e, nesse sentido, com a continuação desse caminho profissional, nessa ou em outra empresa, demonstra um desejo de afastamento tanto de seu cargo quanto do setor em que trabalha. Na primeira situação, o entrevistado mostra que sua escolha estaria relacionada à elaboração de estratégia com vistas à continuação de seu caminho profissional, aproveitando-se de sua experiência dentro da área administrativa. Na segunda, estaria vinculada ao afastamento das referências com aquilo que fazia, pela busca do que seria a sua realização pessoal. Como diz “*quero sair do que eu faço*”. A primeira situação reafirma sua posição e identidade dentro da empresa. A segunda, a dissolve. Ambas são colocadas como possibilidades e, aparentemente sem conflito, serão avaliadas estrategicamente pelo entrevistado, que optará pela continuação ou pela mudança de caminho.

O conflito parece não fazer parte dessa relação que se estabelece entre trabalho e escola. Mais uma vez, parece que a escola não é colocada como preocupação na vida do jovem; antes, surge como possibilidade de crescimento profissional e, no segundo caso, da escolha do curso de Letras, esse crescimento será especialmente pessoal, dado pela realização de si²²⁶.

A definição sendo por um ou outro curso, a inserção em uma faculdade é tema presente no ambiente de trabalho. “*A minha gerente já falou várias vezes que, pra ela, você pode não saber fazer nada, mas se você estiver fazendo faculdade, ela te valoriza mais.*”

²²⁶ Guerreiro & Abrantes (2005) também fazem referência a esse sentido do ingresso em uma universidade. Em virtude do alargamento das oportunidades educativas em Portugal, sobretudo a partir de 1974, a universidade deixou de ser um privilégio das camadas mais altas da população, abrindo-se caminho para que, especialmente, as “novas camadas médias” pudessem ter acesso a esse ensino. Isso também resultou em mudanças nas expectativas dos jovens em relação ao futuro, transformando os estilos de vida e as redes de sociabilidade para aqueles que puderam ingressar nessas instituições. Para muitos desses jovens, o ensino superior é encarado como uma oportunidade que seus pais não tiveram. Nesse sentido, cabe-lhes aproveitar essa chance e escolher uma profissão que lhes traga satisfação e realização pessoal.

Guardando as devidas especificidades de cada país, podemos dizer que, em relação às expectativas desenvolvidas em torno do ingresso em um curso superior, existe uma semelhança de comportamento desses jovens com os indivíduos de nossa pesquisa. Para ambos os conjuntos, trata-se de uma oportunidade inédita, não oferecida aos pais e que deve ser bem aproveitada, levando em conta, especialmente, a possibilidade de realização pessoal. No entanto, um aspecto claro os diferencia: enquanto os jovens portugueses contam com o apoio material da família, fazendo com que o ingresso na universidade e, com ele, o prolongamento dos estudos, representem um adiamento da entrada na vida adulta, para os jovens de nossa pesquisa, esse ingresso é feito mediante o financiamento dos próprios indivíduos, ainda que haja apoio moral da família. É justamente essa idéia do esforço pessoal – na conjugação de tempo e dinheiro para cursar a faculdade – que é levada em conta no momento de decidirem prosseguir os estudos em um curso superior e, principalmente, de escolherem algo que acreditam gostar. É a possibilidade de realização pessoal, representando, muitas vezes, mudança de percurso profissional e de vida, que compensa todo esforço empreendido.

Então, assim, corre o risco de uma pessoa entrar hoje e tomar o seu serviço e você voltar a fazer o que você fazia antes quando você entrou”, comenta Diogo.

Aqui, um outro ponto é colocado: trata-se da valorização do ensino superior. Como menciona o entrevistado, dentro da empresa, o indivíduo acaba sendo valorizado pelo diploma que possui. Essa valorização também implica maiores chances de conquista de cargos e posições por aquele que detém um diploma, em detrimento daquele que ainda não o possui. Mais do que isso, pode significar a perda de um cargo, de um serviço e o retrocesso profissional, voltando-se a *“fazer o que você fazia antes quando você entrou”*.

Diogo acredita que se não fizer faculdade, corre o risco de perder o emprego: *“todo mundo que ta saindo, eles estão procurando quem tem nível superior ou que estão fazendo faculdade. Então, vai chegar uma hora que esses dois ou três que não têm faculdade, por mais tempo de empresa e experiência que têm, eles já não vão ser valorizados. Hoje eu já não me sinto valorizado. Eu tenho experiência, eu procuro fazer o melhor que eu posso, mas eu não me sinto valorizado por causa da faculdade.”*

Não ser valorizado significa ser mais cobrado quando comete erros, comenta o depoente, ser mais pressionado durante o expediente de serviço e, ao mesmo tempo, menos elogiado quando *“chega mais cedo”* ou quando *“vem trabalhar sábado e domingo”*. No limite, a desvalorização do empenho, do tempo de casa e da experiência do funcionário, leva-o a ser substituído por outro, em virtude da ausência do diploma universitário, o que significa a possibilidade de perda de um cargo ou mesmo do emprego. Essa é a razão pela qual o entrevistado pretende cursar uma faculdade no próximo ano. A curto e a médio prazo estará cedendo às pressões, buscando garantir seu emprego. A longo prazo estará redesenhando um novo caminho em uma nova profissão, caso opte pelo curso de Letras.

De qualquer forma, para a maior parte dos entrevistados, os caminhos em relação aos estudos ainda são incertos²²⁷. Existem planos e expectativas que estarão na dependência da administração do tempo - como revela Anderson *“preciso arrumar tempo pra estudar”* - e da mobilização financeira. Se, para aqueles que moram com os pais essa questão aparece de forma mais tranqüila, como é o caso de Victor, para quem mora sozinho e precisa arcar com todas as despesas, a situação se torna mais tensa - caso de Diogo. Nessa circunstância,

²²⁷ Contemporaneamente, os indivíduos vivenciam o drama da incerteza, em vários aspectos de sua vida. Como lembra Dubar (2000), hoje, os projetos de vida são *“mais do que nunca, incertos”*.

é preciso planejar, cortar gastos extras e estudar a possibilidade de ingressar em uma universidade, além de precisar contar com o apoio da empresa: “*eu pretendo fazer a UMC²²⁸, que nós temos desconto de 28%*”, revela o depoente.

Enquanto a maior parte dos entrevistados planeja seu futuro profissional considerando o ingresso em uma faculdade, também é feita referência à experiência escolar no ensino médio, que esteve atrelada à participação deles no programa dos Correios voltado para os adolescentes das camadas populares. Essa lembrança revela saudades, mas também críticas, referentes à presença de drogas e das más companhias: “*eu estudei numa escola e saiu numa matéria da Veja falando que o maior índice de drogas era naquela escola. É principalmente na escola estadual que tem droga*”, comenta Victor.

Quando fala da presença da droga na escola em que estudou, ele está se referindo às drogas ilícitas, especialmente a maconha. São as drogas ilícitas as que mais povoam o imaginário de nossa população, segundo Carlini-Marlatt (2005), provocando temores, ondas de pânico, muitas delas alimentadas pela mídia. Elas são observadas pelos indivíduos e referidas em seus depoimentos, aliadas à questão das más companhias, provenientes da vizinhança e, principalmente, das escolas, referidas como espaço de encontro, de estabelecimento de amizades, mas também da existência desse problema.

Todavia, salienta a autora, quando comparada ao impacto do tabaco e do álcool sobre a saúde, o bem estar e a autonomia dos jovens, a utilização das drogas ilícitas por essa população brasileira acaba sendo de relevância ao menos questionável. Elas representariam mais uma das formas de acusação das gerações mais velhas em relação a determinados estilos de vida adotados pelos indivíduos jovens, do que um problema de saúde coletiva que deva merecer atenção prioritária em políticas sociais.

De qualquer forma, a questão levantada pelo depoente está também relacionada à violência, presente de forma acentuada nas periferias da cidade. Nesse sentido, quando ele fala da presença das drogas ilícitas também está se referindo ao perfil dos jovens que dela se utilizam. Em sua percepção, não se trata simplesmente de indivíduos fumando maconha na escola, mas de pessoas consideradas más companhias pelo seu envolvimento com o crime. Em outro depoimento, já mencionado, o entrevistado afirma que se, na idade em que

²²⁸ Universidade de Mogi das Cruzes.

estava, não tivesse começado a trabalhar na empresa dos Correios, teria se envolvido com o crime, como seus amigos e, hoje, provavelmente, já estaria morto.

Nesse sentido, é a criminalidade e, com ela, a presença das drogas ilícitas na escola, que são referidas pelo depoente ao levantar essa questão. Como também deixa claro Carlini-Marlatt (2005), quando o assunto é o tráfico de drogas, a questão passa a ser outra, devendo ocupar a atenção e preocupação das autoridades em nosso país. Para a autora, o tráfico oferece identidade, rendimento e respeitabilidade para aqueles que com ele se envolvem, como é o caso de parcela da população jovem, socialmente excluída. O comércio de drogas recruta enorme contingente de adolescentes. O tráfico de drogas e de armas faz parte da dinâmica do crime que mais tem crescido nas regiões metropolitanas brasileiras (Soares: 2004), articulando-se à rede do crime organizado que conta com a entrada das e nas comunidades pobres e com o recrutamento dos jovens. Esses indivíduos, as “*más companhias*” a que se refere o entrevistado em seu depoimento, devem ser avaliados, como salienta Carlini-Marlatt (2005), tendo em vista, primeiramente, a falta de oportunidades que têm de, por exemplo, freqüentar boas escolas, espaços de lazer de qualidade e de trabalho, além de outros domínios do meio social, e não simplesmente o fato de utilizarem drogas ilícitas²²⁹.

Afora o problema das drogas e da violência, a escola é avaliada positivamente levando-se em conta sua relação com o trabalho; está relacionada ao aprendizado e “*ao futuro*”, como ressalta Anderson. É por meio do diploma escolar que o indivíduo pode ter acesso ao mercado de trabalho, ainda que isso não signifique garantia de obtenção de emprego²³⁰. Da mesma forma, segundo percebem os entrevistados, o ingresso em uma faculdade não vai significar a obtenção imediata de um emprego na área escolhida. Todos os depoentes, que estão hoje na empresa, pretendem continuar trabalhando no local em que estão, até terminarem a faculdade. É o trabalho na empresa que vai viabilizar o projeto de

²²⁹ Segundo a autora, os jovens que apresentam mais chances de consumir essas substâncias são aqueles que estão defasados nos estudos, que apresentam baixo desempenho escolar, que estudam no período noturno e que têm um relacionamento familiar difícil, muitas vezes convivendo com situações de violência doméstica.

²³⁰ Como destaca Sposito (2005: 104), não há “uma relação linear entre a elevação do nível de escolaridade da população jovem e o emprego.” Pesquisas realizadas nessa área da juventude e trabalho, incluindo a que se refere a autora nesse texto – Perfil da juventude brasileira – demonstram que as oportunidades de inserção ocupacional dos jovens não deixaram de ser escassas nos últimos anos, ainda que houvesse elevação de sua escolaridade.

ingressar em um curso superior, uma vez que eles pretendem cursar uma faculdade particular, levando em conta as maiores chances de conseguirem passar no vestibular.

O fato de estarem afastados da escola há algum tempo, como comentam, faz com que percebam reduzidas suas chances de ingresso em uma universidade pública, tendo em vista o conhecimento da concorrência e do preparo dos candidatos às vagas pretendidas. Nesse sentido, conta mais a avaliação das condições e das chances de obtenção de sucesso nesse ingresso²³¹ do que a apreciação da qualidade do ensino e da instituição que oferece o curso escolhido.

Esses cursos, no entanto, não são escolhidos, como vimos, com base na consideração das melhores oportunidades potenciais que possam representar no mercado de trabalho, mas obedecem à manifestação da vontade do indivíduo de segui-los, levando-se em conta suas preferências pessoais, relacionadas à realização pessoal. A mesma relação com o curso superior também foi percebida entre os jovens que recentemente fizeram parte do programa dos Correios.

Não que haja desprezo em relação ao mercado de trabalho e à tendência crescente de exigência de maior qualificação, incluindo a formação universitária, para obtenção de melhores empregos. Todavia, os indivíduos pesquisados buscam conciliar essa “exigência” com a expressão de suas vontades e de seus sonhos. O importante é, quando possível, ingressar em um curso superior. Porém, tão importante quanto esse ingresso é a possibilidade de escolha do curso.

Quanto ao ensino médio, ele é considerado um momento de “*aprendizado*”, de “*descobertas*”, relacionado também ao sentimento de “*saudades*” dos amigos, de alguns professores, enfim, desse período de vida caracterizado pela experimentação da adolescência, como revelam. O ensino médio é também visto como “*obrigatório e necessário*”, devendo fazer parte da vida cotidiana dos jovens. Como discute Sposito (2005), o ensino médio tem estado relacionado a uma geração que incorpora a escola em seu repertório de expectativas e práticas. A escola faz parte das referências identificadoras dos jovens, independente de assumirem uma posição de adesão ou de crítica. A legitimidade da escola não é contestada por eles, fazendo parte de sua vida. A instituição

²³¹ Dubet & Martuccelli (1996: 115) abordam esse tema, afirmando que o “nível de aspiração das classes populares permanece fixado sobre suas chances objetivas de mobilidade social.”

escolar é percebida como um espaço legítimo de ocupação dos jovens. Assim, com relação ao ensino médio, não se trata de uma escolha entre cursá-lo ou não, como a faculdade é pensada, mas de, tanto quanto possível, buscar concluí-lo, vencendo uma etapa necessária, especialmente para o ingresso no mercado formal.

Nesse sentido, existe um esforço tanto do jovem, quanto de sua família, para que o ensino médio seja concluído. Os pais incentivaram e até mesmo “*controlavam as notas do boletim*”, como lembra Victor, referindo-se ao tempo em que estudava. Esse rapaz comenta que não gostava e ainda não gosta de estudar mas, mesmo assim, pretende se esforçar para fazer o curso de Educação Física.

Apesar de não gostar de estudar, Victor buscou conformar-se ao cumprimento de seu papel de aluno, realizando as tarefas necessárias para a conclusão do ensino médio. Esse mesmo esforço vai ser empreendido para cursar Educação Física. Para tanto, o entrevistado poderá lançar mão de sua experiência como aluno e, nesse sentido, recuperar os processos que foram interiorizados em relação à vivência escolar.

O fato de não gostar de estudar e, assim mesmo, procurar prosseguir os estudos, evidencia um conformismo em relação à necessidade de cursar e concluir o ensino médio, devido à importância dada à escola, tanto por ele quanto por seus pais²³². Não gostar de estudar não significa não acreditar na escola, enquanto espaço importante de ocupação dos indivíduos. Ao contrário, foi essa crença que o impulsionou a prosseguir os estudos. E é nesse mesmo registro que Victor decide cursar a faculdade, voltando a ser aluno, ainda que continue não gostando de estudar.

Existe, portanto, uma clara separação entre a utilidade e o gosto pelo estudo. É nesse hiato que se desenvolve a relação com a escola e com o saber, que não é desvalorizado, mas tampouco é objeto de prazer. A idéia que sobressai é a do esforço empreendido, no sentido de ultrapassar a dificuldade com relação às disciplinas curriculares. O desejo de seguir outra profissão suplanta seu desgosto em relação à atitude de estudo, que pressupõe a

²³² A importância da escola revelada pelos pais não significa ausência de tensões, referidas às experiências que marcaram seu passado escolar. Essas lembranças são, muitas vezes, difíceis e ambivalentes, como nos revelou o pai de um dos jovens entrevistados. Assim, ainda que haja reconhecimento da legitimidade da escola, não são descartadas as possibilidades de tensões em relação ao seu significado. Com relação a essa questão, Dubet & Martuccelli (1996) percebem, em sua pesquisa com jovens, pais e professores, de diferentes meios sociais, que as atitudes dos pais das camadas populares em relação à escola “são clivadas por uma ambivalência e uma tensão essenciais”.

necessidade de horas de concentração, tanto em sala de aula quanto em casa: seja por meio da presença do professor, seja pela figura dos livros.

Em sua experiência escolar, o entrevistado interiorizou a obrigação de seu trabalho como aluno. Essa interiorização contou com a presença dos familiares²³³ que “*controlavam as notas do boletim*, reforçando a idéia de valorização e importância dos estudos na vida do jovem.

Outros depoimentos referentes à postura dos pais em relação à escola revelam a importância que essa esfera tem no imaginário desses indivíduos²³⁴, especialmente em relação à ascensão profissional do (a) filho (a). Frequentar a escola é algo considerado “natural” quando estão no ensino fundamental e médio. Trata-se da ocupação de um espaço legítimo para a “formação” dos jovens, no que se refere ao seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Essa é uma das “funções” da escola, reconhecida pelos pais. No entanto, a importância da continuação dos estudos, do término do ensino médio, está primeiramente relacionada à percepção, pelos indivíduos, da exigência cada vez maior de qualificação para a inserção no mercado de trabalho, nos empregos formais.

Ainda assim, no que se refere aos jovens que frequentam a escola, outras questões devem ser levantadas, além da referência ao mercado de trabalho. Nesse sentido, a importância das amizades, o tipo de estabelecimento escolar, o estilo pedagógico dos professores, a relação deles com os alunos, as referências aos desgostos e aos prazeres em relação a esse espaço, a possibilidade de diferenças de postura em relação ao gênero, a maneira como é feita a conjugação com o trabalho, além de outras considerações, devem ser apreendidas na experiência escolar dos jovens e na maneira como a avaliam.

De qualquer modo, na maior parte das vezes, as apreciações em relação à escola são positivas. Todavia, essas apreciações acabam referindo-se à escola como um todo, incluindo as amizades, a boa lembrança de alguns professores²³⁵, o aprendizado, de uma

²³³ A importância da família na relação dos jovens com a escola é ressaltada por Dubet & Martucceeli (1996: 99). Segundo os autores, “não se pode realmente compreender e analisar a experiência dos alunos sem nada conhecer das atitudes e escolhas dos pais”.

²³⁴ A escola é valorizada especialmente nas camadas populares. Quando se referem às crianças, é nesse meio que os pais “admitem maior importância à escola. Os professores e a escola são fortemente valorizados.” Essa valorização “repousa, a princípio, sobre uma demanda de integração social, de socialização da criança nas normas de uma sociedade maior do que a família.” (Dubet & Martucceeli:1996: 100).

²³⁵ Sposito (2005) aborda essa questão, mostrando a existência de uma avaliação positiva feita pelos alunos do ensino médio em relação aos seus professores. Essa avaliação foi extraída dos resultados de um questionário aplicado no ENEM de 2003. Como mostra a autora, em matéria publicada pelo jornal Folha de

maneira geral, a ocupação do tempo de forma útil, diminuindo a possibilidade de o indivíduo ficar na rua, ou em casa, sem nada para fazer, ou mesmo se envolvendo com “*coisas ruins*”. Não há referência específica aos saberes da cultura letrada (Sposito: 2005) transmitidos pela escola, ou aos métodos de ensino e seu conteúdo. Uma das razões pode estar relacionada à falta de sentido que esses conteúdos apresentam ou apresentaram na vida desses jovens, havendo referência maior aos aspectos afetivos, às amizades e à importância da escola relacionada ao trabalho. Outro fator, relacionado àquele, deve estar referido à baixa qualidade de ensino, à falta de infra-estrutura e preparo dos professores que acabam por desmotivar os alunos. Estes buscam concluir o ensino médio ainda que possam não ver sentido no que estão aprendendo, uma vez que os conteúdos apareçam desconectados de sua vida. Ao mesmo tempo, o aprender pela valorização do saber em si acaba ficando em segundo plano ou mesmo inexistindo, em virtude das precariedades de condições que encontram nas escolas estaduais, aliadas, muitas vezes, à desmotivação dos próprios professores nesse processo de ensino-aprendizagem.

Dadas essas condições, é compreensível o peso que colocam nas relações afetivas e mesmo na instrumentalização da escola. Assim, se a escola é importante em si mesma pelo aprendizado que proporciona aos alunos, é muitas vezes avaliada de forma instrumental, sendo levado em conta o preparo para o mercado de trabalho. Todavia, ter acesso à escola não significa encontrar ensino de qualidade. Os jovens das camadas populares são castigados em relação à qualidade da escola pública. Frigotto (2004) ressalta o fato de que a escola oferecida e perpetuada ao longo de nossa história é uma escola pensada de acordo com a classe social. Segundo suas observações, a classe dominante vem naturalizando a

São Paulo, em 19 de julho de 2004, que divulgou esses resultados, os alunos do ensino médio estão satisfeitos com seus professores. Somente 8,87% consideraram insuficiente o conhecimento do professor sobre sua matéria. Acredita-se que os altos índices positivos de apreciação dos professores sejam guiados por sentimentos de afeto. Para a autora, ainda que o ingrediente afetivo possa estar presente, ele não deve ser descartado *a priori* como negativo. Por outro lado, essa afetividade parece não estar relacionada necessariamente à incapacidade de crítica a outros aspectos da atividade docente. Seria necessário, continua, considerar também o conceito de competência e os parâmetros que os alunos utilizam para dizer o que é um bom ou um mau professor, bem como o nível de expectativa dos alunos, dado que a maior parte deles só agora ingressa no ensino médio. As pesquisas de natureza qualitativa, conclui a autora, mostram que existe um conjunto de motivações nessas avaliações, que acabam tornando mais complexa a imagem que os alunos elaboram de seus professores, “para além de uma adesão ingênua dos parâmetros exclusivos da afetividade.”

idéia de que tanto as crianças quanto os jovens da classe trabalhadora precisam de uma escolaridade profissionalizante e, portanto, mais rápida, no sentido de treinamento²³⁶.

A questão do treinamento profissionalizante acaba sendo avaliada positivamente pelos depoentes quando se referem ao programa, visto, especialmente, como um momento de “aprendizagem” ou, como diz Diogo, “*como uma escola*”. Trata-se, portanto, da valorização do aprendizado no e para o trabalho, no espaço da empresa, bem como da relação estabelecida entre aprendizagem e trabalho: aprender para trabalhar, mas não apenas para isso. Os entrevistados também levantaram aspectos relacionados ao comportamento, apreendidos na empresa quando participaram do programa, que, como já foi mencionado, foram considerados importantes para os adolescentes.

No tocante à escola - ao ensino fundamental e médio -, ela é vista como um direito de todos. Como diz Ana: “*escola é para todos*”. Entretanto, a profissionalização ou o aprender a trabalhar é uma oportunidade oferecida para alguns. Nem todos “*tiveram a sorte de conseguir*”, lembra Victor.

Essa “sorte” levou-os ao afastamento da marginalidade, como reflete o depoente, e também à construção de trajetórias profissionais que tiveram início na empresa, marcando a história desses indivíduos, que hoje constroem novos planos, por meio da escola e do trabalho.

²³⁶ O autor lembra que, no período da ditadura, houve uma lei que defendia explicitamente uma escola voltada para a preparação para o trabalho para as crianças e os jovens das classes trabalhadoras. O contexto dos anos de 1990, apoiados na ideologia neoliberal, impôs uma nova dualidade, a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, qual seja, a estruturação de um sistema regular de ensino, de um lado e, de outro, a educação profissional e tecnológica.

CAPITULO 5. A CONSTITUIÇÃO DE SI E A SIGNIFICAÇÃO DO MUNDO: PERCEPÇÕES E APONTAMENTOS DEFININDO REFERENCIAIS IDENTITÁRIOS SEGUNDO O GÊNERO

Este capítulo tem como proposta apreender as percepções dos sujeitos pesquisados²³⁷ no que se refere à sua constituição social como trabalhadores e como indivíduos. No primeiro caso, trata-se da compreensão dos significados das experiências de trabalho, em especial, nas empresas de Correios - por ocasião da participação no programa voltado para os adolescentes de baixa renda -, assim como da vivência do desemprego, na caracterização de si mesmos e do que os cerca. Em outros termos, trata-se de pensar no peso que essas experiências apresentaram para os indivíduos, enquanto referenciais significativos para a elaboração de uma auto-imagem e para a percepção do que os rodeia, destacando-se as esferas em que participam, entre elas a família.

No segundo caso - a constituição social como indivíduos - busca-se compreender, a partir das falas, como os sujeitos da pesquisa se percebem e se caracterizam, também levando em conta a apreensão de como são vistos e caracterizados por aqueles que lhes são significativos, como os entes de sua família. A idéia é, assim, pensar como elaboram seus referenciais identitários a partir das experiências vividas - pessoal e profissional.

Nessa discussão, torna-se fundamental a compreensão de como vêm e pensam a adolescência, a juventude e a idade adulta, tendo em vista que a caracterização de si, a partir da vivência em um programa voltado para adolescentes de baixa renda, ainda que não esteja limitada a essa participação, vai estar a ela relacionada, seja em concordância ou em oposição.

²³⁷ Aqui entram os depoimentos dos jovens que participaram do Programa Adolescente Assistido - Rodrigo (18 anos, solteiro, auxiliar de escritório, ensino médio), Luiza (18 anos, solteira, um filho, vendedora, ensino médio), Carolina (18 anos, solteira, analista de crédito, ensino médio), Patrícia (18 anos, solteira, desempregada, ensino médio) e Denise (19, solteira, atendente comercial nos Correios, ensino médio) -, e dos funcionários que também já vivenciaram a experiência da inserção regular e monitorada nos Correios, por ocasião da participação em programas voltados para adolescentes das camadas populares. São eles: Victor (27 anos, solteiro, ensino médio); Valdinei (25 anos, casado, ensino médio); Anderson (22 anos, casado, ensino médio), Amir (27 anos, solteiro, ensino médio) e Ana (21 anos, solteira, grávida na época da entrevista, ensino médio) e dos pais - Dora (39, mãe de Rodrigo, auxiliar de produção, ensino médio incompleto), Maria das Graças (45, mãe de Luiza, dona de casa, ensino fundamental) e Maria José (mãe de Carolina, empregada doméstica, ensino fundamental incompleto) -, a respeito da percepção que têm sobre seus filhos.

Necessário destacar que deste capítulo constam os depoimentos tanto dos jovens - garotas e rapazes - que participaram do Programa Adolescente Assistido, e de seus pais, quanto dos funcionários que, em outras épocas, viveram a experiência de trabalho regular e monitorado por ocasião da participação em programas similares.

5.1 Considerações sobre a categoria juventude: revendo conceitos

Este item tem por finalidade trazer questões importantes relacionadas à categoria juventude, buscando compreender de que maneira os assuntos apresentados por autores, estudiosos do tema, e as discussões empreendidas a respeito do termo juventude e da vivência juvenil, no momento contemporâneo, podem ser pensados para a realidade desta pesquisa. Trata-se de trazer para a discussão alguns temas, como a noção de *fases da vida*, e, com ela, a associação entre vida adulta, maturidade e independência; as imagens atribuídas à juventude e à vida adulta, a idéia de experimentação relacionada à categoria juvenil; o conceito de transição e sua vinculação ao jovem; e a questão da individualização das experiências.

A recuperação dessas questões permite o diálogo com os “achados” do campo, no tocante à percepção de como os jovens abrangidos vivenciam e apreendem o momento juvenil, tendo em vista a relação que estabelecem com as outras “etapas” da vida - adolescência e vida adulta - e a maneira como se referem à “condição de jovem”, entendida e manifesta como “estado de espírito”.

O termo juventude, e a forma como esse período particular da vida é destacado, refere-se a uma construção social e cultural que varia historicamente, o que significa dizer também que a juventude nem sempre foi uma categoria social delimitada, com importância particular para a análise. Ao mesmo tempo, a construção do termo juventude depende dos conceitos atribuídos à infância e à idade adulta.

A juventude é delimitada como *fase da vida*, segundo uma perspectiva diacrônica. Nesse sentido, o processo de crescimento é construído em uma perspectiva linear, a partir da passagem do indivíduo por etapas ordenadas da vida, do nascimento ao envelhecimento e à morte. Esse desenvolvimento humano está apoiado sobre os conceitos de *independência* e *maturidade*. Assim, segundo a concepção tradicional, crescer e tornar-se adulto é

conquistar a independência e atingir a maturidade - física e emocional - de uma vez por todas.

Todavia, esse modelo tende a desconsiderar a diversidade e a complexidade das biografias individuais, limitando desenvolvimento e amadurecimento às fases anteriores à vida “adulta”. Ao mesmo tempo, entende o indivíduo adulto como um ser acabado, no sentido da aquisição de independência, desenvolvimento pessoal e maturidade.

Essa forma linear de entender as *fases da vida*, como categorias fechadas, juntamente com sua caracterização, está longe de representar a realidade vivida e percebida pelos indivíduos, ao excluir, por exemplo, como demonstram os pais dos jovens entrevistados, as formas de dependência do adulto, ao falarem da importância do trabalho dos filhos para a sobrevivência do grupo. Nesse sentido, os conceitos de independência, maturidade, autonomia e desenvolvimento pessoal precisam ser relativizados, a partir da percepção dos indivíduos a seu próprio respeito, independentemente da idade que têm. Ao mesmo tempo, não se trata de pensar a juventude apenas como preparação para a vida adulta, mas de buscar apreender quais os sentidos que ela²³⁸ e as outras “fases da vida” adquirem para os entrevistados. Assim, no que se refere à juventude, a idéia foi buscar entendê-la como parte de um processo mais amplo de constituição dos indivíduos, que apresenta suas especificidades e assume importância em si mesma.

A juventude geralmente é descrita e pensada como um período de experimentação, de risco - protótipo da vida moderna -, destacando-se a exclusão do trabalho e a questão da moratória à vida adulta. Isso é feito, como ressalta Singly (2000), nem sempre havendo pesquisa com relação ao significado ou à explicação dessas questões.

Tratada de forma homogênea, a juventude é tomada como vítima de certa perda do sentido da vida porque, nos processos de socialização, não lhes são transmitidos valores que sejam capazes de apontar-lhes o seu lugar e seu papel no meio social, por instituições como a família e a escola.

No entanto, para não incorrer no equívoco de homogeneização e não tomar esses indivíduos apenas como vítimas, mas também como construtores de novos caminhos

²³⁸ Abramo (2005) desenvolve a idéia de que, em decorrência de diversos fatores, hoje, a juventude passa a fazer sentido em si mesma, ressaltando os processos que marcam sua singularidade. Destacam-se como fatores que contribuíram para essa nova visão: a percepção da existência de uma multiplicidade de esferas de socialização, não mais restrita à família e à escola, e a importância das dimensões do lazer e da cultura, na constituição das identidades, sociabilidades e da formação de valores.

(Abramo: 1997), é preciso atermo-nos às novas diferenças entre os sexos da mesma idade (Pais: 1991; Singly: 2000). Jovens trabalhadores de sexo diferente têm comportamento diferenciados em relação à sua vivência, como foi verificado nesta pesquisa. Há diferenças de valores, prioridades, urgências, preocupações, relacionadas também com o lugar que ocupam, segundo representações e papéis a desempenhar na casa, na família e na sociedade.

Assim, faz-se necessário apreender a diversidade sem deixar escapar a eventual especificidade da juventude, questionando a necessidade e a validade de caracterizá-la como um período de transição, de uma passagem à idade adulta²³⁹, possuindo alguns traços comuns, próprios a uma certa faixa etária²⁴⁰, uma vez que tanto o aspecto da transição quanto a definição dos limites de idade se mostram cada vez mais complexas no que se refere à sua determinação. Nesse sentido, hoje, também a significação do termo "adulto" precisa ser revista.

Singly (2000:10) recupera um depoimento de Jean François Deniau, da academia francesa, a respeito dessa consideração que, segundo ele, retrata bem o significado desse *status*, contemporaneamente. Para o entrevistado, ser adulto quer dizer, por um lado, estar consciente de suas responsabilidades e, por outro, ter deixado de crescer. Interessante notar, que o depoente mostra a relação contraditória em que vivem os indivíduos que se consideram adultos, ao falar que espera não ser adulto, se realmente isto significar deixar de crescer, uma vez que pretende deixar aceso o seu lado criança. O mundo da infância é o mundo das possibilidades e também da esperança. O adulto, declarado como um indivíduo que deixou de crescer, é "um ser terminado que não tem mais nada a descobrir no mundo e sobretudo dele mesmo", representando, portanto, o fim do trabalho e investimento sobre si próprio.

Além dessa consideração, que pode também ser pensada para a realidade de nosso país, "adulto" é um termo carregado de vários sentidos, alguns positivos e outros negativos.

²³⁹ Como lembra Singly (2000: 55-56), "por que falar de fase, quer dizer, de um período no tempo não determinado, mas demarcado, tendo um termo, um fim, sabendo que as etapas fronteiriças da passagem à vida adulta que constitui o estabelecimento profissional e a fundação de uma família são cada vez mais retardadas?" (55-56).

²⁴⁰ A classificação dos indivíduos pela idade, é uma questão bastante complexa. Como argumenta Singly (2000: 9) "se 'adultos' de trinta e três anos de idade são adolescentes porque ainda moram na casa de seus pais, o sistema clássico de representações das idades da vida merece exame."

Ser adulto pode também significar a permanência no exercício de um trabalho monótono e a aceitação da não realização pessoal em virtude de outras urgências, como a manutenção de um grupo doméstico²⁴¹.

As referências às idéias de monotonia, seriedade e aborrecimento ligadas à condição dos adultos estiveram sempre presentes nas falas das jovens desta pesquisa: “*adulto é uma palavra chata*”, diz Denise. Ao lado desse termo, existe também uma dificuldade de definição desse *status*: “*adulto é muita coisa*”, escreve Luíza. Esse foi o único espaço não preenchido²⁴² por Patrícia, que encontrou dificuldades em explicar o que essa palavra significava para ela. Ainda que possam ter filhos, caso de Luíza, ou que trabalhem, com registro em carteira, auxiliando o grupo doméstico, como fazem Carolina, Luíza e Denise, elas não se consideram adultas, mas se percebem como indivíduos que estão vivendo a interface entre a adolescência e a juventude²⁴³. Uma das razões está no fato de desenvolverem uma visão negativa do indivíduo adulto, que não aparece entre os rapazes. Ao mesmo tempo, e por oposição, relacionam a juventude a um valor positivo, que deve ser preservado, e a adolescência à fase “*da descoberta*” qualificada como “*extraordinária*”.

Pensando nessas considerações, dependendo do momento em que está em sua vida, o indivíduo pode considerar-se adulto, jovem ou adolescente ou imaginar-se fazendo parte de mais de um desses *status*, ao mesmo tempo. Isso é possível tendo em vista que nós podemos ter várias vidas e percepções nas diferentes esferas das quais participamos, incluindo também, mudar de orientação a todo momento, considerando-nos adolescentes, jovens e/ou adultos.

Perceber-se jovem, adolescente ou adulto não significa encontrar-se encerrado nos modelos tradicionais de transição de uma “fase” para outra. Mudanças nas diversas esferas da vida (família, escola e trabalho) têm dado lugar a novas formas de pensar as “fases da vida”, de viver as transições²⁴⁴, que se mostram diversificadas, não seguindo mais padrões

²⁴¹ Na pesquisa de mestrado, essa questão foi verificada nos depoimentos de alguns jovens, a respeito da comparação entre o trabalho deles e o trabalho dos adultos. Essa concepção esteve relacionada à situação profissional e familiar dos jovens entrevistados (cf. Oliveira, 2001).

²⁴² Após a realização da entrevista gravada, foi pedido aos entrevistados que preenchessem o espaço destinado a cada uma das palavras propostas, dentre as quais, aparece o termo “adulto.” A lista dessas palavras pode ser encontrada em anexo.

²⁴³ Esta questão será retomada no próximo item.

²⁴⁴ No que se refere à transição para a vida adulta, Guerreiro & Abrantes (2005), em sua pesquisa sobre as formas das novas gerações se tornarem adultas, mostram que fatores diversos, tais como inserções

predefinidos, apresentando-se, ao mesmo tempo, reversíveis e fragmentadas (Pais: 2001). Desse modo, as maneiras de perceber a adolescência, a juventude, e a idade adulta também mudam. A percepção dessas mudanças e, especialmente, dos elementos que as compõem é resgatada nos depoimentos dos entrevistados, justificando suas práticas sociais e a elaboração de suas identidades.

Como salienta Abramo (2005), a própria idéia de “moratória” da condição juvenil, como um período de espera e de suspensão para a melhor realização de projetos ligados ao trabalho e às atividades vinculadas ao universo adulto, tem sido modificada. Segundo a autora, trata-se, agora, de uma noção que estaria ligada à possibilidade diversificada de experimentação e vivência singulares, em todas as esferas - trabalho, estudo, sexualidade -, de maneira diferente daquela do adulto. Isso implica a inclusão da diversão, do exercício do trabalho, mas com menos encargos e compromissos do que possuem as pessoas que têm filhos e se casam; da disponibilidade para a experimentação, com vínculos menos definitivos - namoro, com mais liberdade e também alegria, graças ao maior vigor.

Esses aspectos aparecem nesta pesquisa, especialmente entre as mulheres.

Com relação aos termos juventude e/ou adolescência, há possibilidade de que, estrategicamente, sejam utilizados, por exemplo, no sentido de uma unificação, de uma identidade coletiva homogênea, especialmente em certas ocasiões de reivindicação, onde o recurso a um "nós" se impõe.

Quando os adolescentes do Programa dos Correios reivindicavam um tratamento melhor, ao relatar que se aborreciam quando eram chamados de *menores* ou desqualificados em seu serviço, eles falavam como um 'nós', um coletivo; falavam em nome de uma categoria, aquela à qual pertencem os jovens de famílias pobres assistidos pela empresa. Ainda que cientes das diferenças singulares em termos da experiência de cada um, das trajetórias, das expectativas e projetos, nesse momento, apareciam como um coletivo, estrategicamente pensado para manifestar um interesse comum e sua pertença e identificação àquele universo dos adolescentes dentro da empresa.

Para Galland, apud Singly (2000), a juventude define-se cada vez mais como uma fase de experimentação. Para os entrevistados desta pesquisa, essa fase de experimentação

profissionais instáveis e tardias e percursos escolares mais longos, são, dentre outros, responsáveis pela redefinição, nas gerações mais jovens, dos modos de atingir essa condição.

caracteriza o período da adolescência e não da juventude, esta considerada, de forma fluida e difusa, mais como um "estado de espírito" que perpassa todas as idades, do que uma condição social.

É assim que Luiza, uma das depoentes, a entende: a juventude não está delimitada a determinada faixa etária, mas corresponde a um “*estado de espírito*”. Assim, a percepção do que é ser jovem não passa pela apreensão de um momento determinado, não se reduz a uma passagem ou a uma fase de transição entre a adolescência e a idade adulta, mas parece referir-se a uma postura diante da vida, relacionada à alegria, à espontaneidade e ao saber aproveitá-la. Ao mesmo tempo, diferente do adolescente que, segundo Denise, está em uma “*fase de descoberta*”, e, nos termos de Luiza, “*em transição*”, o jovem já tem uma “*certa idade*”, pensa mais nas conseqüências, passa a ajudar mais a família com o que recebe, sendo mais responsável. Assim, a juventude condensa os elementos positivos “do jovem” - dinâmico e mais feliz - e do adulto - responsável.

Alguns outros entrevistados - tanto entre os jovens quanto entre seus pais - têm a mesma percepção quanto à juventude.

Isso remete à questão da individualização das experiências e da "condição de jovem", presentes nesta pesquisa. As experiências pessoais, particulares, é que têm definido, para cada um, sua condição de jovem ou jovem adulto, de adolescente ou de adulto. A auto-definição de cada um está na dependência das experiências pessoais, das trajetórias vividas individualmente. Nesse sentido, a categoria juventude dissolve-se, sendo fluida e remetida a um "estado de espírito" vivido por indivíduos de diferentes faixas etárias.

A “dissolução” da categoria juventude é trabalhada por Singly (2000), para quem a fase da experimentação não é comum a todos os jovens, não sendo capaz de definir "a" juventude. Como conseqüência, o autor trabalha com a idéia da dissolução da categoria "juventude", em decorrência da diferenciação dessa vivência, bem como da extensão desse período de experimentação, abrindo espaço apenas para pensarmos o "jovem", sujeito de suas experiências.

Segundo essa ótica, estamos cada vez menos autorizados a falar de uma "condição juvenil", uma vez que nos deparamos com situações vividas individualmente e reportadas às circunstâncias particulares de um percurso pessoal. Ao mesmo tempo, a fragmentação

das trajetórias escolares, sociais e profissionais freqüentemente deixa os jovens isolados em face das instituições sociais, como percebe esse autor, apoiado em considerações de Bajoit e Franssem nesse sentido.

Essa certa dissolução da juventude sublinha o processo de individualização dos percursos e dos caminhos de vida. Mas, ao lado da questão de gênero, de classe e de idade, permite-nos discernir e identificar 'uma' ou 'as' juventudes (Singly: 2000).

A individualização também resulta de uma socialização múltipla²⁴⁵ e contraditória, que caracteriza nossa época (idem). Nesse sentido, é possível falar em certo polimorfismo identitário, um jogo sempre possível de filiações e desafiliações, a partir das vontades individuais e das possibilidades postas a cada um para seu auto-aperfeiçoamento.

Uma espécie de erosão, que pode em parte ser imputada à individualização, reforça esse processo de singularização das experiências, não havendo mais um centro único capaz de servir de fio condutor às biografias de um número mais amplo de jovens, garantindo-lhes coesão do sentido do que é vivido. Os jovens são obrigados a inventar, criar e recompor novas formas de vida e maneira de estar no mundo, freqüentemente com dificuldade. (Singly:2000).

Ao falar dos jovens, o autor chama a atenção para o fato de que as sociabilidades desenvolvidas entre eles têm sua base na comunicação, não partindo de um "ter" comum, mas sendo criada e reinventada. Com a singularização das experiências, tornou-se difícil ter relações sociais, visto que elas devem ser criadas pela comunicação verbal. Nesse novo contexto, não há definição das sociabilidades a partir de um conjunto de normas institucionais, de um processo bem marcado de socialização. Ao contrário, salienta o autor, as sociabilidades estão tomando a forma de uma "multiplicidade nebulosa de diferenças, de um contexto relacional frouxo, mais do que de solidariedade e de forte unidade" (Singly: 2000: 56-57).

Às sociabilidades da tradição e da conformação institucional - família, vizinhança, relações de trabalho - opor-se-iam as sociabilidades eletivas, construídas pela vontade, nas interações sociais.

²⁴⁵A questão da socialização múltipla e contraditória discutida pelo autor vai girar em torno da "explosão" irreversível da sociedade contemporânea em subsistemas, relacionada às transformações em várias ordens e esferas sociais, como o trabalho e a vida familiar, bem como às possibilidades de ofertas dadas pelo contexto urbano em termos de papéis e afiliações.

No que concerne a esta pesquisa, não negligenciando a multiplicidade de espaços possíveis de construção de sociabilidades na realidade em que vivemos, o foco deste trabalho foi a apreensão de como os sujeitos significam e vivenciam sua pertença nos espaços institucionais - especialmente a família, a escola e o trabalho - elegendo e negociando nesses espaços e/ou em oposição a eles, aspectos importantes para sua definição de si e do mundo que os cerca, cada vez mais individualizado. Nesse contexto de individualização crescente, os jovens seriam cada vez mais pegos nas formas contraditórias e múltiplas de socialização.

O fato de que as participações nos mundos sociais, tendo interesses, valores e racionalidades diferentes, possam ser contraditórias, faz reforçar a tendência à individualização e à singularização das atitudes e das experiências, podendo resultar, por vezes, em conflitos, especialmente interiores, e oscilações entre esses mundos, mas, ao mesmo tempo, em um enriquecimento da vida social.

Essas considerações a respeito da multiplicação de socializações e do entrecruzamento dos mundos sociais, coadunam-se com a apreensão de quais mundos da vida dos jovens (trabalho, escola, família, lazer, conjuntos musicais, etc) merecem seu investimento e de que forma o fazem, quais suas práticas e como dão sentido a esses diversos mundos da vida na estruturação de sua identidade e na forma como significam o mundo que os cerca.

Processos de experimentação, juntamente com a heterogeneidade de experiências, influem sobre o ritmo da vida, introduzindo os tempos vividos pelos indivíduos e aniquilando a perspectiva de linearidade. Nessa conjuntura, o mesmo autor assinala a relação não dicotômica, para os jovens, entre trabalho e lazer favorecendo uma variabilidade geral: as biografias deixando perceber cada vez mais as pausas, as discontinuidades, traduzindo investimentos múltiplos. Todavia, quando pensamos nos jovens de famílias pobres, essa questão precisa ser reavaliada. Para esses indivíduos, a necessidade do trabalho e os novos compromissos assumidos, como o auxílio à família, o casamento, a maternidade e paternidade reacendem a dicotomia trabalho-lazer, o trabalho aparecendo como necessidade, urgência, e o lazer, como um tempo escasso. Esta pesquisa revelou o fato de que as pausas e as discontinuidades são mais percebidas no início da adolescência, no momento em que o jovem não se assume de fato como trabalhador, em

que ainda está experimentando, por meio de atividades quase sempre não regulares ou, ainda, quando o indivíduo, no caso, a jovem, se percebe e se coloca como adolescente, relativizando obrigações e minimizando o seu peso.

5.2 Adolescentes ou jovens adultos? A questão de gênero na elaboração das identidades

Este item tem como proposta trazer para a reflexão os depoimentos dos entrevistados com relação à percepção de si, a partir das experiências de trabalho nos Correios. No caso dos jovens e funcionários, trata-se de pensar como essa participação e, especialmente, a saída da empresa, esteve vinculada à entrada, ou não, no universo adulto. Partindo de entrevistas feitas com os funcionários da empresa, que iniciaram sua trajetória profissional como “adolescentes assistidos” e, ao mesmo tempo, recuperando os depoimentos dos indivíduos que fizeram parte do último programa voltado para esses jovens, buscou-se apreender os elementos encontrados nas falas que permitem perceber a imagem que estavam construindo de si mesmos, bem como dos outros, correspondente às concepções que tinham sobre aspectos importantes de sua compreensão sobre adolescência, juventude e idade adulta.

Interessante notar que as considerações feitas pelos indivíduos passam por um recorte de gênero²⁴⁶. Assim, os diversos modos de pensar-se e ao mundo, a partir de experiências como a do primeiro emprego - considerando o aspecto da regularidade do trabalho - denotam práticas e representações distintas, por parte dos rapazes e das garotas.

Apreender os significados de si e do mundo para esses jovens - problemática desta investigação - passa pela necessidade de compreender como eles trabalham a noção de adolescência, assim como percebem e dão significado às idéias de juventude e de vida adulta.

Assim como o termo “adulto”, os termos “adolescência” e “juventude” não são noções dadas *a priori*, mas construções elaboradas socialmente e re-significadas individualmente.

²⁴⁶ Ver nota 152.

Quando tratamos do termo e das significações da adolescência em nossa sociedade, percebemos que é geralmente considerada fase difícil, tanto pelos adultos que não sabem como se comportar com seres às vezes afetuosos, às vezes violentos, "sempre desconcertantes" (Serrar: 1990: 61), quanto pelos adolescentes que se sentem "mal situados socialmente, imobilizados entre a infância que não são mais e a condição de adultos que ainda não são".

O período da adolescência, de modo geral, é visto de forma negativa pelos indivíduos que já saíram dessa fase, relacionado à irresponsabilidade, ao uso de drogas e à violência. A importância dada a essa época, a esse período da vida que se constrói pela mistificação da imagem do jovem adolescente, é acompanhada de desconfiança ou, ao menos, de uma incompreensão em relação ao que lhe diz respeito. (Ammar et alii: 1990)

Esse período, também é atravessado pela questão da identidade, por uma construção que geralmente é pensada como sendo tumultuosa e intensa, trabalhada por questões conscientes e inconscientes (idem).

Ao tratar da questão da identidade parto da noção de articulação entre similitude e diferença, entre o si e o outro, pressupondo a noção de processo não linear, e menos ainda fechado ou reprodutível, mas acima de tudo criativo (Ammar et alii: 1990). Essa articulação entre similitude e diferença só é possível com a presença do outro. Assim, o termo "identidade", "idem", "o mesmo" só pode fazer sentido se relacionado ao "outro".

Nas descrições sobre si, os indivíduos fazem referência a vários fatores considerados importantes para estabelecerem uma integridade e coerência sobre si mesmo, segundo um processo de identificação e diferenciação, de desenvolvimento de identidades, em um contexto marcado por profundas mudanças durante sua vida, nas várias esferas em que se movimentam.

Isso é bastante dramático entre os jovens oriundos de famílias de baixa renda, que vivenciam um período marcado por certa indeterminação no que se refere à fronteira entre adolescência e juventude e, principalmente, entre juventude e vida adulta, em função de nova postura assumida diante do trabalho, da família, e de si mesmo: no nível concreto, em especial pela inclusão do grupo familiar - auxílio ao grupo doméstico; e no simbólico, pela idéia elaborada sobre si mesmo, fazendo referência ao item responsabilidade para definir sua inclusão no universo adulto.

Nessas construções, a adolescência depois revista²⁴⁷ é pensada negativamente, carregada de termos pejorativos, como irresponsabilidade e despreocupação com a família: "*eu não me preocupava em ajudar minha família*", disse Rodrigo. Nas entrevistas de grupo focal, época em que eram "adolescentes assistidos", os jovens salientaram aspectos positivos, dessa fase: aproveitar a vida, viver bem esse período, construindo um futuro promissor, a partir da elaboração de projetos como o ingresso na universidade, a diversão, a aquisição da experiência de trabalho nos Correios e os amigos conseguidos. Nas entrevistas individuais, tempos depois, os jovens buscaram distanciar-se da identificação de adolescentes, salientando nova postura em relação ao trabalho, ao grupo doméstico, às perspectivas futuras e ao momento presente, atreladas à entrada ao universo adulto: "*Hoje sou mais responsável*", avalia Rodrigo. "*No começo do trabalho nos Correios eu gastava mais comigo. Agora eu procuro ajudar mais*", revelou Carolina.

Segundo as falas dos jovens e de seus pais, tornar-se adulto é tornar-se responsável diante de si e de seu grupo, especialmente na relação estabelecida com o trabalho, o que significa comprometer-se com o grupo familiar, não apenas por meio da renda, mas, principalmente, pela apresentação de uma postura diante da vida, percebida pela formulação de projetos futuros.

Diferente do que acontece com as moças, na definição de si, os rapazes assumem postura que os aproxima do adulto, em virtude das responsabilidades que passam a ter, seja pela experiência do casamento, pela emancipação da família de origem ou mesmo pela relação que estabelecem com o trabalho. No caso das moças, as circunstâncias da chegada do filho não são vinculadas à percepção de si como adultas. É ressignificado o que poderia ser um constrangimento para o exercício de sua liberdade e experimentação, na medida em que reivindicam para si o *status* de jovens e mesmo de adolescentes. O peso de outros elementos, como a disposição para a diversão e a dependência material e afetiva da família, aliado às representações negativas desenvolvidas sobre o adulto, fazem com que a chegada do filho não signifique para elas mudança de *status*, mas a valorização, ainda maior, de outras características que as colocam no universo juvenil.

²⁴⁷ A adolescência revista diz respeito aos depoimentos dos jovens nas entrevistas individualizadas, em um momento em que não falavam mais como adolescentes assistidos, ou mesmo, para grande parte deles, como adolescentes. Este item apenas enuncia o que será tratado mais adiante. A idéia é ir adensando as discussões com o decorrer dos itens seguintes, onde entrarão novos depoimentos e novas questões apresentadas também pelos pais dos jovens e pelos funcionários participantes de programas anteriores da empresa.

Uma das jovens, Luiza, mãe de um garoto de três anos, diz considerar-se ainda criança, por ser muito brincalhona. Como foi mencionado no item anterior deste capítulo, a idéia de adulto está ligada a um estilo de vida que se caracteriza pela seriedade, em oposição à espontaneidade e à alegria e, por isso, é “chato”, como diz a jovem, mostrando como percebe um outro aspecto relacionado aos indivíduos desse universo: *ser adulto é muito chato. A pessoa fica com aquela cara amarrada, não quer fazer nada, perde a alegria.*

Muito falante, a jovem quer se afastar da imagem projetada do indivíduo adulto, relacionada ao tédio²⁴⁸. Ela não se vê e também não é vista como uma pessoa adulta. Sua gravidez não lhe trouxe esse *status*, como a princípio poderia ser pensado²⁴⁹. Sua mãe, Maria das Graças, que também a considera infantil, comenta que a filha tem ciúmes de toda a atenção dada ao garotinho. “*É como um irmão pra ela. Ela tem ciúmes, quer que eu dê a mesma atenção pra ela, porque eu é que fico o dia todo cuidando dele pra ela trabalhar*”, revelou.

²⁴⁸ Em pesquisas feitas com jovens noruegueses, na faixa etária dos 18 aos 25 anos, Nilsen (1998) também percebe essa relação existente com a idade adulta, associada à rotina, ao tédio e ao estático.

²⁴⁹ Na pesquisa de mestrado, a questão da gravidez foi apontada pelas jovens como um aspecto importante na relação estabelecida com o trabalho, bem como na caracterização da juventude. Apesar de se reconhecerem como jovens, salientavam distinções ao se compararem com os amigos solteiros ou com aqueles que não precisavam auxiliar em casa. De qualquer forma, a juventude, para elas, não significava despreocupar-se com a vida e aproveitá-la, divertindo-se. Havia preocupações em relação à necessidade de trabalhar, pelo e para o filho, e de voltar a estudar. Na pesquisa de doutorado, a questão nova surgida em relação à maternidade é o fato de ela não estar, obrigatoriamente, relacionada à conquista do *status* de adulto. Isso foi revelado tanto pelas jovens que moram com os pais, quanto por sua família. Um dos fatores essenciais relacionados a essa percepção, expresso nas falas, é a falta de “maturidade” das garotas. Todavia, é importante ressaltar a distância que existe entre as jovens nessas duas pesquisas. Trata-se da situação profissional. Na pesquisa de mestrado, as moças mencionadas acima estavam desempregadas, parte delas, morando com os pais, necessitando contar com o auxílio da família para sua sobrevivência e de seu filho. Diferente dessas garotas, as jovens citadas nesta pesquisa - grávidas ou com filho - estavam empregadas no momento da entrevista, utilizando parte do dinheiro recebido para a compra de objetos pessoais e, também, para se divertir. O momento da diversão, item bastante valorizado, atrelou-se à sua auto percepção de jovens e de adolescentes.

Aqui também se coloca a questão da responsabilidade da jovem no cuidado de seu filho, dividida com a mãe. Ela não se percebe como adulta, não porque precisa contar com o apoio da mãe enquanto trabalha fora, mas pelo fato de a relação entre elas deixar clara a idéia de que a função principal dos cuidados da criança cabe mais à avó, uma vez que a relação da jovem com seu filho demonstra ser mais fraternal do que maternal. Ele é “*como um irmão pra ela*”. A questão, portanto, não se reduz aos aspectos materiais e afetivos relativos aos cuidados e à dedicação à criança, mas diz respeito à relação estabelecida entre a jovem e sua mãe, ao que é definido como o papel de cada uma, segundo a percepção e os significados das posturas que assumem diante do trabalho, do grupo familiar e, enfim, da vida. Essas posturas engendram maneiras de ser, de se ver e de serem vistas, importantes no processo de identificação, de constituição de si.

Pode-se supor que a auto-definição de jovem adulta e a confirmação dessa percepção pelos “outros” próximos - significantes - não seja algo que ocorra imediatamente após a chegada de um filho (um dos marcos de transição), mas represente um processo longo de construção da identidade em que pesam outros elementos, especialmente a postura diante da vida.

Assim como Luiza, outra jovem, Denise²⁵⁰, coloca-se em oposição ao *status* de adulta, considerando-se uma pessoa jovem, assim como a seus amigos. Para ambas as depoentes, a juventude está ligada à idéia de alegria, porque o jovem não tem tantas responsabilidades quanto o adulto, podendo despreocupar-se com “certas coisas”, como a manutenção de uma casa e o pagamento das contas, consideradas responsabilidades sérias e também “chatas”. Ser jovem, então, é poder aproveitar a vida ao máximo, divertindo-se com os amigos e sendo “*feliz*.”

Nos depoimentos, é feita clara distinção entre adolescência e idade adulta, sendo a primeira relacionada a atributos ligados à falta. “*Adolescente é aquele que é meio sem juízo*”, diz Patrícia, percepção corroborada por Victor, para quem o adolescente é aquela pessoa que “às vezes não tem juízo”. Interessante notar que, nas duas falas, o termo que denota a ausência de “juízo” aparece relativizado, deixando clara a existência, nas percepções desses indivíduos, de um espaço para a aquisição da responsabilidade. A

²⁵⁰ Denise - 18 anos, solteira, morava com os pais, na ocasião da entrevista. Situação também vivida pelos demais jovens que participaram do Programa Adolescente Assistido.

continuação das entrevistas deixa entrever que essa aquisição pode ser conseguida mediante o ingresso do adolescente no espaço do trabalho. Nesse universo, não se trata apenas do fato de terem de obedecer às regras e à disciplina de horários, mas também à postura que deverão adquirir diante da vida, ao aprendizado do uso “adequado” do dinheiro que receberem, o que significa, também, o auxílio à família, bem como o afastamento do tempo ocioso que pode levar ao consumo de drogas.

Ao lado dessas considerações a respeito do ingresso no mundo do trabalho e, principalmente, da postura em relação a essa esfera e à vida, outra questão é colocada, referente à necessidade de certa segurança e previsibilidade na condução da vida. Luiza, por exemplo, comenta que, nos últimos tempos, tem começado a pensar em casamento, em uma relação estável com seu novo namorado. Ela surpreende-se com esse novo desejo, pois, até então, não havia pensado nesse assunto. Como observa Nilsen (1998), por um lado, os jovens²⁵¹ desejam uma vida não acomodada, que tenha mobilidade, dinamismo, longe da monotonia. Por outro, supõem que acabarão por ter de buscar segurança, por meio de um emprego fixo, regular, e/ou de um casamento. A autora considera que, mesmo a vida adulta parecendo aborrecida e previsível, certa dose de previsibilidade é importante quando os jovens têm responsabilidades a cumprir, como a criação dos filhos. No caso de Luiza, talvez haja essa preocupação permeando o recente desejo de casamento e de constituição de uma família.

A jovem também pretende sair de casa futuramente, mas a situação financeira ainda não lhe permite. Segundo sua mãe, ela ainda não leva “*as coisas muito a sério*”; apesar de ser ótima filha, ainda precisa “amadurecer”.

O “amadurecimento” e a construção de projetos futuros, fruto de quem “sabe o que quer”, são desenvolvidos pelos jovens adultos, na maior parte das vezes, no ambiente familiar, na casa dos pais²⁵². Morar com os pais não significa obrigatoriamente ser percebido como adolescente; todavia, o indivíduo considerado adulto, responsável, que coabita com os pais, vivencia uma autonomia relativa, estando sujeito às regras da família, à divisão de tarefas dentro de casa, à realização de expectativas em relação ao seu “papel” e à negociação constante.

²⁵¹ A autora está pensando em indivíduos na faixa etária dos 18 aos 25 anos.

²⁵² Pochmann (1998: 22) destaca que o fenômeno da co-habitação é cada vez mais freqüente “não apenas nas famílias populares, assim como medida de escapismo social vivenciada por parcela da juventude”.

Ao mesmo tempo, como observa Maunaye (2000), morar com os pais permite ao jovem concentrar-se em si mesmo, não tendo que se preocupar com as contingências materiais. Segundo o que o campo revelou, isso é, em parte, verdadeiro. A princípio, os pais encarregam-se da obrigação da manutenção da casa, no que diz respeito à sobrevivência de todo o grupo. Todavia, especialmente nos casos de desemprego do(a) provedor(a), a renda dos filhos possibilita o enfrentamento dos momentos de crise. Nas famílias das camadas populares, mesmo quando os pais estão trabalhando, os jovens auxiliam com parte do que recebem, destacando-se a entrega para a família do vale refeição e da cesta básica.

Alguns trabalhos que analisam a juventude têm mostrado que as etapas demarcadoras, no passado, da entrada do indivíduo na vida adulta - a saída da casa dos pais, a entrada na vida profissional e o casamento – não estão valendo para os dias de hoje²⁵³. O que tem sido destacado é o fato de jovens de mais de trinta anos continuarem vivendo na casa dos pais, assim como a ocorrência, cada vez mais freqüente, do fenômeno da coabitação (o/a jovem casado/a morando com a família de origem).

Esses fatos não fazem com que os indivíduos deixem de se perceber e/ou de serem considerados adultos. A pesquisa de campo evidenciou esse aspecto, na construção das imagens que tanto os jovens quanto seus pais elaboram sobre a adolescência, a juventude e a vida adulta.

Apoio-me em Maunaye (2000), que, em oposição à idéia de etapas, destaca a questão da experimentação, caracterizando as situações vividas pelos indivíduos. Segundo essa autora, a definição de si, a auto percepção do indivíduo como adolescente ou adulto, passa pelas experiências sociais vividas, ao longo de um processo interativo.

Segundo as falas dos jovens e de seus pais, tornar-se adulto é passar a ser responsável diante de si e de seu grupo, especialmente na relação estabelecida com o trabalho, o que significa comprometer-se com o grupo familiar, não apenas por meio da renda, mas, principalmente, pela apresentação de uma postura diante da vida, percebida pela formulação de projetos futuros. Trata-se também de “saber o que se quer da vida” e empenhar-se em alcançar o que se almeja. “*Adolescente faz o que dá na cabeça*, avalia Dora, mãe de Rodrigo e de outra jovem adolescente – Carla (16 anos, ainda não trabalha).

²⁵³ A esse respeito ver Pais (2001).

Minha filha, diz Dora, é pré-adolescente. Ela ficou grávida agora²⁵⁴. Ela ta começando a aprender de uma maneira muito difícil²⁵⁵. Ela é muito explosiva, não pensa no que fala. Adolescente é assim. Já meu filho eu considero adulto. Ele pensa mais no futuro. São tantas coisas que você vê que ele não é mais adolescente, é adulto mesmo. Ele tem a cabeça feita. Sabe o que quer.”

Essas concepções da adolescência e da vida adulta são partilhadas por outros entrevistados, como Maria José, mãe de Carolina: *“minha filha tem dezoito anos, mas ela ainda ta muito adolescente. Ela tem muito aquela coisa de menina, de pensar muito em música. Não ta muito amadurecida. Mas quando é pra pensar sério, ela é responsável. Se ela tem uma dívida, ela ta sempre preocupada em ta lá, então no caso tem os dois lados: um de menina e outro que já ta com a cabeça mais adulta.”*

Esses depoimentos ilustram os elementos apontados na consideração das fases da vida dos indivíduos – adolescência e idade adulta -, revelando-nos a possibilidade dessas fases serem vividas pelo indivíduo ao mesmo tempo. Isso nos leva a crer que o processo de aquisição de independência e autonomia e, conseqüentemente, de individualização, não seja algo linear e progressivo, relacionado apenas ao tempo cronológico do “amadurecimento” do indivíduo, mas esteja condicionado a outros determinantes subjetivos, bem como a aspectos conjunturais. Nesse sentido, o indivíduo pode ser considerado e considerar-se adulto, adolescente ou ambos, em determinados momentos de sua vida, devido a diferentes fatores.

A “passagem” de uma fase de vida à outra também obedece a condicionantes relacionados à trajetória de vida dos indivíduos, bem como a aspectos dessa trajetória considerados significativos por eles.

²⁵⁴ A questão da gravidez na adolescência é analisada por Khel (2004:106), para quem as adolescentes que ficam grávida estão amarradas na contradição que caracteriza nossa época, qual seja, a existência de um “descompasso entre uma vida sexual ‘adulta’ que acompanha as condições de maturação biológica e o lugar social de dependência em relação à família que lhes confere uma condição infantil.”

²⁵⁵ A notícia da gravidez, foi recebida com grande preocupação pelos pais, e, no princípio, com bastante tristeza. Vilar & Gaspar (1999), ao estudarem a gravidez na adolescência, em Portugal, também mostram a existência de desaprovação e do sentimento de tristeza entre os pais com a notícia da gravidez da filha, especialmente nas camadas populares. A explicação para isso parece residir menos na gravidez em si do que na situação que dela decorre: a situação em que a adolescente irá ficar após o bebê nascer, tanto no referente à sobrevivência econômica, quanto em relação à sua reputação. Nas palavras de Dora, depoente desta pesquisa, trata-se de “começar de uma forma difícil.”

Não conquistar a independência econômica dos pais e a autonomia em relação à sua vida, para os jovens e também para seus pais, não significa permanecer na adolescência. Segundo as percepções dos entrevistados, ser adulto é, principalmente, ser *responsável*, ainda que o indivíduo esteja vivendo sob o mesmo teto da família de origem e dependendo dela econômica e/ou emocionalmente.

No que se refere à percepção dessas fases da vida, a adolescência e a idade adulta encontram-se em oposição. Elas expressam, respectivamente, aspectos negativos e positivos, no que se refere à postura diante da vida, ao menor ou maior comprometimento do indivíduo consigo, com o grupo familiar, com o tempo presente e com o tempo futuro. Nessa caminhada, não necessariamente linear, em direção ao “amadurecimento”, os “mais jovens” experimentam, erram, aprendem *de uma maneira muito difícil*, com a gravidez, por exemplo, até deixarem de ser “explosivos”, de “falar sem pensar”, para *pensar sério* na vida, sendo “responsáveis” para *pensar mais no futuro*.

Assim como no caso da filha de Dora, a gravidez não planejada sinaliza a imaturidade²⁵⁶, tanto do ponto de vista dos pais, quanto dos próprios jovens que moram com eles. Essa imaturidade está relacionada à falta de planejamento, de previsibilidade e de cuidados em relação a si mesma e à vida, de um modo geral. Essas “faltas” aliam-se à reprodução de um estereótipo relacionado à adolescência, considerada sempre uma fase difícil, vivida por indivíduos “irresponsáveis” que, no geral, têm um comportamento “explosivo”. Engravidar nesse período significa seguir os impulsos sem medir as conseqüências, arriscar-se sem perceber os “perigos”, como fazem as crianças, que vivenciam a primeira das várias “etapas” da vida.

Na caracterização dessas “etapas” da vida, como avalia Valdinei, a adolescência é pensada como fase de experimentação e de “*bagunça*”, enquanto que a idade adulta está referida à responsabilidade, a “*saber tomar as atitudes*”. Nesse sentido, no que se refere à

²⁵⁶ Guerreiro & Abrantes (2005) mostram, em pesquisa realizada com jovens portugueses, que, para grande parte dos entrevistados, a gravidez precoce contraria os projetos de vida, que estariam ligados ao bem-estar material, à responsabilidade individual e à realização pessoal. Em condições ideais, a gravidez deve vir posteriormente à independência financeira, à obtenção de casa própria, à segurança profissional e à estabilidade relacional. Assim, a gravidez precoce acaba sendo vista como uma irresponsabilidade. Essa também é a posição dos pais de Carla, irmã de Rodrigo – depoente desta pesquisa – que engravidou aos dezesseis anos. Com essa situação, ela contrariou as expectativas existentes no interior da família com relação ao cumprimento de um modelo ideal relacionado às fases da vida. Apesar do descontentamento em relação à ocorrência da gravidez na adolescência por parte da família, essa situação, assim como acontece em nosso país, parece estar mais associada às camadas sociais menos favorecidas (Guerreiro & Abrantes : 2005).

vida adulta, existe ainda uma idealização do modelo tradicional que a relaciona à maturidade.

É como um ser “*formado*” que Amir pensa o indivíduo adulto. Essa percepção é construída em oposição à figura do adolescente, considerado pelo aspecto do “*aprendizado*” e, portanto, do processo de formação em direção à idade adulta.

De qualquer maneira, as idealizações são relativizadas pelos indivíduos quando falam de suas experiências pessoais. Apesar de se considerar um jovem adulto, Valdinei caracteriza-se da seguinte forma: “*Sou uma pessoa que ainda está se preparando para o futuro, com sonhos e planejamentos. Sonhos esses que se os planejamentos derem certo, serão, com certeza, realizados. Sou uma pessoa centrada, sabendo das limitações, sem deixar de ser alegre, bem humorada, embora os problemas do dia-a-dia.*”

Nessa caracterização, as palavras “preparação” e “planejamento” indicam um movimento que se opõe à idéia do ser acabado, já “desenvolvido” e “pronto” para enfrentar as adversidades, os “*problemas do dia-a-dia*”. O que move esse indivíduo são os sonhos, mas, diferente do adolescente que é levado pela “*bagunça*”, os sonhos desse rapaz são perseguidos com planejamento e preparação, sem que haja o esquecimento “*das limitações*”. Valdinei sente que se está “*preparando para o futuro*”, destacando o que define a condição dos indivíduos hoje, qual seja, a constante preparação, independentemente da idade que tenham. Como adulto que se percebe, casado, também preocupado com a sorte de sua família, o entrevistado revela ser uma pessoa “*centrada*”, que busca preparar-se, apostando na sua capacidade de planejamento para realizar o que deseja para si e para seu grupo familiar. Ao mesmo tempo, a “alegria” e o “bom humor” reforçam a idéia dos sentimentos ligados à juventude. Como outros entrevistados, Valdinei mescla elementos considerados do *status* de adultos com outros relacionados à juventude, caracterizando-se como jovem adulto.

Na constituição de si mesmo, aspectos que caracterizam a juventude, aliados àqueles relacionados à vida adulta, também apareceram em outros depoimentos, como neste de Anderson: “*eu sou um jovem em crescimento, para conseguir vencer todos os desafios da vida, com responsabilidade, mas sem deixar de aproveitá-la.*” A idéia é procurar manter o “espírito jovem”, aproveitando a vida, mas viver com “responsabilidade”, o que significa “*vencer todos os desafios*”. Trata-se da conjugação dos

elementos positivos encontrados na juventude e na vida adulta. Na constituição de si mesmo, o entrevistado ressignifica o universo adulto por meio da introdução de elementos que caracterizam a juventude - segundo a percepção dos indivíduos pesquisados.

Os depoentes fazem clara distinção entre a adolescência e a idade adulta, reforçando a idéia de que jovens e adolescentes não podem ser considerados como homólogos. Indivíduos de baixa renda, na faixa etária dos dezoito aos vinte e dois anos, em média, têm se identificado como “jovens adultos”.

Especialmente para os rapazes, não apenas o fato de começarem a trabalhar cedo para auxiliarem em casa, especialmente os rapazes, contribui para essa auto-percepção, mas, sobretudo, a *postura* diante do trabalho, do destino da renda, incluindo, ainda mais que na adolescência, a preocupação com o grupo familiar. Essa “nova postura” diante do trabalho e da vida, não exclui a vivência dos conflitos pessoais nem aqueles relacionados ao grupo doméstico. O que aparece reforçado nessa nova condição, da passagem da adolescência para a “fase” do jovem adulto, é a *responsabilidade* adquirida²⁵⁷: “*hoje acho que me vejo mais como adulto né, porque acho que a minha fase já passou, então hoje eu tenho mais responsabilidade do que eu tinha antes. Antigamente saía daqui e ficava na frente da escola. Agora não. Eu saio daqui para o trabalho e do trabalho pra casa*”, diz Valdinei. O fato de perceber a existência de “*mais responsabilidade*” é demonstrada pela postura em relação à vida. Se, antes, Valdinei saía do trabalho e ficava em frente à escola, agora sua rotina é outra: do trabalho para casa. O trajeto feito expressa também a eliminação de um importante espaço de sociabilidade, que é o encontro com os amigos na escola. Ao mesmo tempo, revela que, em sua percepção, essa fase “já passou”. Mais do que isso, quando diz “*a minha fase já passou*” é como se estivesse agora condenado a não mais ter um espaço para a diversão e para o descompromisso. Muda a relação com o trabalho, com o local e o momento de não trabalho, bem como com a imagem que faz de si mesmo e que desenvolve a respeito da própria vida. Perceber-se adulto é sentir o “peso” de “*mais responsabilidade*”, atingindo uma nova fase, que é expressa pelo aparecimento de nova rotina, sem muito espaço para o lazer, ao menos nos dias de semana, como tinha na época

²⁵⁷ Guimarães (2005: 168) também trata dessa questão, mostrando que, para a maioria dos jovens entrevistados na pesquisa nacional Perfil da juventude Brasileira, a passagem da juventude para a vida adulta não tem como marco principal a idade biológica - apenas 7% consideram que essa fase é atingida com a maioridade -, mas resulta da capacidade de assumir responsabilidades -32% das opiniões- e, notadamente, “da capacidade de construir família, ter filhos (31%) e trabalhar (12%)”.

em que era “adolescente assistido”. O menor espaço para a diversão e o descompromisso depois de um dia de trabalho não é apenas resultado de mais horas trabalhadas, mas também da percepção de si como indivíduo adulto e, com ela, das representações que essa percepção encerra.

Outro aspecto ressaltado pelos jovens em relação ao indivíduo adulto é a questão da “experiência”. Tanto Anderson quanto Victor definem o indivíduo adulto por esse aspecto, o que remete à questão da dominação do mundo adulto sobre o jovem, ou seja, da relação entre as idades e da existência de hierarquização que estabelece aqueles que dominam. Uma das legitimidades dessa dominação está na maior experiência dos adultos²⁵⁸, expressa nos discursos dos empregadores, que acaba sendo reproduzido nos depoimentos dos entrevistados. Esse discurso, portanto, é internalizado pelos indivíduos, aparecendo como uma espécie de elemento de justificativa das desigualdades de oportunidades existentes, bem como das dificuldades que os jovens encontram para conseguir uma inserção, especialmente regular, no mercado de trabalho.

Por outro lado, vivemos num momento em que ser jovem é condição privilegiada. A juventude é valorizada, associada a valores e a estilos de vida, não propriamente relacionados a um grupo etário específico. No Brasil, um dos fatores que contribuem para a valorização da condição juvenil é o aumento da expectativa de vida, fator que vem transformando o jovem “de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente”. (Peralva: 1997:23)

Nesse sentido, o domínio adulto sobre os jovens, como revelado acima, pode ser questionado. Os meios de comunicação que propagam a valorização juvenil, assim como o crescimento do consumo de massa contribuem para essa juvenização (idem). Mesmo no universo do trabalho, a valorização do “espírito jovem” e, até, dos próprios indivíduos considerados jovens podem ser encontradas. Justificativas como agilidade, capacidade de adaptação às mudanças e iniciativa podem ser elaboradas por empregadores no sentido da manifestação da preferência pela contratação de jovens a adultos. Outra condição que aparece é a de que o candidato não tenha tido experiência anterior na área solicitada,

²⁵⁸ A autoridade e a melhor qualificação técnica são outras formas de legitimidade da dominação dos adultos sobre os jovens, destacadas por Sposito (2003), op. cit.

evitando-se, com isso, a presença de “vícios” de trabalho²⁵⁹. A idéia é “formar” o (a) trabalhador (a) da maneira que o empregador considera mais apropriada.

Assim, é possível apreender que o domínio adulto sobre os jovens nem sempre se mantém intocado, ou melhor, sem transformações. Contemporaneamente, também na esfera do trabalho, cultiva-se a idéia de juventude como um valor, revelando que, isoladamente, o quesito experiência ou a autoridade não configura, necessariamente, o domínio do adulto sobre o jovem.

De qualquer modo, ainda que os depoentes relacionem a responsabilidade e a experiência de trabalho, que já adquiriram, a elementos ligados à idade adulta, o espaço para a juventude continua aberto. Entretanto, é como se ela não fosse uma fase a ser vivida e ultrapassada, como a adolescência demonstra ser; aparece como um *estado* a ser cultivado, independente da idade. Trata-se, agora, de aproveitar a vida com *responsabilidade*, palavra que define a idade adulta, no imaginário dos entrevistados. O processo gradual de assumir responsabilidades perante si mesmo e perante a família é que caracteriza a “transição” da adolescência para a idade adulta. No caso pesquisado, a experiência de trabalho nos Correios, especialmente pelo fato de ter sido regular, significou um marco dessa passagem. A saída do programa coincide, para os rapazes, com a entrada na maioridade, uma vez que completam dezoito anos. Para as moças, essa transição é menos evidente. Existe, do lado delas, a auto-percepção que mescla a condição de adolescentes e de jovens.

Nesse sentido, a questão da *moratória da juventude*, discutida por pesquisadores, deve ser reavaliada, especialmente quando são focalizados jovens das camadas populares.

Para entender a questão da moratória, é necessário recuperar a maneira como a juventude apareceu, enquanto preocupação teórica. Abramo (2005:41) discute essa questão. Como diz a autora, a juventude tem seu “nascimento” na sociedade moderna ocidental - com maior desenvolvimento no século XX-, como um tempo necessário para a preparação e realização das relações sociais, trazidas pela revolução industrial. Essa preparação deveria

²⁵⁹ Essa questão apareceu tanto nesta investigação, quanto na pesquisa de mestrado. Interessante notar que, em ambas, as situações mencionadas disseram respeito a ocupações de cargos em empresas que exigiam, principalmente, qualificação em estudo. Os jovens citaram situações que ouviram dizer ou que ocorreram com amigos (as) após a contratação, em que o contratador mencionava a preferência por pessoas sem experiência anterior, que pudessem aprender no trabalho. Todavia, dos jovens pesquisados nesta investigação, apenas Rodrigo mencionou ter vivido situação semelhante em seu emprego atual.

ser feita em instituição especializada - a escola -, o que implicaria a suspensão do mundo produtivo. Assim, a ausência das obrigações do trabalho e a dedicação aos estudos numa instituição escolar tornaram-se “os elementos centrais de tal condição juvenil.” Nesse sentido, a noção moderna de juventude acabou sendo associada a um período de “moratória”, de ambigüidade, de tensão e de transição, que tem a ver com o adiamento dos “deveres e direitos da produção, reprodução e participação, um tempo socialmente legitimado para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania.” Todavia, essa “moratória” estava restrita aos filhos das classes altas e médias - primeiramente os rapazes, e, paulatinamente, também as moças -, que podiam manter seus filhos nessa situação, referindo-se, portanto, a uma condição de classe.

No caso estudado, tratando-se de filhos de famílias de baixa renda, a questão da moratória não se coloca. Mesmo entre as entrevistadas, não se trata da suspensão das obrigações de “inserção produtiva”, com conseqüente dedicação exclusiva à escola, mas de uma relativização do conteúdo e significado das responsabilidades e compromissos assumidos perante seu grupo familiar, expressos pela maneira como se percebem e como são vistas na família.

As imagens do lugar da jovem na família, que definem a construção das identidades, são aliadas à percepção negativa que as garotas desenvolvem sobre a condição de adulto, fazendo com que elas se considerem pertencentes tanto ao universo da juventude quanto ao da adolescência.

Ana, 21 anos, funcionária dos Correios, ex adolescente do programa, considera-se “*um pouco de tudo*”, quando o assunto é ser adolescente, jovem ou adulta. Mas ressalta: “*nunca pretendo deixar de ser adolescente*”. Ana estava grávida na época da entrevista, e, ao que parece, essa situação fez com que ela buscasse reforçar “sua porção” adolescente, numa tentativa de, por um lado, amenizar as prováveis responsabilidades que terá de assumir com a chegada do filho e, por outro, relativizar sua condição de indivíduo adulto, deixando clara a idéia de que a maternidade não implicará uma mudança em seu *status* social, ao menos, na maneira de perceber-se.

Contrariamente ao que acontece em relação ao termo “adolescência”, visto de forma negativa pelos rapazes, atrelado aos atributos da falta, em especial, de responsabilidade, na visão dessa depoente, é a palavra “adulto” que aparece marcada pela negação, entendida

como uma condição que se encontra incompleta nela mesma, havendo a necessidade de conjugá-la com outras “fases” da vida: “*ser adulto, diz, é nunca ser somente adulto.*” Assim, segundo essa percepção, ser adulto é, principalmente, ser também adolescente e jovem. A entrevistada reivindica a possibilidade de viver aspectos diferentes das três “etapas da vida” - adolescência, juventude e idade adulta – sem ter de estar *a priori* “aprisionada” em nenhuma delas. Isso revela a fluidez desses conceitos na percepção dos indivíduos e a diversidade de possibilidades de sua manipulação, quer pela junção das fases, dos aspectos positivos de cada uma delas, quer pela referência a um “período” específico, ao buscar uma definição de si.

Dos depoimentos colhidos, é possível ressaltar que a percepção das fases da vida, bem como a transição para o universo adulto, passa pela questão de gênero. Isso significa dizer que existem sentidos e práticas diversas, não apenas referidas às apreensões das experiências singulares dos indivíduos, por eles mesmos, mas também à maneira como homens e mulheres se posicionam diante das situações vividas. Essas questões também estão relacionadas às representações e às expectativas sobre os papéis de cada um, tanto na família quanto na vida social, dela fazendo parte o trabalho, entre outras esferas. A experiência de trabalho pode, assim, significar a aquisição de responsabilidade e, com ela, a percepção de si como indivíduo adulto, ou, como demonstraram alguns dos depoimentos, o não estabelecimento necessário dessa relação.

No caso dos rapazes, a experiência nos Correios apareceu como um ritual de passagem ao universo adulto, evidenciando, por outro lado, como o trabalho é uma categoria central na vida deles. Ser adulto ou jovem adulto é estar apto a trabalhar e, conseqüentemente a assumir responsabilidades consigo e com seu grupo familiar; é poder fazer planos para o futuro; é trabalhar com carteira assinada, que sinaliza maior estabilidade, mas também revela que o indivíduo está potencialmente apto, em virtude das experiências de trabalho anteriores.

Como os rituais de iniciação nas sociedades tribais que, por meio de marcas no corpo dos jovens, confirmam sua coragem e força - valores fundamentais para a entrada no mundo adulto (Sarti: 2004) -, para esses jovens, a experiência nos Correios revelou-se como iniciação ao mundo do trabalho, ao universo adulto, mediante a aquisição de responsabilidade, que os jovens e os funcionários afirmaram ter conquistado.

Responsabilidade e trabalho registrado são atrelados ao universo adulto, também em função da experiência dos jovens e adolescentes acerca das dificuldades para conseguirem um trabalho com carteira assinada, sendo comum em suas trajetórias as ocupações informais e precárias. Não que os adultos também não realizem esses trabalhos, mas, entre os jovens, que disseram agora pertencer ao universo adulto, essa experiência aparece como menos legítima e mais cruel, uma vez que dificulta a correlação com a imagem que fazem de si, ainda em construção, dada também pelo aumento das responsabilidades que têm de assumir.

Diferente do que ocorreu entre os rapazes, para as moças, a experiência nos Correios não significou um marco de passagem²⁶⁰ para o universo adulto. Trata-se, portanto, de questão referente à postura que assumem diante do trabalho e à maneira como são vistos pela família; os papéis de cada um dentro de casa, as expectativas em relação a eles (as) e as representações que desenvolvem sobre as fases da vida, distintas entre os gêneros²⁶¹.

A princípio, parecem haver representações que ligam a figura do rapaz ao exercício do trabalho como aprendizado de responsabilidade com vistas à função, futura, de provedor da família que irá formar. Às mulheres são reservadas expectativas do exercício do trabalho, para que, além de auxiliar a família, possam adquirir responsabilidade, mas sem o peso da idéia, ainda que simbólica, de serem provedoras. Nesse sentido, elas parecem viver o espaço da “moratória” para o exercício das expectativas relacionadas ao universo adulto,

²⁶⁰ Apesar da experiência nos Correios poder ter significado para os jovens um ritual de passagem da adolescência para o universo do “jovem adulto”, no que se refere ao período da adolescência, entendido como um “momento de mudanças no estatuto social do sujeito”, cabe ressaltar, como observa Sarti (2004: 124), a ausência, em nossa sociedade, de rituais ou de experiências socialmente compartilhadas, que permitam simbolizar esse período, de forma coletiva, dessa maneira. Assim, continua a autora, o período da adolescência, ou juventude, em nossa sociedade, “não corresponde a nenhum lugar definido”, uma vez que não se configura como um momento que apresente um rito de passagem. Com relação à adolescência, “na ausência de rituais que instituem esse momento como uma preparação para uma nova posição social, legitimando o estado de linearidade e de transição, o jovem vive seu lugar como o da contestação, como um ‘outro’ lado, em contraposição ao mundo adulto. Ele é uma não-mais-criança e um não-adulto e, freqüentemente, considerado um problema para o mundo adulto, o ‘aborrecente’ ”.

²⁶¹ Ao discutirem os processos de transição para a vida adulta, Guerreiro & Abrantes (2005) mostram a ocorrência de transformações profundas nas relações de gênero e nas identidades. Com relação ao primeiro aspecto, os autores revelam existir, durante a adolescência, uma vantagem simbólica temporária das garotas em relação aos rapazes, dada pela melhor integração na esfera familiar e escolar, estando os rapazes mais propensos a cair em dinâmicas de exclusão social. Há uma defasagem tanto material quanto simbólica entre as relações de gênero nas fases da adolescência e a entrada para a vida adulta, segundo avaliam. Essa defasagem dá origem a processos de recomposição relacional e identitária, os quais nem sempre são vividos de maneira pacífica.

podendo, dessa forma, expressar-se como jovens, e até adolescentes, estando na mesma faixa etária dos rapazes que já se consideram adultos. Segundo sua própria percepção - especialmente as que têm ou que esperam a chegada do filho, e a de sua família -, elas vivenciam sua condição juvenil.

Comumente, as moças são vistas como adultas antes dos rapazes. Há a percepção de que elas se tornam maduras mais cedo, enquanto os garotos, na mesma faixa etária, apresentam comportamento mais infantil. Apesar de os jovens homens também apresentarem transformações biológicas na adolescência - mudança de voz e aparecimento de pêlos, dentre outras (Palácios: 1995), nas mulheres, a menstruação, que indica seu potencial gerador (Arihla: 1998), assume um significado claro de saída da infância. Também para elas é que ocorrem, ainda hoje, as festas de quinze anos, simbolizando uma nova fase, o abandono do período infantil e a apresentação da jovem, não mais criança, para a sociedade.

Aliada a esses “acontecimentos”, outra consideração pode ser feita com relação à figura da jovem: trata-se da existência de determinados atributos - disciplina, capricho, docilidade - cercando as representações desenvolvidas sobre as garotas, como o depoimento da Assistente Social demonstrou, ao falar da diferença do comportamento das jovens, no trabalho, em relação ao dos rapazes.

Essas observações podem estar associadas à idéia de que as garotas adquirem maturidade antes dos rapazes. Todavia, os depoimentos desta pesquisa mostraram que a gravidez na adolescência e/ou não planejada rompe com essa noção, estando intimamente relacionada à consideração de que esses casos caracterizam falta de maturidade, irresponsabilidade e, até mesmo, infantilidade das garotas.

Mesmo as jovens que não estavam vivenciando a maternidade, consideraram-se desfrutando o que seria um misto da adolescência e juventude, destacando, nesse aspecto, os momentos reservados para a diversão, que, segundo mencionaram, está atrelada a uma postura “despreocupada” diante da vida, própria dessa “fase”, ou desse misto de fases.

Isso não significa que os rapazes deixem de divertir-se e de buscar cultivar os elementos positivos que, segundo os entrevistados, caracterizam a juventude. Todavia, a postura que assumem diante da vida e de seu grupo familiar leva a que se considerem e sejam considerados adultos.

Diferente do que ocorre entre as mulheres, os rapazes buscam afastar-se da imagem da adolescência, considerada uma fase difícil, relacionada ao “*aprendizado*”, ao “*crescimento*”, mas também à “*bagunça*” e à “*falta de juízo*”, que está especialmente referida à aproximação das drogas. Nesse sentido, para os depoentes, parece que os atributos negativos ligados à adolescência passam também pela questão de gênero e pela menor tolerância em relação aos rapazes. Por um lado, para os entrevistados, são eles os mais suscetíveis à entrada nesse universo; as mulheres são consideradas mais “disciplinadas”, apresentando melhor comportamento que os rapazes da mesma idade. Por outro lado, é necessário que os rapazes busquem afastar-se das imagens negativas ligadas à adolescência, uma vez que se pretendam assumir como adultos, o que significa dizer, responsáveis, diante de si mesmo e do seu grupo familiar. Assim, há menos espaço para a experimentação e o erro do adolescente, e, também, menos espaço para a diversão e para a despreocupação, ainda que em tese.

De qualquer modo, a imagem que fazem de si, especialmente as mulheres, é marcada por certa indeterminação entre as fases da vida, em função do trabalho, do auxílio à família, da chegada do filho, que se mesclam a atitudes consideradas, tanto pelas jovens quanto por seus pais, como sendo adolescentes e juvenis. O acúmulo gradual de responsabilidades e o amadurecimento definem a transição para o universo adulto. Porém, essa transição não é linear, havendo voltas e conjugações de *status* diferentes, segundo o que consideram ser o comportamento de um adolescente, de um jovem ou de um adulto, dependendo do momento e da situação que estão vivendo, podendo, em determinada circunstância, perceberem-se adultas e, em outra, adolescentes. Esse ir e vir, expressão da não linearidade das transições, é discutido por Pais (2001) e retomado por Sposito (2005).

A adolescência, mais do que os outros momentos da vida, é marcada pela idade, especialmente entre os rapazes, que identificam a chegada dos dezoito anos com o término dessa fase. Já entre as mulheres, a faixa etária relacionada à adolescência parece ser estendida; não buscam o afastamento ou a superação rápida desse período da vida. Os atributos positivos dessa fase, não vivida como momento a ser superado rapidamente, são ressaltados pelas entrevistadas, enquanto os rapazes ressaltam seus aspectos negativos e demonstram urgência em superá-la.

5.3 Construções identitárias : elementos apontados pelos jovens na elaboração de sua auto-imagem

A quais referências identitárias os indivíduos fizeram alusão para se descrever? Quais termos utilizaram para se apresentar? Foi feita a pergunta para que os jovens respondessem por escrito: "quem sou eu?" Buscou-se, com isso, apreender aspectos por eles considerados relevantes, para a caracterização de si próprios, que revelariam também quais elementos destacaram na estruturação de sua identidade: profissional, pessoal e familiar, dentre outros possíveis²⁶².

Serrar (1990), em seus questionamentos a respeito da compreensão dos processos de elaboração da auto imagem entre adolescentes mulheres e homens marroquinos, imersos em uma cultura tradicional que, cada vez mais, convive com a entrada de novos valores, arrola um conjunto de quadros de análise de categorias, a partir das respostas encontradas à pergunta "quem sou eu". Esses quadros, por vezes combinados, serviram de base para a percepção de aspectos interessantes que apareceram na experiência desta pesquisa. Apesar de os jovens brasileiros viverem realidades culturais diferentes daquelas encontradas por Serrar em sua investigação, foi possível a apropriação de certos pontos que, enquanto referências, me puderam orientar.

Um dos elementos apontados referiu-se à relação com o futuro, designando as aspirações, a capacidade (ou incapacidade) de realização de projeto e a percepção (positiva ou negativa) dessa dimensão temporal, subjetivamente significada. Essa categoria também apareceu nesta pesquisa, enquanto referencial relevante na caracterização de si. O jovem Rodrigo colocou-se da seguinte forma ao descrever-se: "*eu sou alguém que quer ver um dia tudo resolvido: família, casa, emprego, tudo certo. E ser um vencedor e não ter só a minha felicidade, mas ver a de todos*". Essa caracterização demonstra bem a relação com o tempo futuro, enquanto um momento aberto para ser preenchido de expectativas e desejos relacionados não só a si mesmo, mas também ao seu grupo familiar. O jovem define-se a partir de suas aspirações, evidenciando a importância e a preocupação com sua situação

²⁶² Neste item serão apresentadas as percepções dos jovens – que fizeram parte do Programa Adolescente Assistido -, a respeito da caracterização de si.

profissional - não apenas ter emprego, mas ser um "vencedor", o que hoje significa também manter-se empregado. Ao mesmo tempo, revela a importância da família que também o define, porque seus projetos não são individuais, nem mesmo a possibilidade de felicidade, que inclui seu grupo doméstico. Família e trabalho entram em cena como instâncias relevantes na caracterização de si e, ao mesmo tempo, como "questões" a serem solucionadas no futuro, para que tudo o que importa possa ser "resolvido", abrindo espaço para a conquista da felicidade individual.

Na elaboração da imagem de si, há também referências a traços da personalidade e gostos. A descrição de Carolina pode exemplificar essa referência, revelando também suas expectativas em relação ao futuro: "*eu sou bem calma, acho que me relaciono fácil com as pessoas. Tenho expectativas maravilhosas na minha vida, adoro ouvir música punk rock. Tenho uma banda de garotas (...)*". Quando, para se definir, a jovem diz pertencer a uma banda, está buscando distinguir-se da uniformização da juventude, a partir de sua inclusão em uma banda estilo "punk rock". Carolina não se define por sua idade, mas, principalmente, por seu gosto e por sua atividade musical, que lhe dão prazer. Ela não se define também por ser uma jovem que trabalha, visto que seu trabalho atual não estrutura a identidade, a imagem de si que quis passar. Ainda que seja considerado essencial à sua sobrevivência e à de seu grupo doméstico, o trabalho se instrumentaliza, não definindo uma identidade. A dificuldade do desenvolvimento de uma identidade referida ao trabalho pode também ser verificada entre jovens que vivenciam experiências diversificadas e esparsas, de inclusão e de desemprego.

Mesmo para os jovens empregados, como é o caso de Carolina, a atividade exercida e/ou o seu conteúdo são, muitas vezes, desestimulantes e monótonos, fazendo com que o trabalho não possa ser pensado enquanto categoria importante na caracterização de si.

Outra questão interessante é o fato de que, na caracterização de si, os jovens não mencionaram a idade, comprovando que esse fator tem deixado cada vez mais de ser um aspecto importante na definição de adolescência e juventude e na concepção de si mesmos em referência a essas categorias. Além disso, a dificuldade de perceber-se como adolescente, jovem ou mesmo adulto é revelada nos depoimentos, pela ausência desses termos nas caracterizações arroladas nesta pesquisa.

A descrição ou melhor, a falta de elementos de descrição na caracterização de si, revela outra dificuldade vivida por alguns desses jovens, como nos mostra Daniel, ao escrever: "*eu sou Daniel...*". Trata-se do desemprego. No momento da entrevista, esse jovem vivenciava essa situação, com preocupação e angústia. Ele sempre trabalhou, apesar de referir-se a essas experiências - bicos - como "coisas passageiras", boas para o momento em que vivia. Ele sempre teve seu dinheiro e, agora, começava a ajudar mais sua família com o que recebia. Ficar sem emprego é ficar sem um espaço importante de referência (Rosa: 1994). Daniel considera-se adulto porque já deve responder por seus atos. Como adulto, deve trabalhar em um emprego com carteira assinada, que assegure certas garantias e defina sua posição e imagem social para si e para os outros, não tanto pela função exercida, ou pelo dinheiro recebido, mas mais pela ocupação regular, pela assinatura de um contrato que, no plano simbólico, ainda que não indefinidamente, assegure uma identidade de trabalhador, reconhecida e confirmada legalmente.

Quando o jovem diz "*eu sou Daniel...*" deixa aberto nas reticências um espaço que precisa ser preenchido, na construção de sua auto imagem. Ele não se define pela condição de desempregado, apesar das constantes referências ao sentimento de impotência e angústia que tem vivido. Estar desempregado é uma condição que ele vê como passageira, que não estrutura sua auto imagem ou a imagem que quer passar de si. O espaço deixado aberto pelas reticências pode indicar o momento de espera na construção de si como trabalhador, com emprego regular, como indivíduo que já se considera adulto e que necessita, para a confirmação desse *status*, estar inserido no exercício de trabalhos dessa categoria.

Nessa tentativa de autodefinição, ao mesmo tempo que procura começar a se caracterizar pelo que é, enunciando a frase "*eu sou...*", pelas reticências, o jovem mostra uma dificuldade nesse intento, revelando-nos um espaço que está em aberto para a elaboração de si.

Mas somente com a apreensão de toda a entrevista é que se torna possível perceber como o trabalho (e/ou a falta dele) é uma dimensão importante na vida desse indivíduo, situando-o socialmente. Nesse sentido, as reticências também podem bem representar o momento atual - o desemprego -, o espaço aberto e vago ao preenchimento pela atividade regular remunerada. As reticências e o desemprego também fazem referência à falta que o trabalho produz concreta e simbolicamente na vida desse indivíduo, articulando quem é ao

que faz, em termos de atividade formal. A falta de trabalho implica a falta de elementos que possam caracterizá-lo, daí as reticências, que revelam a dificuldade de definição de uma auto-imagem positiva de si.

Podemos perceber que as reticências são tão importantes na revelação de uma auto-imagem quanto as expressões elaboradas por extenso, que evidenciam valores, expectativas e, também, frustrações.

Não se considerar mais adolescente e sentir-se dependente economicamente dos pais, em virtude da falta de um emprego regular, pode fazer com que o jovem viva uma identidade contraditória, marcada pelo sentimento de certa incoerência interna, dada pela autodefinição de indivíduo adulto e, ao mesmo tempo, pela impossibilidade de revelar-se e firmar-se no mundo exterior como ser pertencente a esse *status* social, assumindo responsabilidades econômicas diante de si e de seu grupo familiar. É bem verdade que o desemprego é uma situação vivida tanto por jovens quanto por adultos e, nessa situação, ambos contam com o apoio familiar, tanto financeiro quanto moral. No entanto, no plano simbólico, é a capacidade de assumir responsabilidades, em especial, revelada pela nova postura em relação ao trabalho, que faz com que o indivíduo se perceba como adulto. Passar novamente a depender financeiramente dos pais, nesse momento de suas vidas, pode não ser tranquilo, como nos mostra Daniel, em seu depoimento. Como adulto que é, ele não se sente mais à vontade, como antes, de precisar depender dos pais: "*É chato ter que ficar pedindo dinheiro para os pais, para tudo que eu quero fazer*", avaliou.

A tentativa de caracterização de si também revela outra faceta com relação à construção identitária, que diz respeito à crise desse e nesse processo. Quando o jovem diz "*eu sou Daniel...*", está se definindo pela iniciação de sua inscrição em uma descendência geracional, que se traduziria pelo seu nome de família²⁶³. Mas ele não a completa, mostrando ser tão vaga que não chega a se dizer por inteiro, pelo sobrenome ou nome de família. Podemos pensar que, nesse momento, quando buscava definir-se, a identificação ao grupo familiar não se fez forte o suficiente a ponto de caracterizá-lo. Trata-se da vivência de um momento de crise, de necessidade de reconstrução identitária, de busca de si mesmo,

²⁶³ Dubar (2000) chama essa forma identitária de "biografia para o outro de tipo comunitário". Trata-se do eu nominal, que designa o pertencimento a um grupo e à sua cultura herdada pela língua, tradição e crenças.

que coincide com a necessidade de afastamento da dependência familiar, de seu sobrenome, e da impossibilidade de concretização dessa busca pelo desemprego.

A exclusão do emprego constitui uma prova identitária temível²⁶⁴. Segundo Dubar (2000), essa é a forma mais terrível de crise identitária, porque ela combina a falta de emprego com uma relação instrumental em relação ao trabalho e, especialmente para os homens, torna delicada a “reconversão” a outros papéis, como aqueles relacionados à família. Mesmo para os mais jovens, essa relação também é colocada, tanto no plano simbólico, pela não realização das expectativas familiares com respeito ao papel do filho, uma vez que o exercício do trabalho remunerado também possibilita o amadurecimento e a aquisição de responsabilidade, quanto no plano material, pela impossibilidade de conquista de certa independência financeira e autonomia em relação aos pais e pela não realização do *status* de adulto, ao qual afirma pertencer.

O desemprego²⁶⁵ constitui um tipo de perda – no plano material e simbólico – capaz de provocar mudanças na subjetividade e na auto-percepção, e de trazer perturbações na relação com os outros. A perda da referência com relação a essa dimensão da vida toca a relação do indivíduo com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Como destaca Dubar (2000: 12), “o eu agredido, às vezes humilhado, sofrido, sente-se órfão de suas identificações passadas, ferido em suas crenças incorporadas, envergonhado pelos sentimentos dos outros em relação a ele mesmo”. Daniel sente-se envergonhado por ter de pedir dinheiro para os pais para poder sair, mesmo quando se trata de ir procurar emprego. A falta de emprego e, com ele, de uma referência importante em sua auto percepção como indivíduo adulto, perturba a imagem que tem de si, ferindo também sua auto-estima. Ocorre

²⁶⁴ Guerreiro & Abrantes (2005) abordam a questão do desemprego, mostrando que essa situação pode levar a construção identitária e de biografias a um processo de descontinuidade e insegurança contínuas, decorrentes das dificuldades de vivenciar os valores de segurança e bem estar familiar dominantes na sociedade.

²⁶⁵ Com relação a essa situação, enfrentada pelos jovens brasileiros, Guimarães (2005) nos traz os seguintes dados: dos jovens que estão desempregados, um terço procura trabalho há mais de um ano. Esse percentual se eleva a quase dois terços quando tomamos o período de procura como igual ou superior a seis meses. Essa situação não está restrita aos países em desenvolvimento, aparecendo também em países europeus. Guerreiro & Abrantes (2005) mostram que o desemprego tem aumentado nos últimos anos em Portugal, especialmente para a população jovem, para quem a entrada no mercado de trabalho passa a ser definida pelo risco e pela instabilidade. Há aumento nas taxas de desemprego e crescimento dos trabalhos temporários e precários, que atingem, especialmente, os mais jovens, concorrendo pra que, segundo os autores que analisam essa população, as situações de instabilidade levem ao adiamento da transição para a vida adulta.

um “fechamento sobre si mesmo”²⁶⁶, pela necessidade de uma reorganização identitária, expressa pelas reticências colocadas pelo jovem em sua autodefinição. Pela falta dessa identidade, no momento, o que lhe resta é a identidade nominal, “identidade primitiva cultural”, nos termos de Dubar. Trata-se da identificação pelo nome, mas um nome que também não se completa, evidenciando, nesse processo de reconstituição, pela necessidade de independência, o distanciamento, no nível simbólico, dos laços familiares.

Nesse momento de “fechamento sobre si mesmo”, o que parece estar ocorrendo, no caso de Daniel, é um processo de “afastamento” do seu conjunto familiar de referência, de seu “nós”, para a reconstrução subjetiva de sua identidade; daí a dificuldade que encontra para se definir. A falta de trabalho e, com ela, de uma referência importante na constituição de si, de indivíduo adulto, é capaz de desorganizar outras referências, no plano simbólico, que poderiam trazer outras esferas de pertencimento do indivíduo. Como mencionam Dubet & Martuccelli (1996), uma parte da identidade dos indivíduos define-se como expressão subjetiva de sua integração social²⁶⁷, dada também pela constante reconstrução da clivagem entre um “nós” que é parte do nosso “eu”, definindo nossa personalidade, e um “outro” que é determinado pela sua diferença. São, portanto, os processos de integração dos quais os indivíduos fazem parte que lhes possibilitam estabelecer o que lhes é comum e o que é diferente entre eles. Essa relação de alteridade, que alia processos de aproximação e distanciamento, é que permite aos indivíduos, pelas relações sociais estabelecidas, constituírem a si mesmos, ordenarem o mundo a sua volta e definirem o lugar de cada um. A falta de uma referência, quando é significativa, como o trabalho, pode desorientar outras referências, a ponto de haver dificuldades na definição de si e de auto-percepção, ou para enumerar outras esferas de pertencimento dadas nos processos de integração – como a escolar e/ou a familiar, por exemplo.

Esse processo de encerramento do indivíduo sobre si mesmo também pode resultar, por outro lado, em seu desenvolvimento enquanto sujeito, capaz de posicionar-se criticamente em relação à situação que está vivendo, uma vez que, como salientam Dubet & Martuccelli (1996), o indivíduo não se define apenas por suas pertencas e por seus

²⁶⁶ Dubar (2000) trabalha com esse conceito, definindo-o como o processo de reflexividade do indivíduo sobre a forma estatutária, ou seja, sobre seus papéis sociais.

²⁶⁷ Essa integração também pode repousar sobre tensões de normas e pertencas, como as que distinguem o universo da escola e da família. (Dubet & Martuccelli: 1996)

interesses, mas também pela distância que estabelece em relação a ele mesmo e às esferas e relações das quais faz parte.

Ainda que distanciada, a família continua sendo referência importante para os jovens na relação que estabelecem com o trabalho e com a definição de si. Assim como no caso de Daniel, as trajetórias profissionais de grande parte dos jovens entrevistados, que passaram pelo Programa *Adolescente Assistido*, estão começando ou recomeçando sob novos parâmetros, não mais como adolescentes - adolescência surge como sinônimo de irresponsabilidade, em especial, com o grupo familiar -, mas como jovens adultos, responsáveis. Eles disseram que, antes, não se importavam tanto com a sobrevivência da família como hoje. Quando saíram do Programa, sentiram o peso da responsabilidade pelo que iriam fazer, que deveria incluir o grupo doméstico. Segundo os depoimentos, esses sentimentos foram adquiridos na experiência de trabalho nos Correios, quando aprendiam "várias coisas" técnicas e comportamentais, em especial, a postura no trabalho, a responsabilidade por sua vida e o auxílio à família.

Família, lazer e trabalho podem representar domínios importantes e legítimos no processo de identificação de si. Não se trata de uma soma dessas esferas, mas de formas particulares de conjugação, dependendo do momento em que o indivíduo se encontra. Assim, em um determinado momento, podem ser ressaltados laços familiares ou de amizades na constituição de si, e, em outro, destacados aspectos ligados à vida profissional, escolar e aos projetos futuros. A maneira como os indivíduos se caracterizam ao mencionarem essas esferas revela como constroem subjetivamente esses "mundos", como se relacionam com eles e como lhes atribuem significados; como, portanto, concebem a si próprios e aos "mundos" com os quais se relacionam²⁶⁸. Ao falarem de si, referem-se às esferas com as quais se relacionam, consideradas significativas, no processo de construção de uma imagem de si, que passa também pela consideração do outro²⁶⁹.

O momento que estão vivendo, a auto-percepção de uma mistura de adolescência e juventude, traz, juntamente com as esferas constitutivas dessa construção de uma imagem

²⁶⁸ Esses "mundos" referem-se às pertencas múltiplas dos indivíduos no momento contemporâneo (Dubar: 2000; Dubet & Matucelli: 1996). Além dessas pertencas, outros componentes impõem-se sobre os comportamentos e opiniões, como a origem cultural, o lugar de habitação e a geração. Multiplicam-se, assim, as variáveis de pertencimento tornando mais complexa a significação de si e do mundo em que os indivíduos vivem.

²⁶⁹ Apóio-me em Dubar (2000: 6) que considera que "não há identidade sem alteridade e então sem relações entre o eu e o outro".

de si, a preocupação com o futuro, expressão também da idéia de crescimento pessoal ligada a essa “fase”.

Para as entrevistadas, viver a fase da adolescência que se mescla com a juventude é também se preocupar com o futuro. Na definição de si mesmas, a referência aos sonhos e ao futuro são recorrentes: *“Eu sou uma pessoa alegre que sonha em fazer uma faculdade para assim poder adquirir meus objetivos e assim crescer profissionalmente e ajudar a minha família”*, revelou Patrícia.

Para definir-se, a jovem, que se diz adolescente, destaca a preocupação com seus projetos de vida, que incluem a esfera profissional e o auxílio à família. O ingresso na universidade aparece como instrumento que tornará possível seu crescimento profissional. Mas essas expectativas em relação à escolaridade, atrelada à esfera profissional e ao auxílio à família, são colocadas como sonhos. A entrevistada percebe-se como uma adolescente alegre que acalenta alguns sonhos. Definir-se é recuperar esses sonhos; lançar mão das esferas escolar, profissional e familiar para “dizer-se”. Para ela, o jovem é aquele que *“começa a pensar no futuro”*. Nesse sentido, pelos elementos que utiliza para definir-se, podemos apreender a intersecção entre a adolescência e a juventude, vivida com “alegria”, com sonhos e com projetos futuros, indeterminados quanto à possibilidade de realização, mas cultivados, o que também revela sua importância e significação na vida da jovem e na constituição de si mesma.

A mesma preocupação é revelada por outra jovem, Luíza, que também se considera *“meio adolescente”*: *“Eu sou Luíza. Eu gosto de música, livros e amigos. Meu filho é a minha vida e pretendo ter um futuro de verdade, e não significa apenas estar vivo.”*

Ela refere-se aos seus gostos pessoais, aos seus amigos, ao amor pelo filho e ao futuro. Mas, ao referir-se ao futuro, destaca que não significa *“apenas estar vivo”*. Não basta, portanto, sua sobrevivência e a de seu filho. É preciso buscar um *“futuro de verdade”*. A continuação da entrevista permite concluir que o que a jovem almejava era um espaço para a realização de si, pela conquista pessoal, via curso universitário, e um emprego que lhe possibilitasse oferecer boas condições de vida para seu filho e pudesse, também, ser uma atividade que lhe desse prazer. No momento da entrevista, Luíza estava trabalhando como vendedora em uma loja de variedades. Ela gostava de seu trabalho, mas pretendia alcançar algo melhor no futuro - ainda incerto -, depois de cursar uma faculdade.

O auxílio financeiro e emocional que recebia da mãe, o cuidado que lhe era dispensado e a seu filho, como já foi mencionado antes, permitia que ela vivenciasse sua juventude, pensada como “meio adolescência”, despreocupando-se dos encargos da alimentação e da manutenção da casa, por exemplo. Ela e seu filho podiam agora “sobreviver” graças ao auxílio da mãe e, ao mesmo tempo, com o apoio da mãe, ela podia elaborar seus planos futuros, buscando não “apenas estar viva”, mas construir “um futuro de verdade”, com inclusão de seus sonhos, de seu filho e de seus amigos, manifestando o desejo de melhorar de vida, não se contentando com um “futuro de sobrevivência”, mas almejando um “*futuro de verdade*”.

Trabalhar é, portanto, um referencial importante para os jovens das famílias de baixa renda, seja pela possibilidade da construção de uma identidade de trabalhador, realizando expectativas de cumprimento de papéis dentro do espaço doméstico, seja por se firmar como esfera de apoio para a construção de projetos futuros que tantas vezes incluem o grupo familiar.

Como nos mostrou Daniel, a falta dessa referência, dependendo do valor que apresenta enquanto significação na vida dos indivíduos, pode resultar em uma desorientação identitária.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo apreender o processo de constituição social do jovem adolescente das camadas populares, enquanto trabalhador e enquanto indivíduo, a partir das relações estabelecidas no local de trabalho e nas esferas das quais participa, em especial, a família e a escola. Partindo do estudo de um programa específico – Adolescente Assistido - desenvolvido pela Empresa de Correios e Telégrafos do Estado de São Paulo, buscou avaliar em que medida a experiência de trabalho regular, monitorada e temporária estaria “penetrando” na vida dos jovens - garotas e rapazes -, fornecendo-lhes elementos para a constituição de si e do que os cerca, tendo em vista os propósitos declarados do programa, qual seja, de “formação” profissional e pessoal dos adolescentes.

Nesse sentido, não se tratava apenas de uma experiência de trabalho regular que, já em princípio, fornece elementos para a elaboração e re-elaboração de um modo de ser trabalhador, dadas pela possibilidade de convivência com um coletivo de trabalhadores, com as regras e práticas próprias do local, com o exercício de uma atividade e o desenvolvimento de relações, enfim, com um dado universo que permite ao indivíduo o desenvolvimento dessa identidade específica.

Importante ressaltar que a identidade de trabalhador também se define, simbólica e praticamente, pela referência à carteira de trabalho, ao que ela representa de benefícios - certa segurança - e ao que ela se refere por escrito, ou seja, ao cargo ou à função que anuncia que o indivíduo possui, que o identifica ao que fazia e/ou àqueles com os quais trabalhava.

Tratava-se de avaliar uma experiência monitorada de trabalho, voltada para adolescentes de baixa renda. Assim, ao menos três aspectos já chamavam a atenção durante a elaboração dos questionamentos presentes na elaboração do projeto de pesquisa: o ator social – adolescente de origem popular –, a possibilidade de inserção regular no setor de serviços e a condição em que o trabalho era oferecido, ou seja, o aspecto do monitoramento e da formação para e no trabalho e, também, além dele.

Esses aspectos configuraram-se como um terreno fértil para a compreensão da vida do adolescente de camadas populares em sua relação com o trabalho, em uma situação de

inserção regular. Essa situação de trabalho também deveria ser destacada, uma vez que, quando pensamos em adolescentes de baixa renda, não apenas em nosso país, o trabalho precário e o desemprego logo lhes são associados, seja pelas pesquisas nacionais e internacionais (Abramo: 2005; Guimarães: 2005; Dubar: 2000, Demazière: 1995) que investigam o tema e o ator social, seja pela mídia falada e escrita (Veja: 2003, 2004) que divulga dados a respeito desses jovens, trazendo um panorama da realidade atual.

Esse panorama também repercute associações entre pobreza e marginalidade. A falta de perspectivas dos jovens adolescentes das camadas populares faz emergir preocupações da sociedade civil com relação ao aumento da violência. Essas associações, por vezes, têm respaldo científico, dado pela dedicada investigação de acadêmicos (Adorno: 2000; Soares: 2004; Fernandes: 2004), que também iluminam os caminhos de políticas públicas de juventude, ao menos, de seu debate. Mas, em outros casos, são resultado de representações que uniformizam as categorias juventude, pobreza e família, simplificando questões que as envolvem e justificando práticas de intervenção baseadas em uma noção de “dever ser” que também impede considerar as possibilidades potenciais dos indivíduos, tanto dos jovens quanto de sua família (Sarti: 1999), de ultrapassarem suas vulnerabilidades, a partir de recursos próprios ou, ao menos, de serem co-participantes nesse processo.

Esse mostrou também ser um novo ingrediente de análise, que mereceu atenção nesta pesquisa, não em sua elaboração, mas em seu desenvolvimento, quando foi possível entrar em contato com a realidade do Programa dos Correios, desde seus pressupostos, que já denunciavam a forma como o jovem e a família estavam sendo pensados, até sua prática, vista pelas falas daqueles que lá estavam inseridos.

Antes, porém, foram levantadas hipóteses sobre a participação dos jovens adolescentes nessa experiência, pensando sempre que o entendimento da vida desses indivíduos na relação com o trabalho, pela situação de inserção, deveria passar pela compreensão de sua vivência nos outros espaços de sociabilidade, em especial, a família e a escola, uma vez que são esferas importantes de sua identidade, prática e valores, não apenas na elaboração de si, como, também, na atribuição de significados àquilo que os cerca. O espaço do trabalho poderia configurar-se como referência significativa dessas construções

identitárias e de visão de mundo, mas, certamente, não estaria sozinho nesse papel, sendo reforçado ou estando em oposição aos outros espaços de participação dos indivíduos.

A hipótese de que os princípios e valores presentes no conteúdo das palestras, desenvolvidas no Programa, fariam sentido para os jovens, sendo reconhecidos como princípios não circunscritos à esfera do trabalho, mas referentes à vida, de um modo geral, foi confirmada pela pesquisa empírica, ainda que, às avessas. Vale lembrar que as palestras foram pouco frequentes e que, no que se refere ao tema trabalho, estiveram relacionadas à questão da empregabilidade, melhor dizendo, a uma forma específica de entender a empregabilidade, ou seja, pela referência a aspectos comportamentais dos jovens relacionados a maneiras apropriadas de comportamento em uma entrevista de emprego e no ambiente de trabalho. Essas questões foram consideradas importantes pelos jovens, tendo sido mencionadas como elementos aprendidos dentro do Programa: como se referir ao chefe e aos colegas, como falar ao telefone, tendo também sido ressaltadas a necessidade da desenvoltura e a paciência com os humores das pessoas no trabalho. Esses pontos foram relacionados como elementos importantes não apenas para o trabalho, mas para a vida, de um modo geral, uma vez que estiveram relacionados a aspectos do comportamento e das relações interpessoais que podem ser estabelecidos em outros espaços.

Necessário explicar o porquê de ter considerado que a confirmação dessa hipótese tenha sido feita às avessas. A elaboração inicial da hipótese foi resultado de informações obtidas junto aos jovens que colaboraram na pesquisa de mestrado e conheciam o Programa, bem como de um de seus coordenadores. Segundo essas informações, os adolescentes participavam de palestras versando sobre ética no trabalho. A idéia era a de que o conteúdo dessas palestras seria compatível com a esfera familiar, sendo por ela reforçado. Ao mesmo tempo, a família estaria legitimando a atuação da empresa em virtude dela “auxiliar” o jovem com a sua contratação, bem como por estar lhe fornecendo formação pessoal e profissional. Essa questão foi confirmada empiricamente, tanto pelo depoimento dos jovens, quanto de seus pais. Todavia, dada a pouca frequência das palestras e, no que se refere ao tema trabalho, a restrição ao assunto da empregabilidade e a não discussão da questão da ética no trabalho, é possível considerar que a hipótese tenha se confirmado às avessas, no que se refere aos valores relacionados ao trabalho, disseminados

nessas atividades, que ultrapassaram essa esfera, sendo reconhecidos como aspectos importantes para os jovens.

Nesse ponto, outra descoberta da pesquisa pode ser ressaltada, dizendo respeito à importância dada pela família à formação do jovem adolescente no espaço do trabalho. Nos depoimentos dos pais, foram recorrentes os comentários a respeito da aprovação de atividades na empresa voltadas para questões não circunscritas ao trabalho, especialmente com referência à questão das drogas. Ainda que mencionassem não saber exatamente o que era dito e como eram as palestras, de fato, eles destacaram a importância dessa discussão ser feita com os jovens, revelando, em primeiro lugar, a relevância do tema e a preocupação existente entre os pais, quanto à possibilidade de envolvimento dos filhos nesse universo; e, em segundo lugar, mostrando que, para os pais e também para os jovens entrevistados, esse assunto deve ser tratado em outros espaços, além da família.

O problema das drogas é um tema que preocupa pais e filhos e não podemos afirmar que esteja circunscrito a essas camadas sociais, ainda que aí encontremos as maiores vítimas de envolvimento com o tráfico. O fato é que a preocupação com as drogas existe, tanto quanto como a associação dos jovens ao universo da marginalidade. No entanto, nas concepções do Programa, o envolvimento parece ser dado como condição *a priori*, estando ligada às representações que associam pobreza e marginalidade. As informações transmitidas aos adolescentes têm por base o pressuposto da maior probabilidade de seu envolvimento, decorrentes da pobreza e da não informação dada pelos pais.

Essa idéia foi corroborada por alguns dos jovens entrevistados que também fizeram a associação, tendo como referência histórias vividas por amigos que se envolveram com más companhias. Todavia, a questão dividiu opiniões. Ainda que os jovens tenham mencionado a existência de drogas nas escolas, por exemplo, nem todos se posicionaram no sentido de atrelar esse fato à pobreza, mas, antes, consideraram as escolhas pessoais dos indivíduos.

Voltando à hipótese mencionada, outra consideração deve ser feita: a empresa penetrou na vida dos jovens para além do trabalho e, nesse sentido, foi valorizada positivamente por eles, que se identificariam com um determinado modo de ser trabalhador. Essa segunda parte da hipótese não se confirmou tal qual foi elaborada. De fato, os jovens, especialmente quando saíram do Programa, avaliaram positivamente sua experiência dentro

da empresa. Todavia, essa valorização esteve relacionada à oportunidade de exercício de trabalho com carteira assinada. Não houve identificação explícita com um determinado “modo de ser trabalhador”, quer seja pelo conteúdo do trabalho, que não foi mencionado como algo que se destacasse - atendimento ao telefone, xerox, arrumação de arquivos, entrega de documentos –, quer seja pela referência ao coletivo de trabalho, haja visto o fato de que, enquanto “trabalhadores assistidos”, ressaltaram aspectos negativos dessa identidade - especialmente a desconsideração de seu trabalho e a referência ao termo *menor*. Mesmo pelo fato de trabalharem com outros funcionários, não adolescentes do Programa, não houve uma identificação com um “modo de ser trabalhador” que estivesse relacionado a essa experiência específica de inserção.

Por outro lado, as questões que diziam respeito à possibilidade de a empresa ter influenciado a vida dos jovens, para além do trabalho, bem como na significação daquilo que os cerca, puderam ser confirmadas nas entrevistas. Os depoimentos deixaram claras as referências ao que aprenderam com a experiência do Programa, na empresa, com destaque para as questões comportamentais não circunscritas à esfera do trabalho. A aquisição de responsabilidade e a preocupação com o auxílio à família também foram reveladas como quesitos adquiridos nesse período em que estiveram nos Correios. Ao mesmo tempo, as significações daquilo que os cerca, como as relações familiares, a escola, o universo do trabalho, da adolescência, juventude e idade adulta, também estiveram relacionadas à participação no Programa, especialmente à sua saída e à imagem que foram elaborando de si mesmos. No entanto, essas significações estiveram menos atreladas à adesão aos princípios e valores propagados no Programa, especialmente por meio das palestras, como, a princípio, se imaginava, do que à re-elaboração da experiência, vista pelos jovens como relevante em sua trajetória profissional e pessoal, em virtude, principalmente, da comprovação de trabalho regular e da responsabilidade que assumiram ter adquirido com essa inserção, em especial, com relação à família.

As entrevistas realizadas com os pais e os depoimentos dos jovens revelaram outro aspecto interessante dessa experiência regular de trabalho, qual seja, a da consideração desse trabalho como “mais leve”, quando comparado tanto à situação vivida fora da empresa, em outras ocupações, quanto à situação de desemprego que, agora, representava mais angústia para o jovem que adquiriu mais responsabilidade consigo e com sua família.

A referência ao trabalho “mais leve” nos Correios também esteve associada à idéia desenvolvida sobre a adolescência. Após saírem do Programa, os jovens reavaliaram sua participação na empresa, bem como a imagem que tinham sobre si. Nessa reavaliação, o trabalho nos Correios foi considerado adequado àquele momento específico que estavam vivendo, relacionado à adolescência e, com ela, ao menor compromisso em relação ao trabalho e à vida, o que justificava o trabalho “mais leve” que exerciam. A aquisição de responsabilidade foi, nesse sentido, percebida como algo de que se deram conta após a saída do Programa, tanto como uma característica adquirida com o término da experiência, quanto como um atributo que seria cobrado dali para a frente, dadas as exigências que os novos percursos profissionais lhes demandariam, em virtude da inserção no “trabalho de fato”.

A percepção que mostraram ter sobre o que eram, enquanto trabalhadores “assistidos”, coaduna-se com aquela estabelecida nos estatutos do Programa, onde são destacados os fatores da formação e do aprendizado. Todavia, deve ser relativizada a influência do referido Programa na percepção desenvolvida pelos jovens, levando-se em conta as experiências pessoais e profissionais que tiveram quando buscaram a inserção no mercado de trabalho. Assim, o desemprego, a quantidade maior de horas trabalhadas e as maiores exigências colocadas pelos novos contratadores, foram sentidas por eles como expressão de uma nova realidade que deveriam enfrentar. Se, agora, seriam “trabalhadores de fato”, também seriam, de fato, mais cobrados, o que lhes pareceu razoável, levando-se em conta a percepção de uma nova fase também no aspecto pessoal: a entrada na vida adulta.

Essa entrada foi sentida e demonstrada pelos rapazes, os quais também revelaram, em seus depoimentos, as maiores angústias vividas por essa inserção pessoal no mundo adulto, seja pelo desemprego, que impossibilitava a sedimentação de uma identidade em construção, o que se traduzia em crises internas, seja pelas relações estabelecidas com a família, em virtude da redefinição dos papéis com a saída do jovem do ambiente familiar.

Na esfera do trabalho, a distinção entre os rapazes e as garotas foi expressa mais claramente ao falarem da experiência do trabalho nos Correios. Essa experiência representou, para os primeiros, um ritual de passagem para o *status* de indivíduo adulto, bem como para o exercício do “trabalho de fato”, o que não ocorreu entre as mulheres,

revelando-nos uma relação distinta com a experiência do primeiro emprego e com a noção de mudança de *status*. No caso dos rapazes, tratou-se de buscar o afastamento da imagem da adolescência, após a saída do programa, considerada em seus aspectos negativos, em especial, pela falta de responsabilidade.

O afastamento dos rapazes da imagem da adolescência também esteve relacionado à questão das drogas. É como se esse universo fosse masculinizado e, nesse sentido, quando falavam de adolescência ligada à irresponsabilidade estavam se referindo especialmente à entrada no universo das drogas e da marginalidade, em detrimento do exercício do trabalho e do cumprimento das obrigações morais de auxílio e manutenção da família, ainda que, simbolicamente: seja por meio da realização do “trabalho de fato” ou mesmo pelo aprendizado no e do trabalho, a partir do primeiro emprego, com vistas ao desenvolvimento da identidade de trabalhador, onde também se lê futuro provedor.

Ao mesmo tempo, e revelando a valorização da condição juvenil, os rapazes – tanto os que participaram do último programa, quanto aqueles que há bastante tempo viveram essa experiência dentro dos Correios -, mostraram estar buscando conciliar os aspectos positivos de ambas as situações - juventude e vida adulta- , considerando-se jovens adultos, ao procurarem se definir.

Para as garotas, não se colocou o afastamento da imagem da adolescência, mesmo entre aquelas que têm filho ou que esperam a chegada de um. Ao contrário, elas se percebem na interface entre essas duas “fases” da vida, ou ainda, vivendo o que seria a junção dessas duas instâncias.

Assim, podemos pensar que, ainda que as representações dos papéis masculino e feminino venham ganhando novos significados com a participação crescente da mulher no mercado de trabalho e, no campo afetivo, com a valorização do companheirismo e da igualdade nas relações, fazendo com que a postura machista venha sendo questionada e pouco valorizada ou mesmo aceita entre os casais, se mantém no imaginário dos indivíduos das camadas menos favorecidas a idéia de que cabe ao homem a manutenção da família, material e/ou simbolicamente, o que significa a existência de uma noção de aprendizado do trabalho entre os rapazes, com vistas à realização futura do papel de provedor. Nesse sentido, a relação com o trabalho e com o primeiro emprego formal acaba sendo vinculada

à passagem para o universo adulto – do provedor -, que pressupõe responsabilidades a assumir e, principalmente, a aquisição de uma postura mais “séria” diante da vida.

É justamente dessa seriedade que as jovens entrevistadas buscam se afastar. Sua relação com o primeiro emprego e com o trabalho que realizam é desvinculada da noção simbólica de provedoras. Nesse sentido, não há urgência no afastamento da imagem da adolescência que, antes de as caracterizar como irresponsáveis, as remete ao universo juvenil, da diversão e da alegria. Elas podem trabalhar, achando-se e também sendo vistas pela família como responsáveis, sem que exista a necessidade de que a adolescência seja ultrapassada. Enquanto elas valorizam a adolescência, os rapazes buscam o afastamento dessa dimensão. A caracterização de si expressa-se, nesse sentido, também pela relação com o trabalho e com os significados que essa esfera tem para cada um dos indivíduos.

Nesse sentido, o trabalho nos Correios significou um marco de passagem dos rapazes para o universo adulto – das maiores responsabilidades consigo e com o grupo familiar, bem como da redefinição de si e dos papéis a assumir nas esferas com as quais ainda participariam, essas também redefinidas: a família, o trabalho e a escola. Esta é pensada enquanto projeto incerto, mas que, de qualquer forma, deveria ter como eixo central a possibilidade de trazer ao jovem sua realização pessoal.

A idéia da realização pessoal feita por meio de um curso escolhido carrega consigo a importância atribuída à possibilidade de escolha pelo indivíduo; de seu discernimento no que se refere àquilo que será considerado o melhor caminho a percorrer, dentro do que for possível alcançar - aqui entram não os cursos, tidos como um leque amplo e livre ao indivíduo, mas a faculdade, que deverá ser particular e, nesse sentido, também o momento em que poderão realizar esse projeto, tendo em vista o fator econômico.

Se cursar uma faculdade faz sentido, esse sentido está atrelado à possibilidade de escolha do sujeito e ao fato de que, a princípio, segundo sua própria avaliação, poderá render-lhe a realização pessoal, em virtude de fazer algo de que goste, o que também representa “valer a pena” o sacrifício da dupla jornada que deverá ser empreendida – trabalho e estudo – e os gastos financeiros que serão demandados.

Cursar uma faculdade mostrou ser um projeto individual, incerto, tanto para os rapazes quanto para as garotas. Individual, no sentido de que não vão poder contar com o apoio financeiro da família, o que, por outro lado, aumenta a autonomia desses jovens com

relação à escolha da época possível para a realização desse projeto e, especialmente, do curso escolhido.

A conclusão do ensino médio é o projeto de toda família. A importância dessa conclusão é percebida pelos pais que fazem referência às maiores exigências colocadas pelo mercado de trabalho no momento da contratação, principalmente, quando a ocupação é regular. Ainda que o núcleo duro da escola não tenha sentido para os pais quando relacionam a importância da escola para o trabalho, há a percepção de que as melhores chances no mercado são reservadas àqueles que apresentam escolaridade, onde se lê, ensino médio. Para os jovens – garotas e rapazes – frequentar o ensino médio é algo “natural” e “obrigatório”. A escola é reconhecida como espaço legítimo de ocupação dos adolescentes, como caminho “natural” em seu desenvolvimento pessoal e, principalmente, profissional. O ensino médio é então percebido como um direito e um dever de todos esses jovens.

Mesmo que o perigo das drogas e dos descaminhos também tenha sido apontado nos depoimentos em relação às escolas, as referências positivas acabaram prevalecendo, ainda que não houvesse comentários a respeito da qualidade de ensino. Quando foram citadas, as matérias curriculares foram pensadas em sua negação, ou seja, pelo fato de os jovens não gostarem de estudar. A pouca referência ao núcleo duro da escola e, ao mesmo tempo, a consideração de sua importância, pode ser explicada pela dificuldade de atribuição de sentido ao que se aprende, em virtude da baixa qualidade de ensino, de despreparo e pouca motivação dos professores, em escolas pouco adequadas às necessidades de jovens que também trabalham.

De qualquer modo, a escola é vista como um espaço legítimo de participação dos jovens, ainda que o sentido dessa participação seja dado menos pela transmissão dos conhecimentos curriculares, embora valorizados, do que pela possibilidade do estabelecimento de relações de amizade, não apenas entre colegas, mas também com os professores, por vezes considerados como “quase pais”, por conversarem sobre questões de sua vida particular e por lhes darem conselhos.

A relação com a escola e com os professores evidencia a existência de processos de re-significações desse espaço, considerado importante, no sentido da aproximação dessa esfera do ambiente familiar. Isso faz com que, por um lado, as dificuldades vividas - como a falta de infra estrutura das escolas públicas, os casos de violência, as denúncias de

existência de drogas nesse espaço, a falta de preparo de alguns professores e mesmo o desinteresse de muitos alunos - sejam amenizadas e, por outro, os jovens que trabalham possam preencher de sentido essa vivência “natural”. Um sentido que emerge das relações interpessoais de amizade, lembradas com saudades pelos depoentes que já concluíram o ensino médio. Assim, o caráter da obrigatoriedade fica por conta da relação com o trabalho; da admissão da importância da conclusão desse curso para o enfrentamento do mercado de trabalho.

Ainda que a obrigatoriedade de frequência à escola também tenha circunscrito a incorporação dos então adolescentes ao Programa, ela não significou a aproximação ou o inter-relacionamento desses dois espaços – empresa e escola – no que se refere ao estabelecimento de uma “parceria”, tendo em vista, talvez, a dispersão espacial dos jovens e das escolas, que poderia justificar a dificuldade de uma interlocução com a direção e/ou com os professores, no sentido da “formação” - um dos principais objetivos manifestos dessa iniciativa. O fato é que, segundo os jovens entrevistados, nem todas as escolas sabiam da participação deles na empresa, tampouco do monitoramento de seu andamento escolar. Com relação a esse ponto, eles também revelaram que o seu rendimento escolar não era sistematicamente monitorado havendo, casualmente, algum questionamento a respeito ou o pedido para que levassem o boletim, o que era menos frequente. De qualquer modo, a obrigatoriedade da frequência escolar e a observação casual do boletim não deixam de ser formas de controle da empresa sobre eles²⁷⁰.

Também no que se refere à formação para o trabalho e para a vida, não é possível desconsiderar que ela tenha estado mais circunscrita ao Manual do Orientador e, portanto, ao papel, do que à prática de e no trabalho. Ainda que as impressões dos jovens com relação à participação no Programa tenham sido positivas, especialmente quando não falavam mais como “adolescentes assistidos”, a revelação do que faziam - o conteúdo de suas atividades –, a dificuldade que alguns “facilitadores”/monitores tinham para deixá-los participar das poucas palestras, em virtude da demanda de serviço, bem como a existência dos “favores” prestados pelos jovens aos funcionários, evidenciaram outra prática que

²⁷⁰ Sposito & Corrochano (2005: 26; 27) ao discorrerem sobre a exigência de frequência escolar por parte de programas destinados a jovens pobres, mostram que, em muitos casos, o retorno dos jovens à escola é computado de maneira burocrática, funcionando apenas como um controle exercido sobre eles, “pouco interferindo na real interação que esses segmentos mantêm com a instituição escolar”.

aliava certa desconsideração da figura do “adolescente assistido”, por meio da associação entre pobreza e marginalidade, bem como da desconfiança sobre sua “capacidade” na realização de determinadas tarefas, segundo os jovens, conscientes de que eram trabalhadores, ainda que contratados para o exercício da experiência do primeiro emprego. A “preocupação” com o descumprimento do regulamento, atrelado às normas do Estatuto da Criança e do Adolescente, dizia mais respeito ao temor em relação à possibilidade de fiscalização ou de reprimenda de algum supervisor.

Aspectos referentes à desqualificação da figura do adolescente na empresa foram revelados tanto pelos rapazes quanto pelas garotas. O que também não dividiu opiniões foi a referência à juventude como um “estado de espírito”, atravessando todas as idades, e considerada sinônimo de alegria, ânimo e dinamismo. Não circunscrita a uma determinada faixa etária, essa forma de ver também autorizou alguns pais a se dizerem e se reconhecerem como jovens. Interessante notar que, nesses casos, eram feitas associações entre o fato do pai e/ou da mãe ser jovem e haver um bom relacionamento com os filhos, o que fazia diluir a relação hierárquica entre pais e filhos e, mesmo, os papéis tradicionalmente construídos, assim como os atributos de autoridade paterna e materna, em função da consideração da existência da amizade entre os membros da família. Esse foi o caso dos pais de Rodrigo. Ambos afirmaram “*Aqui não tem pai, mãe e filho. Tem amigos,*” deixando claro, ao mesmo tempo, que consideravam a juventude como um “estado de espírito” ainda permanente e aceso em cada um deles.

Nesse sentido, não apenas a aproximação do universo da juventude, mas a declaração dos pais de que também cultivam esse “estado juvenil”, mostraram-se fatores essenciais para o bom andamento das relações familiares, que vêm transformando-se. No caso apresentado, trata-se da transformação do entendimento sobre autoridade e seu exercício no espaço doméstico. Não que a hierarquia e mesmo a autoridade estejam ausentes nesse domínio. Trata-se, antes, da compreensão de que a aproximação entre pais e filhos, por meio do diálogo, que também pressupõe troca de experiências e a possibilidade do aparecimento de opiniões distintas e, até, divergentes, é reconhecida como relação de amizade. Atrelada ao entendimento da juventude como “estado de espírito”, vista pelo dinamismo e energia que pressupõe capacidade de mudança, a família não aparece fechada nos papéis tradicionais, conferidos aos pais, mas apresenta-se aberta à reconstrução das

relações, ainda em movimento, não totalmente ditas. Quando Edson diz que na casa não existe pai e mãe, mas sim amigos, está buscando reconstruir os papéis familiares, que deixam de ser claros, negando, ao mesmo tempo, o que tradicionalmente representaria a figura do pai e da mãe.

Essa mesma relação de amizade e a desconstrução da figura tradicional do papel paterno também foram reveladas pelo pai de Felipe, senhor Antônio, que participava, de maneira muito próxima, da formação da banda de *Rock* de seu filho, dando-lhe todo apoio, o que também incluía a não obrigatoriedade de procura de trabalho pelo filho, que já havia saído do Programa. O senhor Antônio ressaltou a relação de amizade que existia entre ambos, mostrando também compreender e participar do universo do filho, não apenas na música, mas também na compra de uma moto, que deu a ele, fruto da confiança e, principalmente, da amizade entre ambos, como afirmou.

Conforme mostraram alguns depoimentos, a amizade está fundamentando as relações familiares, sendo reveladora das transformações nesse universo, o que não significa a inexistência de conflitos; ao contrário, representa a porta de entrada para o surgimento das divergências, uma vez que possibilita o surgimento das diferentes vozes e opiniões. Ainda que sejam mantidas, as autoridades paterna e materna também vêm sendo re-significadas.

Importantes no meio doméstico, definindo o espaço da escola, as amizades também foram referidas, pelos jovens, como itens essenciais ao ambiente de trabalho e, muitas vezes, ressaltadas como um de seus aspectos mais significativos. Todavia, sua relevância esteve relacionada à possibilidade de construção de uma atmosfera agradável que pudesse suplantar os problemas com a chefia, o conteúdo do trabalho, as horas cansativas em que precisavam ficar “enrolando” o serviço.

Aqui chegamos à terceira hipótese do trabalho²⁷¹, referente às baixas expectativas desses jovens adolescentes em relação à permanência nos Correios, especificamente ao plano de carreira dentro da empresa, e, nesse sentido, ao estabelecimento de uma relação instrumental com o trabalho, que pressupunha a procura constante por novas oportunidades de emprego, pôde ser parcialmente confirmada. De fato, os jovens não revelaram muitas

²⁷¹ A segunda, pelos motivos já expostos, não chegou a ser testada.

expectativas com relação a permanecer na Empresa de Correios e Telégrafos, em virtude do conhecimento de que somente por meio de concurso público poderiam almejar um plano de carreira. Poucos foram os que demonstraram intenção de inscrever-se nos concursos, após a saída do Programa. Outros tinham dúvidas a respeito e uma terceira parcela não tinha interesse. De qualquer modo, todos manifestaram o temor da saída da empresa, tendo em vista a necessidade de procurarem outro trabalho. Todavia, ainda que a situação fosse reconhecida como transitória, havendo a possibilidade de conflitos e tensões, as probabilidades de apresentação amenizavam a situação vivida, tendo sido confirmada para alguns, o que lhes rendeu nova contratação nas empresas franqueadas pelos Correios, como foram os casos de Rodrigo e de Camila.

O que não se confirmou nessa hipótese foi a constante procura por emprego, quando ainda eram “adolescentes assistidos”. Mesmo conscientes da transitoriedade de situação de exercício de um trabalho regular, a procura por outro emprego só foi empreendida quando a saída do Programa estava próxima. A razão para isso pode estar relacionada à postura que mantinham com relação ao trabalho, quando ainda estavam na empresa, associada à consideração da “fase” em que viviam - a adolescência. Como eles mesmos disseram, na adolescência, a postura diante do trabalho, do destino da renda, como a preocupação em auxiliar a família, é diferente daquela mantida quando já se consideram jovens adultos. Nesse caso, a questão da responsabilidade se impõe, definindo nova postura diante do trabalho e também da vida, marcada pelo maior comprometimento do indivíduo também com o grupo familiar, o que justifica o aumento da preocupação não apenas com a busca de inclusão em um trabalho registrado - que pode conferir maior estabilidade e segurança -, como com a ameaça de desemprego, que os afasta ou, ao menos, os distancia da possibilidade de exercício de expectativas referentes ao universo adulto, no qual reivindicam a participação legítima.

Para a apreensão das questões propostas – algumas decorrentes das hipóteses, outras que foram delas ramificadas e, ainda outras, extraídas do próprio campo, foram trilhados alguns caminhos, cercando temas e recolhendo depoimentos, que também levaram à constante reflexão crítica com relação ao trabalho de campo. Foi por meio dessas reflexões e dos constrangimentos do próprio campo, que sinalizava para as possibilidades de comprovação positiva das escolhas feitas, que os caminhos da pesquisa foram sendo

percorridos, com permanente reavaliação do que deveria ser feito. Nesse processo, a pesquisa foi crescendo e se desenvolvendo, assim como a compreensão, tanto sobre o que pareceu ser a identificação dos melhores caminhos para a apreensão do “objeto” de investigação, quanto sobre o que estava sendo encontrado e o que ainda deveria ser procurado na pesquisa.

As descobertas mencionadas nesta conclusão, advindas do campo e do trabalho de análise e reflexão, trouxeram consigo novos questionamentos, articulados com o que, a princípio, me comprometi a buscar entender. Esse parece ser o resultado dos trabalhos de pesquisa, do conhecer científico: contribuir para a compreensão de uma determinada realidade que se propôs investigar, trazendo também novas questões acerca do tema estudado, o que, por vezes, resulta em nova análise.

Uma dessas questões diz respeito à relação dos jovens das camadas populares com o ensino superior, tendo em vista as expectativas reveladas nos depoimentos quanto à realização pessoal conseguida mediante o ingresso em um determinado curso escolhido. Assim, novos questionamentos podem ser levantados com relação à apreensão dos significados atribuídos aos cursos escolhidos pelos indivíduos que conseguiram entrar em uma universidade, bem como com referência à relação que estabelecem com o trabalho que executam nessa dupla jornada; à vinculação da camada social com o curso escolhido e sua relação ou não com a imagem que elaboram sobre a carreira pretendida no mercado de trabalho; às desistências e as mudanças de curso e os significados do ensino superior, segundo gênero e idade, incluindo também as percepções e histórias familiares. Essas e outras questões a elas relacionadas, voltadas para a camada social de menores ganhos, poderiam trazer luz a temas importantes sobre as práticas e suas significações em relação ao ensino superior, não apenas no que se refere aos indivíduos, mas também no relativo ao grupo familiar ao qual pertencem, levando em conta as histórias de vida e os trajetos escolares e profissionais de cada membro.

Um dos pontos interessantes apreendidos dos depoimentos dos funcionários que participaram de programas anteriores, referiu-se à relação entre trabalho e escola. Para eles, a conjugação do trabalho com a escola não foi percebida como algo penoso, sobretudo para a experiência do primeiro emprego, também visto como escola, dado o caráter de aprendizado que imprimia. Aprendizado que levou os jovens a saírem preparados para a

busca de outro trabalho. Esse “preparo” foi definido mais pela aquisição de certos comportamentos, considerados adequados nesse ambiente, do que pelas atividades executadas. Para os que permaneceram na empresa, a experiência do trabalho regular e monitorado possibilitou o início da construção da trajetória profissional, que a maior parte tem por planos modificar, com o ingresso em uma faculdade. O curso superior torna-se, então, o passaporte para essa guinada profissional em busca da realização pessoal.

Ao mesmo tempo, para quem já está na empresa e está “assegurado” pelos anos de casa, a questão colocada é a dificuldade de crescimento profissional; é isso que os motiva a elaborar planos com vistas a novas alternativas. Não com tanta pressa, porque é preciso procurar estabilidade na nova situação, semelhante à que têm agora, acrescida pela existência de chances para “subirem” de cargo. Os planos, então, são incertos quanto à sua realização. Um pouco menos para aqueles que já vão iniciar um curso superior na carreira pretendida. Essa escolha revela também a percepção da importância da aquisição do diploma, até mais relevante do que o tipo de curso selecionado.

Seja pela continuação dos estudos em um curso superior, seja pela elaboração de planos bastante incertos em relação a esse intento, para todos os participantes, a experiência de trabalho nos Correios, quando participaram do programa voltado para adolescentes das camadas populares, apresentou um saldo positivo. Essa percepção é compreensível levando-se em conta a importância da ocupação regular no período da adolescência, haja vista a dificuldade que esses jovens encontram de inserção no mercado regular. Quase todos disseram ter experimentado situações precárias de trabalho em seu percurso profissional, antes de entrarem nos Correios. Essa foi mais uma razão para que valorizassem o período que ali permaneceram, sendo monitorados, aprendendo a trabalhar e a se comportar como futuros “trabalhadores de fato”.

Os aprendizados comportamentais foram ressaltados e amenizado o conteúdo das atividades exercidas, bem como os desgostos que tiveram com as referências ao “adolescente assistido”, que poderia ser relacionado à marginalidade e/ou à incapacidade na realização de determinadas tarefas, ainda que fossem consideradas sua atribuição.

Acima de tudo, essa experiência foi valorizada pela possibilidade do exercício do trabalho e, no caso daqueles que participaram do último programa, da obtenção da experiência comprovada em carteira. De qualquer forma, cada um dos entrevistados trouxe

suas questões e, com elas, maneiras distintas de dar sentido às suas experiências e às esferas que apareceram nesta investigação, apresentando expectativas e sonhos ao falarem a respeito de si e dos que os cercam, reforçando a idéia de que, mesmo em condições de vida precária, o indivíduo não é movido apenas pela necessidade de trabalhar para sua sobrevivência e de seu grupo, tampouco é desprovido de críticas e percepções das carências a que está submetido, mesmo no ambiente de trabalho, que legitima. Há sempre espaço para questionamentos e posições que denotam uma compreensão particular sobre o mundo e a maneira de dar sentido às suas práticas e vivências.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, V. O que pensam os alunos sobre a escola noturna. São Paulo, Cortez, 2004

ABRAMO, H. W. "Condição juvenil no Brasil contemporâneo". In Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional. Abramo, H.W & Branco, P.P.M (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 37-73.

_____ "Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil" In Juventude e Contemporaneidade.Revista Brasileira de Educação, Anped, 1997, n5 e 6. pp.25-37

_____ Cenas juvenis. punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo, Editora Página Aberta Ltda, 1994

ABRAMO, L. "um olhar de gênero: visibilizando precarizações ao longo das cadeias produtivas" In Abramo, L & Abreu, A.R.P. (orgs) Gênero e Trabalho na Sociologia Latino Americana. São Paulo – Rio de Janeiro. Alast, 1998. pp. 39-62

ADORNO, S. "Adolescência, crime e violência" In Juventude em debate. São Paulo, Cortez, 2000. pp. 97-109.

_____ "A criança, a lei e a cidadania" In A criança no Brasil de hoje. Rio de Janeiro, editora Santa Úrsula, 1993.

AMMAR, B et alli. "Introduction" In Adolescence et identité. Marseille, Hommes et Perspectives, 1990. pp. 9-14.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho São Paulo, Cortez,1995.

ARGUEIROS, G. H. "O traje e o decoro" In Martins (org), Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole. São Paulo, HUCITEC, 1999. pp.125-136.

ARIAS, A. F "Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 e 24 anos de idade na presente década" In Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Vol 1. Brasília: CNPD, 1998. pp. 519-545.

ARIÈS, P História social da criança e da família. Rio de janeiro, Zahar Editores, 1978

ARILHA, M. "Homens: entre a 'zoeira' e a 'responsabilidade' In Homens e Masculinidades. Outras palavras. Arilha, M et alii (orgs). São Paulo, Ecos/ Editora 34, 1998. pp. 51-78.

AUGUSTO, MHO. "Tempo, indivíduo e vida social" In Ciência e Cultura. Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 2002, n.2. pp. 30-33.

BAJOIT, A & FRANSSEN,A. "O trabalho: busca de sentido" In Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n5 e 6. pp. 76-96

BENEVIDES, M. V. "Conversando com os jovens sobre direitos humanos" *In Juventude e Sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 34-52.

BLASS, L.M.S. "Trabalho e suas metamorfoses" *In Desafios da Globalização*. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

BERGER & LUCKMANN. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento Petrópolis, Vozes, 1974

BERNARDES, R. "Trabalho: a centralidade de uma categoria analítica." São Paulo em Perspectiva, 8(1), jan - mar de 1994. pp.33-41.

BOLOGNA, J.E. "Referências e drogas" *In Juventude em debate*, São Paulo, Cortez, 2000.

BOURDIEU, P. Le sens pratique. Paris, Éditions de Minuit, 1980.

BRUSCHINI, C. "Fazendo as perguntas certas; como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?" *In Gênero e Trabalho na Sociologia Latino-Americana*. Abramo, L & Abreu, A.R.P. (orgs). São Paulo – Rio de Janeiro , Alast, 1998. pp.277-294.

CÂNDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo, Livraria duas cidades, 1971.

CARDOSO, R & SAMPAIO, H (orgs), Bibliografia sobre a juventude. São Paulo, Edusp, 1995

CARLINNI-MARLAT, B. "Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem" *In Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, H.W & Branco, P.P.M (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 303-322.

CASTORIADIS, C. Encruzilhadas do labirinto II. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

CASTRO, N.A . et. alii. "trajetórias ocupacionais, desemprego e empregabilidade: há algo de novo na agenda dos estudos sociais do trabalho no Brasil?". *In Contemporaneidade e Educação*, vol 2. 1997

CASTRO, M.G. "Políticas públicas por identidade e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes" *In Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs), São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 275- 303.

CLOT, Y. (s/d). Jeunesse, travail, société- voies et enjeux d'une mutation (mimeo). pp.3-12.

COHN, A. "O modelo de proteção social no Brasil: qual o espaço da juventude?" *in* Juventude e Sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi (orgs). São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 160-179.

_____ & Fonseca, A. "O bolsa família e a questão social" *in* Teoria e Debate, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, março/abril de 2004, n. 57. pp.10 – 15.

COLBARI, A. Ética do Trabalho. São Paulo: Letras&Letras, 1995.

CORROCHANO, M. C. Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação – USP. 2001

COSTA, A.C.G. "Educação para o empreendedorismo: uma visão brasileira" *In* Juventude e Sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 242-259.

COTRIM, B.C. "Drogas" *In* Juventude em debate, São Paulo, Cortez, 2000. p. 71-79.

DEGENNE, A et.alii. "Les relations sociales au coeur du marche du travail", *In* Sociétés Contemporaines, n.5, mars. 1991, pp 75-97.

DEMAZIÈRE, D. La sociologie du chômage. Paris, PUF, 1995.

DIEESE. "Juventude: diversidades e desafios no mercado de trabalho contemporâneo" *In* Estudos e pesquisas. N. 11. set. 2005. pp.1-12
_____ Anuário dos trabalhadores. São Paulo, 2000- 2001.

DONFUT, C.A "Des générations solidaires" *In* Familles. Permanence et metamorphoses. Paris, Éditions Sciences Humaines, 2002, pp.113-123.

DUBAR. C. La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles. Paris, Armand Colin, 2000 (a)

_____ "Trajectoires professionnelles, formes identitaires et mondialisation" *In* Congrès Latino-américain de Sociologie du Travail. Buenos Ayres, mai 2000 (b)

_____ & DEMAZIÈRE, D (S/D). "Recits d'insertion et mondes socio-professionnels. Analyse d'entretiens de jeunes peu diplômés et sortis de l'école en 1986" *In* Travail et emploi, n. 69. pp. 55-69.

DUBET , F. Le declin de l'institution. Paris, Seuil, 2002.

_____ La galère: jeunes em survie. Paris, Fayard, 1987.

_____ Sociologia da experiência. Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

_____ ; MARTUCELLI, D. "A socialização e a formação escolar" *In* Lua Nova, n. 40/41, 1997.

_____. À l'école: Sociologie de l'expérience scolaire. Paris: Seuil, 1996.

- DURKHEIM, E. Educacion moral. Buenos Aires, Losada, 1949.
- ELIAS, N. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- EMPRESA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS DE SÃO PAULO. Manual do Orientador Maio de 2000.
- EVANS, K. & FURLONG, A. "Niches, transitions, trajectories... De quelques theories et représentations des passages de la jeunesse" In Voir les jeunes autrement. Printemps, 2000. pp. 41-48.
- EVELYN, S.S. A Produção da Vida: Estudo do Papel e Lugar do trabalho na Vida Contemporânea. São Paulo. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia (FFLCH-USP). 1998.
- FERNANDES, R. C. "Segurança para viver: proposta para uma política de redução da violência entre adolescentes e jovens In Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs). São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 260-274.
- FLEURY, M.T.L. Cultura e Poder nas organizações. São Paulo, Atlas, 1996.
_____ Processos e relações de trabalho no Brasil. São Paulo, Atlas, 1985.
- FORACCHI, M. M. "O conflito de gerações" in A Juventude na Sociedade Moderna; São Paulo, Pioneira, 1972, pp.19-33
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir . Rio de Janeiro, Petrópolis, 1988.
- FREYSSINET, J. "L'hétérogénéité du phénomène" In Le chômage. Paris, la Découverte, 1984. pp. 13-56
- FRIGOTTO, G. "Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas" In Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs). São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 180-216.
- GIDDENS, A. As conseqüências da modernidade. São Paulo, Editora UNESP, 1991(a)
_____ Modernity and self-identity. California, Stanford University Press, 1991 (b)
- GOMES, J.V. "Família: cotidiano e luta pela sobrevivência." In A família contemporânea em debate. São Paulo, Cortez, 2002. pp.61- 72
_____ "Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego" in Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n 5 e 6. pp. 53-63.
- GOMES, C. O jovem e o desafio do trabalho. São Paulo, EPU, 1990.

- GORZ, A. Adeus ao proletariado. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1982.
- GOUVEIA, P. " 'Juventude - adolescente pobre' e 'valor - trabalho' " *In Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Ltda, 2000. pp.59-80.
- GOUVEIA, A.J. "O trabalho do menor- necessidade transfigurada em virtude". Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 44, fev, pp. 55-62, 1983.
- GUERREIRO, M. D & ABRANTES, P. "Como se tornar adulto: processos de transição na modernidade avançada". Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.58, 2005
- GUIMARÃES, E. "Juventude(s) e periferia (s)" *in Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n 5 e 6. pp. 199-208.
- GUIMARÃES, N. A "Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?" *In Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional*. Abramo, H.W & Branco, P.P.M (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 149-174.
- GRAEL REIS, L.I. "Jovens em situação de risco social". *In Juventude anos 90. Conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Ltda, 2000. pp. 81-103.
- GRANOVETTER, M.S. Getting a job- a study of contacts and careers . Massachusetts, Harvard University Press, 1974
- HABERMAS, J. "A nova Intransparência". Novos Estudos Cebrap, n.18, 1987
 _____ "Desenvolvimento da moral e identidade do eu", *In Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. pp. 49-75.
- HARVEY, D. "Acumulação flexível- transformação sólida ou reparo temporário" *in A condição pós- moderna- uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Editores Loyola. s/d. pp. 177-184.1992.
- HELLER, R, A. "Donde estamos en casa?" *In Una revisión de la teoria de las necesidades*. México, Ediciones Paidós, 1996. pp. 123- 159.
- HOBSBAWM, E.J. A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- JARDIM, F.A. A Entre o desalento e a invenção: experiências de desemprego em São Paulo. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –FFLCH – USP, 2004.
- JOHNSON, A.G. Dicionário de Sociologia. Guia prático de linguagem sociológica. (trad. Ruy Jungmann). Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

KHEL, M. R. "A juventude como sintoma da cultura" *In Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação.* Novaes, R & Vannuchi, P (orgs), São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004. pp.89-114

LEFEBVRE, H. La présence et l'absence. Contribution à la théorie des représentations. Castermann, Belgique, 1980.

LEITE, M.P. "Inovações tecnológicas e relações de trabalho. A experiência brasileira à luz do quadro internacional" *In* Castro.N.A (org). A máquina e o equilibrista- Inovações na indústria automobilística brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

LENKIEWICZ, N.E. "Mujeres adolescentes, embarazo y maternidad: realidades diferentes?" *In Seminario internacional sobre a criança e o jovem na América Latina.* Marília - UNESP, 2001. Apresentação Oral.

LETELIER, M. E. "Escolaridade e inserção no mercado de trabalho" *In Cadernos de Pesquisa*, n. 107, julho de 1999. pp. 133-148.

LYRA, J et. Alii. " 'a gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete'. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos" *In Cadernos CEDES*, Campinas, v. 22, n. 57. Ago. 2002.

LOPES, R. E et alii. "Oficina de atividades: um espaço para conhecer os problemas e perspectivas escolares e de trabalho de adolescentes trabalhadores" (apresentação oral apresentada no Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, outubro de 2004

MADEIRA, F.R. "Recado dos jovens: mais qualificação" in jovens acontecendo na trilha das políticas públicas. Vol 2. Brasília: CNDP, 1998. pp. 427-499.

_____ "Pobreza, escola e trabalho: convicções virtuosas, conexões viciosas". São Paulo, São Paulo em Perspectiva, Fundação SEADE, vol.7. n.1. 1993. pp. 70-83.

MAGNANI, J.G.C. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, HUCITEC, 1998.

MANNHEIM, K. "O Problema da Juventude na Sociedade Moderna" ed. Zahar, *in* Brito, S (org); Sociologia da juventude I ; Rio de Janeiro, Zahar, 1968, pp. 69-95

MARQUES, M.O.S. "Escola Noturna e jovens" *In Juventude e Contemporaneidade.* Revista Brasileira de Educação, São Paulo, Anped, n 5 e 6, 1997. pp. 63-72.

MARTINS, J.S A chegada do estranho. São Paulo. HUCITEC, 1993.

MARUANI, M. "Travailleurs, travailleuses: qui sont les salarités pauvres?" *In Les Mécomptes du chômage.* Paris, Bayard, 2002, pp. 79-100.

MATHEUS, T.C. Ideais na adolescência. Falta (d) e perspectivas na virada do século. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

MATTOSO, J.E.L. "Trabalho sob fogo cruzado". São Paulo em Perspectiva, 8 (1), jan - mar de 1994. pp. 13-21.

MAUNAYE, E. "Passer de chez ses parents à chez soi: entre attachement et détachement" in Voir les jeunes autrement. Printemps, 2000. p. 59- 66.

MAZZOTTI, A J.A "Repensando algumas questões sobre o trabalho infanto-juvenil". In Revista Brasileira de Educação, Anped, 2002. n. 19. pp. 87-97.

MELLO, S.L. "família: perspectiva teórica e observação factual" In A família contemporânea em debate. São Paulo, Cortez, 2002. pp.51-60

MELUCCI, A. "Juventude, tempo e movimentos sociais. In Juventude e Contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n 5 e 6, pp. 5-15.

MIGUEL, N. et. Alii. "Traços, laços e dependências. A experiência das drogas" in Pais (org) Traços e riscos de vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis. Lisboa, Ambar, 1999.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Orientações estratégicas de governo do Plano Plurianual 2004-2007. Brasília, abril de 2003.

MONTALI, L. "Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida" In Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 15. n. 42. fev. 2000. pp.41-75.

NASSER, A.C. Sair para o mundo. Trabalho, família elazer: relação e representação na vida dos excluídos. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia, FFLCH – USP, São Paulo, 1996.

NILSEN, A "Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida" In Sociologia- Problemas e Práticas, Lisboa, 1998, n. 27, pp. 59-78.

OFFE,C. "Trabalho, categoria chave da sociologia?" Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1989.

OLIVEIRA. R.C. Jovens trabalhadores: representações sobre o trabalho na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, FFLCH- USP, São Paulo, 2001.

PAIS, J. M "Questões da infância e juventude na América Latina" (apresentação oral apresentada no Seminário internacional sobre a criança e o jovem na América latina. UNESP, novembro de 2001.

_____ Ganchos, tachos e biscates. Lisboa, Ambar, 2001 (a).

- _____. Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea Lisboa, 1998.
- _____. Jovens em mudança. Actas do congresso internacional growing up between centre and periphery. Lisboa, 2-4 maio de 1996
- _____. "Emprego Juvenil e Mudança Social: Velhas Teses, novos modos de vida". Análise Social, 1991, pp. 945-988.
- _____. "A Construção Sociológica da Juventude" in Análise Social, 1990. p 139-165
- PAIVA, R. "A constituição do eu: os imperativos da interpretação e a perda de sentido" *In* Tempo Social. 10(1), maio de 1998. pp. 83-104
- PALÁCIOS, J. "O que é adolescência." *In* Coil.C *et alii*. Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. pp.263-272
- PAUGAM, S. Desqualificação social. ensaio sobre a nova pobreza. São Paulo, Cortez, 2003.
- PERALVA, A. T. O "jovem como modelo cultural" *in* Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n 5 e 6 pp. 5-15.
- PIAGET, J. Psicologia da criança Rio de Janeiro, Difel, 1978.
- POCHMANN, M. "Juventude em busca de novos caminhos no Brasil" *in* Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs), São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 217-241.
- _____. A inserção ocupacional dos jovens nas economias avançadas. Workshop Emprego e desenvolvimento tecnológico. agosto de 1998. São Paulo, Dieese/Cesit/ CNPq.
- QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo, CERU e FFLCH/USP, 1983.
- ROSA, M.I. Trabalho, subjetividade e poder. São Paulo, Letras & Letras. 1994.
- SAMARA, E. M. "Mercado de trabalho, Gênero e família no Brasil (1836-1996)" *In* Revista da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, v.57, jan/dez. 1999, pp. 55-64.
- SARTI, C.A "O jovem na família: o outro necessário. *In* Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs). São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004 pp.115-129.
- _____. "Família: uma história que se conta" *In* Seminário internacional sobre a criança e o jovem na América latina. Marília - Unesp, 2001. Texto da apresentação oral.
- _____. "família e jovens no horizonte das ações. *In* Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 1999. n. 11. pp. 99-109.
- _____. "As crianças, os jovens e o trabalho" *In* O compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil – uma proposta de atuação. São Paulo. Mimeo.1999 (b).
- _____. A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo, Editora Autores Associados, 1996.

_____ É sina que a gente traz (ser mulher na periferia). Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia, FFLCH – USP, 1985.

SCHEHR, S. "Processus de singularisation et formes de socialisation de la jeunesse *In Voir les jeunes autrement*. Lien Social et politique - RIAC *in*. Montreal, Printemps, 2000. pp. 49-59.

_____ La vie quotidienne des jeunes chômeurs. Paris, PUF, 1999.

SCHUTZ, A Fenomenologia e relações sociais Rio de Janeiro, Zahar, 1979

SCHREYNEMA EKRS, S. C. Os significados da casa: um estudo sobre a relação dos moradores com o espaço da casa. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. FFLCH - USP, São Paulo, 2002.

SENNETT, R O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

SERRAR, L. "Les référents identitaires chez un groupe d'adolescents marocains" *In Adolescence et identité*. Marseille, Editions hommes perspectives, 1990, pp. 47-60

SHINYASHIKI, G .T. O processo de socialização organizacional: um estudo de caso de treinees. Tese de doutorado, Departamento de Economia e Administração -FEA, USP, 2000.

SINGLY, F "Penser autrement la jeunesse". *In Voir les jeunes autrement* . Lien Social et Politiques - RIAC. Montreal, Printemps, 2000, n. 43. pp. 9-23

_____ "À quoi sert la famille? *In* Dortier, J. F (org) Familles. Permanence et métamorphoses. Paris, Éditions Sciences Humaines, 2002, pp. 99-112.

SILVA, C. A F. Trabalho e quimeras: dilema vivido pelo jovem operário. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. FFLCH-USP, São Paulo. 2003.

SOARES, L.E. "Juventude e violência no Brasil contemporâneo" *in Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. Novaes, R & Vannuchi, P (orgs), São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2004. pp. 130-159

SOBRINHO, G.X. "Base técnica e força de trabalho: parâmetros analíticos e desafios presentes" *In Força de trabalho e capacitação tecnológica em um segmento recente da indústria* . Brasília, SESI, 1995. pp.21-54.

SOUZA MARTINS.H.H.T "A difícil transição. Uma análise das trajetórias ocupacionais de jovens operários metalúrgicos" *In* Dowbor, L et alii (organizadores), Desafios do trabalho, Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.

_____ "O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador – conhecimento e participação" *In Tempo Social*, São Paulo, 13 (2), novembro de 2001 pp. 61-87.

_____ “A juventude no contexto da reestruturação produtiva” *In* Abramo *et alii* (org) Juventude em debate. São Paulo, Cortez, 2000. pp.17-40.

_____ “O Jovem no Mercado de Trabalho” *In* Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n5 e 6. pp. 96-110.

SPOSITO, M. P. “Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. *In* Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional. Abramo, H.W & Branco, P.P.M (orgs). São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 87-128.

_____. “Estudos sobre juventude em educação” *In* Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. Anped, 1997, n 5 e 6. pp. 37-53

_____ “A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade”. Tempo Social. Vol 5 (1-2). Revista de Sociologia da USP, 1994. pp. 161-178

_____ & CORROCHANO “A face oculta dos programas de transferência de renda para jovens no Brasil” *In* Tempo Social . Revista de Sociologia da USP, São Paulo, vol 17, n.2. São Paulo, 2005. pp.141-172.

_____ & CARRANO, P.C. R. “Juventude e políticas públicas no Brasil” *In* Revista Brasileira de Educação, São Paulo, Anped, 2003, n. 24. pp. 16-39.

TELLES, V.S. “A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo”. *in* Dossiê Modos de vida. Tempo Social. Vol.4 (1-2), Revista de Sociologia da USP. 1994.pp. 53-93..

THIOLLENT, M.J.M. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Editora Polis, 1985.

TOURAINÉ, A. Crítica da Modernidade. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

TROTTIER, C. "Questionnement sur l'insertion professionnelle des jeunes" *in* Voir les jeunes autrem ent. Lien Social et politique - RIAC *in*. Montreal, Printemps, 2000. pp. 93-102

VALVERDE, I. A et alii (orgs). Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Coleção Páginas Amarelas. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2001.

VELHO,G. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro. Zahar. 1986.

VILAR, D & GASPAR, A.M. “Traços redondos” *in* Traços e riscos de vida. Pais, M. (org). Lisboa, Ambar, 1999. pp.31- 91

VICENS, J. L'entrée dans la vie active. Quelques aspects méthodologiques et théoriques. Toulouse, Université des Sciences Sociales de Toulouse. Centre d'études juridiques et économiques de l'emploi. 1986.

_____ Problématique générale de l'insertion professionnelle. Conférence prononcé au Colloque sur l'insertion professionnelle à la sortie des études postsecondaires, Louvain, Université Catholique de Louvain. Institut des Sciences du Travail. 1981.

WEBER, M. Economia e sociedade. Brasília. Editora UnB. 1991.

WESTPHAL, M. F. "Grupos Focais: experiências precursoras em programas educacionais em saúde no Brasil". *In* Boletim de la oficina sanitaria Panamericana. Vol 120, n.6, junho de 1996.

ZALUAR, A. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985.

REVISTA VEJA Jovens. Edição especial. São Paulo, editora Abril, junho de 2004 n. 32
_____ Jovens, Edição Especial, Editora Abril, agosto de 2003. n. 24, ano 36

ANEXOS

A/C Juliano

À Empresa de Correios e Telégrafos

Nesta

Ref: Solicitação de permissão para o desenvolvimento de pesquisa de campo.

Prezado Sr ou Sra.,

Em virtude de novos contatos com a presente empresa, obtivemos a informação de que os adolescentes, referidos em carta anterior, não são trabalhadores aprendizes, mas sim jovens trabalhadores que, por meio de um convênio da empresa com uma entidade filantrópica, são selecionados para trabalharem por um período determinado, devendo, os mesmos, ter entre dezesseis e dezoito anos. Como nosso objetivo é estudar o processo em que se desenvolvem as relações de trabalho entre jovens adolescentes, reafirmamos nosso interesse em entrevistá-los.

Segue solicitação oficial de permissão de trabalho de pesquisa, com as devidas correções quanto ao público alvo.

Na qualidade de coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), venho por meio desta, solicitar a permissão formal de sua empresa para o desenvolvimento da pesquisa de campo de minha orientanda **Régia Cristina Oliveira**. A referida aluna ingressou em nosso programa em 2002, tendo sido aprovada com o projeto de doutorado intitulado "**A constituição de si mesmo e a significação do mundo: uma análise sociológica sobre jovens trabalhadores em uma empresa de São Paulo**", atualmente financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Desde que obtida sua aprovação e de acordo com o projeto inicial, a pesquisa de campo será realizada em etapas. Primeiramente, entre os meses de março e abril, pretende-se realizar uma primeira bateria de entrevistas e levantamentos de dados sobre a empresa, junto ao Departamento de Recursos Humanos. Em um segundo momento, serão realizadas entrevistas com os trabalhadores adolescentes e com outros trabalhadores, hoje contratados, que possam ter passado pelo programa que seleciona adolescentes para um período determinado de trabalho. As entrevistas ocorrerão em horários previamente estabelecidos, inclusive fora do expediente de trabalho, caso não seja possível ao longo do turno, e terão duração de aproximadamente quarenta minutos. Não terão caráter obrigatório e deverão ser realizadas entre os meses de abril e maio.

Concomitantemente, desde que também obtida a permissão, a pesquisadora participará das palestras ministradas aos adolescentes, tendo em vista que a pesquisa tem por objetivo apreender o processo em que se desenvolvem as suas relações de trabalho, como mencionamos no início.

Nosso compromisso é de que todas as informações obtidas serão utilizadas para fins estritamente acadêmicos.

Agradecemos antecipadamente pela atenção concedida a esta solicitação, desde já nos colocamos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos considerados necessários.

Cordialmente,

Maria Helena Oliva Augusto

Prof.Dra. Maria Helena Oliva Augusto

mhoaugus@usp.br

Orientanda: Régia Cristina Oliveira.

rcolira@yahoo.com.br

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade	Situação Profissional	Ocupação Profissional atual	Estado Civil	Situação Familiar	Escolaridade
Rodrigo	18	Empregado	Auxiliar de escritório	Solteiro	Sem filhos/mora com os pais	Ensino Médio Completo
Luiza	18	Empregada	Vendedora/balconista	Solteira	Tem um filho/mora com os pais	Ensino Médio completo
Carolina	18	Empregada	Analista de crédito	Solteira	Sem filho/mora com os pais	Ensino médio completo
Patrícia	18	Desempregada	_____	Solteira	Sem filho/mora com os pais	Ensino médio completo
Denise	18	Empregada	Atendente comercial nos Correios	Solteira	Sem filho/mora com os pais	Ensino médio completo
Daniel	18	Desempregado	_____	Solteiro	Sem filho/mora com os pais	Cursando o terceiro ano do ensino médio
Felipe	18	Sem procura de trabalho	_____	Solteiro	Sem filho/mora com o pai	Cursando o terceiro ano do ensino médio
Victor	27	Empregado	Auxiliar de escritório	Solteiro	Sem filho/mora com os pais	Iniciando o ensino superior
Valdinei	25	Empregado	Auxiliar de escritório	Casado	Sem filho/mora com a esposa	Ensino médio
Anderson	22	Empregado	Auxiliar de escritório	Casado	Sem filho/mora com a esposa	Ensino médio
Ana	21	Empregada	Auxiliar de escritório	Solteira	Grávida/mora com os pais	Ensino médio
Diogo	25	Empregado	Auxiliar de escritório	Solteiro	Sem filho/mora com um amigo	Ensino médio

Amir	27	Empregado	Auxiliar de escritório	Solteiro	Sem filho/mora com os pais	Ensino médio
Célia	43	Empregada	Atendente comercial nos Correios	Viúva	Mãe de uma das entrevistadas/mora com os filhos	
Dora	39	Empregada	Auxiliar de produção Em uma fábrica de caixas de papel	Casada	Mãe de um dos entrevistados/mora com o marido e os filhos	Ensino médio incompleto
Edson	39	Empregado	Encarregado de produção	Casado	Pai de um dos entrevistados/mora com a esposa e os filhos	Ensino fundamental incompleto
Maria José	54	Empregada	Empregada doméstica	Casada	Mãe de uma das entrevistadas/mora com os três filhos e o marido	Ensino fundamental incompleto
Maria das Graças	45	Desempregada	_____	Separada	Mãe de uma das entrevistadas/mora com a filha e o atual companheiro	Ensino fundamental
Valdomiro		Empregado	Professor de Português – ensino médio	Viúvo	Pai de um dos entrevistados/mora com o filho	Ensino superior

Roteiro de entrevista para a gerente de Recursos Humanos

Questões sobre a empresa:

Caracterização histórica da empresa: quando e como foi criada a empresa.

A empresa (a central) sempre esteve localizada aqui? Por que essa região foi escolhida?

Verificar o processo de criação da empresa de Correios (como e quando a empresa foi criada). Ver o histórico da fundação da empresa (atividades, cargos, crescimento de setores, número de trabalhadores, transformações no processo de trabalho, inovações tecnológicas, qualificação, cursos oferecidos, etc).

Há alguma documentação disponível sobre a história da empresa?

Qual o perfil inicial dos funcionários da empresa (em cada setor): escolaridade, outros atributos? Houve alteração nesse perfil?

Essa é uma empresa de grande porte? Quantos funcionários há trabalhando? Quais são os setores de atividade? Qual o perfil dos trabalhadores? Quem são os contratados (escolaridade, gênero, outro item que possa destacar).

Dos funcionários existentes, quantos são homens, quantos são mulheres e quantos passaram pelo sistema de aprendizagem (trabalho aprendiz)?

Qual a variação salarial?

Verificar os momentos de crise, greves, transformações, inovações relacionadas com o mercado de trabalho (nacional e internacional).

Sobre greves: quais formam os momentos de greve nos Correios? Ano e motivo da greve e também o seu desfecho.

Verificar a situação da empresa hoje.

Quem administra a empresa? Em cada setor há um responsável?

A empresa possui áreas terceirizadas? Se sim, quais? Qual a forma de terceirização adotada? (i- quando a firma de terceiros executa atividade internamente à empresa. E- quando a firma de terceiros executa atividade externa à empresa. T- quando a firma executa trabalho temporário ou por empreitada). Quais motivos a empresa optou pela terceirização? Qual o número de trabalhadores afetados (por setor e total) e qual o perfil do trabalhador afetado? Quantos postos de trabalho foram eliminados? (total e por setor) Houve realocação?

Qual parcela de autonomia a empresa tem para agir? Em que setor?

Qual o papel do Estado na empresa?

Como o novo cenário político influencia ou pode influenciar a empresa e os trabalhadores? As perspectivas são otimistas ou não? Em que sentido?

É o Estado quem legisla sobre as condições e os contratos de trabalho?

Quais os controles que o governo exerce sobre a empresa?

Aqui funciona o sistema de "pistolão" ou "apadrinhamento" ?

Como funciona o processo de admissão, promoção e demissão? Quem demite? Há autonomia para demissão? E promoção? Quais os critérios para demissão e para a promoção? Há planos de carreira? Há cursos preparatórios?

Quais os setores há mais trabalhadores jovens? Qual o perfil desses trabalhadores?

Como a empresa se relaciona com os movimentos sindicais? (relação da empresa com o sindicato).

A empresa possui um órgão interno de representação dos trabalhadores?

A empresa fez alguma mudança no processo de trabalho nos últimos anos? Quais? Quais são as mudanças, hoje, por que passa a empresa? Há mudanças no processo de trabalho? Ela se reestruturou? Qual (s) setor (s), especificamente, passou por transformações no processo de trabalho? Como foi essa mudança?

Como estas mudanças têm afetado os funcionários? E os mais jovens? E as mais jovens?

O que permaneceu inalterado? O que não sofreu transformação (setor, o processo de trabalho, etc)?

Cite um momento importante ou interessante por que passou a empresa.

A empresa passou por crises? Como a empresa tem buscado resolver os seus problemas?

Quais são suas principais dificuldades hoje (em relação aos funcionários e ao mercado)?

Quais os melhores períodos? Por quê?

Quais os principais avanços da empresa?

A empresa tem projetos de mudanças? Quais?

A empresa tem algum projeto específico para as diferentes faixas etárias/ sexo?

A empresa se relaciona com outras empresas?

Como a empresa se relaciona com o bairro, região onde está localizada?

O item "qualidade total" é trabalhado pela empresa? De que forma?

Qual a filosofia da empresa? Ela é passada para os trabalhadores? De que forma?

Qual a relação da chefia com os trabalhadores, de um modo geral? E com os mais jovens?

E com as mais jovens? Há dificuldades ou facilidade no relacionamento com estes funcionários?

Como a empresa vê o relacionamento dos jovens entre si e com os funcionários mais velhos?

Quais as normas e regulamentos da empresa para os trabalhadores em geral? Existe alguma documentação a respeito? Há panfletos ou jornais que circulam para os trabalhadores? Qual seu conteúdo?

Há festividades da empresa para os funcionários? Qual? Quando acontece? Quem organiza? A família comparece? Os trabalhadores aprendizes também?

Treinamento:

Qual o nível de escolaridade nos diferentes setores? Em quais setores o nível de escolaridade é maior? Em qual faixa etária e sexo?

A empresa possui programas de treinamento e de educação? Quais?

Como são esses programas? (conteúdo, carga horária etc)

Que critérios a empresa utiliza para definir quem participa desses programas?

Desde quando há esses programas? Há folhetos ou o próprio conteúdo está disponível?

Quem ministra o programa? Qual o perfil dos trabalhadores atingidos?

Existe treinamento no local de trabalho? Há requalificação? Do que se trata?

Questões sobre o Trabalho Aprendiz/ Assistido:

O que é o trabalho aprendiz/assistido? Qual o fundamento/ filosofia desse trabalho? Seus objetivos.

Há quanto tempo existe o trabalho aprendiz/assistido nessa empresa? Ele sempre foi da forma como é hoje ou sofreu alteração? Se sim, qual? Se não, acha que deveria ser revisto em algum aspecto?

Os pressupostos, as regras do trabalho aprendiz/assistido partem do governo?

Qual o perfil desses trabalhadores? Quem são? (moradia, renda familiar, escolaridade)

Quantos são hoje, no total?
Quantas horas trabalham? Qual o período do dia? Quais benefícios a que têm direito?
Em quais setores estão? Que trabalhos realizam?
Eles são disciplinados quanto a horários? E quanto à atividade que executam? Há diferença entre os meninos e as meninas? Há mais disciplina entre eles ou entre os trabalhadores mais velhos? Se há diferença, a que atribui?
Já houve participação desses trabalhadores em movimentos de greve? Eles participam do sindicato?
Eles se relacionam bem com os outros trabalhadores? E entre eles?
Eles comentam sobre suas expectativas quanto ao seu futuro e ao trabalho?
Eles são escolarizados? Qual a média de escolaridade? Há diferença entre os meninos e as meninas? Existe controle sobre a atividade escolar deles?
A quem os trabalhadores aprendizes/assistido estão subordinados? Quem monitora o trabalho deles?
Há normas diferenciadas, específica, para eles?
Há casos de demissão entre esses jovens? Qual o motivo? Qual a porcentagem dos que saem? Qual o motivo?
É possível perceber mudança no comportamento, forma de ser, nos valores do trabalhador aprendiz/assistido, pegando desde o momento em que entrou até sua saída? Quais são as principais mudanças e a que o senhor (a) atribui?
Qual o perfil esperado desses jovens? (O que se deseja que ele atinja). O que é feito para que atinjam o esperado?
Que valores, com relação ao trabalho, espera-se que o jovem conquiste? Acredita que, de um modo geral, ele já os possuía?
É importante a empresa estar integrada à vida desses jovens, aos seus anseios particulares, à sua vida doméstica? Por quê? Ou a ação da empresa deve estar circunscrita ao espaço do trabalho?
Há alguma recomendação para os jovens com relação à sua vida privada? (bebidas, drogas, escola, família, etc)
A religião é importante para o trabalhador? Por quê?
O que é um bom trabalhador? E um bom aprendiz/assistido?
O que o senhor (a) acha que estimula esses jovens ao trabalho? O que os angustia?
Com relação às condições de trabalho: há problemas a serem superados? O que a empresa busca fazer nesse sentido?
Que problema (s) percebe em relação à mão-de-obra aprendiz/assistida? E quanto aos trabalhadores em geral? O que é possível fazer para solucioná-lo (s)?
Que outras empresas fornecem esse programa de trabalho aprendiz/assistido? É um programa instituído em outras estatais? É um programa do governo? Sabe de empresas particulares que adotaram o trabalho aprendiz/assistido? Há uma forma padronizada desse programa?
Quanto às palestras: quem ministra? Qual seu conteúdo? É obrigatória a participação? Se não, quem mais participa, os meninos ou as meninas?
Há outros funcionários que já passaram pelo trabalho aprendiz/assistido e que hoje são contratados? Quem são eles e quantos são? Em que setores trabalham?

Roteiro de entrevista para os jovens:

Nome, idade, escolaridade, estado civil, se tem filho, com quem mora (idade, escolaridade e situação de trabalho dos moradores).

Situação de trabalho atual: se está trabalhando, o que faz, qual o cargo e função; quanto ganha, se é registrado; como conseguiu o trabalho; há quanto tempo trabalha nesse serviço; comparar esse trabalho com o trabalho nos correios.

Trabalho nos Correios: como ficou sabendo do programa; como chegou até lá; o que fazia, em que setor trabalhava, quanto tempo ficou; como era o dia-a-dia nos Correios; se trabalhava com outro adolescente; se teve treinamento, como aprendeu o trabalho; se tem contato com outros adolescentes do programa, com funcionários; se dividia tarefas com outro adolescente.

O adolescente assistido era controlado na empresa? E no seu setor? Percebia alguma diferença de tratamento entre vocês e os outros funcionários? Havia algum tipo de discriminação? Vocês eram mais vistos como adolescentes ou como trabalhadores? Hoje você se considera adolescente, jovem ou adulto? Quando você acha que uma pessoa se torna adulta? Qual a diferença p/ você entre adolescente e jovem?

Tinha alguma proibição, coisas que vocês não podiam fazer? Você achava que era necessário?

Você saía com o pessoal da empresa, de seu setor? Eram adolescentes ou funcionários?

Havia controle sobre o desempenho na escola? A escola sabia do programa?

Você gostou de ter participado do programa? Como você avalia esse programa?

Você já tinha trabalhado antes? Com que idade começou a trabalhar? Por que decidiu ir p/ os Correios? Qual trabalho mais gostou?

Você recebia algum tipo de orientação fora o trabalho, assim sobre a vida, família, escola, drogas, namoro... Recebia conselhos? Você percebia esse tipo de preocupação ou era mais voltado para o trabalho mesmo? Você achava que isso era necessário ou isso deve ser função da família?

Seus pais te incentivaram a procurar trabalho? O que acham de você trabalhar?

Você já ficou desempregado? Como foi? O que sentiu? O que sua família dizia?

Você recebeu alguma orientação dos Correios, de seu setor, para procurar trabalho? Quando você saía para procurar, como fazia: ia sozinho, com amigos, onde ia?

Você fez *curriculum*? Colocou sua participação no programa? Como colocou?

Sobre as palestras. Quais você assistiu? Para que serviam essas palestras? Eram obrigatórias? Você aprendeu alguma coisa que não sabia? O que achava das palestras? Acha que vale a pena? Você comentava depois com os colegas? E com sua família? Você gostaria de ter visto alguma coisa que não foi mostrado? Acha que fez diferença para você?

Você já chegou a indicar esse programa para algum amigo (a). Se sim, o que dizia? Faça um balanço geral do que foi para você ter participado do programa, vantagens, desvantagens, se tiver.

Você acha que você mudou, em algum aspecto, depois de ter trabalhado nos Correios? Se sim, qual a razão da mudança? Sua família percebeu, comentou?

O Programa, o trabalho na empresa, era o que você esperava ou você se surpreendeu com alguma coisa?

Escola: qual a importância da escola p/ você? Seus pais te incentivaram, incentivam a estudar? Você gostava ou gosta de ir p/ escola? Do que mais gosta ou gostava? Você está estudando? Se sim, qual atividade hoje é mais importante p/ você, trabalhar ou estudar? Qual prefere, qual você gosta mais? Como é trabalhar e estudar? Pretende voltar a estudar? O que pretende fazer?

Você recebeu ou recebe alguma orientação de seus pais sobre o trabalho? Recebe conselhos ou orientação de alguma outra pessoa (irmão/o, familiar, amigo). Seus amigos trabalham? Com que idade você acha que a pessoa deve começar a trabalhar?

Sobre família e lazer: Você se dá bem com sua família? Qual pessoa você mais combina? Você gosta de ficar em casa? O que faz? Você ajuda nas tarefas domésticas? Seus pais que pedem? Você obedece seus pais? Vocês conversam? Mais sobre o quê? Saem juntos? Seus pais te aconselham? Sobre o que? Que pessoa você admira (familiar, amigo)? Qual a importância da família para você? Você sabe com que idade começaram a trabalhar? Eles falam sobre o trabalho com você? Eles te dão conselhos sobre trabalho? O que você gosta de fazer quando não está trabalhando? O que faz nos finais de semana?

Palavras chaves: escreva uma frase a respeito de cada uma dessas palavras

Responsabilidade:

Pontualidade:

Participação:

Compromisso:

Trabalho:

Adolescente assistido:

Menor:

Programa para adolescente::

Escola:

Adolescente:

Jovem:

Adulto:

Família:

Pai:

Mãe:

Educação:

Quem sou eu:

Respostas dadas às palavras-chaves:

	Responsabilidade	Pontualidade	Participação	Compromisso	Trabalho	Adolescente Assistido
Rodrigo	“é necessária para o crescimento”	“um senso de responsabilidade”	“ajuda a ser notado e aperfeiçoado”	“sem ele não conseguimos administrar o tempo”	“um lugar de demonstrar sua capacidade”	“crescimento profissional e incentivo”
Luiza	“obrigação”	“Em São Paulo é difícil”	“crescimento”	“comigo”	“é o que procuro. Emprego é pra maioria”	“pra mim foi aprendizado”
Carolina	“já conquistei”	“nem sempre consigo”	“ajuda a todos”	“com meus pais”	“arrumei um bem rápido”	“já fui um”
Patrícia	“tem que ter”	“um termo de responsabilidade”	“interesse”	“com o trabalho”	“para obter coisas que desejamos”	“experiência”
Denise	“independência”	“responsabilidade”	“união”	“força de vontade”	“necessário”	“um ótimo começo”
Daniel	“ser responsável em tudo o que fazemos”	“várias”	“estar entendendo tudo o que se passa”	“não muitos”	“Muito bom. É onde você conquista o seu dinheiro”	_____
Felipe	“confiança”	_____	“entrosamento”	“horário”	“forçado”	“chato”
Victor	“sempre”	“é pra ser cumprida, mas no caminho há sempre obstáculos”	“iniciativa”	“importante cumpri-lo”	“Responsabilidade E compromisso”	“preparação para o desempenho profissional e pessoal”
Valdinei	“essencial”	“necessário”	“importante”	“é sempre bom ter em tudo o que fazemos”	“Sem trabalho, sem dignidade”	“ser mais preparado para não sofrer com o mercado”
Anderson	“compromisso”	_____	_____	“responsabilidade”	_____	“experiência”
Ana	“adquirir com as experiências”	“preferencial”	“essencial”	“todos devem ter ao menos um “	“adquirir experiência”	“fase em que aprendi muitas coisas”
Diogo	“em relação a atitudes e em questão financeira”	“é importante”	“necessária”	“obrigatório”	“necessário”	“nome fantasia”
Amir	“trabalho e estudo”	“sempre”	“atividades e eventos”	“trabalho”	“compromisso”	“ótimo nos Correios”

	Menor	Adolescente	jovem	Adulto	Família	Pai	Mãe
Rodrigo	“não deve ser desprezado, mas ter oportunidades”	“deve ter a consciência de que tudo tem limites”	“hora de não perder tempo, mas viver a vida em sua plenitude”		“apoio necessário para as horas difíceis e boas”	“aquele que conquista e se preocupa, mesmo muitas vezes sem ser notado”	Aquela que quer ver tudo dando certo e que escuta, mesmo a gente estando errado”
Luiza	“parece linguagem de Febem”	“transição”	“estado de espírito”	“é muita coisa”	“preparação”	“não tenho”	“amor”
Carolina	“passado, mas muito bem aproveitado”	“ainda sou e estou vivendo fases extraordinárias”	“juventude bem aproveitada”		“tenho a perfeita”	“aprendi a amar”	“tudo de precioso na vida”
Patrícia	“melhoras”	“uma pessoa meio sem juízo”	“começa a pensar no futuro”		“tudo de bom”	“falta”	“maravilhosa”
Denise	“só de idade”	“fase da descoberta”	“eu e meus amigos”	“palavra chata”	“tudo”	“guerreiro”	“tudo de bom. Outra guerreira”
Daniel	_____	_____	“muito legal”		“muito unida”	“maravilhoso”	“maravilhosa”
Felipe	“trabalhador”	“na escola”	“alegre”		“amiga”	“o melhor”	“saúde”
Victor	“educação”	“às vezes sem juízo”	“liberdade”	“experiência”	“tudo de bom”	“reflexo mais importante para o equilíbrio de uma família”	“amável, carinhosa, dedicada, inteligente, sincera, maravilhosa”
Valdinei	“um pouco discriminado”	“bagunça”	“procurar estar sempre jovem de espírito”	“saber tomar as atitudes”	“base para a vida”	“segurança”	“colo”
Anderson	“fase”	“crescimento”	“aproveitar os bons momentos”	“experiência”	“tudo”	“caminho”	“amor”
Ana	“momento em que precisamos muito de apoio”	“não pretendo deixar de ser nunca”	“fase de enxergar melhor a vida”	“nunca ser somente adulto”	“para a maioria é o espelho”	“é preciso ter um, mas não é essencial para sobreviver”	“essencial na vida do filho”
Diogo	“idade”	“já fui”	“sou eu”	“todo mundo que cumpre com os seus compromissos em dia”	“importante”	“tudo, mesmo não estando perto”	“tudo, mesmo não estando perto”
Amir	“ótimo nos Correios”	“aprendizado”	“sem drogas”	“formado”	“tudo”	“amor”	“amor”

	educação	escola	Quem sou eu
Rodrigo	“algo que nós precisamos buscar aperfeiçoar”	“ótima para conhecer pessoas novas e aprender”	“alguém que quer ver um dia tudo resolvido, família, casa, emprego, tudo certo, e ser um vencedor, e não ter só a minha felicidade, mas ver a de todos”
Luiza	“é bom”	“importante”	“eu sou a Luíza, gosto de música, livros, amigos. Meu filho é a minha vida e pretendo ter um futuro de verdade, e não significa apenas estar vivo”
Carolina	“tenho muito o que aprender”	“tenho que voltar logo”	“eu sou bem calma, me relaciono fácil com as pessoas, tenho expectativas maravilhosas na minha vida, adoro ouvir música punk rock, tenho uma banda só de garotas”
Patrícia	“uma lição”	“orientação”	“uma pessoa alegre que sonha em fazer uma faculdade para assim poder adquirir meus objetivos e assim crescer profissionalmente e ajudar minha família.”
Denise	Muito importante e vem de berço”	“descoberta”	“muito legal”
Daniel	“Fundamental, desde pequeno”	“muito legal”	“eu sou Daniel...”
Felipe	“vem de casa”	“amigos”	
Victor	“importante, principalmente pra ser sempre respeitado”	“aprendizado”	“Victor, moreno, 21 anos, secundarista, assistente de seguridade social, participei do programa do menor assistido nos Correios”.
Valdinei	“boa educação é o que o povo mais precisa”	“saudades”	“sou uma pessoa que ainda está se preparando para o futuro, com sonhos, planejamentos. Sonhos esses que se os planejamentos derem certo serão, com certeza, realizados. Sou uma pessoa centrada, sabendo das limitações, sem deixar de ser alegre, bem humorada, embora os problemas”.

Anderson	“caminho”	“aprendizagem”	“jovem em crescimento para conseguir vencer todos os desafios da vida, com responsabilidade, mas sem deixar de aproveitá-la”
Ana	“não só em casa, mas em todos os lugares”	“para todos”	“hoje, uma muito feliz, pois tenho um emprego, tenho saúde, tenho responsabilidade e, acima de tudo, Deus para me abençoar”
Diogo	“indispensável”	“obrigatório e necessário”	“eu sou uma pessoa extremamente vaidosa, adoro chamar a atenção, sou perfeccionista, responsável, detalhista.
Amir	“sempre”	“futuro”	“uma pessoa sempre de bem com a vida”

Roteiro de entrevista para os funcionários (ex-participantes, nos Correios, de programas para adolescentes de baixa renda)

Dados pessoais: nome, idade, estado civil, profissão, escolaridade.

Com quantos anos começou a trabalhar? Por que decidiu começar com essa idade? Teve incentivo da família? Qual foi seu primeiro emprego?

Como chegou aos Correios? Como ficou sabendo do programa? Como era chamado o Programa? O que você fazia? Em que setor trabalhava? Quantas horas trabalhava? Qual era o salário? Tinha benefícios? Era registrado em carteira? Quantos adolescentes trabalhavam em seu setor? Vocês dividiam tarefas? Quanto tempo ficou no programa? O que era preciso para entrar?

Quando você entrou, teve treinamento? Como aprendeu seu trabalho? Como era o dia-a-dia nos Correios? Como os funcionários tratavam vocês adolescentes? Você sentia algum tipo de discriminação? Vocês eram tratados de forma diferente em relação aos outros funcionários? Vocês eram controlados dentro da empresa, do setor em que trabalhavam? Como eram tratados: mais como adolescentes ou como trabalhadores? Quais eram as normas para vocês, o que podiam e o que não podiam fazer?

E com relação à escola, tinha controle sobre notas, frequência, como era? Você estudava em que período? Era difícil conciliar trabalho e escola, ou não? O que era mais importante na época? Sua família incentivava você a estudar e a trabalhar? Seus pais acompanhavam você, seu trabalho, sua escola?

Como você avalia sua experiência dentro do programa? O que foi participar desse programa para você? Você percebeu mudanças em relação aos outros programas para adolescentes que tiveram depois? Que mudanças percebeu? Acha que deveria ser diferente em algum aspecto? Como você vê esses programas hoje? Como você via antes? Há um tempo atrás, ano passado, quando ainda tinha adolescentes, como você via esses jovens na empresa? Hoje você se vê mais como jovem, adolescente ou adulto? Quando uma pessoa se torna adulta?

Você acha que era melhor na sua época ou hoje, para os adolescentes? (o tipo de programa, a forma como são tratados, como são vistos)

Você gostava do trabalho que fazia? O que mais gostava? Por que decidiu continuar nos Correios? Alguém te incentivou? Você chegou a procurar outro emprego? Sua família teve participação nisso? Você prestou concurso? Como foi? Há quanto tempo está na empresa? O que faz? Qual seu cargo e função? Qual seu salário? Com o que ganha você ajuda sua família? Hoje em dia você ajuda? Você mora com sua família ou sozinho? Se sozinho, desde quando? Por que decidiu morar sozinho? Sua família aceitou bem? Você tem contato

com sua família? Vocês se vêem com que frequência? Vocês se dão bem? Com quem mais combina?

Voltando ao seu trabalho atual, você está satisfeito com seu trabalho? Quais são seus planos futuros? Pretende continuar nos Correios? No seu setor, você já chegou a trabalhar com adolescentes? Como foi? Alguma vez conversou ou conversava com eles sobre a experiência que teve como adolescente do programa dos Correios? Já aconselhou algum deles? O que dizia? Se não, o que diria para eles hoje? Os outros funcionários aconselhavam também?

Na época em que trabalhava ainda como adolescente, você recebia conselhos em relação à sua vida, ao seu trabalho, à família, à escola ou as conversas eram mais sobre o trabalho mesmo? Tinha palestras ou outras atividades fora o dia-a-dia do trabalho? Como eram? De quais atividades participou? Que palestras? O que achava?

Qual o objetivo dessas atividades? Qual o objetivo desse programa para os adolescentes? Você acha que você saiu diferente desse programa?

Qual trabalho mais gostou, do que fazia quando era adolescente ou do que faz agora? Por que? De um modo geral, qual prefere, contando não só a atividade, mas o dia-a-dia mesmo de trabalho: ser adolescente do programa ou funcionário da empresa? Por quê?

Você percebeu diferença de tratamento da época que era adolescente do programa e agora como funcionário? A empresa mudou para você? O que é ser um adolescente do programa e o que é ser um funcionário?

Os outros colegas de trabalho perguntam-lhe sobre a época em que você participou do programa? Quando você entrou nesse seu novo cargo eles perguntaram sobre o que fazia? Quais mudanças percebeu de um trabalho e de uma situação para outro (a)?

Você acha que os adolescentes saem preparados para enfrentar o mercado de trabalho? Que tipo de preparação recebem? Você sente que saiu preparado?

Os adolescentes de hoje são parecidos com vocês quando entraram no programa, no jeito de ser, no que querem, na maneira de ser no trabalho, etc? O que acha dos adolescentes de hoje?

Os funcionários comentam a respeito dos adolescentes que estão trabalhando no setor? De um modo geral, você acha que os funcionários gostam de estar trabalhando com eles? Como é ter um adolescente no setor? E o trabalho dos deficientes físicos? Como esse trabalho é visto dentro do seu setor?

Existe alguma recomendação para vocês com relação à forma de tratamento dos adolescentes e dos deficientes físicos?

Você chegou a ficar algum tempo desempregado? Como foi?

Com relação ao lazer: você sai com o pessoal da firma? Saía antes quando era adolescente do programa? O que faz quando não está trabalhando? Quem são seus amigos?

Com relação a seus pais: o que fazem? Quando começaram a trabalhar?

Você tem religião? Você freqüenta? Com que freqüência? Qual a importância p/ você?

Palavras chaves: escreva uma frase sobre cada uma dessas palavras

Responsabilidade:

Pontualidade:

Participação:

Compromisso:

Trabalho:

Adolescente assistido:

Menor:

Programa para adolescente:

Escola:

Adolescente:

Jovem:

Adulto:

Família:

Pai:

Mãe:

Educação:

Quem sou eu:

Roteiro de entrevista para a Coordenadora Geral, em Brasília, do Programa para os adolescentes:

Gostaria de saber: qual seu cargo? Há quanto tempo trabalha nos Correios? Sempre foi nesse setor, com adolescentes? Quais programas já coordenou e/ou participou? Quais foram voltados para os adolescentes?

Antes do programa adolescente assistido, quais existiram? Qual foi o anterior ao programa adolescente assistido? (me lembro do menor aprendiz e do programa bom menino. Ver se existe documentação a respeito, sobre esses outros programas).

Por que os programas voltados para os jovens/ adolescentes foram mudando?

Qual a diferença, para você, ente jovem e adolescente? Como isso é visto pela empresa e/ou pelos programas?

Ainda sobre juventude, adolescência, o que é, para você, a adolescência, como se caracteriza na sua visão? Como se caracterizam os adolescentes do programa? Quando o indivíduo se torna adulto, na sua opinião?

Os programas trabalham com adolescentes. Por que o foco nos adolescentes?

Antes se falava em adolescente aprendiz, depois passou para adolescente assistido. Por que a mudança? O que representa essa mudança em termos de conteúdo? Agora como vai se falar? Não é mais adolescente assistido. Por quê? Qual a diferença?

Quem elabora o programa e de onde partem as determinações de mudanças?

Quem financia o programa? Que outros programas sociais existem? Por que essa empresa se abre para programas sociais?

Os programas para os adolescentes estão ligados ao ECA?

Por que o programa parou em São Paulo? Aqui em Brasília e nos outros estados ele continua?

Qual o objetivo dessa reestruturação do programa? Como vai funcionar o programa agora? Quais as diferenças com o programa anterior?

Que diferenças existem entre o trabalho dos adolescentes e o trabalho dos outros funcionários da empresa?

Como a empresa e o programa vêm esses jovens?

Os programas, nos vários estados, são os mesmos?

Os funcionários são preparados para receber esses jovens? De que forma?

Você acha que esses jovens saem preparados para o mercado? O programa prepara os jovens para o mercado? De que maneira? Que tipo de qualificação eles recebem e terão?

Como você vê esse mercado em relação aos jovens? Como ele está para os jovens?

O programa está articulado com a escola? De que forma? E com a família?

Que trabalho os jovens fazem na empresa?

Os jovens acabam se identificando com a empresa? Eles vestem a “camisa da empresa”?

Vocês percebem diferenças nesses jovens, do momento que entraram até o dia que saem?

Quem são esses jovens do programa? São diferentes dos jovens de programas anteriores?

Esses programas têm semelhanças com o Senai? Em que se diferenciam?

Por que você acha que os jovens procuram esse programa? Por que vêm até a empresa?

Existe divulgação? Como ficam sabendo? Como eles chegam até a empresa?

Os filhos de funcionários e os outros jovens são recrutados de maneira diferente? Quais são as regras para ambos? É mais fácil para filho de funcionário entrar?

Quais são os critérios de seleção? O que é preciso para entrar?

Em São Paulo a Adefive seleciona os jovens. E aqui? Qual a relação da entidade com a empresa? A empresa tem alguma espécie de convênio com a entidade, de auxílio?

O que o programa pretende trazer para o jovem, o que ele pretende ser para o jovem?

O que o programa espera conseguir?

Qual a previsão de reinício do programa em São Paulo?

Os adolescentes e os deficientes físicos farão parte do mesmo programa? São selecionados da mesma forma? Fazem o mesmo trabalho? Têm os mesmos direitos? Trabalham a mesma quantidade de horas?

Como a empresa vê o trabalho de cada um: adolescente e deficiente físico. Como vê cada um desses indivíduos?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)